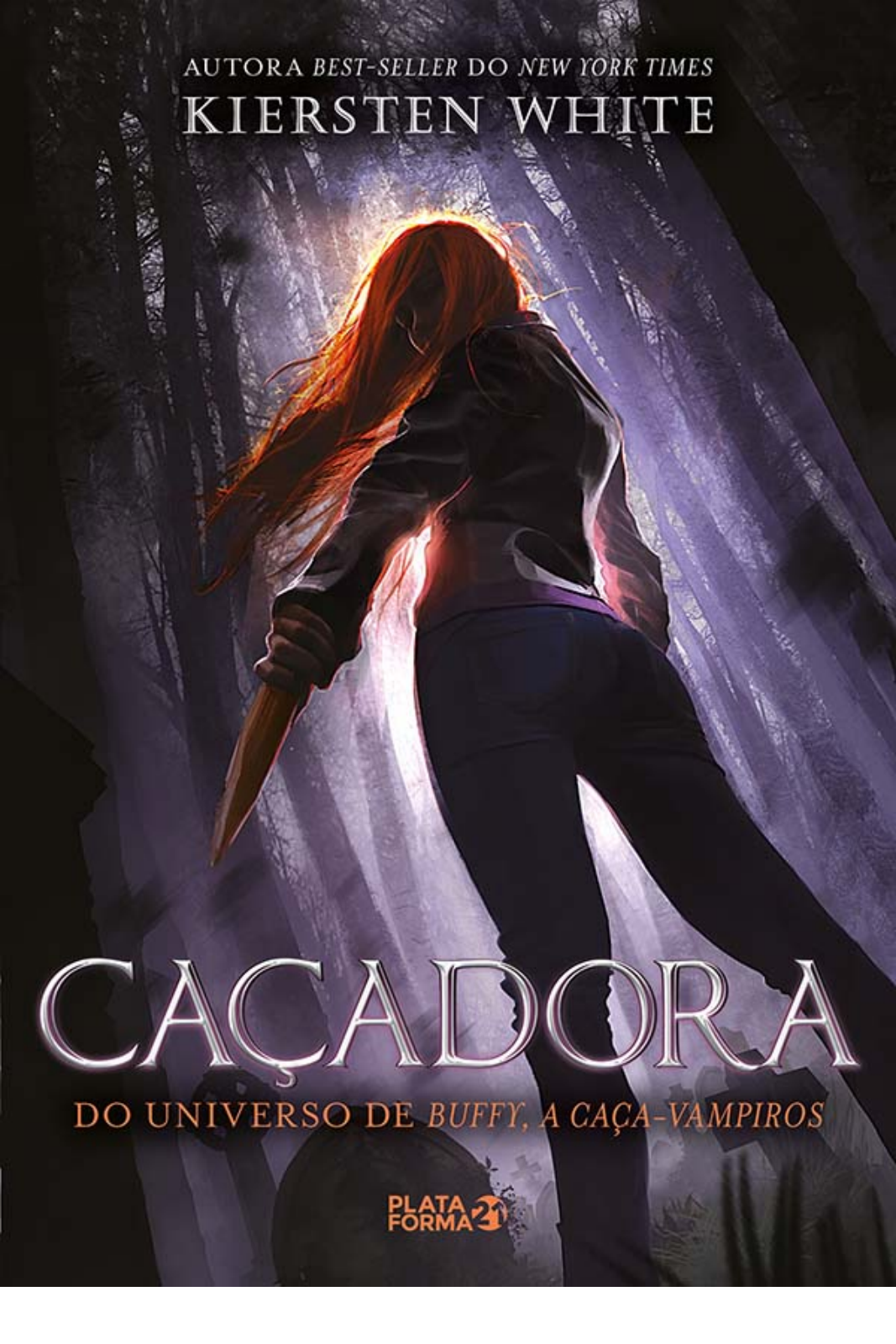


AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE



CAÇADORA

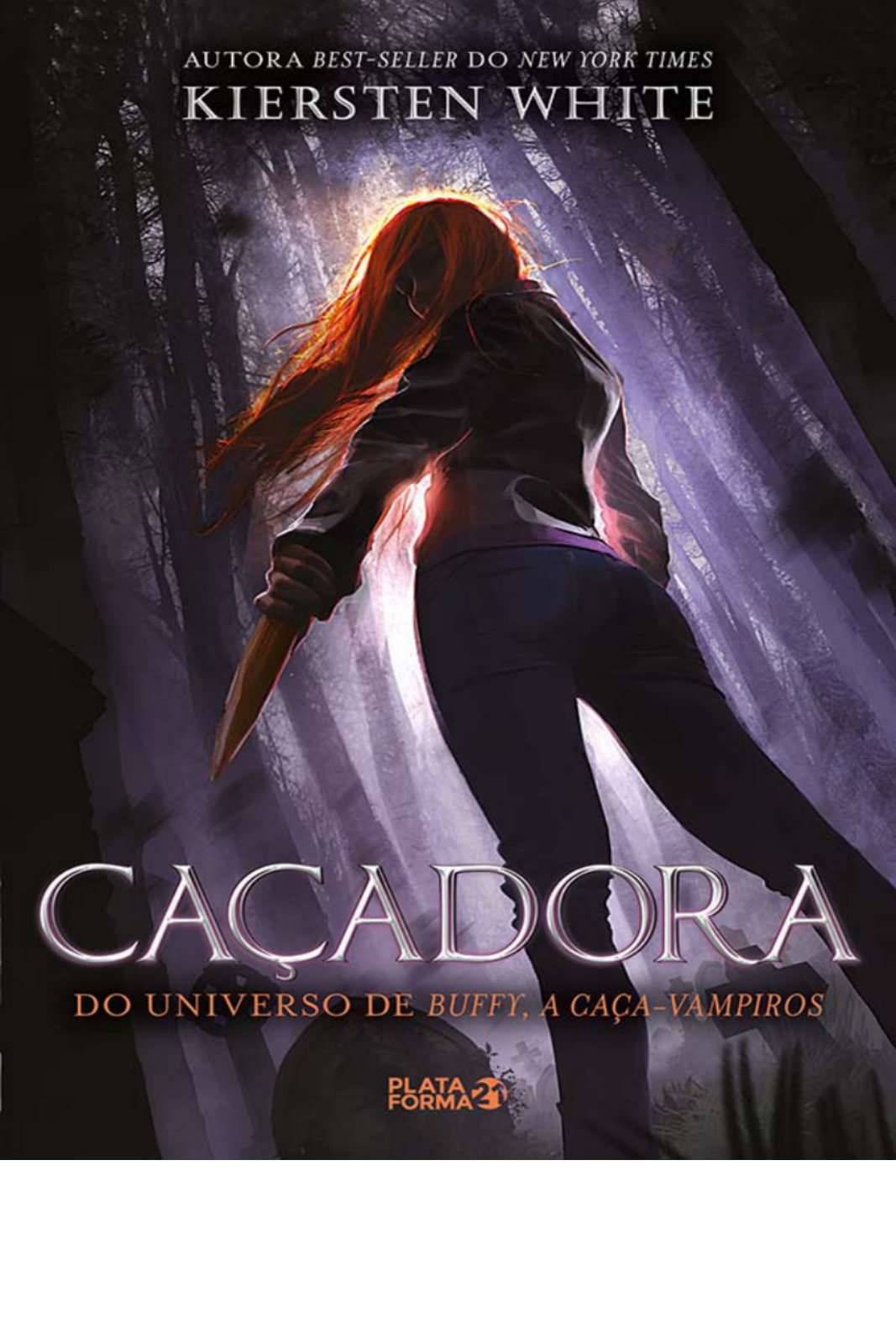
DO UNIVERSO DE *BUFFY, A CAÇA-VAMPIROS*

PLATA
FORMA 3

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE



CAÇADORA

DO UNIVERSO DE *BUFFY, A CAÇA-VAMPIROS*

PLATA
FORMA 3

Star Books Digital

<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

TÍTULO ORIGINAL *Slayer*

© 2019 by Twentieth Century Fox Film Corporation

Buffy the Vampire Slayer TM & © 2019 by Twentieth Century Fox Film Corporation. All rights reserved. Text by Kiersten Brazier.

Publicado mediante acordo com Simon Pulse, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias, gravações ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão expressa da Vergara & Riba Editoras S.A.

© 2019 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

DIRETOR EDITORIAL Marco Garcia

GERENTE EDITORIAL Fabrício valério

EDIÇÃO Thaíse Costa Macêdo

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Isadora Prospero

REVISÃO Fabiane Zorn e Guilherme Kroll

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Ana Solt

ARTE DE CAPA Talexi

DESIGN DE CAPA Sarah Creech

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Kiersten

Caçadora [livro eletrônico]/ Kiersten White ; tradução Eric Novello. – São Paulo :
Plataforma21, 2019. – (A última caça-vampiros ; v. 1); 2 Mb; ePub

Título original: *Slayer*

ISBN 978-85-92783-95-2

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

19-23879 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

Todos os direitos desta edição reservados à
vergara & riba editoras s.a.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

*Para todos que nunca foram escolhidos,
mas que escolhem a si mesmos*

Elas, entre todas as pessoas, deveriam saber que não era uma boa ideia estar em um cemitério quando o sol se punha e a noite reivindicava o mundo.

A assassina observava a mãe, reta como um para-raios cravado na terra, canalizando seu pesar para o túmulo onde seu coração tinha sido enterrado. De cada lado dela havia uma garotinha com botas rosa de caubói. As duas eram magricelas e pálidas, a cor de seus cachos ruivos drenada pela escuridão.

A escuridão deixava a todos em pé de igualdade. No escuro, todos eram iguais. Sem cor. Sem feições.

Sem força.

A assassina as manteria assim. Era seu trabalho, afinal. Ela se virou para o vampiro ao seu lado. Estavam ambos invisíveis no recuo escuro de um mausoléu.

– A mulher fica viva. As crianças são suas.

Tecnicamente, apenas uma das garotas precisava morrer, mas era melhor evitar qualquer pegadinha profética. O vampiro saiu andando com calma em direção à família em luto. Ele não se escondeu ou espreitou. Não precisava.

Uma das garotas puxou freneticamente a mão da sua mãe.

– Mamãe. Mamãe!

A mulher se virou, cansada e sem tempo para ficar surpresa antes de o vampiro arremessá-la no ar. Ela voou para trás, acertando a lápide de granito do marido e caindo inconsciente na terra fofa que o cobria. Acima dela, em letras esculpidas em uma caligrafia clássica, estava escrito: “MERRICK JAMISON-SMYTHE: MARIDO, PAI, GUARDIÃO”. A assassina desejou poder tirar uma foto. Era uma cena perfeita.

– Olá, garotas. – A alegria do vampiro era perceptível. A assassina verificou seu relógio. Ela deveria ter usado um cão infernal ou talvez a Ordem de Taraka. Mas eles estavam acima do seu orçamento e, francamente, seria um uso de força excessivo. Seria preciso pouquíssima para matar as crianças. E ela gostava da simetria de usar um vampiro.

Ele esticou os braços, como se convidasse as crianças para um abraço.

– Podem correr, se preferirem. Não me importo de correr atrás. Abre o apetite.

As duas garotas, que a assassina achava que estariam gritando àquela altura, só se entreolharam, solenes. Talvez, de pé na frente do túmulo do pai, morto por um vampiro, elas entendessem a verdade: estavam fadadas àquele destino.

Uma das garotas assentiu com a cabeça. A outra se lançou contra as pernas do vampiro com tanta velocidade e fúria que ele caiu para trás, braços e pernas retorcidos. Antes que ele pudesse chutar a garota para longe, a outra pulou no seu peito.

E então o vampiro desapareceu. As garotas se levantaram, limpando cinzas dos vestidos pretos elegantes. A segunda guardou a estaca de novo na bota florida de caubói. Elas correram até a mãe e apalpam suas bochechas até ela acordar.

Pelo menos a mãe teve o bom senso de entrar em pânico. A assassina suspirou, irritada, enquanto a mulher puxava as garotas para perto. Agora estavam todas olhando em volta. Alertas. A assassina tinha torcido para não precisar se revelar, mas isso teria que acontecer. Ela sacou sua besta.

Seu bipe tocou. Ela olhou para baixo por força do hábito e, quando levantou a cabeça, a família tinha sumido.

Ela praguejou. Nunca deveria ter usado um vampiro. Era o que merecia por buscar uma tragédia poética. Tinha ordens de manter a mãe viva, se possível, e queria que a mulher vivesse, sozinha, depois de perder tudo para os mesmos monstros mestiços patéticos. Punição por achar que poderia se esconder da profecia. Punição por colocar o mundo inteiro em risco por causa dos próprios desejos egoístas.

Pois bem. A assassina as encontraria novamente. Ela ergueu o capuz e andou a passos largos até o posto mais próximo. Havia um telefone público esperando em um foco de luz anêmico. Ela o tirou do gancho e digitou o número no bipe.

– Está tudo resolvido?

– Não – a assassina retrucou.

– Você me decepcionou.

– Então me coloque de castigo. – Ela desligou, fazendo uma careta, e entrou no posto. Havia falhado em evitar o apocalipse, por enquanto.

Ela precisava de doces.

Capítulo

1

De todas as coisas horríveis que demônios fazem, manter o latim vivo quando deveria ser uma língua morta talvez fosse a pior.

Sem falar do sumério antigo. E sumério antigo traduzido para o latim? Diabólico. Minha língua tropeça na pronúncia enquanto traduzo meticulosamente o texto diante de mim. Eu costumava adorar meu tempo na biblioteca, cercada pelo trabalho de gerações de guardiões anteriores. Mas, desde a última vez que o mundo quase terminou – faz sessenta e dois dias, para ser exata –, mal consigo ficar parada. Fico me remexendo. Batendo o lápis na mesa. Tamborilando os dedos no chão. Quero sair para correr. Não sei por que a ansiedade me afetou de um jeito diferente dessa vez, depois de todo o horror e tragédia que já testemunhei. Existe um motivo possível que fica cutucando minha cabeça, porém...

– Isso não pode estar correto. – Dou uma espiada na minha própria escrita. – O sombrio se erguerá e o mundo sentirá cócegas diante dele?

– Realmente odeio que façam cócegas em mim – Rhys comenta, reclinando-se para trás e se espreguiçando. Seu cabelo castanho encaracolado mais uma vez desafia sua divisão bem definida. Ele se derrama sobre a testa dele, suavizando a linha austera de suas sobrancelhas perpetuamente próximas dos óculos, em reflexão ou preocupação. Depois que terminarmos as lições dessa manhã, arrumarei meu pequeno centro médico e Rhys treinará combate com Artemis.

Balanço as mãos, precisando mover *alguma* coisa. Talvez eu realmente vá correr. Ninguém sentiria minha falta. Ou talvez pergunte se posso me juntar ao treinamento de combate. Eles nunca me deixaram, mas faz anos que não peço. Realmente quero bater em alguma coisa, não sei por quê, e isso me assusta.

Podem ser as profecias demoníacas de destruição que fiquei lendo a manhã toda. Rabisco a minha tradução errada.

– Quando se trata de apocalipses, existem jeitos piores de morrer.

Imogen pigarreia, mas um sorriso indulgente suaviza a seriedade

da censura dela.

– Podemos voltar para a sua tradução, Nina? E Rhys, quero um relatório completo sobre taxonomia meio-humana, meio-demônio.

Rhys abaixa a cabeça, corando. Ele é o único de nós na fila para se tornar um guardião oficial, o que significa que pode se juntar ao Conselho um dia. Um dia ele estará no topo, será parte do corpo regente do Conselho. Ele carrega esse peso em tudo que faz. É o primeiro a chegar na biblioteca e o último a sair, e treina quase tanto quanto Artemis.

O propósito dos guardiões é guiar as caçadoras – as Escolhidas dotadas de poderes para lutar contra demônios –, mas ao longo dos séculos eles evoluíram para colocar mais a mão na massa. Guardiões têm que tomar as decisões difíceis, e às vezes as decisões difíceis incluem armas. Espadas. Feitiços. Facas.

Armas de fogo, no caso do meu pai.

Porém nem todos nós treinamos. Todos levamos nossa educação a sério, mas existe um pouco menos de pressão no meu caso. Sou apenas a paramédica do castelo, alguém que não está no topo da escala de importância. Aprender a tirar vidas é mais relevante do que saber como salvá-las.

Entretanto, ser a paramédica não me livra das aulas de Introdução às Profecias de Destruição. Empurro para longe o Apocalipse de Cócegas Sumério em latim.

– Imogen – eu resmungo –, posso ficar com algo um pouco menos difícil? Por favor?

Ela dá um suspiro longo e sofrido. Imogen não deveria ser professora. Mas ela é tudo que temos no momento, porque todos os professores regulares foram explodidos. Ela ensina durante algumas horas toda manhã e cuida dos pequenos no restante do tempo.

Seu rabo de cavalo louro balança frouxamente enquanto ela se levanta e procura algo na estante mais alta. Contenho um sorriso triunfante. Imogen é sempre mais gentil comigo do que com qualquer um dos outros. Na verdade, todo mundo aqui é assim. Tento não me aproveitar disso, porém, se vão me tratar como a mascote do castelo só porque não sou de sair perfurando e espetando, pelo menos eu deveria ter alguns privilégios.

A estante que Imogen está tentando alcançar é tecnicamente proibida, mas desde que Buffy – a caçadora que, sozinha, levou à destruição de quase toda a nossa organização – acabou com a magia na Terra alguns meses atrás, isso não importa mais. Os livros que podiam causar possessão demoníaca, conjurar antigas divindades infernais ou, tipo, fazer um corte de papel muito feio nos dedos, agora são tão inofensivos quanto qualquer outro.

Só que isso não os torna mais fáceis de traduzir.

– A magia continua quebrada, não é? – pergunto, enquanto Imogen passa os dedos pela lombada de um livro que matou uma sala inteira de guardiões no século XV. Faz dois meses que não vemos uma gota de energia mágica. Para uma organização construída com base nela, não foi uma adaptação fácil. Não me ensinaram a usar magia, mas tenho um respeito saudável por ela, misturado com terror. Então é perturbador ver Imogen tratar aquele tomo em particular como se não fosse nada.

– As pilhas acabaram e ninguém consegue encontrar outras do tamanho certo. – Rhys faz uma careta para o texto, como se tivesse sido insultado pelo demônio sobre o qual está lendo. – Quando Buffy quebra alguma coisa, ela quebra para valer. Pessoalmente, acho que se me deparasse com a Semente da Magia, fonte de toda magia na Terra e um verdadeiro milagre místico, eu talvez escolhesse, digamos, estudá-la. Pesquisá-la. Realmente refletir sobre minhas opções. Deveria existir outro jeito de evitar esse apocalipse em específico.

– Buffy vê, Buffy destrói – resmungo. Seu nome parece quase um xingamento na minha boca. Não o dizemos em voz alta na minha família. Por outro lado, não somos de falar muito na minha família além de “você viu minha adaga preferida por aí?” e “onde estão nossos suprimentos para fabricação de estacas?” e “olá, minhas filhas gêmeas, sou eu, sua mãe, e amo uma de vocês mais do que a outra e escolhi salvar a gêmea boa primeiro quando um incêndio estava prestes a matar vocês duas”.

Tá bom, talvez não a última. Porque, mais uma vez: não somos de falar muito.

Morar sob o mesmo teto não é tão aconchegante quando esse teto cobre um castelo enorme.

– Pense em tudo que poderíamos ter aprendido – diz Rhys, em tom melancólico. – Se eu tivesse tido uma hora sequer com a Semente da Magia...

– Em defesa dela, o mundo estava acabando – diz Imogen.

– Em não defesa dela, ela era o motivo de o mundo estar acabando – eu contra-argumento. – E agora a magia está morta.

Imogen dá de ombros.

– Sem bocas do inferno ou portais. Sem demônios aparecendo para passar as férias e apreciar a vista.

Dou um riso curto de escárnio.

– Passeios gastronômicos no Planeta Humano estão cancelados. Desculpa aí, dimensões demoníacas. Claro, isso também significa que os turistas atuais não podem voltar para os buracos infernais que chamam de lar.

Rhys fecha a cara, tirando os óculos para limpá-los.

– Você está fazendo piada sobre a bagunça e destruição de toda a

pesquisa que acumulamos sobre viagens demoníacas, portais, dimensões, passagens e bocas do inferno. Nada disso existe mais. Mesmo se eu quisesse entender como as coisas mudaram, não consigo.

– Viu? Buffy atrapalhou a vida de todo mundo. Pobre Rhys. Sem livros sobre o assunto. – Afago a cabeça dele.

Imogen arremessa um volume enorme na mesa.

– E ainda assim seu dever de casa não está feito. Tente esse. – Uma nuvem de poeira explode do livro; recuo instintivamente e cubro o nariz.

Ela faz uma careta.

– Me desculpe!

– Não, tudo bem. Faz um tempo que não tenho um ataque de asma. – Não tem problema minha asma ter misteriosamente desaparecido no mesmo dia em que Buffy destruiu a magia, o mundo quase acabou e eu levei um banho de gosma demoníaca interdimensional. Tudo tranquilo. Não tem nada a ver com o demônio. Nem com o fato de que estou desesperada para ir correr ou começar a treinar ou fazer qualquer coisa com meu corpo além de me aconchegar e ler, o que costumava ser sua função principal.

Puxo a manga do suéter por cima da mão e limpo cuidadosamente a capa de couro.

– *Os Apocalipses de... Arcturius, aquele que só vê de longe?* Parece que o sujeito só precisava de uma receita melhor de óculos.

Rhys se inclina para mais perto, espiando curioso.

– Nunca li esse volume. – Ele parece estar com inveja.

Anotações foram rabiscadas nas margens, a letra mudando com o passar dos séculos. Nas últimas páginas existem marcas de dedo laranja, como se alguém tivesse lido enquanto comia salgadinhos. Os guardiões antes de mim fizeram suas próprias anotações, comentando e preenchendo detalhes. Ver o trabalho deles me sobrecarrega com um senso de responsabilidade. Não é toda garota de dezesseis anos que consegue rastrear a vocação de sua família ao longo dos séculos, ajudando caçadoras, lutando contra demônios e, de modo geral, salvando o mundo.

Encontro uma observação interessante.

– Você sabia que, em 1910, um dos Merryweather impediu uma revolução dos polvos? Um demônio leviatã lhes deu senciência e eles iam acabar com a nossa raça! Merryweather não dá muitos detalhes. Parece que eles foram derrotados com... – Aperto os olhos. – Limão. E manteiga. Acho que é uma receita.

Imogen cutuca o livro.

– Só traduza as últimas dez profecias, que tal?

Eu começo a trabalhar. Rhys às vezes faz perguntas a Imogen e, quando nosso horário de aula está quase terminando, tem o que

parece ser metade do conteúdo das nossas imensas estantes empilhado na nossa mesa, fazendo-a ranger. Alguns anos atrás, Rhys e eu não estaríamos estudando juntos. Ele teria aulas com outros futuros candidatos ao Conselho. Mas, como existem tão poucos de nós agora, tivemos que relaxar com a estrutura e a tradição. Só que não com toda ela. Sem tradições, o que seríamos? Só um bando de gente esquisita escondida em um castelo para estudar coisas sobre as quais ninguém mais quer saber. Talvez sejamos justamente isso, mesmo com as tradições. Porém saber que faço parte de uma batalha de milênios contra as forças do mal (e aparentemente polvos) dá todo um propósito à coisa.

Buffy e as caçadoras podem ter virado as costas para os guardiões, rejeitando nossa orientação e nossos conselhos, mas nós não viramos as costas para o mundo. As pessoas normais podem seguir com suas vidas, felizes e ignorantes, graças ao nosso trabalho árduo. E eu me orgulho disso. Mesmo quando significa ter que traduzir profecias idiotas, e mesmo me perguntando cada vez mais nos últimos anos se o modo como os guardiões e caçadoras enfrentam o mal é realmente certo.

A porta da biblioteca é aberta com força e minha irmã gêmea, Artemis, entra. Ela respira fundo e fecha a cara, passando por mim e puxando a janela antiga para abri-la. A janela range em protesto, mas, como sempre, Artemis consegue o que quer. Ela puxa uma das minhas bombinhas de asma do meu bolso e a coloca na mesa ao meu lado. Tudo nesse castelo funciona por causa de Artemis. Ela é uma força da natureza. Uma força da natureza furiosa, mas eficiente.

– Olá para você também – digo, sorrindo.

Ela dá uma puxada de leve no meu cabelo. Nós duas temos cachos vermelhos, embora os dela estejam sempre presos em um rabo de cavalo brutal. Eu tenho muito mais tempo para hidratação do que ela. Seu rosto é como olhar para um espelho – se o espelho fosse uma profecia de quem eu seria em outra vida. As sardas dela são mais escuras de passar tanto tempo ao ar livre. Seus olhos cinza são mais intensos e sua mandíbula, de algum modo, mais forte. Seus ombros são mais retos, os braços mais definidos, e sua atitude é menos amigável e mais eu-destruirei-você-se-for-necessário.

Em poucas palavras, Artemis é a gêmea forte. A gêmea poderosa.

A gêmea escolhida. E eu sou...

A que ficou para trás.

E não estou falando só do fogo. O momento em que minha mãe foi forçada a escolher uma de nós para salvar das chamas terríveis – e escolheu Artemis – certamente mudou minha vida. Mas mesmo depois disso, mesmo depois de sobreviver, minha mãe continuou escolhendo-a. Artemis foi designada para testes e treinamento. Artemis recebeu

responsabilidades e deveres e uma função essencial na sociedade dos guardiões. E eu fiquei para trás, nas margens. Só meio que importo agora porque muitos de nós morreram. Artemis sempre teria sido importante. E a verdade é que eu entendo.

Nasci na sociedade dos guardiões, mas Artemis *merece* estar aqui.

Ela se senta do meu lado, sacando seu caderno e abrindo-o na lista de afazeres do dia. Está escrita em uma letra microscópica e passa da primeira página, ocupando pelo menos mais uma. Ninguém nesse castelo faz mais do que Artemis.

– Escuta – ela diz –, talvez eu tenha machucado Jade.

Levanto a cabeça, tendo quase terminado o livro. Todas as outras profecias tinham anotações na margem detalhando como aquele apocalipse específico fora evitado. Eu me pego imaginando o que significa o fato de essa ser a última profecia. Será que Arcturius finalmente conseguiu uns óculos ou será que esse apocalipse era tão apocalíptico que ele não conseguiu enxergar além dele? Ela também não é acompanhada por nenhuma anotação de guardiões. E guardiões são meticolosos. Se uma profecia não tem anotações, significa que ainda não foi evitada.

Mas as emergências do meu próprio castelo são mais urgentes.

– E por “talvez eu tenha machucado Jade” você quer dizer...

Artemis dá de ombros.

– Que a machuquei com certeza.

Bem nessa hora, Jade entra mancando. Ela continua uma reclamação interrompida.

– E não é porque a magia está quebrada que eu deva ser o saco de pancadas de Artemis! Sei que meu pai trabalhou em operações especiais, mas não quero. Eu era boa em magia! Não sou boa nisso!

– Em comparação a Artemis, ninguém é – Rhys responde. Sua voz é baixa e sem julgamentos, mas todos nós congelamos. É uma das coisas sobre as quais não conversamos: como Artemis é sem dúvida a melhor, mas ainda assim é a assistente enquanto Rhys é o queridinho oficial.

Guardiões são bons em pesquisa, manter registros e evitar falar sobre coisas. A organização toda é tão britânica – embora na prática Artemis e eu sejamos americanas. Moramos na Califórnia e depois no Arizona, antes de virmos para cá. Rhys, Jade e Imogen cresceram em Londres e ainda riem quando trato a chuva como novidade. Faz oito anos que moro na Inglaterra e na Irlanda, mas adoro chuva, verde e tudo que não é deserto.

Jade desaba ao meu lado, colocando o tornozelo no meu colo. Giro-o para testar a flexibilidade.

– Aquela palavra significa “caçadora” – Artemis diz, espiando por cima do meu ombro. Ela risca onde eu a tinha traduzido como

“matadora”. Mesma coisa.

Jade dá um ganido.

– Ai!

– Foi mal. Não tem nada quebrado, mas já está inchando. Acho que é uma luxação leve. – Olho para Artemis e ela desvia o olhar, adivinhando meus pensamentos, como faz com frequência. Sabe que vou dizer a ela que não há motivo para treinar com tanta intensidade e machucar os outros.

Em vez de repetir nossa discussão usual, aponto para a minha tradução.

– E quanto a essa palavra aqui?

– Protetora – responde Artemis.

– Isso é trapaça – Imogen cantarola de onde está, recolocando os livros nas prateleiras.

– Não conta como trapaça. Somos praticamente a mesma pessoa! – Ninguém questiona essa mentira. Artemis não deveria fazer meu dever de casa além de tudo mais que já faz, mas ela ajuda sem que eu peça. É como funcionamos.

– Alguma notícia da mãe? – pergunto, tão casualmente quanto consigo, sondando o tópico com ainda mais cautela do que testo o tornozelo de Jade.

– Nada de novo desde terça. Mas ela deve estar terminando a América do Sul nos próximos dias. – Artemis planejou toda a missão de reconhecimento da nossa mãe. Eu não ouço nem um pio dela desde que partiu sete semanas atrás, mas Artemis ganha atualizações regulares.

– Você pode se concentrar, fazendo o favor? – Jade pede, exasperada. Ela foi enviada à Escócia para ficar de olho em Buffy e nas maluquices do seu exército de caçadoras. Não ajudou muito. Buffy ainda conseguiu ativar um quase apocalipse. Agora que Jade voltou ao castelo sem qualquer magia, ela não está feliz e faz questão de nos informar disso.

Frequentemente.

– Rhys – digo, ciente de que Artemis se ofereceria para fazer isso num piscar de olhos, mas sua lista de tarefas já está supercheia e eu não quero colocar mais nada na pilha –, poderia ir até minha clínica e pegar meu pacote de luxação?

Rhys se levanta. Ele não deveria ter que me ajudar com isso. Está muito acima de mim na organização, mas valoriza a amizade mais do que a hierarquia. Ele é meu favorito no castelo depois de Artemis. Não que exista exatamente uma competição acirrada. Rhys, Jade e Artemis são os únicos outros adolescentes; Imogen tem vinte e poucos anos e os três pequenos ainda estão na pré-escola. E o Conselho – todos os quatro – não são exatamente candidatos a incríveis amigos.

– Onde está? – ele pergunta.
– Fica do lado do pacote de pontos, atrás do pacote de concussões.

– Eu já volto.

Ele sai tranquilamente. A clínica médica é, na verdade, um grande armário de suprimentos na ala oposta que eu reivindiquei como meu. A sala de treinamento é incrível, naturalmente. Priorizamos bater, não curar. Enquanto esperamos Rhys, levanto o tornozelo de Jade, apoiando-o no topo dos livros que costumavam conter as magias mais negras imagináveis, mas que agora são usados como peso de papel.

George Smythe, o mais novo dos pequenos, entra de supetão na biblioteca. Ele enterra a cara na saia de Imogen e puxa as mangas longas dela.

– Imo. *Bem bincar.*

Imogen encaixa-o na cintura dela. Durante o horário de aula, Ruth Zabuto fica encarregada dos pequenos, mas ela é velha como o pecado e bem menos agradável. Eu não culpo George por preferir Imogen.

– Você já terminou? – ela me pergunta.

Levanto meu papel triunfante.

– Consegui!

Filha de caçadora

Filho de guardião

Dois se tornam um

E um se torna duas

Garotas de fogo

Protetora e assassina

Uma para consertar o mundo

E outra para destruí-lo

– Tem uma nota de acréscimo, como se Arcturius não conseguisse evitar comentar sobre sua própria profecia medonha. “Quando tudo mais acabar, quando a esperança perecer junto com a magia, sua escuridão ascenderá e todos serão comidos.”

Imogen dá um risinho de escárnio.

– Consumidos. Não comidos.

– Em minha defesa, estou com fome. Acertei o restante?

Ela assente.

– Com ajuda.

– Bem, mesmo com a ajuda de Artemis, não faz sentido. E não tem receitas de frutos do mar. – Eu guardo meus papéis de volta no livro.

Rhys retorna com os suprimentos justo quando os outros dois pequenos invadem a biblioteca e cercam Imogen. Ela é a pessoa mais

ocupada no castelo depois de Artemis, que já foi embora para preparar o almoço para todo mundo. Às vezes queria que minha irmã pertencesse a mim tanto quanto pertence a todos os outros.

Rhys vem em minha direção a passos largos com o pacote de luxação. O pequeno George corre na direção das pernas dele e Rhys tropeça logo antes de chegar a mim. O pacote voa de suas mãos. Sem pensar, me levanto num pulo e salvo o kit no meio do ar com uma mão, o movimento todo parecendo surpreendentemente fácil para alguém que não costuma ter muita coordenação motora.

– Bons reflexos – diz Rhys. Eu ficaria ofendida pela surpresa em sua voz se não estivesse sentindo outra onda de ansiedade. Realmente foram bons reflexos. Bons demais para mim.

– É, foi sorte – digo, soltando um riso desconfortável. Abro o pacote de gelo e acomodo-o em torno do tornozelo de Jade. – Vinte minutos com isso, uma hora sem. Faço o curativo em você de novo quando tirar o gelo. Vai ajudar com o inchaço. E descanse esse pé o máximo possível.

– Sem problemas. – Jade se reclina para trás com os olhos fechados. Ela tem substituído todo o tempo que gastava em magia por sono.

Sei que tem sido difícil para ela – tem sido difícil para todos ver o mundo inteiro mudar mais uma vez. Mas fazemos o que guardiões fazem: seguimos em frente.

Meu telefone toca. Evitamos contato com o mundo externo – paranoia é o resultado permanente de ter tido todos os seus amigos e familiares explodidos –, mas uma pessoa tem esse número e é a melhor coisa da nossa temporada aqui na floresta nos arredores de uma cidade sonolenta no litoral irlandês.

– Cillian está quase aqui com os suprimentos.

Rhys se anima.

– Você precisa de ajuda?

– Sim. Não sei como eu conseguiria sem você. É absolutamente essencial que venha comigo e flerte com seu namorado enquanto dou uma olhada nas caixas.

O grande salão do castelo, sempre gélido, está iluminado com o sol do fim da tarde. O vitral da janela projeta quadrados azuis, vermelhos e verdes. Afago carinhosamente a porta de carvalho maciça ao sair em direção ao ar fresco de outono. O castelo tem muitas correntes de ar, encanamento questionável e problemas elétricos sérios. A maioria das janelas não abre e as que abrem têm frestas. Metade dos quartos estão abandonados, a ala inteira de dormitórios é mais um depósito de tralhas do que um espaço habitável, e não podemos nem ir para a seção onde a torre costumava ficar porque não é seguro.

Mas esse castelo salvou nossas vidas e preservou os poucos de nós que restaram. Então eu o adoro.

Lá fora na pradaria, que enfim se recuperou de ter um castelo derrubado magicamente no meio dela dois anos atrás, o bom e velho Bradford Smythe, meu tio-avô, está lutando com espadas com aquela horrível Wanda Wyndam-Pryce. Embora *discutindo* com espadas talvez seja uma descrição mais precisa, já que eles param entre cada bloqueio e golpe para debater posições de ataque adequadas. O mistério de como os pequenos escaparam é resolvido. Ruth Zabuto está dormindo como uma pedra.

Observo-a do outro lado do campo para garantir que seu peito esteja se movendo e ela esteja apenas morta de sono, não morta *morta*. Ela deixa escapar um ronco alto o suficiente para ser ouvido de onde estou. Tranquilizada, sigo Rhys até a trilha fora da área do castelo. Ainda posso ouvir Wanda e Bradford discutindo.

Cillian está em uma lambreta, caixas amarradas de ambos os lados. Ele levanta a mão e acena alegremente. Sua mãe costumava cuidar da única loja de magia de toda a região. A maioria das pessoas não faz ideia de que a magia é – era – algo real. Mas a mãe dele era uma bruxa de talento e conhecimentos bem razoáveis. E, melhor de tudo, capaz de manter o bico fechado. Cillian e sua mãe eram as únicas pessoas vivas que sabiam que ainda existiam guardiões – que não tínhamos todos morridos como esperado.

Não contamos muito para eles sobre quem somos ou o que fazemos. É mais seguro assim. E eles nunca fizeram perguntas, porque éramos seus melhores clientes até Buffy matar a magia. Porém Cillian ainda faz todas as nossas entregas de suprimentos não mágicos. Estranhamente, varejistas on-line não aceitam “Castelo Escondido no Meio do Bosque perto de Shancoom, Irlanda” como um endereço apropriado.

Cillian encosta sua lambreta na nossa frente.

– O que está rolando?

– Eu...

Noto um lampejo de movimento atrás de Cillian. Um rosnado rasga o ar enquanto a escuridão salta na direção dele.

Meu cérebro desliga.

Meu corpo reage.

Eu salto, interceptando o atacante no meio do ar. Nós colidimos um contra o outro. Caímos no chão com força e rolamos. Eu seguro maxilares que fazem força em direção ao meu pescoço, e saliva quente cai e queima minha pele.

Então eu giro e, com um estalo, a criatura cai silenciosa, um peso morto em cima de mim.

Empurro-a para o lado e me levanto depressa. Meu coração está

acelerado, olhos procurando outras ameaças, pernas prontas para saltar de volta à ação.

É então que ouço os gritos. Parecem tão distantes! Talvez estivessem acontecendo o tempo todo? Balanço a cabeça, tentando forçar o mundo a entrar em foco. E percebo que existe uma criatura – uma criatura morta, uma criatura que de alguma forma eu matei – aos meus pés. Cambaleio para trás, esfregando minha camisa para tirar a baba quente e pegajosa da criatura que ainda está no meu pescoço.

– Artemis! – Bradford Smythe vem correndo. – Artemis, você está bem? – Ele passa correndo por mim, abaixando-se para examinar a coisa. Parece uma versão demoníaca de um cachorro, o que faz sentido, porque tenho quase certeza de que é um cão infernal. Pele negra e manchada. Pelos irregulares, como se fossem fungos. Presas, garras e intenções letais.

Mas não mais. Porque eu o matei.

Eu o matei?

Demônio, uma voz sussurra na minha cabeça. E não está se referindo ao cão infernal.

– Nina – Rhys diz, tão chocado quanto eu.

Bradford Smythe levanta a cabeça, confuso.

– O quê?

– Não foi a Artemis. Dessa vez foi Nina... foi Nina que o matou.

Todo mundo me encara como se também tivessem crescido presas e garras afiadas em mim. Não sei o que aconteceu. Como aconteceu. Por que aconteceu. Nunca fiz nada parecido antes.

Eu me sinto tonta e também... exultante? Algo não está certo. Minhas mãos estão tremendo, mas não me sinto como se precisasse descansar. Sinto como se pudesse correr uns quinze quilômetros. Como se pudesse pular por cima do castelo. Como se pudesse lutar com mais cem...

– Acho que preciso vomitar – digo, piscando enquanto observo a criatura morta.

Não sou alguém que mata. Sou alguém que cura. Eu conserto coisas. É isso que faço.

– Isso não fez sentido. – Rhys me estuda como se eu fosse um dos seus cadernos, como se não conseguisse traduzir o que está vendo.

Ele está certo. Eu não podia ter feito o que fiz.

Bradford Smythe parece menos surpreso. Ele deixa os ombros caírem enquanto retira os óculos e os limpa de um jeito resignado. Por que ele não está chocado, agora que sabe que não era Artemis? O olhar que me lança é de piedade e arrependimento.

– Precisamos contatar sua mãe.

Capítulo

2

– Como pode haver um cão infernal em Shancoom? – O tom de Wanda Wyndam, junto com sua expressão concentrada e furiosa, parecia sugerir que é minha culpa. Como se eu tivesse me oferecido para cuidar de uns cachorrinhos e acidentalmente assinalado a coluna que dizia “besta profana dos infernos”.

Não consigo parar de encará-lo ali no chão, morto.

Morto.

Como eu fiz isso?

Bradford Smythe alisa seu bigode de morsa.

– É preocupante. Shancoom sempre teve proteções místicas naturais. É parte do motivo de termos escolhido essa localização.

– As proteções místicas não existem mais. – Ruth Zabuto recua mais fundo no seu casulo de cachecóis e xales. – Não consegue sentir? Acabou tudo. Só restou o mal.

– O que vocês estão fazendo? – Artemis quer saber, correndo até a gente. Ela nota o cão infernal e, antes que possamos explicar, joga-se entre mim e o demônio morto. Seu primeiro instinto é sempre me proteger. – Confinamento! Todo mundo para o castelo. Agora!

Rhys fica alarmado, e os guardiões mais velhos – três quartos do que restou do anteriormente ilustre e poderoso Conselho – têm o bom senso de parecer assustados. Se existe uma ameaça, podem existir mais. Eles já deveriam saber disso. Artemis não precisou nem pensar. Rhys agarra Cillian e começa a conduzi-lo.

Cillian franze a testa.

– Não tenho permissão de ir até o castelo, né? O que era aquela coisa?

– Vão! – Artemis corre de costas, estudando as árvores em busca de mais ameaças. Ficando perto de mim. É ela que tem treinamento. Que é preparada para lidar com esse tipo de coisa.

O estalo do pescoço da criatura.

Corro pelo caminho até as portas do castelo. Eu deveria estar aterrorizada com a possibilidade de haver mais dessas coisas por aí, mas não *sinto* que haja. O que me preocupa. Como eu saberia?

Assim que todos voltam para dentro, Artemis barra as portas, distribuindo ordens rápidas.

– Jade e Imogen protegerão os pequenos na ala de dormitório. Bradford, vá falar com elas. Rhys, vá com Cillian e Nina. Se protejam com uma barricada na biblioteca. Tem uma sala secreta atrás da estante dos fundos com uma janela para escapar, se perdermos o castelo.

– Tem uma sala secreta? – pergunto, ao mesmo tempo que Rhys diz, genuinamente ofendido: – Tem mais livros que eu não conheço?

Cillian dá um passo em direção à porta.

– Barricada? Perder o castelo? Caramba, o que é isso?

Artemis estica um braço para bloquear o caminho dele para fora. É impossível não notar que Rhys foi designado para proteger Cillian, o civil inocente, e eu. Artemis não faz ideia de que matei o cão infernal, e não sei como contar isso a ela. Parece algo que aconteceu com outra pessoa. Estou... envergonhada. E aterrorizada. Porque, se pareceu que outra pessoa tomou conta de mim, isso significa que todas as coisas estranhas no meu corpo que venho ignorando nos últimos meses são, definitivamente, super-reais.

Artemis abre um baú velho e empoeirado perto da porta e distribui armas. Wanda Wyndam-Pryce se retrai diante de uma grande besta.

Artemis a encara com raiva.

– Você preferiria uma vara de madeira?

– Mais respeito – Wanda retruca ríspidamente. Eu não entendo a interação, mas Wanda pega a besta e sai apressada. Rhys recebe uma espada. Bradford Smythe pega outra besta. A anciã Ruth Zabuto saca uma faca de aparência cruel de uma bainha na coxa, embaixo de uma saia rodopiante com várias camadas.

– E quanto a... – eu começo a dizer.

– Biblioteca! – Artemis grita. – Agora!

Bradford Smythe me olha com uma expressão pesarosa e triste. Parece ter algo a dizer. Quase espero que ele tire uma bala do bolso do paletó e me ofereça, dando uma afagada na minha cabeça. Essa meio que tem sido a totalidade das nossas interações ao longo dos últimos anos. O Conselho nunca teve um motivo para falar comigo. Afinal, minha mãe está no Conselho e ela nunca precisa de mim. Por que os outros precisariam?

Rhys pega a mão de Cillian para levá-lo consigo e eu corro atrás deles para a biblioteca. Jade sumiu. Com alguma sorte, está no seu quarto, onde Bradford Smythe pode encontrá-la facilmente. Rhys acha uma alavanca na estante mais distante e a gira para revelar um cômodo apertado e empoeirado. Nós nos trancamos.

– Explicações – Cillian pede, ofegante. – O que era aquele

negócio? E por que estamos trancados dentro desse castelo? Será que finalmente tenho permissão de perguntar como diabos vocês conseguiram mover um castelo para cá, para começo de conversa? Porque tenho me esforçado bastante para ignorar isso, mas morei em Shancoom a vida inteira e tenho certeza de que saberia se sempre tivesse existido um castelo na floresta. E Nina, o que... o que... como você fez aquilo lá fora?

Ele me olha de um jeito curioso e incrédulo. Somos amigos desde que ele e Rhys começaram a namorar. Ele está mais chocado com o que fiz com o cão infernal do que com o fato de ter aparecido um cão infernal. Eu olho fixamente para as tábuas gastas de madeira, polidas por gerações de guardiões que caminharam, aprenderam e planejaram aqui. Que descansaram aqui.

O castelo nunca foi nossa sede principal. Costumava ser um refúgio para guardiões. Mas dois anos atrás, muito antes do fiasco da Semente da Magia, o velho Conselho e quase todos os membros da sociedade de guardiões foram explodidos por seguidores fanáticos de uma entidade anciã conhecida com o Primeiro Mal. E tudo aconteceu porque Buffy destruiu tão completamente o equilíbrio do bem e do mal que se abriu uma fresta pela qual o Primeiro pôde entrar rastejando.

O Primeiro Mal enviou seus acólitos para assassinar todos que poderiam lutar contra ele. Isso incluía todas as caçadoras potenciais que consegui encontrar – garotas que nasceram com a possibilidade de um dia assumirem o manto de caçadora quando a anterior morresse. Também incluía todos os guardiões. Mesmo depois de Buffy nos rejeitar, o Primeiro Mal sabia que éramos uma ameaça. Buffy, no final, conseguiu derrotá-lo e salvar o mundo.

Mas ela não salvou um guardião sequer.

Aqueles de nós que sobreviveram estavam atuando como infiltrados – no caso de Bradford Smythe e da filha de Wanda Wyndam-Pryce, Honora – ou aqui, em uma excursão de campo – Rhys Zabuto, Jade Weatherby, Artemis, Imogen Post, os pequenos e eu. Minha mãe, Ruth Zabuto e Wanda Wyndam-Pryce tinham nos trazido a Shancoom para mostrar o que talvez nos esperasse um dia e nos permitir respirar um ar fresco e passar por rituais de limpeza, antes de começarmos nosso treinamento mágico.

Eu não ia passar por ele. Não haveria nenhum treinamento mágico para mim, assim como nenhum treinamento físico. Minha função era ficar de olho nos pequenos enquanto Imogen treinava. Naqueles dias, ela cuidava deles apenas por meio período. Eles não deixavam Imogen treinar para ser uma guardiã oficial porque sua mãe, Gwendolyn Post, tinha traído os guardiões e enganado as caçadoras, convencendo-as a dar-lhe uma arma de poder

inimaginável. Sempre me incomodou que Imogen fosse responsabilizada por algo que não fez. Estávamos aqui por causa dos nossos pais e mães, claro, mas isso não significava que fôssemos iguais a eles ou que fôssemos quem eles queriam. Eu sabia disso melhor do que ninguém.

Mas Ruth driblou as regras por Imogen porque queria que todos capazes de ter treinamento básico em feitiços passassem por ele, e o melhor lugar para isso era o nosso centro de poder antigo. Então nossa herança salvou nossas vidas. O castelo nos protegeu de sermos explodidos junto com o resto da organização.

– Deveríamos estar lá fora com eles. – Coloco a mão contra a estante que nos tranca. Eu não digo o que realmente quero dizer, que Rhys deveria estar lá fora com eles. Foi ele o escolhido para treinar como futuro membro do Conselho. Mas ambos sabemos por que Artemis está coordenando a defesa e Rhys está se escondendo aqui conosco.

Primeiro, Artemis é mais habilidosa do que ele. Sempre foi.

Segundo, Artemis colocou Rhys aqui para me proteger. Bradford Smythe tinha me chamado de Artemis lá fora. Ele presumiu que eu fosse ela. Porque *eu* não poderia fazer algo como o que fiz. É impossível. Eu nunca treinei, nunca lutei.

Nunca me permitiram e eu nunca quis.

Rhys me encara como se eu fosse uma desconhecida.

– O jeito como você se moveu lá fora, o que fez. Parecia uma...

Cillian nos interrompe.

– De novo, que droga está acontecendo? Alguém me explica, por favor? O que era aquela coisa lá fora?

Eu me recosto nas estantes, grata por ter que explicar as coisas para Cillian para não precisar pensar muito no que fiz. No que Rhys podia estar prestes a dizer.

– Era um demônio.

– Era o quê? – Cillian esfrega o cabelo, cortado rente. Sua mãe é inglesa e nigeriana e seu pai cresceu em Shancoom. Cillian foi meu primeiro *crush* desde Leo Silvera, o que durou, tipo, três minutos até eu perceber que ele não estava e nunca estaria a fim de mim. Aquele sortudo do Rhys!

Mas ainda era melhor do que meu *crush* anterior, que terminou em um desastre tão humilhante que não consegui achar outro candidato viável nos últimos três anos. Talvez em mais três eu consiga superar a minha humilhação com Leo Silvera.

Só que duvido muito. De todos os traumas na minha vida, e já tive vários, ouvir minha poesia apaixonada lida em voz alta para meu *crush* permanece como o pior. Pelos deuses, o mínimo que Honora Wyndam-Pryce podia ter feito era também me assassinar no mesmo

instante. Mas ela não tem qualquer capacidade de piedade.

Ninguém sabe se Leo Silvera e sua mãe ainda estão vivos, já que ninguém recebe notícia deles faz anos. Na sociedade de guardiões, isso significa que provavelmente estão mortos. A linhagem Giles está perdida agora, junto com a maioria dos Zabuto, Crowley, Travers, Sirk e Post. Causas da morte, respectivamente: pescoço quebrado por ex-alidado, demônio, demônio, explosão, explosão, e braço cortado enquanto era acertada por um relâmpago. Essa última foi a mãe de Imogen. Coitada de Imogen! Ainda bem que ela está aqui para me fazer refletir melhor sobre as coisas. Minha mãe poderia ser bem pior.

No entanto, o fato é que sobraram pouquíssimos de nós. Espero que, em algum lugar lá fora, os Silvera ainda estejam vivos.

Assim como torço ansiosamente para nunca mais vê-los.

Não sei por que todo esse terror me fez pensar no Leo. Espere. Não. Faz total sentido que emoções intensas e terríveis acionem minhas memórias dele.

– Um demônio – repito, tentando me concentrar novamente. – Existem vários tipos diferentes. Alguns são transplantados das dimensões infernais. Alguns são meio-demônio, meio-humanos. Demônios verdadeiros não costumam existir neste plano, mas às vezes eles podem infectar pessoas. Como vampiros.

– Vampiros? – Cillian repete em um tom fino de agonia, virando-se para Rhys. – Eles são reais. Vampiros existem. Eu achei... eu sabia sobre magia, claro, mas imaginei que vocês eram algum tipo de culto de gente desocupada. Você nunca mencionou vampiros. Isso parece uma informação meio importante que poderia ter me passado no ano em que namoramos. “Ei, Cillian, você tem lábios bonitos e, aliás, sabia que existem demônios e vampiros no mundo?”

Rhys faz uma barricada na porta da estante com uma mesa. Parece levemente envergonhado.

– Eu não queria falar de trabalho com você. Gosto que você não seja parte disso. E meio que imaginei que soubesse, já que sua mãe é uma bruxa e tal.

– Ela mexe com cristais e cânticos e porcarias assim! Uma levitação de leve! Nada como isso. Exatamente quantos demônios tem no mundo?

– Incontáveis? Milhares. Talvez dezenas de milhares. E depende de como você os classifica.

Cillian se inclina para trás tão abruptamente na cadeira que ela vira e ele desaba no chão.

– Dezenas de milhares? Por que o governo não está fazendo algo a respeito?

– Que governo?

– O nosso! O de Nina! Qualquer um! Certamente tem alguém

tomando alguma iniciativa.

– Às vezes eles fazem alguma coisa. Só que demônios são bons em se esconder. – Ergo as mãos para puxar meu cabelo, mas travo. Segurei os maxilares de um cão infernal com essas mãos, arranquei a vida dele. Estremecendo, escondo-as nos bolsos e deixo Rhys explicar o resto. Demônios têm andado por aí desde sempre. Portais, bocas do inferno e magia permitem que eles nos visitem, viajando de suas dimensões. São difíceis de rastrear. Difíceis de combater.

– É aí que nós entramos – Rhys diz. – Nosso grupo tem trabalhado desde a mais trevosa das idades das trevas para ajudar a proteger a humanidade. Conhecemos todas as profecias, os demônios, os apocalipses iminentes. Mas, desde o início, não podíamos fazer isso sozinhos. Nós... eles impregnaram uma garota de poderes demoníacos para que ela se tornasse a caçadora e fosse atrás de demônios.

Cillian levanta uma sobrancelha.

– Então esses sujeitos lá da Antiguidade pensaram: “ei, vamos escolher só uma garota para proteger a humanidade”? Que raio de plano de merda foi esse?

– Ei, você está criticando os nossos ancestrais – fala Rhys, um pouco ofendido.

Devo admitir que estou com Cillian nessa. Só que era por isso que também existiam guardiões. Não demos essa responsabilidade às caçadoras e depois as abandonamos.

Elas é que nos abandonaram. Buffy liderou o movimento, como sempre. Ela foi a primeira caçadora na história a rejeitar nossa orientação. Nosso conhecimento. Nossa ajuda. Como se a estivéssemos atrapalhando em vez de apoiá-la.

Minha cabeça está girando. Eu continuo sentindo o estalo daquele pescoço.

– Mas aí Buffy, nossa caçadora mais recente...

Rhys me interrompe.

– Mais ou menos. Todas as caçadoras começavam como potenciais. Quando a atual caçadora morria, a próxima era chamada. Então sempre existiu apenas uma. A maioria das potenciais nunca se tornou caçadora. De qualquer modo, Buffy morreu uma vez...

– Duas – eu corrijo.

– Irrelevante para minha explicação atual – Rhys diz, bufando. – Ela morreu, então outra caçadora, Kendra, foi chamada, mas então Buffy foi ressuscitada, então tinha duas caçadoras, mas então Kendra morreu, e a caçadora depois dela foi...

– Me dê a versão da Wikipédia, pelo amor de Deus – Cillian pede.

Enquanto Rhys conta a história, subo em uma cadeira na frente da janela alta e espio as árvores. Não quero escutar o que ele está dizendo. Eu já sei. Dois anos atrás, quando Buffy estava enfrentando o

Primeiro Mal, ela ia perder. Então ela fez o que sempre faz: quebrou alguma coisa. Dessa vez foi o vínculo que controlava o poder da caçadora. As regras que tinham sido estabelecidas e funcionavam desde o início dos tempos foram eliminadas.

Subitamente, toda garota com o potencial de se tornar uma caçadora virou caçadora – ou viraria quando tivesse idade para isso.

Ela deixou os guardiões morrerem, então inundou o planeta com quase duas mil novas caçadoras. E aí ela levou cerca de mil delas para morrer em batalha, porque sim. Existe um motivo para só existir uma caçadora e toda uma organização de guardiões. E ter todas essas novas caçadoras não pesou a balança a favor do bem. Na verdade, fez o oposto. Demônios que estavam satisfeitos em se esgueirar pela noite, cuidando das suas demonices, de repente se sentiram ameaçados. Quanto mais Buffy provoca, mais a escuridão responde. E ela respondeu com tanta força que o mundo quase acabou.

Desisto da janela. Não tem nada lá fora. Não sei como eu sei, mas sei. E me sinto tonta de pavor com o que essas novas habilidades e sentidos podem significar. Por 62 dias, caramba, eu consegui ignorá-los. Mas não posso mais.

A explicação de Rhys chega às mais recentes aventuras terríveis de Buffy.

– Você se lembra, uns meses atrás, de quando o mundo quase acabou?

– O mundo quase acabou? – Cillian pergunta, chocado.

– Ah, opa. – Rhys esfrega a própria testa. Talvez esse seja o motivo verdadeiro de não conversarmos sobre essas coisas com quem não é um guardião. É complicado. – O mundo quase acabou porque outra dimensão estava dominando a nossa.

– Sessenta e dois dias atrás – sussurro. E tivemos que ficar sentados aqui no castelo, assistindo aos acontecimentos, porque, se nos revelássemos, provavelmente morreríamos no fogo cruzado. Eu odiei. Artemis praticamente enlouqueceu. Porém o que me incomoda mais é que, mesmo sem nossa ajuda, deu certo. Mais ou menos. – Para evitar o fim do mundo, Buffy destruiu a Semente da Magia, que alimentava toda a magia na Terra.

Cillian dá um assovio baixo e suave.

– Achei que era... algo normal. Como se tivéssemos perdido o sinal do Wi-Fi da magia ou algo parecido.

– Você não notou o dia em que o céu se abriu num rasgo e tivemos terremotos, tsunamis e coisas assim? – pergunto.

Ele dá de ombros.

– Aquecimento global.

Rhys está perdido nas lombadas nas estantes. É difícil para ele se concentrar vendo todos os livros que não sabia que tínhamos, então eu

continuo.

– Certo. Aquecimento global, e também ameaça global transdimensional. E tudo isso, a magia quebrada, as novas caçadoras, o quase fim do mundo, aconteceu por causa de Buffy.

Cillian dá uma risada de escárnio.

– Desculpe, é só que... não consigo superar o nome dela. Buffy.

Eu cruzo os braços, olhando feio.

– O quê? Só porque ela tem um nome feminino não pode destruir o mundo?

Cillian levanta as mãos defensivamente.

– Não é o que estou dizendo.

– Ela era uma líder de torcida antes de se tornar uma caçadora – Rhys informa.

Cillian cai na risada. Não quero defender a Buffy – jamais –, mas fico incomodada mesmo assim.

– Já viu uma competição de líderes de torcida? Qualquer uma daquelas garotas te daria uma surra, mesmo sem poderes místicos de caçadora.

– Foi assim que você matou aquela coisa demoníaca lá fora, então? Treinou como líder de torcida?

Eu sinto o estalo de novo.

– Não é esse o ponto. Eu nem gosto da Buffy. Tudo que ela faz é reagir. Ela nunca pensa nas consequências e minha família fica pagando o preço. – Respiro fundo para me controlar. – E o resto do mundo também. Porque, dessa última vez, ela o quebrou. Não existe mais magia. Nada de conexões com outros mundos. E nada de novas caçadoras. Nunca mais. Ela escancarou a porta e depois a fechou com toda a força.

– Ela precisa se decidir – Cillian diz. – Mais caçadoras ou nada de caçadoras! Ferrar com o mundo ou salvar o mundo!

Rhys toma meu lugar na cadeira na frente da janela alta, olhando para fora.

– Para ser justo, muitas pessoas tentaram destruir o mundo ao longo dos anos. É meio que uma tradição.

– Nossa! Quem diria, hein?

– Nós diríamos – Rhys aponta.

– Justo. – Cillian pega minha mão e me faz sentar do lado dele. – Então, qual a sua história, Nina? Essa Buffy. É pessoal, né?

Fecho os olhos, palavras que foram marcadas na minha mente desde o nascimento se cristalizando e entrando em foco. *Em cada geração uma caçadora nasce: uma garota em todo o mundo, a Escolhida. Apenas ela terá o poder e a habilidade para lutar contra vampiros, demônios e forças das trevas; para impedir o avanço do mal e o crescimento do seu exército. Ela é a caçadora.*

Há um nó doloroso na minha garganta quando falo.

– Toda caçadora costumava ter um guardião. E Buffy recebeu o melhor deles. – Abro os olhos e sorrio. – Meu pai foi seu primeiro guardião.

Quando Merrick Jamison-Smythe a encontrou, ela não fazia ideia de quem era ou o que estava por vir. Meu pai tinha trabalhado a vida toda treinando caçadoras, ensinando-as e ajudando-as. E ele viu aquelas que treinou antes dela morrerem. Então, quando enfrentou a escolha de se permitir ser usado contra Buffy ou morrer, ele optou pela Escolhida.

Ele a salvou. E nós o perdemos. Rupert Giles assumiu, tornando-se o guardião do qual todos se lembram. O relacionamento deles, a recusa indulgente dele de seguir regras ou estabelecer a estrutura necessária, sua rejeição à própria herança... foi o início do fim de tudo. E hoje, quando as pessoas pensam no guardião de Buffy, pensam em Giles. Não no meu pai.

– Então quem é a sua caçadora agora? – Cillian pergunta, agilmente mudando de assunto. Mas ele coloca a mão no meu ombro, uma pressão leve e reconfortante. Ele entende de pais mortos.

– Não temos uma. – Rhys desce da cadeira na janela.

– Vocês não deveriam ter, tipo, um monte, já que há tantas?

– Depois de muitos de nós terem sido... – Rhys faz uma pausa. Explodidos, eu penso. Ele escolhe as palavras com mais jeito. – Como restaram tão poucos de nós, estamos tentando determinar o melhor caminho a seguir.

Não sabemos como as caçadoras reagiriam ao serem contatadas por nós. Como Buffy reagiria se descobrisse que ainda existe um grupo ativo de guardiões. Honestamente, não sei se um dia repararemos a ruptura que ela criou entre caçadoras e guardiões. Mas nesse meio-tempo... “Estamos tentando determinar o melhor caminho a seguir” parece ser um jeito bem guardião de falar que estamos nos escondendo. Não fazendo nada. Entendo que a melhor estratégia era agir com discrição e fingir que o Conselho de Guardiões tinha desaparecido para sempre. Desfazê-lo nunca foi uma possibilidade real. Ainda somos guardiões, protetores, não importa o que aconteça. Mas agora que o mundo está cheio de caçadoras (culpa da Buffy), que a magia morreu (culpa da Buffy) e que todos os portais interdimensionais estão fechados (culpa da Buffy), as coisas mudaram mais uma vez. É isso que minha mãe está fazendo lá fora. Garantindo que entendamos como tudo mudou e quais são as novas ameaças.

Não sei qual é o plano de longo prazo do Conselho depois que o trabalho de reconhecimento da minha mãe terminar. Contudo, se nós não verificarmos se todas as bocas de inferno e portais estão realmente fechados, quem fará isso?

Por esse motivo é tão importante que os guardiões perdurem. Em um mundo frequentemente refeito, onde as regras mudam continuamente, onde uma Escolhida se torna uma multidão de escolhidas, onde a magia desaparece e as tradições são rompidas, nós somos a constante.

Persistimos vigiando.

Mas não é suficiente. O Conselho não consegue decidir o que fazer, porque há tão poucos de nós agora e tantas delas. Como escolher uma caçadora, com tantas opções?

E como podemos arriscar nossas vidas, sabendo o que as caçadoras inevitavelmente trazem consigo? Seu dom é a morte.

E esse é meu conflito, a verdade da minha vida em meio aos guardiões, crescendo entre eles e ajudando uma sociedade que existe por causa das caçadoras: eu as odeio. Odeio o que são, o que fazem.

E existe uma que odeio mais do que todas: Buffy.

Capítulo

3

– Tudo limpo – Jade grita do outro lado das estantes. – E eles convocaram uma reunião.

Quando abrimos a porta escondida, ela está nos esperando lá, fazendo uma careta de dor. Seu pacote de gelo se foi e seu tornozelo não está enrolado direito.

Eu me ajoelho para consertar a compressa. A reunião será com Rhys, Bradford Smythe, Ruth Zabuto e Wanda Wyndam-Pryce. Artemis estará presente para fazer anotações. Minha mãe iria, se estivesse aqui, e fico feliz que não esteja. Como paramédica do castelo, não ganho um lugar. Isso costuma me incomodar – só mais um jeito de não reconhecer o valor da cura –, mas hoje me deixa aliviada.

– Vou levar Cillian de volta até a lambreta dele quando terminar com seu tornozelo – digo em tom despreocupado, torcendo para ninguém me fazer perguntas no meio de todo o caos. Torcendo para estarem tão concentrados no cão infernal que convenientemente vão ignorar o fato de que fui eu que o matei. Eles me ignoram há anos. Certamente são capazes de continuar fazendo isso.

– Cillian pode esperar. – Jade estoura sua goma de mascar, afastando seu cabelo castanho rebelde dos olhos. – Você precisa ir. O tema da reunião é você.

Sou tomada pelo medo. Não posso ir àquela reunião. Sei que tem algo errado comigo faz dois meses e agora todo mundo sabe disso também. E guardiões não têm exatamente fama de serem gentis com demônios ou aqueles corrompidos por eles.

– Tudo bem – digo rapidamente. Termino de prender a compressa e passo correndo por ela. – Eu não preciso ir.

Podem ter dito que está tudo limpo, mas eu me sinto perseguida. Corro em direção ao meu quarto. Aqueles de nós que não estão no Conselho compartilham a ala de dormitório do castelo. Já houve um tempo em que esses quartos estavam cheios de jovens guardiões em treinamento, competindo, estudando e concorrendo para receber a maior honraria: um assento no Conselho.

A maior parte do Conselho tinha alguma experiência em

trabalhar com caçadoras, embora seu conhecimento tendesse a ser mais acadêmico do que prático. Com uma caçadora e um Conselho completo, a maioria dos guardiões nunca trabalhou diretamente com a Escolhida. Guardiões que eram efetivamente designados para caçadoras tinham... reputações. De estarem perto demais da escuridão. De não terem o nível de distanciamento profissional e prudência necessários para tomar decisões difíceis. Por isso meu pai e minha mãe formavam uma equipe tão boa. Ele estava em campo; ela era a próxima na fila para o Conselho.

Ainda assim, havia tantos candidatos ao Conselho com pontuações altas o suficiente que pessoas como eu – pessoas que nunca seriam guardiões oficiais ou elegíveis ao Conselho – não teriam a permissão de ficar nos dormitórios. Familiares de guardiões como Jade, Imogen e eu teriam sido remanejados para prédios de escritório monótonos para cuidar da contabilidade, postos avançados distantes para estudar magia ou, se tivessem sorte, designados como equipe de suporte para o Conselho ou operações especiais. Nosso destino nunca foi este castelo. Mas então Buffy pegou o destino e o quebrou em pedaços ensanguentados. E cá estamos.

Os dormitórios para alunos mais jovens já tiveram beliches enfileirados. Tiramos todos eles dois anos atrás, discretamente e sem cerimônia. Agora os pequenos estão alojados juntos com Imogen em uma suíte. O restante de nós tem seus próprios quartos, exceto Artemis e eu. Não porque não exista espaço – espaço é uma coisa que certamente não falta nas fileiras dos guardiões atualmente –, mas porque Artemis não queria ficar longe de mim, mesmo dormindo.

Eu odeio dormir.

Toda noite, em meus sonhos, eu era deixada para trás nas chamas. E era Artemis que costumava me acordar dos meus pesadelos. Mas ultimamente estou sentindo dificuldade em pegar no sono. Assim que o mundo escurece, meu corpo começa a se agitar, zumbir com adrenalina e nervosismo. E, quando consigo dormir, meus sonhos mais frequentes não são mais sobre ser deixada para trás. Não costuma ser nem a meu respeito.

Consigo me esconder no nosso quarto por apenas alguns minutos antes de Artemis me encontrar. Ela entra em silêncio e me abraça com tanta força que consigo senti-la tremendo. Isso me deixa atordoada. Não nos abraçamos faz anos. Ela demonstra seu amor por mim do jeito mais Artemis possível: monitorando minha dieta para garantir que estou recebendo a nutrição adequada. Garantindo que minhas bombinhas estejam sempre cheias. Dormindo perto, caso eu precise de ajuda.

O fato de estar sendo fisicamente afetiva faz meus alarmes apitarem. Se ela está me abraçando, então estou certa. Alguma coisa

está seriamente errada.

– Eu não fazia ideia do que aconteceu – ela diz, afastando-se e me estudando, observando meu rosto para confirmar que estou bem. – Quando vi o cão infernal lá fora, assumi que Rhys o tivesse matado. Meu Deus, Nina. Eu deveria estar por perto.

– Não tinha como você saber. Nenhum de nós poderia adivinhar.

– Como você o matou?

Tento conter o pânico crescente. Tem tanta coisa que mantive trancada dentro de mim, incapaz de enfrentar. Tanta coisa que não pude dizer em voz alta porque isso tornaria tudo real. Finalmente a represa é aberta.

– Era como... se não fosse mais eu – admito. – Artemis, estou com medo. – Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Armário? – O tom dela é o mais gentil que eu ouço há tempos.

De repente, ela não é a Artemis do castelo. Ela é a minha Artemis: minha irmã gêmea em quem posso confiar para qualquer coisa. Entramos no armário e sentamos de costas uma para a outra. Costumávamos agir assim na nossa casa antiga: nos esconder no armário quando éramos pequenas e fazíamos algo de errado. Mais tarde, era para onde ela me levava quando os pesadelos eram terríveis e eu estava assustada demais para dormir. É nosso lugar para contar segredos.

E nunca tive um segredo maior do que esse.

Eu me encosto no fundo do armário, esmagando as roupas penduradas. As minhas são todas de cores vibrantes como um arco-íris, peças que me fazem feliz quando preciso. As de Artemis são todas pretas, utilitárias. Se em algum momento ela precisa de algo para animá-la, não tem tempo para buscar isso em suas roupas.

Ela imita minha postura.

– Conta para mim.

Respiro fundo.

– Eu não sabia o que estava fazendo quando o cão infernal atacou. Foi como um instinto. Meu corpo assumiu totalmente o controle e matei aquela coisa sem nem pensar.

Ela não responde.

O que mais me assusta, o que tenho ignorado, sobe à superfície como um demônio rastejando das profundezas mais sombrias. Eu deveria ter contado a ela no primeiro dia em que senti a mudança. Mas e se Artemis não puder consertar o que está acontecendo? Artemis conserta tudo, mas talvez isso seja demais até para ela. Como vai ficar se não puder ajudar? Como *eu* vou ficar?

– Eu... venho me sentindo estranha. Faz alguns meses já.

Ela entende o significado desse período.

– Quantos meses, mais precisamente?

– Você se lembra daquele dia, dos grandes demônios transdimensionais?

Artemis começa a rir, mas se contém.

– Como poderia esquecer?

Estávamos lá fora, em uma das raras pausas de Artemis.

Me remexi no cobertor e apertei os olhos em direção ao céu.

– Você acha que aquela nuvem se parece com o quê?

Artemis nem levantou a cabeça do seu sanduíche.

– Vapor de água.

Cutuquei-a nas costelas com o cotovelo.

– Vamos lá. Use sua imaginação.

– Não consigo. Minha imaginação morreu de forma lenta e agonizante por causa da inalação excessiva de graxa de polir armas.

Eu me virei de lado para encará-la.

– Você não precisa fazer todo o trabalho duro, sabia?

Artemis revirou os olhos. Às vezes eu observava o rosto dela e me perguntava se o meu ficava do mesmo jeito quando fazia aquelas expressões. Nossas feições são espelhadas, mas as minhas não funcionam como as dela. Tudo que ela fazia era enfático, preciso, poderoso. Tudo o que eu fazia...

Não era.

Espantei uma mosca preta gorda zumbindo perto do meu rosto.

– De qualquer modo, você é bem mais esperta do que esses preguiçosos velhos e enferrujados. Deveria estar fazendo a pesquisa e escrevendo enquanto eles ficam polindo as armas.

– Eu não passei no teste, então essa é minha função. E não é como se tivesse outra pessoa pra fazer isso.

Rhys desabou no cobertor ao meu lado. Ele e Artemis treinavam desde que eram crianças. Assim que nos juntamos novamente aos guardiões, Artemis foi colocada direto no treinamento completo para potencial membro do Conselho. Nossa mãe insistiu nisso. Ela nunca nem me deixou tentar. Mas por que não poderíamos ter membros do Conselho dedicados à cura? Que viam o mundo – tanto natural como sobrenatural – como algo a ser consertado, não combatido?

– Você acha que aquela nuvem se parece com o quê? – perguntei, apontando.

A voz de Rhys soou carrancuda.

– Sabe como é difícil se livrar de corpos? Acabo de passar quatro horas testando produtos químicos para tentar dissolver um esqueleto Abarimon, apenas para ser informado por Wanda Wyndam-Pryce de que, no caso de encontrar esse tipo de restos mortais, simplesmente jogamos os corpos no mar.

Fiz um som de quem entendia sua dor.

– Isso faz os vampiros parecerem educados, desintegrando e tal. Não precisamos nem limpar nem nada.

– É o mínimo que podem fazer. De qualquer modo, eles me obrigaram a ir embora. O Conselho está enlouquecendo por algum motivo. – Ele bocejou. – Não é pro meu bico, aparentemente.

– Eles também me expulsaram – Artemis contou.

Eu não me importava com a companhia.

– Se precisarem de algo para fazer depois, estou catalogando o inventário na minha clínica.

Artemis pôs a mão na minha testa.

– Tem tomado suas vitaminas? Parece tão pálida.

– Você também.

– É quase como se fossem gêmeas – Rhys disse.

Artemis o ignorou.

– Já comeu? Posso preparar algo para você.

– Eu é que posso preparar algo para você. Você é péssima na cozinha. – Mostro a língua para ela saber que estou só provocando. Embora Artemis prepare o café da manhã e o almoço, todos nós nos revezamos no jantar. Ninguém gostava quando era a minha semana. Metade das vezes, quando eu chegava na cozinha, Artemis já tinha preparado tudo para mim. Eu não conseguia decidir se a adorava por isso ou desejava que ela se desse umas férias e deixasse todo mundo aguentar uma noite com o meu espaguete além do ponto e molho de latinha.

Ela fechou os olhos, relaxando. Era raro ver seu rosto em paz. Rhys também estava tentando tirar uma soneca. Nisso eu era muito melhor do que eles. Provavelmente era a única área em que os superava.

Voltei a olhar para o céu, aproveitando o fato de que, por alguns minutos, Rhys e Artemis tinham sido excluídos como eu sempre fui. As nuvens estavam realmente dando um show. Elas se concentraram rápido, rodopiando e inchando. E crescendo. E se comportando de uma forma bem atípica para nuvens.

Então o primeiro tentáculo apareceu.

– Hã. Pessoal?

– Hum. – Artemis se remexeu para colocar a cabeça mais próximo do meu ombro.

Então ela congelou quando ouviu a minha respiração ficar ofegante. Apoiou-se nas mãos e sentou, olhando para o meu rosto.

– O que houve?

Apontei para cima.

– Sou só eu ou aquela nuvem parece um demônio gigante aparecendo por um rasgo no céu?

– Ah – disse Rhys. – Ah. Sim. Não sei qual é a classificação desse.

Um momento breve e silencioso se passou e então...

– Armas! – Artemis gritou. Rhys acordou violentamente do seu devaneio e disparou pelo pátio até um anexo do castelo. Ele retornou com bestas, piques e o máximo de espadas que conseguia carregar. Trazia um rifle de aparência bem cruel também, já carregado com dardos que eu sabia serem capazes de derrubar até os maiores demônios.

Mas esse era maior até do que os maiores demônios. Esse era uma monstruosidade, um gigante. A maioria dos demônios que encontrávamos eram híbridos ou hospedeiros para demônios verdadeiros de outra dimensão.

A coisa que estava vindo do céu não parecia pertencer a este mundo. Parecia ser um destruidor de mundos.

Ouvi cânticos e me virei para ver Imogen e Ruth Zabuto gesticulando, as fronteiras encantadas do castelo ativadas por suas palavras. O ar tremeluziu como um domo acima de nós, marcando os limites da proteção. Artemis deu instruções a Rhys. E eu me sentei no cobertor.

Sem fazer nada.

Porque tinha sido treinada somente para curar pessoas. Consertá-las. E, naquele momento, duvidava que sobraria algum de nós para consertar quando aquilo terminasse.

Depois do incêndio, talvez por causa dos meus pesadelos, minha mãe sempre alegava que eu era incapaz de lidar com estresse. Eu deveria evitar situações tensas. Mas um demônio gigante com um único olho e tentáculos cobertos de dentes descendo de um céu que instantes atrás estava vazio? Meio impossível de evitar.

Estávamos mortos.

Estávamos todos mortos.

O demônio se acomodou sobre a fronteira mágica. O cheiro de carne queimada fez meu estômago se revirar. Minha garganta secou. O demônio não parou: pústulas em seu abdome estouraram, revestindo a barreira com uma putrescência laranja, fervendo e crepitando. Tentáculos cobriram todo o domo brilhante. Ele era tão grande quanto o próprio castelo.

A voz de Ruth Zabuto falhava. Imogen correu de volta para o castelo, decerto para encontrar e proteger os pequenos. Minha mãe saiu correndo dele, mas não veio até nós. Ela foi para o lado de Ruth, adicionando sua voz intensa à da mulher mais velha. Eu a queria comigo, mas, como sempre, ela escolheu proteger outra pessoa.

Olhei para Artemis. Ela olhou para mim. Dessa vez, nossa mãe estava escolhendo os guardiões em vez de nós duas.

– Vou tirar Nina daqui! – Artemis pegou meu braço, colocando-me de pé. Meu coração batia tão acelerado no peito que doía.

Minha visão estava se estreitando, o mundo borrando ao meu redor.

– Ajude eles – eu disse, mal conseguindo pronunciar as palavras. Tinha alguma coisa errada com meu corpo. Todas as terminações nervosas estavam pegando fogo, estava tudo explodindo.

– A barreira não aguentará muito mais. Precisamos correr enquanto ele está distraído. – Ela me arrastou em direção à floresta, onde ficava um arco de pedra não afetado pela barreira mágica. Era a única saída. Enquanto passávamos, olhei de relance para trás.

Os últimos Zabuto. Os últimos Smythe. Os últimos de todos nós. Minha mãe se virou na nossa direção, a mesma expressão no rosto que eu tinha visto quando ela escolhera salvar Artemis e me deixar para trás. Agora, Artemis tinha escolhido me salvar e nós havíamos deixado minha mãe para trás. Minha mãe levantou uma mão em despedida.

Mas os pequenos ainda estavam no castelo.

Eu parei, fazendo Artemis cambalear com a perda de impulso.

– Nina, precisamos ir! – Ela deu alguns passos, esperando que eu a seguisse.

Tentei botar para fora as palavras para dizer a ela que não poderia deixá-los para trás. Então levantei a cabeça e vi um único tentáculo, cinza e verde, com presas em vez de ventosas, balançando pelo ar. Indo exatamente na direção da minha irmã.

O mundo se estreitou até um único ponto: Artemis. Eu me joguei na direção dela e, quando colidimos, três coisas aconteceram ao mesmo tempo.

A barreira mágica desapareceu como se nunca tivesse existido.

Um pulso de energia, como se eu tivesse enfiado meu dedo em uma tomada, me atingiu com tal força que voei para longe de Artemis e rolei em direção às árvores.

E o demônio explodiu.

Mais tarde, descobrimos que o demônio explodiu quando Buffy destruiu a Semente da Magia e cortou nossa conexão com a magia e outras dimensões. Contudo, naquele dia, todos estávamos certos de que iríamos morrer, e então tudo mudou.

E fiquei totalmente coberta de gosma de demônio interdimensional.

– Então está me dizendo – Artemis fala – que se sentiu diferente no exato momento em que a Semente da Magia foi destruída? No último instante possível antes de a magia deixar o mundo para sempre?

Pego uma das botas dela e fico mexendo nos cadarços.

– É.

– Isso aconteceu meses atrás, Nina. Por que não me contou?

A Artemis do castelo está de volta. A suavidade se foi e há

repreensão no seu tom de voz e na sua expressão. Quase espero que ela comece uma lista de tarefas para “verificar se Nina é um demônio”.

– Eu estava com medo. Quer dizer... fiquei pensando que tinha sido infectada: transferência de poderes demoníacos. Não seria algo inédito. Eu ficava esperando o momento em que cresceriam tentáculos em mim. Quando isso não aconteceu... não sei. Não sabia o que dizer a você. – *Porque você não é mais a mesma. E nós não somos mais nós mesmas. E agora nem eu sou eu mesma.* Em voz alta, eu disse: – Torci para que não desse em nada. E não tem feito diferença. Não mesmo. Exceto pelo jeito como me sinto o tempo todo. E meus hábitos de sono. E os pesadelos.

Artemis não tinha se esquecido de registrar essa informação.

– Você não tem dormido tão bem. E seus pesadelos são diferentes. Menos sobre fogo, e mais sobre... monstros.

– Mas olha só as coisas que nós fazemos! É claro que tenho pesadelos. Passo metade de cada manhã estudando profecias sobre o fim do mundo e genealogias de demônios.

Artemis sai do armário e se senta na beira da sua cama. Eu a sigo. Encaramos a colcha dela. A minha é artesanal, feita com todas as camisas que ficaram pequenas demais para nós. A dela é tão vazia e esfarrapada que parece tirada de uma cama de hospital.

– Se sentiu essa mudança logo antes de a Semente da Magia ser destruída, então existe uma chance de você ser... – Ela para por um instante. Repulsa e raiva passam pelo seu rosto.

Um demônio, eu penso.

Ela diz algo ainda pior.

– Uma caçadora.

Caçadora.

Eu me levanto de supetão, querendo fugir do mundo. A ideia é tão repulsiva para mim quanto o que fiz com aquele cão infernal. Eu *não* sou uma caçadora. Sou uma guardiã. Além disso, as videntes que costumávamos empregar jamais teriam deixado passar uma caçadora potencial entre os próprios guardiões.

Perambulo em círculos estreitos.

– Não é possível que eu seja uma caçadora. Não existe mais nenhuma sendo ativada. A magia terminou junto com todo o resto. Não existem mais caçadoras. Além do que, faz algum sentido eu ser uma caçadora?

– Não! – Artemis diz, e a força da sua exclamação é um pouco ofensiva. Ela não precisava concordar tão rapidamente. Mas isso confirma o que estive dizendo. Nenhuma de nós gostaria de ser uma caçadora, porém, se alguém tivesse que se tornar uma, eu seria a escolha menos óbvia.

Então ela se ergue e fica completamente imóvel. Suas sobrancelhas estão apertadas numa expressão preocupada.

– Mas acho que... nós sabemos que as capacidades latentes de caçadora são ativadas por um grande momento de medo ou coragem, e você nunca teve que enfrentar algo assim desde o incêndio porque a mantive segura... eu sempre mantive você tão segura! – Ela respira fundo e esfrega a testa. – Parece impossível. É errado. Mas não soa como transferência demoníaca. E o momento faz sentido. E se você tiver sido transformada em caçadora no último instante possível, antes da linhagem de caçadoras terminar para sempre?

– Não – uma voz retruca abruptamente, tão fria e sombria quanto o porão do castelo. Levantamos a cabeça para ver nossa mãe de pé no arco da porta. Justo quando eu pensei que esse dia não pudesse piorar.

Capítulo

4

Tivemos três mães, cada uma em um período de tempo bem definido.

A primeira: a mãe dos sonhos.

Na minha memória, ela cheira a biscoitos de canela.

Ela cantava para a gente. Lia livros com imagens de coisas felizes em vez de demônios escamosos. Ria. Acho que ria, pelo menos. Quando tento imaginar, não consigo encaixar som e imagem. É como assistir a um filme mudo. E, no final do filme, meu pai, com seu bigode grisalho e olhos gentis, se ajoelha para dar um abraço em cada uma de nós.

Minha mãe diz alguma coisa para ele – o que ela diz? – e então o beija. Nós acenamos para ele enquanto sai pela porta. Mamãe parece orgulhosa e triste ao mesmo tempo, e nos expulsa para a cozinha para comermos cookies.

Meu pai nunca voltou, e aquela mãe – a mãe dos biscoitos de canela – se foi também. De um certo modo, Buffy tirou os dois de mim. Nunca conheci a caçadora. Nem sei se ela sabia da nossa existência. Mas, quando meu pai morreu por causa dela, minha mãe dos sonhos morreu junto.

A segunda: a mãe-fantasma.

Depois daquela noite em que fomos atacadas no cemitério, ela estava sempre presente, mas, ao mesmo tempo, não estava. Nós nos mudávamos constantemente. Não consigo me lembrar dela trabalhando ou fazendo qualquer coisa.

Não havia cookies. Só nós duas e ela, pairando por perto. Uma assombração assombrada. De pé, perto da janela com as cortinas fechadas, espiando pela fresta onde os tecidos quase se encontravam. Tínhamos perdido nosso pai e perdemos nossa mãe também. Ela era uma casca vazia. Queríamos alguém que nos reconfortasse, mas encontrávamos apenas medo. Então Artemis e eu sussurrávamos, brincávamos em silêncio. Escondíamos nossas estacas em lugares menos óbvios para que ela parasse de tirá-las da gente. Achemos um jeito de cuidar uma da outra que não fosse perturbar a vigília dela. Não era ideal, mas era razoável.

E então tudo pegou fogo.

A terceira: a mãe que não é mãe.

Depois do incêndio, ela parou de ser nossa mãe e começou a ser uma guardiã. Nem me dei conta de como era estranho termos sido criadas longe deles até voltar para a organização em Londres e ver como a sociedade dos guardiões funcionava. Nós nem morávamos mais juntas como uma família. Artemis e eu fomos para os dormitórios, e minha mãe tinha seu próprio apartamento na ala do Conselho.

Eu sentia como se ela estivesse me rejeitando novamente. Mas talvez sua decisão de se transformar de mãe em guardiã tenha sido em parte para não ter que me encarar. Nunca conversamos sobre o motivo de ela ter salvado Artemis primeiro. Às vezes, eu pensava em forçar o assunto, mas, no fim das contas, preferia não saber. Não podia ser pior do que a explicação que ela realmente daria para ter me deixado para trás.

Não morri naquela noite, mas, às vezes, quando estava com minha mãe, parecia que sim. Como se eu estivesse ausente do mundo dela tanto quanto meu pai.

Com nossa mãe de pé no arco da porta, iluminada pela fúria, eu me sentia muito, muito visível.

– Mãe – Artemis começa a dizer, mas nossa mãe levanta uma mão como uma espada, cortando suas palavras.

– Nina não é uma caçadora. – Ela não está confusa, nem mesmo preocupada. Por que foi direto para a raiva? Não faz qualquer sentido.

Quero concordar com ela – nem quero ser uma caçadora! –, mas o modo como ela descarta a possibilidade ativa meu instinto tardio de rebelião adolescente. Assim como eu, ele não teve muitas oportunidades de treinar seus músculos, mas seus reflexos são excelentes.

– Como você poderia saber? – pergunto, minha voz subindo uma oitava. – Você nem aparece por aqui. – Não a vemos faz dois meses, durante todo o tempo em que me senti diferente, com medo de ter sido infectada por um demônio ou algo ainda pior. Caçadora conta como pior.

Ela teria notado? Duvido. Mas agora está de volta e me diz como devo me sentir em vez de me perguntar. Igual a quando me disse que o treinamento para guardião oficial não era para o meu bico. Igual a quando disse a Artemis que o treinamento era apropriado para ela. Quanto da nossa vida foi controlado e determinado por ela?

Ela nem pergunta sobre o cão infernal. É como se não se importasse. E talvez não se importe, já que estou no centro do que aconteceu. Ela prefere que eu seja invisível.

Artemis encara nossa mãe. Está de costas para mim, me excluindo da conversa.

– Ela matou um cão infernal! Se tem tanta certeza de que não é uma caçadora, então tem alguma outra coisa aí e precisamos resolver isso.

– Estou desapontada com você, Artemis. Nina nunca deveria ter se visto nessa posição. Nunca deveria ter tido contato com um demônio para começo de conversa.

– Eu estava a uns seis metros do castelo! – Jogo as mãos para o alto, exasperada. Estão falando sobre mim como se eu nem estivesse lá. – Você acha que Artemis deveria me levar por aí em uma coleira? Ela não pode me proteger o tempo todo! E aparentemente não precisa fazer isso.

Artemis se retrai por instinto. Não era minha intenção atacá-la. Eu sei o quanto ela se define como minha protetora. E a deixei assumir esse papel sem questionamento, o que talvez tenha sido um erro para nós duas. Tento apoiar a mão nela, mas ela prefere cruzar os braços com força.

– Independentemente do que seja – ela diz. – Caçadora ou alguma outra coisa. Precisamos entender o que é.

Nossa mãe olha fixamente para o espaço acima da minha cabeça. Seu rosto está tenso e rígido de raiva. Seu cabelo castanho-avermelhado liso está puxado para trás em um rabo de cavalo apertado, seus olhos cinza começando a enrugar em linhas duras. Que direito ela tem de estar com raiva da gente? Nada disso é minha culpa. Ou ela está irritada porque isso significa que ela tem que interagir conosco? Então percebo que há... lágrimas se acumulando na base dos seus olhos?

Pelos deuses. Buffy. A caçadora. Minha mãe perdeu tudo por causa da caçadora. Se é difícil para mim pensar em Buffy, quanto difícil deve ser para minha mãe?

– Mãe – consigo dizer, com um nó na garganta.

Ela se vira rapidamente, me interrompendo.

– Preciso conversar com o Conselho. Vocês não precisam vir comigo. Ainda estamos em confinamento, então não saiam.

Artemis e eu olhamos uma para a outra, confusas. Não é que eu esteja surpresa de ser ignorada pela nossa mãe. Mas ela vai mesmo se recusar a falar sobre algo tão obviamente urgente?

Minha irmã vai rápido da confusão para a fúria.

– É isso, então? Ela volta para casa, recebe a notícia de que o castelo foi invadido por um cão infernal que você matou e nós somos dispensadas? – Sua mandíbula fica tensa com determinação. – Vamos para a reunião.

– Acho que ficou bem claro que não estamos convidadas agora

que nossa mãe está aqui.

– Podemos ir se ela não souber que estamos lá.

Artemis se levanta, seu rosto tão frio e duro quanto as pedras das paredes. Ela sai tempestuosa do quarto; eu a sigo com mais cautela. Mas ela vira na direção oposta da sala de audiências do Conselho e cruza os dormitórios. Estamos na parte de trás do castelo, um labirinto confuso de corredores que conectam um emaranhado de quartos, a maior parte deles vazios.

Imogen estica a cabeça para fora da sua suíte. Eu só entro lá para fazer os exames preventivos das crianças. Medir seu crescimento, escutar as batidas dos corações, entregar pirulitos. Quando faço isso, lembro-me com saudades da gentil enfermeira Abrams. Foi ela que me ensinou na antiga sede. Ela costumava vestir um avental com os bolsos da frente cheios de pirulitos, embora trabalhasse principalmente com adultos. “Até guardiões precisam de doçura”, ela me disse uma vez. “Especialmente eles, eu acho.”

Perdemos muito mais do que nossa sede para o Primeiro Mal. Perdemos nosso coração também.

– O que está acontecendo? – Imogen sempre parece exausta, mas há uma camada nova e frenética de medo em cima do cansaço agora. – Outro ataque? Sua mãe passou por aqui. Ela nunca esteve nos dormitórios.

– Nenhum ataque novo – respondo. – Minha mãe só estava... dando um oi depois da sua viagem.

Imogen não acredita em mim e não a culpo por isso. Mas ela é educada o suficiente para fingir que uma visita maternal amigável é algo possível. Então dá uma olhada por sobre o ombro pela fresta da porta aberta, vendo os pequenos reunidos em torno de uma mesa e brincando com massinha.

– Eles não sabem que estamos em confinamento. – Ela para e então empina um pouco o queixo como se nos desafiasse a contestá-la. – E não vamos contar. Eles já tiveram motivos o suficiente para sentir medo na vida. Se ficar perigoso, vou colocá-los em um carro sem olhar para trás.

Eu me pergunto por que não fizemos isso logo de cara. Mas, se perdermos os pequenos, perdemos a próxima geração de guardiões. A última, provavelmente. E eles nunca conheceriam sua herança ou saberiam o motivo da morte de seus pais.

– Rhys está em patrulha com Jade. – Artemis indica um walkie-talkie elegante preso em seu cinto. Eu nunca o havia notado e sinto inveja na mesma hora. É claro que nunca deram um para mim. Tudo que tenho é o celular do castelo com seu sinal terrível. Metade do tempo ele não consegue nem enviar mensagens de texto. Mas eu nunca fui importante como Artemis. Será que importo agora? Quero

ser importante, se isso significar ser uma...?

Estremeço. É difícil até pensar na palavra.

Imogen assente depressa.

– Se tiver alguma notícia nova sobre o cão infernal, me conte, por favor. – Todos nós sabemos que o Conselho não se dará ao trabalho de mantê-la informada. Talvez eu não tenha um walkie-talkie, mas o Conselho também nunca inclui Imogen. Ela é a única pessoa mais excluída do que eu. De uma forma um pouco egoísta, sempre fui grata por ela estar mais baixo na hierarquia dos guardiões, apesar de isso ser completamente injusto. Se não fosse isso, talvez eu tivesse ficado com o papel de babá. Gosto dos pequenos, mas definitivamente não tanto assim.

Artemis me leva até uma parte do castelo que está fechada. Várias relíquias de eras passadas estão espalhadas pelo chão – uma caixa de ferramentas encardida, um enfeite de parede bolorento, uma camiseta com estampa de cogumelo amassada em um canto, um coelho de pelúcia com algodão vazando feito tripas. Artemis passa por tudo isso em direção a uma porta com rachaduras e a puxa. O interior está um breu. Já consigo sentir as teias roçando na pele e nem entrei ainda. Só pode ser um armário cheio de aranhas.

– Venha – ela chama. Dou um passo para dentro, esticando as mãos para a frente, mas não esbarro em Artemis. Um pequeno ponto de luz acena e vejo uma mão saindo de um buraco do tamanho de uma pessoa na parte inferior da parede. Nunca teria pensado em olhar ali embaixo.

A pequena lanterna é sacudida impacientemente.

– Venha – Artemis repete.

Eu me ajoelho e começo a engatinhar pela passagem. Não há teias de aranhas. Então talvez não haja aranhas ou esse vão secreto em específico é usado com frequência. Suspeito que seja a segunda hipótese. O que significa que Artemis nunca me contou a respeito disso.

Eu me sinto ofendida. Talvez não sejamos o tipo de gêmeas que terminam as frases uma da outra, mas não mantemos segredos sobre nossas vidas aqui no castelo.

Tirando o fato, é claro, de eu ter escondido um segredo dela. Algo muito maior do que uma passagem secreta. Mesmo assim, não consigo evitar a pergunta.

– Por que não me contou sobre isso?

Ela dá de ombros.

– Estava preocupada com sua asma.

Tenho crises de asma desde o incêndio. Mas ela deveria ter pelo menos me contado. É mais um lembrete de que este castelo contém muitas coisas às quais jamais terei acesso. Engatinho pela passagem e

finalmente consigo me levantar. O espaço é estreito e frio e, fora a minúscula lanterna de Artemis, está completamente escuro.

– Por aqui – ela sussurra. Eu a sigo conforme a passagem vira e se contorce. Às vezes surgem espaços escuros dos lados, parecendo indicar outras passagens.

– Em quantos quartos isto aqui chega? – sussurro.

– Muitos.

– Para que você tem usado?

– Espionar.

– Jura?

– Não sou convidada para todas as reuniões, mas tudo que decidem me afeta. Então eu me convindo. Além disso, às vezes não quero ser localizada por Wanda Wyndam-Pryce e sua lista interminável de tarefas que ela não pode se dar ao trabalho de fazer pessoalmente. Então me escondo aqui.

Imagino Artemis sentada sozinha naquele espaço escuro só para poder ter um momento para si, e meu ressentimento some ao mesmo tempo que ela desliga sua lanterna. Esse é o motivo de ela nunca ter compartilhado isso comigo. Não era um segredo feliz. Era um segredo cansado, frio e sombrio, e ela sempre tentou me proteger de coisas assim. Estar por dentro nem sempre é um privilégio.

– Não falta muito – ela diz. Coloco minha mão nas suas costas e a sigo enquanto ela vira uma esquina com confiança. Outro espaço vazio se abre ao nosso lado e, subitamente, uma silhueta avança em minha direção.

Seguro o braço da pessoa, girando-a e arremessando-a contra a parede.

Rhys arqueja.

– Sou eu!

Estou com ele imprensado, meu antebraço firme contra a sua garganta. Eu o libero, a vergonha ardendo nas bochechas. O que há de errado comigo que minha primeira reação a tudo hoje é atacar, ferir e matar?

Caçadora, minha mente sibila.

– Muito obrigado, Artemis – Rhys sussurra.

– Ei, isso foi a Nina. – Artemis parece chateada.

– Sinto muito? – Estico a mão às cegas e afago o ombro de Rhys.
– Sinceramente, não foi minha intenção. Nunca acertei alguém antes, nunca ataquei nada e...

Uma memória se forma. Um cemitério. Uma estaca.

Mas nunca consigo me lembrar dos detalhes. Está tão distante de quem me tornei. Talvez eu esteja lembrando errado. Sem dúvidas era Artemis que estava com a estaca, não eu. Eu deveria perguntar isso a ela. De repente, parece importante. Mas não conversamos muito sobre

nossa infância, considerando o incêndio gigante bem no meio dela. Nenhuma de nós quer ficar pensando nisso.

Artemis me puxa para perto dela. Rhys assume um lugar do meu outro lado. Eles pressionam o rosto contra a parede. Vários buracos minúsculos foram perfurados na rocha, alfinetes de luz. São tão pequenos que ninguém os notaria, a menos que colocasse o olho bem colado neles. É isso que eu faço.

É a sala do Conselho. Nosso ponto de vista fica atrás dos membros do Conselho, que estão de costas para nós. Mas não presto muita atenção neles, uma vez que descubro qual, ou melhor, *quem* é o assunto da reunião.

Desejo desesperadamente que ainda reste alguma boca de inferno aberta, porque adoraria que uma me engolissem nesse momento. Qualquer dimensão infernal seria preferível a essa nova realidade.

Porque de pé na frente da mesa está Eve Silvera.

E seu filho, Leo.

A primeira vez que encontrei Leo Silvera, quase morri.

Nós não devíamos estar do lado de fora. Artemis e eu tínhamos acabado de completar doze anos. Era nossa última noite juntos – Artemis, Rhys, Jade e eu. No dia seguinte, Rhys iria se mudar para os dormitórios para começar seu treinamento imersivo para os níveis superiores. Eu estava triste, enciumada e... animada. Porque teria Artemis só para mim. Não teria que dividi-la com seus livros e treinamento. Ela ainda teria trabalho a fazer quando determinassem onde colocá-la, mas não era a mesma coisa que estar no treinamento de guardião oficial. Era ficar à margem. Como eu. Como Jade, também, que tinha falhado no teste. Ninguém ficou surpreso quando isso aconteceu, mas quando Artemis falhou... ninguém sabia como reagir. Eu menos ainda. Artemis não falhava em nada. De algum modo, apenas Rhys tinha sido escolhido para continuar no caminho como guardião com o objetivo de trabalhar em campo e finalmente entrar para o Conselho. Não fazia sentido. Rhys era esperto, mas Artemis também era. E ela ganhava dele em habilidades de combate físico e magia de tudo quanto era tipo.

Como ela tinha falhado?

– Acelerem, seus lerdinhos – Jade disse. Ela caminhava rápido e não me dei ao trabalho de tentar alcançá-la. Estávamos todos indo na direção do mesmo sorvete, afinal.

Rhys ficou para trás conosco, silencioso e distraído. Desde o teste, ele não conseguia nos encarar nos olhos. Imaginei que ele se sentia mal por ter passado e Artemis não.

Artemis tinha sido afetada ainda mais pelo teste. Quando voltou, ela parecia... assombrada.

– Não quero ser uma guardiã – ela tinha dito. Mas ela *sempre* quisera ser uma. Eu não conseguia absorver a ideia de ela não estar no Conselho em algum ponto do futuro distante. Na minha cabeça, ela já estava lá.

Quando tentei falar sobre o teste, ela se recusou. Nos últimos quatro anos ela sempre me apoiara, mas eu não sabia como oferecer o mesmo apoio a ela, então fingia que nada estava diferente. Ela me deixava fazer isso. Era mais fácil para nós duas.

Eu me odiava por isso, mas uma parte de mim estava aliviada. Minha mãe nunca me deixara treinar, então eu nunca teria a chance de ser uma guardiã oficial. Sempre tive ciúmes porque, mais uma vez, Artemis teria sido escolhida. Só que dessa vez ela não foi. Eu não falava com ela sobre isso porque não sabia como melhorar a situação e porque *não queria* que melhorasse. Seríamos excluídas juntas. Trabalharíamos juntas dando suporte aos guardiões. Eu não a perderia para o trabalho em campo como perdera nosso pai ou, pior, para o Conselho, como nossa mãe.

O ar do lado de fora tinha sabor de liberdade. O dormitório cheirava a poeira queimada do antigo sistema de aquecimento, que deixava meu nariz e meus pulmões irritados e me dava pesadelos. Qualquer coisa que cheirasse a fumaça tinha esse efeito em mim. Do lado dos dormitórios ficava o prédio que abrigava os membros do Conselho. Tinha sido convertido a partir de uma catedral e era lindo – suas espirais apontavam para o céu como um aviso para as criaturas das trevas.

A outra vantagem dessa conversão era o fato de ela ser bem desagradável para vampiros. Ao contrário da área escura e selvagem pela qual nos esgueirávamos para chegar à rua mais próxima.

Nenhum de nós deveria ter ficado surpreso quando um vampiro saiu de trás de uma árvore. É claro que havia um vampiro. É claro que ele vinha observando a instalação dos guardiões, esperando alguém ficar sozinho ou vulnerável. Não estávamos sozinhos, mas estávamos certamente vulneráveis.

Eu estava, pelo menos.

– Abaixo-se! – Artemis me empurrou para o chão quando o vampiro atacou. Ela girou para o lado, desviando sua atenção. Eu sabia que deveria correr para buscar ajuda, mas não conseguia me mexer. Medo e pânico me paralisavam. Um vampiro tinha matado meu pai. Outro nos atacara depois que o enterramos. Será que tínhamos sobrevivido apenas para sermos mortas por um hoje?

– Jade! – Rhys gritou. Ouvi o som de um punho golpeando carne e então alguém desabou ao meu lado. Rhys.

Ele estava inconsciente.

– Não! – Artemis saltou nas costas do vampiro. Ele rodopiou,

tentando se livrar dela.

E ele estava *rindo*. Estava se divertindo.

Depois de garantir que Rhys ainda estava respirando, enfiei a mão no bolso interno da minha jaqueta. Meus dedos trêmulos quase derrubaram o frasco de água benta, mas consegui abri-lo.

O vampiro conseguiu segurar Artemis e a arrancou de suas costas.

– Você queria protegê-la? – Ele a arrastou até mim com a mão ao redor do pescoço dela. – A mais fraca? Ela teria me distraído por uns instantes. Você poderia ter salvado a própria pele. Agora terá que vê-la morrer e, depois disso, você também morrerá.

Artemis respondeu, mas sua voz torturada falou comigo – não com o vampiro.

– Nunca mais deixarei você para trás.

O vampiro aproximou-se como um predador. Os olhos de Artemis estavam cheios de lágrimas e medo. Mas não eram um espelho dos meus – porque também continham uma fúria muito mais assustadora para mim do que o monstro que a segurava. O vampiro sorriu. Ele segurou Artemis em cima de mim, tão próximo que eu conseguia ouvir cada respiração tensa.

Eu joguei a água benta. O vampiro mal hesitou.

– Quero que esteja perto o suficiente para ouvir a vida dela deixando o corpo – ele disse para Artemis.

Ela fechou os olhos. Recusava-se a me ver morrer. Eu não queria que ela assistisse, mas me sentia tão mais sozinha sem ela para testemunhar.

Uma breve expressão de surpresa perpassou o rosto do vampiro por um instante, e então ele desapareceu em uma chuva de pó. Eu deitei no chão, tossindo e engasgando com seus restos mortais. Artemis rastejou até mim, mas eu só tinha olhos para o nosso salvador.

Era mais velho que a gente, mas ainda novo. Um adolescente. Tinha cabelo escuro encaracolado caindo quase até os ombros, sobrancelhas escuras e lábios carnudos. Ele era lindo. E tinha me salvado. Ele pegou minha mão, seus dedos longos macios e frios contra os meus. Nós não iríamos morrer. E tudo graças àquele garoto.

– Leo Silvera – ele disse, como se estivéssemos nos encontrando no refeitório. – Vou ajudar a treinar Rhys.

– Athena – eu disse, arfando em um leve ataque de asma. Não sei por que me apresentei desse jeito. Ninguém ali usava meu nome de verdade. Mas eu queria parecer mais velha, mais confiante do que como me sentia. O que era difícil, já que estava com dificuldade de respirar.

Leo ignorou Artemis, se concentrando somente em mim.

– Só respira. Para dentro e para fora, para dentro e para fora.

Você vai ficar bem.

– Promete? – sussurro.

– Prometo, Athena. – Seu sorriso era mais acolhedor e escuro do que a noite ao nosso redor. Era um sorriso no qual eu gostaria de me aconchegar; queria morar para sempre no jeito como ele fazia eu me sentir. – Agora, aonde estamos indo?

– Pegar sorvete.

– Fantástico. Adoro sorvete. – Com Leo liderando o caminho, a noite não me aterrorizava mais. Ele comprou duas bolas de chocolate com menta para mim, e uma hora depois estávamos todos rindo de sua história sobre um encontro com um demônio do caos que tinha virado dono de um serviço de lavagem a seco só para tentar manter suas roupas limpas de suas próprias secreções. Tínhamos esquecido do quanto estivemos perto de morrer.

Quando minha mãe descobriu, fiquei de castigo, restrita aos dormitórios pelos próximos seis meses, mas não me importei. Toda vez que um vampiro surgia nos meus pesadelos, Leo aparecia atrás dele para me salvar.

Com um começo assim, é de espantar que eu tenha ficado agonizantemente apaixonada?

E é de espantar que tenha terminado em desastre?

– Todo mundo a chama de Nina – Artemis contou, verificando a cabeça de Rhys. Eu deveria ter feito isso, mas estava concentrada demais em respirar. Jade chegou correndo. Ela voltara tarde demais – ou na hora certa.

Capítulo

5

– É claro que procuramos vocês – Eve Silvera está dizendo. – Mas o castelo tinha sumido do lugar onde esteve por séculos. Presumimos que tinha sido destruído junto com todo o resto. Imaginem nosso choque quando Helen nos encontrou na Costa Rica! Achávamos que éramos os únicos que tinham sobrado.

É estranho ouvir minha mãe ser informalmente chamada de Helen. Como se fosse uma pessoa de verdade.

Tinha me esquecido da aparência de Eve Silvera. Não interagíamos muito. Só notei a sua existência porque ela era a mãe do meu *crush*. Ela é alta e tem algo forte no jeito de se portar. Seu corpo não se desculpa por sua presença no mundo. Está vestindo um blazer vermelho por cima de calças pretas justas e seus calcanhares conseguem ser agressivos de uma forma elegante. Junto com seus lábios vermelhos e cabelos negros, ela é tudo que eu gostaria de ser quando crescer (e provavelmente nunca serei). Sua voz tem um tom que dá a impressão de que ela poderia cair na risada a qualquer momento. Isso a suaviza, a torna mais humana.

Não me lembrava de nada disso. Nas minhas memórias, ela é só... alta.

Leo, infelizmente, está exatamente como me lembro dele. Seu cabelo cai em ondas até os ombros. Sobrancelhas negras emolduram os grandes olhos escuros. Passei horas incontáveis contemplando aqueles olhos. Imaginando-os voltados para mim, arregalados ao perceber que seu destino era ficar comigo.

Não parei para prestar atenção em seus lábios. Porque literalmente nunca *parei* de pensar neles. Eles eram o assunto de um dos poemas lidos por Honora em voz alta.

Seus lábios são uma promessa

Que adoraria manter

Eles me atormentam acordada

E me provocam quando vou dormir

Seus lábios poéticos se abrem para responder a uma pergunta sobre a Costa Rica. Estou irritada com eles por desperdiçar tempo. O

Conselho não deveria estar conversando sobre o cão infernal? E sobre mim? Mesmo quando faço algo que deveria ter sido impossível, guardiões treinados têm precedência. Como sempre.

Só que a verdade é que Leo mudou. Faz anos, afinal. Ele está mais alto. Sempre foi esguio, mas sua magreza adolescente foi preenchida por músculos, e seu rosto se acomodou na melhor versão de si mesmo. Na verdade, ele está mais bonito do que nunca.

Que cabeçudo!

Sua boca estúpida se abre e sua voz estúpida responde a mais uma pergunta sobre o tempo que passou na América Latina.

– Sim, senhor. Continuei meu treinamento. Tivemos que ser flexíveis, é claro, sem os recursos do Conselho. Meu projeto de guardião foi mais um exame prático do que uma apresentação acadêmica. Estudei os hábitos de um demônio parasita na Venezuela e encontrei uma inoculação mágica que o impediu de se alimentar das pessoas de lá, o que acabou o matando.

– O que ficaram fazendo por aqui? – Eve Silvera pergunta ao Conselho. Ela parece tão legal que me sinto mal por ficar ressentida com sua presença. Mas quero que eles vão embora. Não consigo imaginar por que ficariam aqui muito tempo. Leo provavelmente fará como Honora – ela está lá fora caçando demônios, de olho nas coisas de modo a nos contar se algo grande estiver por vir. Afinal, o que é um guardião sem...

– Caçadoras? – Eve pergunta, completando minha linha de pensamento. – Está me dizendo que não trouxeram nenhuma das novas caçadoras? O que fizeram esse tempo todo?

– Precisamos pensar nas crianças. – A voz de Bradford Smythe é tão grave que parece um rosnado mesmo quando ele está alegre, o que certamente não é o caso agora.

– Sim, mas as crianças sempre existiram. Somos tudo o que restou dos guardiões. Temos uma responsabilidade de fazer nosso trabalho e nosso trabalho não existe sem uma caçadora.

Minha mãe responde. Não me lembro de ela ter um sotaque britânico quando éramos pequenas, mas agora suas palavras são como golpes precisos. Vogais são colocadas em perfeita ordem. Até sua voz mudou quando voltamos para os guardiões.

– Segurança era nossa prioridade. Não podíamos correr o risco de revelar nossa localização depois do ataque. Com tantas novas caçadoras, elas não seriam propriamente verificadas. E então o mundo mudou mais uma vez com a destruição da magia.

– Mas você estava procurando caçadoras – Eve diz. – Foi assim que a encontramos. Perto do vilarejo daquela pobre garota. Chegamos todos tarde demais.

As palavras da minha mãe ficam ainda mais premeditadas, como

se cada uma fosse escolhida por sua total falta de significado.

– Eu estava conduzindo observações de campo relacionadas a caçadoras e em paralelo confirmando o fechamento de todos os pontos de acesso das dimensões infernais.

Artemis se remexe do meu lado. Nós duas sabemos quando nossa mãe dá uma resposta que não é resposta para evitar uma mentira. Por que ela contaria para a gente que estava verificando bocas do inferno se estava na verdade procurando caçadoras?

A voz de Ruth Zabuto estremece.

– Você tem alguma magia, Eve?

Eve balança a cabeça gentilmente, quase como se estivesse se desculpando.

– Desde que Buffy destruiu a Semente da Magia, não vimos mais evidência de magia. E todos os portais se foram. Estivemos viajando também, verificando-os para garantir que não restou nada de que não tenhamos conhecimento.

– Estou surpresa por não termos nos esbarrado antes. – Mais uma vez, o tom da minha mãe é tão cuidadoso que suspeito que exista mais significado por baixo do que está falando.

Wanda Wyndam-Pryce pigarreia.

– É sempre bom ter bastante cuidado nas nossas verificações. Muito bem. – Ela age como se tivesse mandado os Silvera fazerem aquilo. Ela tem um jeito de dizer as coisas que faz parecer que estão todos trabalhando para ela o tempo todo. – Imagino que em breve terá um relatório por escrito para nos entregar.

Ainda estou chateada por isso tomar precedência ao ataque do cão infernal de hoje, mas existem centenas de locais com portais semipermanentes espalhados pelo mundo. Minha mãe só olhou no Reino Unido e nas Américas do Norte, Central e do Sul. Então ainda existe trabalho a ser feito. Uma meta. Uma meta que levará os Silvera para longe daqui antes que eu precise olhar nos olhos de Leo novamente.

Afinal, seus olhos são como *duas piscinas de escuridão, tão escuras e profundas que, quando olho para eles, não consigo respirar*. Ah, como odeio ele. Ou como odeio a pobre Nina de 13 anos.

– Entre as informações de Helen e as nossas, podemos oficialmente declarar todas as bocas do inferno e portais demoníacos inativos. Agora que estamos reunidos novamente, é hora de seguir em frente e nos tornamos guardiões outra vez. É hora – Eve continua, destruindo minha esperança de uma saída rápida deles – de encontrar uma caçadora.

– Já temos uma – Ruth Zabuto diz, descartando a proposta com um aceno da mão.

Bradford Smythe tosse instintivamente.

Minha mãe é a primeira a falar, e seu tom não é mais passivo.

– Não, não temos.

Wanda Wyndam-Pryce aproveita a oportunidade para atacar. Ela sempre odiou minha mãe. Os Wyndam-Pryce já foram considerados a família de guardiões mais prestigiosa de todas, mas seu garoto prodígio, Wesley Wyndam-Pryce – eles adoram aliteração e sentimentos de superioridade – era tão impressionantemente incompetente que foi despedido do Conselho. Wanda nunca superou sua decepção com o fato de meu pai ser muito respeitado como guardião, enquanto o único guardião ativamente designado dos Wyndam-Pryce acabou virando um investigador privado em Los Angeles – trabalhando para um vampiro.

Então Wanda se alegra ao perceber a raiva da minha mãe.

– Ah, sim! Temos motivos para suspeitar que nossa Nina, vejamos, é uma caçadora.

Leo se assusta. Seus olhos se arregalam em direção à mãe, mas ela o ignora. Ele está definitivamente abalado pela notícia, mas mal consigo registrar sua reação porque Rhys faz um som de surpresa e se vira na minha direção. Eu não sei o que dizer, então não digo nada. Mantenho meus olhos na sala.

– Imagine só – Wanda continua –, ser a mãe dela e nunca perceber que ela poderia ser uma caçadora potencial. E a mudança teria que ter acontecido pelo menos dois meses atrás. É estranho você não ter notado algo tão dramático, Helen.

Minha mãe se recusa a morder a isca. Mas sua falta de reação é tão reveladora quanto seria outra pessoa esfregando as mãos. Ela está em pânico. Uma parte pequena e cruel de mim se sente satisfeita. Ela não quer falar sobre isso conosco, mas não pode evitar o assunto com o Conselho.

– Besteira. Nina teria sido identificada pelas nossas videntes. Além disso, ela só matou um cão infernal. Todo membro da nossa comunidade deveria ser capaz de fazer o mesmo. Não significa nada.

Ouvi-la dizer isso de forma tão casual provoca aquela sensação de rebeldia novamente. Porque ela sabe que nunca fui treinada. Ela não deixou que eu fosse. E sabe como me sinto quanto à violência. O modo como matei o cão infernal não pode ser ignorado. Foi como algo despertando dentro de mim que estava dormente por muito tempo, só esperando por uma oportunidade. Algo terrível, poderoso e aterrorizante. Algo sobre o qual não tive qualquer controle.

Bradford Smythe se remexe, virando a cabeça de modo que consigo ver seu perfil. Seus lábios estão apertados com tanta tensão por baixo do bigode que desaparecem. Ele suspira.

– Sinto muito, Helen.

– Não – ela diz. Eu recuo diante do tom, mas Bradford não reage.

– É tarde demais agora. – Ele hesita. Meu coração está batendo com tanta força que me pergunto como não conseguem ouvi-lo através da parede. Então ele dá uma puxada no bigode e fala. – Sempre estivemos cientes de que Nina era uma caçadora potencial.

Rhys faz um som ainda mais alto de surpresa. Artemis pragueja. As paredes são espessas e o Conselho está soltando suas exclamações de surpresa, cobrindo as nossas. Eu cambaleio para trás, perdendo a sala de vista. Não pode ser verdade.

Não pode.

Eles teriam me contado. Não faz sentido não terem feito isso. Sou uma guardiã! Será que eles não aproveitariam a oportunidade de criar uma caçadora potencial como parte da organização?

E minha mãe se esforçou tanto para evitar que eu fosse treinada. Ela insistiu que eu não era adequada para o treinamento. Impediu que eu recebesse até mesmo as instruções de combate mais básicas dos guardiões e me empurrou em direção à cura. Artemis recebeu o treinamento físico.

Bradford Smythe começa a falar de novo e me esforço para me concentrar em suas palavras, apesar de meu coração acelerado e pensamentos dispersos.

– É parte do motivo pelo qual os mais novos estavam aqui quando nossa sede foi atacada. Ouvimos rumores de ameaças às caçadoras potenciais, por isso Helen levou todos os alunos mais jovens consigo: para evitar que alguém mirasse em Nina.

Então não foi mera sorte estarmos longe durante o ataque. Eles estavam me protegendo. Mas por que fazer esse esforço todo para me proteger se nunca pretendiam me treinar ou me contar a verdade?

– Depois que a magia foi destruída e a linhagem de caçadoras terminou – Bradford prossegue –, presumimos que seu potencial não tinha sido ativado em tempo e que ela nunca se tornaria uma caçadora. Aparentemente estávamos errados.

Artemis e Rhys não tinham se movido. Eu conseguia senti-los na escuridão, me encarando em vez de olhar para a sala. Suspeitar que eu era uma caçadora não é nada comparado a saber. E descobrir que essa informação sempre esteve aqui, deliberadamente escondida de mim – e da maioria do Conselho também? Não é apenas um choque. É uma traição.

– Você falhou em informar ao Conselho que sua própria filha é uma caçadora potencial? – Wanda Wyndam-Pryce parece mais arrogante do que furiosa. – Isso exige uma censura total e a revisão da sua posição dentro do Conselho. Da sua também, Bradford, por ser parte da conspiração.

– Que Conselho? – pergunta Ruth Zabuto, com escárnio. – Você acha que devemos banir Helen? Rebaixar Bradford? Por fazer o quê?

Já é tolice o suficiente não deixar a querida Artemis ser uma guardiã oficial. O teste não deveria contar contra ela agora que existem tão poucos de nós. Você e suas regras podem ir catar coquinhos, Wanda. – Ela puxa seu tricô e começa a trabalhar, balançando a cabeça.

Wanda Wyndam-Pryce dá uma bufada.

– Bem, eu não vou deixar essa traição ofensiva das nossas tradições passar ilesa. Não somos nada sem nossas regras. Elas ainda significam alguma coisa.

– A garota está viva por causa do segredo. – A voz de Bradford Smythe é suave, mas clara. – Acho que só isso já justifica a decisão de Helen. Ela tem meu apoio agora, como teve na época.

– E isso significa que temos uma caçadora. – Os olhos de Eve estão iluminados de emoção. Ela coloca as mãos na boca, e posso jurar que está à beira das lágrimas. – Bem aqui. Uma das nossas.

Minha mãe se levanta, empurrando a cadeira para trás com força.

– Ela não é nossa. Ela é minha. Há mil outras garotas lá fora. Se quer uma caçadora, vá encontrar uma de verdade. – Com isso, ela sai tempestuosamente da sala.

Sinto uma mão gentil no meu ombro. Quero me livrar dela. Quero fingir que as palavras da minha mãe – e essas revelações – não significam nada.

Mas, se suspeitava que havia lágrimas nos olhos de Eve, tenho certeza que há nos meus.

– Nina – Artemis diz.

– Você precisa... – Rhys começa, mas eu o interrompo.

– Não consigo falar disso agora. – Literalmente. Eu nem sei como me sinto, muito menos como colocar tudo em palavras. Estou com medo, confusa e furiosa. Minha vida inteira foi uma mentira. – Preciso ficar sozinha.

Cambaleio de volta na escuridão. Tenho bastante certeza de que estou perdida e vou morrer entre essas paredes, mas finalmente esbarro em um beco sem saída e vejo uma fresta de luz do vão.

De volta ao meu quarto, me jogo na cama e encaro o ventilador de teto metálico com a visão borrada. Foi o maior gasto que minha mãe já aprovou. Artemis e eu afiamos as lâminas para ficarem como navalhas. Não foi a única modificação que fizemos no nosso quarto: diversos globos de neve decoram várias superfícies, todos cheios de água benta, ácido e aceleradores de incêndio. As pernas da mesa são facilmente removíveis e afiadas para servir de estacas. Artemis e eu sistematicamente guardamos armas em todos os quartos onde já moramos. Fizemos isso para eu me sentir segura. Para que tivéssemos armas que até eu pudesse usar sem treinamento.

Mas e se eu for a arma agora?

Não só minha vida toda mudou, como minha história também. É

tudo diferente agora. Minha mãe sabia – sempre soube. E ela ainda escolheu Artemis. Ela ainda insistiu para que Artemis treinasse, para que fosse a melhor de nós duas. Será que ela achou – torceu – para a vidente ter errado, e Artemis ser a caçadora em vez de mim? Ou será que ela sabia que era eu e se ressentia de mim por conta disso?

Meu telefone vibra na mesa de cabeceira. Limpo os olhos e o pego, vendo que há várias mensagens desesperadas do Cillian. Normalmente ele só me manda mensagens para repassar para o Rhys ou se tiver um carregamento de suprimentos que vai entregar.

Mas essas são para mim.

Nina emergência por favor venha aqui em casa

Agora mesmo

Nina por favor meu deus

Venha sozinha

Não posso explicar só venha te imploro

Minha adrenalina entra de volta em ação. Pego meus sapatos e saio correndo.

Capítulo

6

Acaba de dar meia-noite. A única luz é da lua quase cheia. Tudo é iluminação pálida e sombras muito escuras. Por baixo da blusa de lã, estou coçando por dentro – sinto meu corpo zumbir ao acelerar pelas árvores, levo um susto com cada estalo de galho e farfalhar de folhas mortas. As mensagens aterrorizadas de Cillian me fazem sentir como se fosse saltar para fora da minha própria pele.

Existe, de fato, um demônio capaz de saltar para fora da própria pele – é daí que vem essa expressão. Quando surpreendido ou em perigo, o demônio literalmente salta para fora da pele e a deixa para trás, assim como alguns lagartos podem soltar os rabos. Eu vi uma ilustração disso uma vez e espero nunca ver ao vivo e a cores.

Comecei com alguma cautela – minha mãe sempre insiste que não devo fazer esforço demais, então, toda vez que vou até a cidade, ando calmamente –, mas agora estou correndo rápido, cada vez mais rápido. Fugindo de quem ela me contou que eu era. A garota que não deveria ser exposta a estresse ou pânico. A garota que não deveria testar seus limites.

Tropeço quando a verdade desliza como uma faca enfiada na bainha. Ela estava tentando evitar que meu potencial de caçadora fosse ativado. Eu acreditava que ela não queria me expor a situações estressantes porque estava tentando compensar o trauma do incêndio. Mas caçadoras potenciais se tornam caçadoras quando atingem maturidade física e enfrentam um momento que exige muito delas. Ela tentou garantir que eu nunca tivesse um momento assim. Foi necessário um demônio interdimensional para ultrapassar a gaiola de segurança e proteção onde ela me colocara. Senão, eu nunca teria me tornado uma caçadora.

E não sei qual opção é pior – nunca saber o que ela escondeu de mim ou ter que ser uma caçadora.

Corro tão rápido que a floresta à minha volta vira um borrão vertiginoso. Pela primeira vez na vida, não faço ideia de quais são meus limites físicos. Não quero testá-los, porque correr tão rápido quanto posso ou aproveitar qualquer uma das minhas novas

habilidades torna mais real o fato de que sou uma caçadora... Uma caçadora! E não quero ser.

Cillian está me esperando quando paro derrapando do lado de fora da sua casa.

Ele parece tão abalado quanto eu.

– O que houve? – Procuro ferimentos, mas ele parece fisicamente inteiro.

– Eu, hã, estou com um problema. Preciso mostrar para você o que apareceu no meu quintal.

Cillian mora em uma casa de campo nos arredores de Shancoom, próximo à floresta. Seu quintal é um espaço pequeno com um galpão parrudo encostado na cerca. Nos dois anos desde que jogamos um castelo no meio das árvores, ninguém no vilarejo o encontrou acidentalmente. Costumávamos ter proteções mágicas para impedi-los, mas no fim das contas as pessoas simplesmente não têm curiosidade em relação à floresta.

Eu só estive na casa de Cillian algumas vezes, mas gosto de lá. É uma casa de verdade. E por mais que eu saiba racionalmente que morar em um castelo é legal, quando entro na casa de Cillian, tenho a sensação de familiaridade e conforto. De um espaço aconchegante, bem cuidado, compartilhado com pessoas que você ama. Uma construção que existe apenas para cuidar de você.

É claro, a casa de Cillian tem estado um pouco mais vazia. Faz seis meses que a mãe dele não volta. Eu tento não perguntar detalhes – não é da minha conta, e dá pra ver pelo modo gentil como Rhys aborda o assunto que é algo sensível.

O que me lembra:

– Por que você não queria que Rhys viesse comigo?

Cillian fica se erguendo nervosamente na ponta dos pés enquanto olha pela porta aberta da frente da casa levemente iluminada, em direção ao quintal escuro e cercado.

– Hã. Você precisa ir lá ver. Aí vai entender.

Sigo Cillian pela casa até a porta dos fundos, minha curiosidade batalhando com o nervosismo. Ele acende os refletores do quintal dos fundos. Alguma coisa deve estar realmente perturbando-o para...

Jogo um braço na frente de Cillian, cada músculo em alerta total, cada nervo em meu corpo gritando lutar ou *lutar*, deixando a fuga inteiramente fora de cogitação.

Tem um demônio ali.

Uma criatura esguia usando uma camiseta do Coldplay e jeans skinny está desmaiada inconsciente na grama. Ele tem a pele amarelo-ácido, chifres pretos e lábios pretos para combinar. O rosto do demônio está machucado e inchado, uma bochecha escamosa cortada até o osso. Por baixo de suas roupas, percebo muitas outras feridas.

Um dos braços está em um ângulo em que – tenho razoável certeza – nenhum braço deveria estar, mesmo conectado a um demônio.

Com isso são dois demônios nas últimas vinte e quatro horas. Ameaçando minha família. Minha casa. Meus amigos. Um surto de fúria cega me preenche, e dou um passo em direção ao demônio.

– É um demônio, não é? – A voz de Cillian me arranca do meu estupor furioso. Eu pisco, tentando me livrar um pouco do mata-mata-mata rugindo dentro de mim. Parece algo que não me pertence, como se meu cérebro tocasse uma música que não conheço. Uma vez, quando ainda morávamos em Londres, Artemis e Jade me levaram escondida para um show. O baixo era tão poderoso que eu podia senti-lo dentro de mim, competindo e dominando meu coração.

Essa é uma sensação similar. Como se meu coração não fosse mais meu. A batida é uma entidade alienígena.

Caçadora, algo lá no fundo sussurra. Empurro a sensação ainda mais para baixo.

Cillian está em pânico. Seus olhos estão tão arregalados que praticamente brilham na escuridão da casa. Ele não cruzou a fronteira do pátio.

– Sei que vocês me contaram sobre demônios, mas não acreditei de verdade. Aquela coisa mais cedo podia ser algum tipo de cachorro maluco, doente, um lobo ou uma hiena. Na Irlanda. Mas isso? Acredito agora.

– Você fez alguma coisa? – pergunto, virando-me para ele. – Conjurou eles? Como? – Conjuração não deveria mais funcionar. Todos os portais se foram, toda a magia usada para atrair os demônios está quebrada.

– Não! Deus, não. Por que eu iria querer isso? Eu não percebi que essa coisa estava aqui fora até uma hora atrás. Não consegui dormir e fui pegar as latas de lixo para coleta antes que me esquecesse.

Embora não possa ignorar a coincidência de ambos os demônios terem sido encontrados perto de Cillian, ainda acredito nele. Cillian sempre foi prestativo. Se ele quisesse nos fazer mal, se tivesse algum plano secreto sinistro, teria feito algo muito tempo atrás. E sei que ele ama Rhys. O modo como se olham é tão doce que praticamente me dá diabetes.

– Certo. Então. Tem um demônio no seu quintal. – Mexo nervosamente no meu cabelo. – Por que você me pediu para vir? Foi porque eu matei... por causa do que fiz com o outro?

Essa é minha função agora? Sou a garota que mata e esfolia?

Ou a garota que quebra pescoços, na verdade, já que não tenho armas. Precisarei de armas se demônios começarem a aparecer em todo lugar. Costumo carregar uma estaca comigo – como um tipo de amuleto de proteção capaz de matar coisas –, mas estacas não servem

para qualquer demônio ou ocasião.

Cillian balança a cabeça.

– Não, não é por isso. Bem, talvez um pouco. Não quero que ninguém saia ferido. Mas não sabemos nada sobre essa coisa.

– Sabemos que é um demônio.

– Certo, mas ele está vestindo a porcaria de uma camiseta do Coldplay. Quão perigoso pode ser algo que veste uma camiseta do Coldplay?

O argumento é bom.

– Então por que falou comigo?

– Porque você conserta pessoas. Está sempre assistindo àqueles tutoriais horríveis de primeiros socorros. E todos aqueles suprimentos médicos que pede para eu conseguir... Você sabe como ajudar pessoas. Acho que... – Cillian diz, dando de ombros, subitamente um pouco encabulado enquanto encaramos o demônio amarelo radioativo. – Acho que ele talvez precise de ajuda.

Sou inundada por alívio e gratidão. Cillian não me pediu para vir aqui matar alguma coisa. Ele me queria aqui para *ajudar*. Sinto vontade de abraçá-lo por ser meu amigo, por pensar em mim do jeito que eu me vejo: como alguém que cura. Sou a garota que conserta as coisas. Não a que as quebra.

Meu instinto inicial de atacar me incomoda e me enche de culpa. Quero pelo menos dar uma chance ao Coldplay ali. Ser uma caçadora não significa que tenho que matar tudo que se mexe.

Na verdade, não faço ideia do que significa ser uma caçadora. E não me importo. Sou uma guardiã, então vou lidar com o demônio do nosso jeito. Estudar primeiro, chegar a uma conclusão bem informada e só aí decidir como agir. Procedimento padrão de guardião em sua melhor forma, como tento dizer a Artemis há anos. Nossa função nunca devia ser a violência.

Indico o galpão com a cabeça.

– Tem alguma coisa ali que podemos usar para prendê-lo?

Cillian faz uma expressão de concentração intensa, então estala os dedos.

– Sim, na verdade. Pode me ajudar a levá-lo para dentro? – Enquanto ele destranca a porta do galpão, cruzo o quintal e pego os braços do demônio.

– Eca! – grito, retraindo as mãos como se tivesse sido queimada. Cillian se vira rapidamente, aterrorizado. – É pegajoso. Ah, que nojeira, é todo grudento. – Estremecendo, tento tocar apenas as partes do corpo dele cobertas pela roupa. Começo a levantar o demônio e quase o arremesso no ar. É tão mais fácil do que eu esperava! Mas não me sinto exultante com essa nova força. É apenas mais um lembrete de que meu corpo é algo diferente do que sempre conheci.

– Como? Como você está fazendo isso? O tal do demônio está cheio de gás hélio ou algo assim?

O nojo do que eu estou segurando retorna.

– Abra o galpão... Meu Deus, a meleca grudenta está vazando pela minha camisa. É minha camisa favorita. Vou ter que queimá-la. A minha pele também. E tudo mais. Só... corre!

Assim que Cillian abre a porta, passo por ele e derrubo o demônio no chão sem a menor cerimônia.

Cillian talvez esteja mais assustado por minha causa do que pelo demônio.

– Você carregou aquele... aquela coisa como se fosse um saco de... coisas que não pesam muito. E isso depois de dar uma de Exterminador do Futuro no cão infernal. Você nunca foi assim. Aconteceu alguma coisa quando matou aquela criatura canina?

– Por *criatura canina* você quer dizer demônio. Exatamente como esta coisa lubrificada desbotada.

– Podemos usar o termo “chifruda” em vez de “lubrificada”? Porque já estou achando isso tudo esquisito o suficiente.

Cillian puxa uma corrente pendurada de uma lâmpada exposta, e a luz joga tudo em alto-relevo tingido de amarelo. O galpão da mãe dele é tão bagunçado quanto as estantes de Rhys, contendo o que parece ser entulho de pelo menos uma dúzia de vidas passadas: apanhadores de sonhos, estátuas de Buda, cristais e incensos, uma pilha de Bíblias junto com o que parece ser o livro dos mórmons e uma pilha inteira de obras de L. Ron Hubbard, diversas estatuetas de deuses de várias tradições e religiões, e uma cesta de shows de caçadores de fantasmas e videntes.

– Bem-vinda ao galpão da apropriação cultural. – Cillian gesticula para abarcar o espaço todo com uma expressão de desânimo. – Pelo menos agora minha mãe está com monges ascéticos, então não trará lembrancinhas. Já estamos entupidos de quinquilharias.

No meio do caos, o único item que está limpo e livre de poeira é uma foto emoldurada do pai de Cillian. Eu nunca o tinha visto. Pego-a para dar uma olhada mais de perto.

– Faz doze anos que ele se foi – Cillian diz. – E ela ainda está tentando encontrar um jeito de restabelecer contato com ele. Com a magia desligada, ela está desesperada por qualquer outra coisa.

– Não posso culpá-la. Ele é bonitão. Parece um pouco com o Orlando Bloom.

– Droga, Nina! Orlando Bloom? – Cillian arranca a fotografia de mim. – Agora não posso desver isso! Meus sentimentos sobre meu pai morto já eram complicados; agora preciso me preocupar que eu seja edipiano, ou seja lá qual for o equivalente de cara-atraído-por-seu-próprio-pai. Juro por Deus que, se sequer pensar em associar mais

homens bonitos a algum familiar meu, nunca mais falo com você.

– Você não tem nenhum problema! Me desculpe. Ele não se parece nada com o Orlando Bloom. Nem com qualquer outra pessoa por quem você já tenha se sentido atraído.

– Só fica calada e me deixa encontrar as algemas.

Dou as costas para a imagem do pai de Cillian, que certamente se parece muito com o Orlando Bloom, e aguardo, mantendo um olho cauteloso no demônio.

– Aqui estão! – Cillian ergue um par de algemas de modo triunfante. Ele estava vasculhando uma caixa etiquetada com o nome do pai. Ela também guarda uma pilha de fotos, o que imagino ser um quebra-cabeça de metal em três dimensões feito de triângulos entrelaçados, um anel pesado e algumas fotografias espalhadas. Eu me pergunto quantas vezes Cillian olhou a caixa para saber que as algemas estavam lá.

Artemis e eu não temos nada do nosso pai. Isso é parte do motivo de gostar tanto da biblioteca. Pelo menos, sei que ele estudou aqueles mesmos livros, leu aquelas mesmas páginas.

Pego as algemas, puxando de leve o metal, com medo de que vá quebrá-las se realmente fizer força.

– Ei, será que quero saber por que tem algemas aqui?

– Pare de me deixar desconfortável em relação aos meus pais!

– Desculpe. Desculpe. Foi um dia confuso. – Eu paro. – Mas sério, por que eles têm algemas?

– Meu pai fazia trabalho voluntário para a polícia local. Eu costumava brincar com elas, então sei que são de verdade.

– Ótimo.

Tem uma uma viga de sustentação exposta na parte de trás do galpão. Eu experimento puxar um pouco e ela mal se mexe. Então, a menos que o demônio seja mais forte do que eu – e nesse caso estamos em apuros de qualquer modo –, deve ser suficiente.

Arrasto o demônio para mais perto e algemo seu pulso à viga antes de amarrar seus tornozelos juntos com um pouco de corda que encontrei em uma das prateleiras – melhor prevenir do que remediar. Hesito perto de seus pulsos, onde feridas e marcas antigas indicam que não sou a primeira pessoa a prendê-lo.

É desconcertante. Não quero causar ainda mais danos. Preciso de Rhys. Ele é uma enciclopédia de variações demoníacas. Eu fiz meu dever de casa – todo, sempre – mas o Conselho oferece a Rhys informações que eu não sou importante o suficiente para receber. Além disso, meu foco sempre foi em corpos humanos. Vai que esse demônio pode incendiar coisas com a mente e, assim que acordar, vamos todos morrer.

Encosto levemente nos pulsos do demônio e ele geme de dor. O

som é suave e vulnerável. Eu o sinto em um nível que não sei muito bem explicar. Entendo o que é ser ferido, precisar de ajuda. Nesse momento, tomo uma decisão. Não posso buscar Rhys porque ele alertaria o Conselho, e, num intervalo tão curto depois do susto do cão infernal, eles provavelmente estariam no modo matar-primeiro-fazer-perguntas-depois. Não quero mais alguma coisa morta por minha causa.

Cillian empurra de uma mesa uma pilha de livros religiosos de folhas douradas e se senta. Eu me aproximo do demônio o máximo que a coragem permite. A ferida no seu rosto parece feia. Icor negro vaza no chão de cimento. Eu olho em torno buscando um kit de primeiros socorros, mas o galpão é um depósito de coisas inúteis – a menos que eu queira aprender os *Sete Segredos de Conjuradores de Espíritos Bem-Sucedidos*. Segredo número um: viver em um mundo onde a magia não está morta.

– Você tem um kit médico? Não sei se demônios podem pegar infecções, mas gostaria de limpar essa ferida e fechá-la. E tentarei consertar o braço dele também. Acho que está deslocado. Se estiver quebrado, não tem muito que eu possa fazer aqui.

Cillian assente, obviamente aliviado de ter uma tarefa. Ele sai correndo do galpão. Eu não deveria ajudar o demônio. Mas me incomoda ver algo ferido e indefeso, sabendo que facilmente poderia ter sido eu a machucá-lo, e que eu estava disposta a isso. Além do mais, se o demônio morrer de choque ou infecção, vai ficar difícil tirar informações dele. Preciso descobrir o motivo de ele estar aqui. O motivo de o cão infernal ter estado aqui. Quem, se é que existe alguém, está por trás de tudo isso. E se há alguma outra ameaça ao castelo ou é tudo uma grande porcaria de coincidência grudenta. Não parece provável, mas não custa nada sonhar. Talvez eu sinta compaixão pelo demônio, mas não sou uma idiota. Ainda é um demônio.

Examino o que está visível do resto do corpo dele – sem a disposição para despi-lo, porque minha piedade definitivamente não vai tão longe. Há outros cortes, mais algumas contusões e o braço deslocado.

Antes de ter tempo de repensar tudo aquilo, Cillian está de volta com os suprimentos.

– Muito bem. – Sacudo as mãos para firmá-las. – Se ele despertar, preciso que você esteja pronto para acertá-lo na cabeça com alguma coisa pesada.

– Então você vai tentar consertar o dano e, se funcionar, vamos machucá-lo novamente?

– Não sei! – digo, esfregando álcool nas mãos. – Acho que só se ele tentar atacar. Isso tudo é novo para mim também.

– Está bem – Cillian diz, pegando um grande alicate de metal. – Antes que você imagine algo perturbador, isso é da fase de costura de mantas da minha mãe.

Coloco um pouco do álcool em uma faixa de gaze e aí paro para pensar que é melhor acabar logo com isso, então derramo diretamente na ferida. O demônio se retrai – Cillian levanta o alicate –, mas não acorda. Cuidadosamente, fecho a ferida e prendo a pele no lugar.

O braço esquerdo do demônio definitivamente não está do mesmo jeito que o direito. A coisa está feia.

– Isso parece deslocado para você?

– Eu não sei!

– Por mil estacas – resmungo. Vou precisar tomar um milhão de banhos para lavar a sensação da pele dele contra a minha. Apoiando uma mão no ombro do demônio, seguro seu braço e puxo. Sinto o estalo quando ele desliza de volta ao lugar. O demônio estremece. Seus olhos oscilam e se abrem por um instante, e posso jurar que o ouço sussurrando “obrigado” antes de desabar inconsciente outra vez.

Mas não dá para ter certeza. Estou distraída demais pelo jeito como seu ombro estalou. Lembrei do pescoço do cão infernal. Um estalo para consertar algo quebrado, um estalo para quebrar algo para sempre.

– Acho que vou vomitar – Cillian diz.

Sinto o mesmo.

Cillian larga o alicate fora do alcance do demônio.

– Significa que o demônio estará pronto para brigar quando acordar?

– Ele está bem amarrado. Ficaremos bem. – Ou assim espero. Esfrego uma coceira no ouvido com o ombro. Não quero tocar em qualquer parte de mim mesma com as mãos sujas de gosma de demônio. E se for contagioso? Às vezes demônios podem infectar pessoas com habilidades, maldições ou outras coisas demoníacas. É por isso eu que estava tão paranoica sobre me sentir diferente depois do dia do apocalipse demoníaco. Por isso que ignorei a verdade enorme e óbvia que eu, entre todas as pessoas, deveria ter imaginado, embora não goste da opção “caçadora” mais do que “infecção demoníaca”. Nem é tão diferente assim.

– Entããã – Cillian diz, esticando a palavra. – Quando você vai admitir que é uma caçadora? – Eu me encolho, e ele dá um sorrisinho de canto de boca. – Eu sabia. Quer dizer, pelo menos nos últimos dez minutos eu sabia. Estive pensando nisso o dia todo e sua força hoje à noite confirma. Mas isso é excelente, não é? Caçadoras são todo o motivo para vocês trabalharem e tal. Agora vocês podem atuar em todas as áreas.

Eu hesito, então deixo escapar:

– Posso te contar um segredo?

– Além dos incontáveis segredos que vocês despejaram em mim nas últimas vinte e quatro horas? Por favor, fique à vontade.

Eu não sei o que as pessoas esperam de mim agora. O que realmente significa ser uma caçadora no meio dos guardiões. Se esperam muito de mim. Ou se, por se tratar de mim, continuarão a não esperar nada. Artemis parece chateada, minha mãe está lívida e Rhys e a maioria dos guardiões estão confusos. Mas eu sei como eu me sinto.

– Odeio caçadoras. Não quero que elas existam, muito menos ser uma.

Cillian me surpreende com um abraço forte. Em todo esse papo de caçadora, ninguém perguntou como eu me sentia a respeito. Artemis queria consertar a situação. Rhys não conseguia acreditar. Eve e o Conselho acharam ótimo. Minha mãe negou a verdade. Mas nesse momento sei exatamente o que quero, do que precisei o dia todo: alguém que simplesmente me apoiasse.

A expressão de Cillian é solenemente sincera.

– Você perdeu muita coisa e isso sempre deixa uma marca. Tudo bem se sentir assim. Você tem minha permissão para pirar.

Dou uma risadinha de escárnio e ele dá um tapinha nas minhas costas.

– Mas que bom que estamos compartilhando coisas um com o outro. Você está compartilhando seu novo status assustador de caçadora e eu estou compartilhando o demônio no meu galpão. Acha que ele vai acordar?

A pele dele tem a textura de um leito de rio seco, toda rachada e descamando, com as seções negras entre rachaduras brilhando com gosma. Não sei se isso significa que ele está mal ou se isso é o normal. Os chifres são pretos que nem as unhas e, suspeito, os dentes. Suas orelhas estão perfuradas com argolas delicadas de ouro, e sua camiseta do Coldplay tem um arco-íris alegre.

– Não faço ideia. Temos muitos livros sobre demônios, mas todos se concentram em, tipo, como os conjurar, controlar e destruir. Nenhum fala sobre como prestar primeiros socorros.

– Você fez o melhor que pode. Com alguma sorte, o demônio levará isso em consideração quando acordar e nos devorar.

– A maioria dos demônios não come humanos. Pelo menos não humanos inteiros. Certos órgãos, certamente. Corações. Às vezes, cérebros. Ou só o sangue. Tem toda uma subespécie de demônio que se alimenta de dentes humanos, e é daí, na verdade, que veio toda a mitologia da fada dos dentes! Mas eles não pegam os dentes embaixo do seu travesseiro. Eles pegam de...

Minha história é interrompida pelo meu telefone tocando no

bolso. Eu o puxo e vejo que a ligação vem da linha principal do castelo. Pega no flagra. Alguém sabe que fugi. Não atendo, porque não quero ter que mentir.

– Preciso ir. Não posso deixar que venham me procurar, não até a gente entender qual é a desse negócio. – Eu paro. – Não quero pedir que guarde segredos de Rhys, mas... – Mas o Conselho manteve segredos de mim. E me sinto tão fora de controle agora, como se estivesse tudo rodopiando para longe. Pelo menos uma vez na minha vida como guardiã, quero estar no comando.

Sei que é irracional proteger um demônio. Mas também parece uma rebelião contra minha vocação de caçadora, e ando em um clima bem rebelde ultimamente. Mas vou contar para Artemis. Ela saberá o que fazer. Ela pode lidar com qualquer coisa.

– Mande uma mensagem se essa coisa acordar – digo. – Voltarei mais tarde para prendê-lo com mais correntes. Até lá, fique fora desse lugar. É melhor dormir na loja.

Acompanho Cillian até lá e volto depressa para o castelo. Corro mais rápido, mas me sinto mais lenta com o peso de tantas perguntas sem respostas.

Levou tempo demais para encontrá-las novamente.

A mãe delas sabia o que estava fazendo. Ela desapareceu. Desapareceu não só do rastreamento convencional como também usou proteções e escudos mágicos para impedir o rastreamento mágico. Mas a assassina era paciente e tinha muitos recursos. Algum dia a mãe cometeria um erro, e então a assassina iria terminar o serviço.

Cerca de um ano depois do fracasso do vampiro, ela teve sua oportunidade. Guardiões eram criaturas de hábitos e, mesmo se escondendo, a mãe respondeu quando um membro do Conselho pediu um encontro. A assassina sabia a data e hora da reunião.

Ela estava de pé perto de uma casa de aparência bem comum em um bairro de Phoenix.

Tudo ali era bege. O cenário. As casas. As auras. Era o lugar menos mágico que ela já tinha visto. Talvez fosse o oposto de uma boca do inferno – uma zona morta de demônios. Até o inferno era preferível ao Arizona.

Provavelmente era por isso que a mãe tinha escolhido o lugar. Com o calor do dia ainda irradiando de uma porcaria de quintal cheio de pedregulhos, a assassina se agachou e observou a casa. As luzes estavam acesas. Ela esperou até ver um relance de cachos ruivos. Então outro. Elas estavam lá.

A tarde virou noite. Ela imaginou as tarefas mundanas que aconteciam do lado de dentro. Banhos. As garotas já tinham idade o suficiente para o chuveiro?

Escovar os dentes. Talvez uma história, uma na qual os monstros eram derrotados e então o livro terminava.

Mas monstros nunca respeitavam finais felizes na vida real. Eles sempre voltavam e insistiam incansavelmente. Eles nunca deixavam de precisar ser derrotados.

A luz do quarto foi desligada. Então, como prometido, a mãe deu um passo para fora da casa. Seus movimentos eram furtivos, paranoicos. Ela entrou no carro e saiu para sua reunião clandestina.

A mãe já deveria ter aprendido.

A assassina botou um pedaço de chiclete na boca. Tinha o vídeo recém-lançado de Titanic em casa esperando como recompensa por finalmente terminar essa tarefa.

– Eu nunca deixarei você ir, Jack – ela sussurrou para si mesma, fazendo um corte na mão e começando a ativar as runas que terminariam a profecia de uma vez por todas.

Capítulo

7

O castelo é uma silhueta gigante na noite. Não é um castelo de conto de fadas, feito de algodão-doce e sonhos com finais felizes. Não é nem mesmo um castelo de pesadelos, cheio de espetos e sombras à espreita. É o equivalente em castelo a uma UTI. Sua função é manter seus residentes vivos. Só isso.

As janelas são em grande parte fendas estreitas, uma herança dos dias de flechas e bestas. Devo admitir que ainda usamos muitas bestas. Algumas das janelas foram ampliadas nos quartos, mas isso foi feito sem capricho e elas são como óculos no formato errado para o rosto. A única torre desabou antes da época dos meus tataravôs, então a construção inteira é um retângulo abaixado. A parede externa já era, bem como os anexos, deixados para trás quando Ruth Zabuto e minha mãe transportaram o castelo para cá. Em vez disso, temos vários galpões mambembes. Uma garagem comprida foi convertida a partir de um estábulo abandonado. A construção toda é tão mal-humorada quanto Bradford Smythe e tão desagradável quanto Wanda Wyndam-Pryce. E tão sem magia quanto Ruth Zabuto.

Ainda assim, é a minha casa.

O que significa que está cheia de pessoas que não posso arriscar encontrar agora. Suspeito que, se eu tropeçar em alguém do Conselho, vou confessar tudo. Um dos dogmas centrais da sociedade dos guardiões é seguir o Conselho. Obedecer a ele. E um dogma menos explícito, nas entrelinhas, é que você não esconde demônios nos galpões dos seus amigos sem contar para o Conselho a respeito disso.

Então, em vez de entrar pela frente, dou a volta até os fundos e localizo o que tenho razoável certeza ser minha janela. Fica no segundo andar. O primeiro andar inteiro do castelo está inacessível. Eles o trancaram quando moveram o castelo para cá. Tem uma luz na minha janela, como um farol. Se eu conseguir chegar no meu quarto, poderei contar a Artemis o que aconteceu e ela saberá o que fazer. Ela sempre tem um plano.

Calculo mentalmente. Fica a uns quatro metros e meio de altura. Tem um parapeito largo de pedra; as paredes têm uma espessura de

meio metro e a janela fica mais para dentro.

Se eu conseguir correr super-rápido, então talvez...

Eu me agacho e salto. Com o braço reto para cima, consigo segurar na beirada com as pontas dos dedos. Espero cair, mas eles aguentam. Eu me puxo para cima, rindo, arrastando meu corpo inteiro para o espaço na frente da janela, dobrada e amassada contra ela.

É aí que lembro que está trancada – e ela abre para fora, não para dentro. Talvez eu tenha força de caçadora, mas isso não melhorou minha capacidade de planejar coisas com antecedência. Talvez seja por isso que Buffy sempre reaja em vez de planejar. Quando seu corpo é capaz de coisas incríveis, é fácil tentar primeiro e se arrepender depois.

Um rosto aparece no vidro e grito, quase caindo para trás. A imagem de Artemis é um reflexo do meu susto. Então ela faz uma careta e fala alto:

– O que diabos estava passando pela sua cabeça?

– Vento, obviamente!

Ela gesticula para as dobradiças da janela. Estou impedindo que se abram para fora.

– Me dê um instante. – Eu me inclino para fora, tentando não pensar no vazio abaixo de mim. A pedra acima da cavidade da janela é áspera o suficiente para eu prender os dedos. Escalo a parede um pouco, me segurando acima do parapeito.

– Venha logo! – diz Artemis, sua voz não mais bloqueada pelo vidro.

Eu me balanço para baixo e para a frente, aterrissando agachada no nosso tapete.

– Você se esqueceu de que temos uma porta? – ela pergunta, sem humor na voz. – Qual é o seu problema? Poderia ter se machucado!

– Mas não me machuquei. O problema foi resolvido.

– Porque eu estava aqui para abrir a janela. O que teria feito se eu não estivesse aqui?

– Eu teria...

Ela gesticula, me interrompendo.

– Você não faz ideia do que teria feito. Porque estou sempre aqui. Você não pode agir como se as coisas estivessem diferentes agora. Não estão.

Eu a encaro de volta.

– Elas estão. Tudo está diferente.

– Nada está diferente! Nada nunca é diferente! Se ficar fingindo que é uma super-heroína, você vai acabar se machucando. É você quem sempre dizia que a violência não é um talento nem uma ferramenta, mas uma muleta. Que as caçadoras se concentram tanto em matar que nunca pensam direito nas coisas, como se fosse possível

resolver tudo no papo com os demônios ou coisa parecida.

– Eu nunca disse...

Ela me interrompe de novo.

– E isso sem falar dos seus sermões de como precisamos ser inteligentes e cautelosos. Priorizar outras soluções, como se meu treinamento de combate fosse algo de que se envergonhar. Mas, assim que ganha alguma força, tudo isso voa janela afora, que nem você!

As palavras dela doem.

– Tecnicamente eu pulei para dentro de uma janela, não janela afora.

Ela nem sorri com a piada.

– Você não entende, Nina? Você nunca foi treinada. É como uma arma de fogo carregada nas mãos de uma criança. Um perigo para todos, mas especialmente para você. Devia ter fugido do cão infernal, não atacado. Como vou te proteger de si mesma?

Meu plano de contar para ela sobre o demônio é descartado. Enfrentando um problema demoníaco, decidi voltar direto para Artemis e jogá-lo no colo dela. Não quero provar que ela está certa. Dependi dela por tantos anos. Mas o quanto disso foi porque realmente precisava dela e o quanto era só fazer o que sempre fizemos?

Sem falar que ela certamente me acharia uma tonta por esperar o demônio acordar para podermos resolver tudo na conversa, exatamente como ela disse. Não posso confiar que ela não vai ferir o demônio antes de termos mais informações. Não quando ela já está tão estressada com essa história de me proteger.

Não vou contar. Alguns meses atrás, viver com segredos dela seria inimaginável. Mas depois dos últimos dois meses tentando esconder meu medo constante das mudanças dentro de mim, quase parece natural.

Desamarro os tênis, tentando agir como se não estivesse escondendo nada. Tentando fingir que as palavras dela não me machucaram.

– Entrei pela janela porque não queria encontrar ninguém. Se você não a tivesse aberto, eu teria pulado de volta lá embaixo e contornado até a frente. Não foi nada demais.

– Para começo de conversa, por que você saiu? Eu te liguei.

Ainda bem que era ela e não outra pessoa.

– Eu não conseguia lidar com o que ouvimos na reunião do Conselho. E não queria roubar seu esconderijo nas passagens, então fui dar uma volta.

Ela amolece um pouquinho e espana seu rabo de cavalo para longe do ombro.

– Da próxima vez que decidir fugir, me conte primeiro. Eu nem

sabia onde você estava. Além disso, encontrei isso sob nossa porta quando voltei. – Ela estica um bilhete espesso cor de creme. Artemis já tinha rompido o selo, apesar do meu nome estar na frente. Alguém tinha escrito com letra elegante o seguinte:

Nina.

Por favor, me encontre às 5 da manhã no centro de treinamento. Devido a certas políticas do Conselho, a discrição é necessária. Até lá, durma bem e lembre-se do poder dos seus sonhos.

É uma letra cursiva tão precisa que parece ser de alguém velho. Deve ser de Bradford Smythe. Ele tem respostas. Ele sabia que eu era uma caçadora potencial desde o começo. E, ao contrário da minha mãe, está disposto a conversar comigo a respeito. Tenho vontade de perguntar a Artemis por que abriu um bilhete que era para mim, mas não quero acirrar as tensões entre nós. Em vez disso, tento aliviar o clima.

– “Lembre-se do poder dos seus sonhos”? Esse é o aforismo mais bobo que já ouvi. Devia ser inspirador?

– Acho que devia ser literal. – Artemis senta de pernas cruzadas na sua cama, as costas contra a parede. – Sonhos de caçadoras, sabe. Para aproveitar a força que conecta a linha inteira de caçadoras.

– Certo. Sim. Sonhos de caçadoras. – Digo isso com um entusiasmo tão falso que Artemis imediatamente sabe que estou mentindo. Ela estreita os olhos. Eu desabo na minha cama e puxo o travesseiro sobre meu rosto. – Não sei o que são essas coisas. Não tive aulas avançadas de caçadora, lembra? – Só estudei as coisas mais básicas. Talvez minha mãe estivesse preocupada de que os professores fossem acabar percebendo que eu estava destinada a ser uma. Talvez ela estivesse preocupada de que *eu* percebesse.

Se eu não fosse uma caçadora potencial, teria sido empurrada para o treinamento de guardiã oficial, como Artemis? Uma vida diferente se abre diante de mim. Uma vida na qual eu seria importante na sociedade dos guardiões. Na qual seria ouvida pelo Conselho, tendo voz e influência.

Mas, se eu não fosse uma caçadora potencial, não teríamos sido levadas para longe para ser protegidas e teríamos sido explodidas junto com todos os outros.

Pelos deuses, não consigo nem odiar ser uma caçadora sem ficar tudo complicado.

– Caçadoras são sempre importantes de estudar – Artemis afirma, em tom de sermão, inconsciente do meu conflito interno. Ela está chateada comigo novamente. – Às vezes seus sonhos são proféticos. A caçadora original se comunica por meio deles, e sonhos costumavam conectar cada antiga caçadora com a próxima. Ruth Zabuto já teorizou que, com tantas novas caçadoras na ativa agora, talvez até existam

conexões diretas de sonho a sonho, como se todas estivessem num grande chat de grupo. Você precisa ler a respeito disso.

– Ótimo. Agora eu tenho ainda mais dever de casa. – Dever de casa que não vou fazer. Não quero ser uma caçadora, muito menos explorar teorias sobre caçadoras. Além disso, a terrível Buffy não apareceu em nenhum dos meus sonhos nos últimos dois meses. Duvido que apareça agora.

A menos que saber que posso fazer isso abra a possibilidade de fazê-lo... Ótimo. Mais uma coisa com que me preocupar.

– Você deveria levar isso a sério! – Artemis exclama.

Arranco o travesseiro de cima da cara.

– Você acaba de me dizer que nada mudou e que eu não deveria agir como uma super-heróina!

Artemis desliga sua lâmpada e a escuridão da noite toma o quarto, nos separando.

– Tanto faz. Faça o que bem entender. Não posso ajudá-la a ser uma caçadora. – É tão atípico de Artemis dizer isso. Nunca em nossas vidas ela me disse para fazer o que eu quisesse. Ela me dizia para fazer o que achava que era melhor para mim. Sendo assim, ou ela não se importa mais com o que é melhor para mim ou não sabe. E está irritada comigo por isso.

Ser uma caçadora é literalmente a última coisa que eu teria desejado. Será que ela não entende o quanto isso está me afetando?

Perceber que Buffy mais uma vez mudou minha vida inteira sem minha permissão me atinge com tanta força que finalmente fico sem fôlego. Porque, se sou uma caçadora, isso é culpa da Buffy. Eu nunca teria sido a Escolhida no antigo sistema de uma caçadora de cada vez. Teria permanecido para sempre uma potencial invisível. E nunca nem saberia. Por mais furiosa que isso me deixe, também parece preferível à atual situação. Talvez minha mãe estivesse certa em manter isso escondido.

Buffy me custou meu pai e, de certo modo, minha mãe. Não vou deixá-la arruinar meu relacionamento com Artemis também. Ela sempre cuidou de mim. Talvez precise sentir que ainda pode fazer isso.

Ou talvez agora seja minha vez de cuidar dela.

Eu não entendia a linguagem que saía da minha boca, mas sabia o que estava dizendo: dando ordens para meu povo acender fogo em lanças, reunir as crianças no centro do nosso vilarejo e fazer tudo que pudesse para deter as hordas de demônios investindo contra nós.

Eu não deixaria que a escuridão os tomasse.

Lutei em uma fúria de sangue e lâminas, cortando e mutilando tudo que se movia. Atrás de mim, meu povo gritava, lutando suas

próprias batalhas. Morrendo. Se eu eliminasse a rainha da horda, seus demônios se dispersariam. Eu só tinha que sobreviver tempo suficiente.

Garras rasgaram minhas costas. Alguma coisa acertou minha testa e sangue escorreu sobre meus olhos. Eu lutava por puro instinto, uma máquina de morte.

E, então, estava enfrentando a rainha. Ela assomou imponente diante de mim, dois metros e meio de músculo, garra, exoesqueleto e morte. Seu grito perfurou meus tímpanos, tornando o mundo um mistério silencioso e pulsante. Eu estava cega e surda. Mas não morta.

Suas garras, venenosas, perfuraram meus flancos e ela me levantou por cima de sua cabeça. Justo como eu tinha planejado. Sorrindo, ergui os braços, dando o sinal. Flechas incendiárias me atingiram e minhas roupas ensopadas em gasolina imediatamente pegaram fogo. A rainha gritou, tentando remover suas garras de mim, mas passei meus próprios braços em torno dela, em um abraço de fogo e morte.

Meu povo estava seguro.

Meu povo era...

Vermelho, e então preto, mas um preto suave. A escuridão do sono. A escuridão de um conflito que terminara e um descanso muito merecido.

Mil vozes suspiraram em uníssono. Eu sorri. Eu sentia tudo. A dor, o medo e a fúria. E agora sentia o orgulho e a paz da sua morte.

A escuridão é arrancada de mim. Ela não é minha. Não ainda. Rolo no chão, engasgando. Tem fumaça por toda parte. Sei que, se abrir os olhos, verei chamas tão escuras e roxas que vai doer só de olhar para elas: as cores são erradas, as chamas são erradas. E verei minha mãe segurando Artemis.

Não consigo respirar. Sou arrancada do sonho por gritos e me arrasto até a consciência, percebendo que meu lençol está enrolado em volta da minha cabeça. Alguém está me sacudindo.

– Nina! – O lençol é puxado.

Minha mão cobre meu coração acelerado.

– Quem estava gritando?

Artemis suspira e se deita ao meu lado.

– Era você. O incêndio novamente?

Nem preciso responder.

– E algo novo. Será que podemos nunca mais falar sobre caçadoras antes de dormir?

Mas, estranhamente, aquele primeiro sonho – cheio de demônios, sangue e morte – não foi perturbador. Eu me senti energizada. Orgulhosa, até. Então veio o incêndio e arruinou tudo, como sempre.

Artemis fica e sou grata por isso. Faz muito tempo que ela não

dorme na minha cama. Mas, mesmo quando brigamos, ninguém me faz sentir tão segura quanto ela. Ela rapidamente adormece outra vez.

Eu não quero dormir. Nem agora, nem nunca.

Meu corpo discorda e deslizo de volta para o sono. O único sonho que tenho é o de uma moça – pequena com dois coques louros – sentada na beirada de um telhado com vista para a ponte Golden Gate. Apesar de a cena ser quieta, sinto a presença pulsante de outras garotas perto de mim. Ao contrário da escuridão que levou aquela que lutava contra a horda de demônios, não existe paz aqui. Todas nós observamos e todas sentimos a mesma coisa, nos alimentando umas das outras em um frenesi.

Raiva. Concentrada nela.

Buffy suspira, seus ombros caindo.

– Lamento – ela sussurra.

Eu nunca tinha sido parte de algo tão grande, tão esmagador. Cercada, me perco na sensação. Eu me entrego. Quero fazer isso. E a fúria se intensifica, um enxame de violência invisível concentrado nela. Temos raiva, somos uma multidão e zumbimos.

E tocamos.

Bip.

Bip.

Acordo em sobressalto, procurando meu relógio. São 4h50 da manhã. Desligo o alarme.

Quem quer que esteja esperando por mim, espero que tenha levado café. E rosquinhas. E um cãozinho.

– O quê? – Artemis pergunta, sua voz abafada pelo travesseiro.

– Tenho aquela reunião com Bradford Smythe. – Quero ficar na cama, fingir que nada mudou, que nada disso aconteceu. Sou tomada pela ansiedade pensando no futuro desconhecido.

Mas fui mantida na ignorância a vida toda. Preciso de respostas antes de decidir o que acontecerá em seguida. E tenho certeza de que acabei de ter sonhos de caçadora, o que significa que, simplesmente por saber do poder, eu consegui usá-lo. O que mais poderia fazer se me entendesse melhor?

– É. – Artemis olha para o relógio e geme. Ela se levanta às 5h45 toda manhã. Odeio privá-la desses últimos minutos preciosos de sono.

– Deixa eu me arrumar.

– Por quê?

Ela me olha com uma cara de sono.

– Vou com você.

– Ah, certo. – Não tinha me dado conta até esse momento que não quero ela lá. O que é novidade para mim. Estou nervosa, mas vai ser pior se ela for. Tenho medo de que ela tome conta das coisas e que eu a deixe fazer isso, porque é mais fácil.

Ela fecha a cara.

– Está bem, então. Se não quer que eu vá...

– Eu não disse isso! Mas não *preciso* que vá. É só uma reunião. Tenho certeza de que você será informada sobre tudo. Você é sempre informada.

– Exceto sobre você ser uma caçadora potencial, pelo visto.

– Isso não é justo! Eu também não sabia, e se tratava de mim.

Artemis suspira e se senta. Seu rosto passa relutante de raiva para compreensão.

– Eu sei.

Um pouco do peso no meu peito se alivia. Vamos conversar sobre isso. Realmente conversar sobre isso. O abraço de Cillian era justo o que eu precisava ontem, mas a compreensão de Artemis é o que eu preciso agora.

– Quem você acha que estará na reunião? – pergunto, tentando me aquecer para as coisas maiores.

– Obviamente estão tentando esconder isso da mãe; senão, teriam chamado você para a sala normal do Conselho em um horário regular.

– Acha que devo fazer isso, se o Conselho inteiro não aprova? – Talvez eu esteja esperando que ela diga que não. Isso me daria uma saída.

Ela esfrega o rosto e puxa o cabelo para trás em um rabo de cavalo.

– Não é como se você tivesse escolha. Você já é uma caçadora. Ignorar isso não vai fazer o problema desaparecer.

Isso dói.

– Eu sei disso. É claro. Mas o fato de não ter escolhas não faz a situação ser menos horrível.

Artemis fica de pé, dando as costas para mim para puxar roupas do armário. Ela vai à reunião mesmo eu tendo dito para não ir. Sua voz é suave quando finalmente responde:

– E desde quando tivemos escolha?

Eu me levanto para ir até ela, mas ela se vira e joga sua seleção de roupas na própria cama, evitando meus olhos.

– Posso treinar você. Além disso, nem sabemos o que vão dizer na reunião. Um passo de cada vez.

– Obrigada – digo, com sinceridade. Eu me sinto melhor com ela ao meu lado, porque ela sempre esteve ao meu lado. Foi ela que conseguiu que eles aprovassem minha clínica no castelo e os fundos para suprimentos, afinal de contas. Mesmo quando não se importa com as mesmas coisas que eu, ela se importa comigo. Começo a repensar minha decisão de esconder o demônio dela. – Escuta, ontem à noite...

Alguém bate na porta.

– Artemis?

É a nossa mãe.

Nós nos entreolhamos com medo. Eu me jogo de volta na cama, fingindo dormir. Artemis abre a porta de leve.

– O quê? – ela sussurra.

– Ótimo, você está de pé. Preciso da sua ajuda para verificar os perímetros e ver se conseguimos determinar de onde veio o cão infernal.

– Me dê um segundo para trocar de roupa.

A porta é fechada. Nossa mãe nunca nos visita a essa hora. Tenho uma leve suspeita de que usou o cão infernal como desculpa para certificar-se de que eu estava aqui. Não abro os olhos, por via das dúvidas, enquanto Artemis se veste e sai. Então me sento, irritada. Não ganho nem o direito a uma conversa, que dirá um pedido de ajuda, mesmo tendo sido eu a responsável pela morte do cão infernal. Artemis ainda é a escolha da nossa mãe. Mesmo sendo eu a Escolhida.

E agora vou chegar atrasada. Ando silenciosamente pelos corredores escuros do castelo, com cuidado para não dar de cara com a minha mãe. O centro de treinamento fica na antiga sala do trono, que foi convertida em um ginásio. Outro aposento que nunca teve lugar para mim. Mas sei onde está.

Entro em tempo de ver uma faca voando pelo ar bem na direção do meu rosto.

Capítulo

8

Levanto a cabeça para encarar a faca, cravada e ainda tremendo na porta no ponto onde minha cabeça estava uma fração de segundo atrás. Estou de costas no chão. Meu corpo sabia como evitar o perigo, mesmo que meu cérebro não soubesse.

– Em situações assim – diz Bradford Smythe, como se estivesse dando uma lição bem ensaiada de geometria –, você deveria segurar a faca. Desse modo evita ser esfaqueada e assume o controle da arma para uso próprio.

– Vou me lembrar disso da próxima vez que alguém arremessar uma faca na minha cabeça! – Fico de pé, furiosa, então congelo no lugar. Porque não se trata apenas de Bradford-Bom-Dia-Aqui-Vai-uma-Faca--Smythe na sala de treinamento. Eve Silvera também está lá.

Com o Leo.

De repente me dou conta – com uma urgência apavorada maior do que a faca havia produzido – de que caí da cama e vim direto para cá. Meu cabelo está uma bagunça de um lado e lambido do outro. Meu rosto provavelmente ainda está amarrotado do travesseiro. E estou vestindo uma camisa de flanela de manga comprida três números maior do que o meu... com um short tão curto por baixo que parece que só estou vestindo a camisa. Estava tão atordoada por conta dos meus sonhos malucos que nem me dei ao trabalho de vestir roupas apropriadas para me esquivar de facas – eu teria que pegar emprestado de Artemis, para começo de conversa. Mas pensei que essa fosse uma reunião para conversar, não ameaçar minha vida.

– Oi, Athena – diz Leo.

Eu havia esquecido. Ele é a única pessoa por aqui que me chama pelo meu nome real. Quando eu era pequena, sempre fui Athena, mas após o incêndio e minha breve estada no hospital, de alguma forma eu virei Nina. Me tornei alguém de quem se toma conta; fui expulsa do panteão grego e ganhei um apelido de bicho de estimação. O modo como Leo dizia meu nome costumava dar um nó no meu estômago, porque eu pensava que isso queria dizer que ele me via, ou me respeitava, ou queria casar comigo quando fôssemos mais velhos, e

então poderíamos ser o casal definitivo de guardiões e salvar o mundo juntos enquanto, quem sabe, também cavalgássemos sob um arco-íris ao longo de uma praia.

(Também havia um poema sobre isso. Nunca fui tão prolífica em nada na vida quanto na minha fase “poesia para o Leo”.)

Puxo minha camisa para baixo, o que faz a gola escorregar por um dos meus ombros. Ah, doce boca do inferno, não estou nem usando sutiã. Quando imaginei reencontrar Leo – algo que eu não fazia com frequência, porque tinha bastante certeza de que ele estava morto e era mais fácil apenas não pensar nele –, sempre tinha sido de algum jeito muito legal. Ele horrivelmente machucado e eu com meus reflexos relâmpago que parava seu sangramento e salvava sua vida, por exemplo. Ou... bem, na verdade todos os meus enredos envolviam ele estar horrivelmente machucado. Era reconfortante. E significava que ele é que estaria envergonhado.

Nenhuma das possibilidades envolvia ele parado profissionalmente ao lado da mãe enquanto eu estava de pijama.

Deuses, eu odeio ele.

– Nina? – Eve chama.

Fecho rápido os dois primeiros botões da camisa e me concentro nela em vez de em Leo. Ela está vestida com a mesma formalidade que na reunião que espionamos, mas agora seu blazer é cinza escuro. O batom combina novamente com ele. Eu me recordo de que não deveria estar espionando a reunião, então deveria parecer chocada ao vê-los ali.

– Oi! Uau, vocês voltaram.

Os lábios dela se torcem em um sorriso divertido.

– Estou totalmente ciente dos segredos desse castelo. Mais precisamente, o fato de não existirem segredos aqui. Não precisa fingir que você não sabia.

Eu me apresso para mudar de assunto, sem querer revelar as passagens secretas.

– Estou feliz de que não estejam mortos! – Oh, deuses, me façam parar de falar. – Quer dizer, pensamos que estivessem. Mortos. E ficamos todos tristes para valer! – A frase soa vergonhosamente falsa, o que faz eu me sentir horrível. Apesar de nunca mais querer ver Leo, era terrível acreditar que os Silvera estavam mortos. – É, hã, bom saber que alguém está vivo para variar. Geralmente é o contrário. Ei, alguém tem outra faca que queira arremessar em mim?

Bradford Smythe deixa escapar uma risada fleumática. Então fica sério, suas sobrancelhas grossas cobrindo metade dos olhos, como musgo barba-de-velho pendurado em uma árvore.

– Nina, criança, você é uma caçadora. – Eu não me dou ao trabalho de fingir que estou chocada. Dou de ombros. O gesto resume

adequadamente meus sentimentos. Ele continua. – Agora que foi escolhida, você tem uma responsabilidade. A vida de uma caçadora nunca é fácil. Isso não mudou mesmo agora que existem mais de vocês. É nosso dever treiná-la, prepará-la para seja lá o que seu futuro reserve. É claro, o treinamento será um desafio. Essa situação é muito irregular.

Ele cruza as mãos atrás das costas e caminha, olhando pensativamente para as paredes. Elas estão cheias de almofadas, armas de treino e armas reais. Eu me preparo enquanto ele para na frente de uma maça presa com corrente de aparência perversa.

– Não podemos simplesmente fazer o Tento di Cruciamantum quando você fizer dezoito anos. Você foi criada por nós, então saberá tudo sobre os relaxantes musculares e supressores adrenais que injetamos em segredo para a caçadora incapacitada ter que enfrentar um vampiro sem suas habilidades.

– Certo. – Espero que meus olhos não estejam tão arregalados quanto parece. – Certo, eu sei de tudo isso, então não tem por que fazer o negócio quando eu completar dezoito anos, o que eu só faço daqui a dois anos. Então, sim, esse teste já era. Não precisa nem agendar. E já que estamos falando disso, tecnicamente eu nunca concordei em ser uma caçadora, certo? Nem disse que treinaria como uma. Devíamos parar e pensar se essa realmente é a melhor opção para todos. – Para *mim*. – Digo, nós nunca nem tentamos encontrar uma das outras caçadoras. Talvez devêssemos fazer isso antes de todo mundo entrar nessa onda de “oba, a Nina mata coisas agora”, que é uma onda bem esquisita, para falar a verdade.

Leo parece envolvido pela primeira vez nessa conversa toda. Antes, seu rosto estava inexpressivo. Agora ele parece ansioso. Impaciente, até.

– O que Athena diz faz sentido. Existem tantas caçadoras agora! Não podemos pedir a ela para fazer algo que não quer...

– Não estamos pedindo a ela – diz Eve, interrompendo-o. – E também não estamos obrigando você, Nina. Mas, treinando ou não, você é uma caçadora. E isso é maravilhoso, e tenho certeza de que é mais do que um pouco desesperador e assustador também. Mas ignorar o fato não muda a situação. Fazer isso seria irresponsável. Perigoso, eu diria.

Estremeço, me lembrando do comentário de Artemis sobre uma arma carregada nas mãos de uma criança. Leo está me encarando. Ele me direciona uma sacudida quase imperceptível de cabeça. Está claro que discorda da mãe. O que me dá mais vontade de escutá-la.

Eve encurta a distância entre nós e coloca as mãos nos meus ombros.

– Você sempre teve tanto para oferecer aos guardiões, mas nunca

foi verdadeiramente utilizada aqui, nunca teve de fato um espaço entre nós. Essa é uma tremenda oportunidade para aprendermos com você. É hora de assumir seu lugar por direito junto ao Conselho. O lugar onde seu pai gostaria de vê-la.

Ainda não quero ser uma caçadora, mas o modo como Eve olha para mim com esperança e entusiasmo de algum modo faz meu medo desaparecer. Meu pai iria querer isso?

– Acho... acho que podemos tentar.

Eve sorri, radiante.

– Essa é nossa garota. – Ela solta meus ombros para avaliar o que a sala tem para oferecer. – Imagino que já tenha passado pelo treinamento de combate básico. – Sua suposição machuca, mas é legal da parte dela me dar o benefício da dúvida.

– Não me deixaram. Minha mãe disse não. Mas eu li a maioria dos manuais! E, é, sei bastante sobre primeiros socorros. Tenho trabalhado como paramédica dos guardiões. Sou realmente boa com curativos. E compressas de gelo. Especialista em montar compressas de gelo.

Ela sorri e há diversão genuína em sua expressão. Nenhum julgamento ou zombaria. Estou tão feliz que ela esteja aqui em vez da estúpida Wanda Wyndam-Pryce.

– Isso é excelente. Amo que você tenha experiência fora do foco tacanho que uma caçadora potencial teria recebido. Como anda seu saber demoníaco?

– Sapiientíssimo! Sou ninja em saber demoníaco. Diga qualquer demônio, eu sei tudo sobre ele. – Na verdade, Rhys é o especialista local em demônios, mas ele gosta de falar e eu não me incomodo em ouvir. A maioria dos meus estudos foi mais concentrada em humanos, mas eu sei mais do que uma caçadora padrão. E definitivamente sei mais do que Buffy, que era conhecida por não gostar de pesquisar ou estudar por conta própria.

Rupert Giles sempre a mimou. Agora ele também está morto, como meu pai. O usual é que um guardião enterre múltiplas caçadoras. Mas Buffy nunca seguiu o *status quo*.

– Me conte sobre D’Hoffryn – Eve pede. – O que sabe sobre ele?

– Ah! Eu conheço esse! – Bato as mãos, animada. Geralmente não fico tão entusiasmada com coisas demoníacas, mas Eve tem uma aura que me faz desejar sua aprovação. Talvez porque eu sinta que ela se importa de verdade, como se estivesse torcendo por mim. Os olhos de Leo se deslocaram de mim para a porta, e suas mãos estão cruzadas atrás das costas. – D’Hoffryn é um demônio verdadeiro, não um híbrido. Ele tem a capacidade de corromper humanos transformando-os em demônios da vingança. Não possui fraquezas conhecidas. Vem para esse plano somente quando evocado por um demônio da

vingança ou atraído por um novo candidato. – Eu paro, pensativa. – Mas... com os portais que se conectam às dimensões demoníacas fechados, será que ele pode continuar criando demônios da vingança? Imagino que não! Então isso é bom. Está aí uma vantagem de não haver magia.

– Você sabe se ele estava na Terra quando os portais foram fechados?

Dou de ombros, desejando poder impressioná-la.

– Não faço ideia.

Bradford Smythe responde.

– Acredito que ele esteja aprisionado aqui. Ele ainda possui suas habilidades demoníacas básicas, mas estará consideravelmente limitado pela falta de magia.

– Ninguém acha que esse pode ser um bom momento para ir atrás de demônios como D’Hofrryn? – Eve pergunta, a testa franzida.

– Não temos recursos. – Bradford não soa ofendido, somente melancólico. – O que vê aqui é tudo o que temos, minha cara.

Eve sorri para mim e o franzido some de sua testa. Endireito minha postura.

– O que vejo aqui é tudo o que precisamos para começar.

Sei que estou corando e não me importo. Nunca havia percebido o quanto precisava da sensação de ser olhada com orgulho e esperança por um guardião tão notável. Ninguém nunca me parabenizou por aprender uma nova técnica de colocar uma tala ou pela capacidade de aferir uma pulsação. Mas Eve, mais do que acreditar que sou uma caçadora, está *feliz* de que eu seja uma. Talvez seja a única.

E o modo como me olha faz eu me sentir como se realmente fosse capaz de assumir a tarefa. Talvez ela seja até a pessoa para quem posso contar sobre o demônio de Cillian. Terei que sentir o terreno e esperar até Bradford Smythe não estar aqui, mas já estou aliviada de antemão por repassar o fardo para alguém mais capaz.

– Helen não pode saber. – Bradford suspira. – Ela é bem-intencionada, mas isso é... complicado.

Eve concorda.

– Famílias sempre são. – Ela se vira para mim e inclina a cabeça de lado. – Tenho uma dúvida sobre o momento. Quando exatamente você sentiu a mudança? Tem que ter acontecido antes da Semente da Magia ser destruída.

– Acho que aconteceu exatamente naquele instante. Por isso não contei a ninguém que me senti estranha. Havia um demônio grande e um tipo de onda mágica de repique, e fomos encharcados de gosma de demônio. Foi quando eu senti como se estivesse... é difícil descrever... sendo desfeita? Como se tudo no meu corpo mudasse, então eu não era eu, mas era mais eu do que nunca. Estava com medo de que fosse

culpa do demônio, então ignorei. Até que o cão infernal atacou e meu corpo simplesmente reagiu.

A expressão de Eve fica maravilhada.

– Nina, se você mudou de caçadora potencial para caçadora no exato momento em que a mágica foi destruída, isso significa que é a última caçadora. De todas. O fim da linhagem que remete até a primeira delas.

O peso daquilo se acomoda sobre meus ombros. Eu não quero esse manto. Nunca pedi por isso. Mas uma parte faz sentido. Fui escolhida por último. Algumas coisas nunca mudam.

Eve aperta meu ombro novamente, depois olha em volta da sala como se imaginasse o que farei.

– Treinaremos você em segredo. Bradford tem razão, sua mãe não pode saber. E, honestamente, não aprecio muito as opiniões políticas de Wanda. Ruth provavelmente não tem uma opinião nem para um lado nem para o outro.

Ainda não sei como me sinto sobre treinar, mas ela está me apoiando tanto que não quero ser ingrata. E treinamento não significa me tornar uma caçadora supercombativa. Significa apenas entender como eu mudei, o que é uma coisa boa. Eu espero.

– Rhys pode participar? – Me sinto uma traidora por não querer Artemis, que já se ofereceu para me treinar, mas é tão mais fácil conviver com Rhys. Eu me sentiria melhor com meu amigo ao meu lado. Se alguém vai ajudar Eve, quero que seja Rhys e não Leo. Ele está praticamente irradiando frieza. Desde que sua sugestão de que eu não deveria ir direto para o treinamento foi ignorada, é como se não estivesse mais aqui.

Eve sacode a cabeça.

– Rhys tem seus próprios estudos para concluir. E não queremos forçá-lo a mentir para sua mãe. É melhor manter isso restrito. Nada de Rhys, Imogen ou Jade. No que diz respeito ao Conselho, só Bradford e eu saberemos.

– Artemis já sabe.

– Tudo bem. Mas sua relação mais próxima deve ser com seu guardião.

Ela acha que preciso de um guardião. É um conceito tão engraçado para mim. Como ser um membro de uma família de pilotos de corrida e descobrir que você precisa do seu próprio motorista. Bradford é velho demais, eu espero. Será Eve. Arrependo-me de todas as fantasias que criei em que ela estava horivelmente machucada e Leo se ajoelhava aos meus pés, soluçando em agradecimento por eu ter salvado sua mãe, para depois ser rejeitado com calma e frieza.

Posso ter hesitado em ser uma caçadora, mas, com Eve como minha guardiã, sinto que talvez possa encarar o desafio. Que talvez

possa ser *incrível*, até. Mostrarei a minha mãe o quanto ela estava errada em me manter de lado. Mostrarei a Artemis que ela não precisa mais se preocupar comigo. E, diabos, talvez possa mostrar a Buffy como uma caçadora deveria ser. As coisas que odeio em relação a ela, as dificuldades que guardiões tiveram com caçadoras ao longo dos séculos – eu posso evitar tudo isso. Tem que haver um jeito melhor de manter o mundo a salvo, um jeito que não dependa tão pesadamente de violência pura. Eu vou descobrir qual é.

– Não vai ser difícil guardar um segredo da minha mãe – digo. – Ela nunca me nota mesmo.

– Seja paciente com ela – diz Bradford. – Ela perdeu tanto! Por isso é tão protetora em relação a você. Mas acredito que seja mais perigoso não a treinar.

Acho que ele não conhece minha mãe muito bem. “Protetora” não é uma boa descrição. Fria. Inflexível. Até mesmo manipuladora, agora que sei a verdade que ela escondia de nós. E “protetora” não é uma palavra que eu usaria para uma mulher que me deixou para trás em um incêndio. Não, a única razão que posso imaginar para ela ser tão contra a ideia de eu ser uma caçadora é que ela odeia caçadoras.

Algo que também odeio. Mas talvez eu só odeie o modo de Buffy de ser uma caçadora. A caçadora da vila no meu sonho na noite passada era incrível. Se ela tivesse alguém para ajudá-la no seu plano, provavelmente até teria escapado da morte. Quero ser uma mistura de caçadora e guardião.

– Minha irmã disse que ajudaria a me treinar – digo. Se Rhys está fora do jogo, Artemis vai ter que servir.

Eve sacode a cabeça.

– Tudo bem ela saber, contanto que possa manter um segredo da sua mãe. Mas Artemis não tem a experiência nem a capacidade para treiná-la.

– Isso não é verdade, ela...

– Artemis é excepcional, mas não recebeu o treinamento completo. Ela tem sido uma assistente e não uma candidata ao Conselho. Temos que dar o melhor absoluto a você, Nina. Você é importante demais.

Meu ego infla e eu nem me importo. Nunca fui importante nesse castelo, nunca fui mais valorizada do que Artemis. Nunca.

Então concordo.

– Excelente – diz Eve. Eu me inclino para frente, esperando um abraço. Querendo um. Mas Eve estica a mão na direção de Leo, olhando para ele com puro orgulho materno. – Tenho certeza de que você e seu novo guardião serão um par perfeito.

Capítulo

9

Assim que Eve Silvera e Bradford Smythe saem, a postura rígida de Leo relaxa e ele sorri para mim. Como se ele não tivesse feito tudo ao seu alcance para evitar que eu treinasse e depois ficado em silêncio mortal quando eles decidiram que eu deveria. Como se, agora que ele foi designado como meu guardião, nós devêssemos esquecer o que aconteceu.

– Não tenho palavras para expressar nosso alívio quando encontramos sua mãe e ela disse que vocês estavam todas bem. É incrível ver você. É como nos velhos tempos. – Ele olha para mim por um momento, e posso jurar que vejo seu rosto ficar levemente corado. – Você mudou. Muito. Cresceu.

– É, acontece. E não é exatamente como nos velhos tempos. Naquela época eu ficava na galeria observando, não na área de treinamento. Nunca.

Ele se encolhe, depois põe o cabelo atrás de uma orelha num gesto nervoso. Então ele também não esqueceu. Ótimo. Quer dizer, péssimo. Queria que tivesse esquecido. Por outro lado, se ele não se recordasse do momento mais humilhante da minha vida, eu provavelmente me sentiria ainda mais ofendida.

– É claro que as coisas estão diferentes – ele diz. – Você é uma caçadora agora. Não estou surpreso.

Eu levanto uma sobrancelha. Ele não queria que eu treinasse e agora diz que não está surpreso?

– Sério? Você é o único.

– Sempre soube que você era especial. Admito que não imaginei que fosse uma *caçadora*, mas isso encerra uma aposta antiga. – Seu rosto se abre em um sorriso astuto. – Apostei cinquenta libras com Honora que você seria capaz de derrotar qualquer um de nós em uma luta um dia.

A menção a Honora é a gota d'água.

– Não quero derrotar ninguém em uma luta. Lutar não faz sentido. Ser capaz de dar um soco na época não tornava nenhum de vocês melhor do que eu, assim como ser uma caçadora agora não me

faz ser melhor do que eu era antes.

Ele se encolhe.

– Tá. Sei disso. É só que... acho que começamos com o pé esquerdo.

– Tipo na hora em que você imediatamente concordou que eu não deveria treinar e que, em vez disso, devíamos procurar outras caçadoras?

A confusão no seu rosto é profundamente satisfatória. Ele dá um passo hesitante para a frente, depois um para trás. Uma pequena parte cruel que existe em mim comemora por deixá-lo tão desconfortável. Leo sempre foi preciso em tudo que fazia. E, nesse instante, ele está confuso. E eu o deixei assim.

Ele balança a cabeça.

– Pensei que alguém deveria oferecer alternativas ao treinamento como caçadora. Parecia que você não queria. E você não deveria ser obrigada a fazer nada que não se sinta confortável ou preparada para fazer.

Não posso culpá-lo por perceber a verdade. Seja como for, sua velocidade para me dispensar foi reveladora. Ele está agindo como se a questão fosse sobre o que eu desejava, mas suspeito que seja mais sobre ele ainda me ver como uma criança patética.

– Todos os guardiões precisam fazer coisas para as quais podem não estar preparados. Artemis sempre fazia. Eu não devo fugir à regra. Se é isso que o Conselho quer, então é minha responsabilidade. – Posso estar fingindo um pouquinho. Mas me recuso a ter a mesma dinâmica de poder que sempre tenho nessa relação, principalmente porque são os *outros* que costumam ter o poder.

A voz de Leo está firme novamente; sua hesitação desapareceu.

– O Conselho não deve valer mais do que você. Em hipótese alguma. Esse é meu primeiro conselho.

– Como meu guardião?

– Como seu amigo.

– Vou mudar de roupa – replico. – E então podemos treinar como guardião e caçadora. Não como amigos.

Ele parece desconsertado enquanto vou embora da sala de treinamento. Por um momento me sinto culpada, especialmente porque ele tinha mesmo razão sobre como eu me sentia. E o fato de que já acreditava que eu era forte, mesmo quando ninguém mais tinha motivo para isso, significa algo, por menor que seja. Mas eu me recomponho. Não quero nada de Leo Silvera. Se ele deve ser meu guardião, que seja. Porém nunca será meu amigo novamente. Devo isso ao meu eu do passado.

Leo e Honora tinham 16 anos. Artemis, Rhys e eu, 13. Diferentemente

de Artemis, Rhys tinha passado em seus testes para guardião no ano anterior.

Aqueles na fila para a posição de guardião ativo (e futuro membro do Conselho) enfrentavam uma série de testes, tanto práticos como místicos, para determinar se seriam aprovados para o treinamento. Havia um bocado de posições diferentes dentro da sociedade dos guardiões, mas todas as pessoas que as ocupavam – membros das operações especiais, consultores místicos, enfermeiras, bibliotecários – eram subordinadas aos guardiões oficiais. Ser um guardião ativo era o objetivo.

Quando não passou no teste, Artemis se tornou uma garota de mensagens. Uma espécie de assistente. Queria que ela se juntasse a mim em meus estudos de enfermagem e primeiros socorros, mas nossa mãe enviou um bilhete dizendo que seria um “desperdício do seu talento”, embora aparentemente não fosse um desperdício do meu.

Rhys já estava estressado por seu projeto de guardião, um estudo profundo que teria que apresentar ao Conselho. Um dos mais famosos era o de Wesley Wyndam-Pryce, que havia traçado a genealogia dos vampiros remontando até o demônio original que os criara. A apresentação tinha durado dezessete dias. Rhys sempre falava disso com um olhar devaneador e saudoso, como se desejasse ter tido idade o suficiente para assistir.

Outro guardião tinha feito um estudo de um vampiro chamado William, o Sangrento. Tentei ler o material uma vez, mas Artemis o tirou de mim, dizendo que era inapropriado, apesar de ter a mesma idade que eu e obviamente já tê-lo lido. Ela não era totalmente uma guardiã em treinamento, mas já tinha acesso a informações que eu não tinha.

Leo e Honora haviam passado no teste três anos antes. Eles já tinham avançado bastante no treinamento e estavam quase prontos para fazer os testes finais e receberem o *status* de guardiões oficiais. Depois disso levaria anos para poderem se candidatar a posições no Conselho, mas eles estavam no caminho certo.

Parte de suas responsabilidades era supervisionar o treinamento mágico e físico de Rhys. Artemis, em geral, trabalhava junto com Rhys, pois a ideia era que cedo ou tarde ela seria sua assistente.

Ela continuava sortuda, de certa maneira. Perto das coisas que importavam. Jade foi passada para operações especiais mágicas. Imogen, como eu, nem recebeu permissão para fazer o teste.

Nós nos sentávamos juntas às vezes, quando Imogen não estava de babá. Subíamos na galeria para espiar a sala de treinamento. Com as pernas enfiadas entre as grades do corrimão, apoiávamos a cabeça nele e assistíamos aos sortudos que treinavam para coisas que jamais poderíamos fazer.

– Você não sente raiva? – perguntei uma vez.

Ela deu de ombros.

– Foi gentil da parte deles me deixarem ficar. Não tenho nenhum outro lugar aonde ir. E não sou como minha mãe. Não quero poder. Quero ajudar. Então, se tomar conta dos pequenos enquanto os pais deles fazem coisas importantes, ajuda... fico feliz de poder fazer isso.

Eu gostava de Imogen, mas não a entendia. Eu teria ficado irritada. Eu estava irritada. Assistia a minha irmã treinar com um corpo que deveria ser idêntico ao meu e a invejava. Queria ter o mesmo nível de facilidade. No nosso aniversário de treze anos, minha mãe deu armas para Artemis. Já eu ganhei uma coleção de DVDs de *ER – Plantão Médico* e *Chicago Hope*.

De início, me senti desapontada, mas depois prodigiosa. Eu *poderia* fazer algo. Poderia ter uma função. Foi quando abri mão do meu hobby anterior e comecei a aprender todas as formas como o corpo humano podia se quebrar, e todas as maneiras de consertá-lo. Era tão importante quanto saber como machucar coisas – se não ainda mais.

Infelizmente, meu hobby anterior era poesia. E tinha sido todo concentrado na paixão que eu nutria desde o ano anterior, quando Leo apareceu, me salvou e fez meu corpo perceber que não só garotos eram superbonitos, como que ele era o mais superbonito de todos os garotos. Cada parte de mim se sentia eletrocutada perto dele. Eu preenchia um caderno depois do outro com rabiscos do seu nome e poema dedicados a ele. Não interagia muito com ele, mas, sempre que isso acontecia, ele era tão simpático que me deixava flutuando por dias. Às vezes almoçávamos na lanchonete do dormitório no mesmo dia. Uma vez, seis meses antes, ele havia recebido dois cookies de aveia com gotas de chocolate. Qualquer dia com chocolate em vez de passas era um deleite. Quando passou por mim, discretamente passou o cookie extra para a minha bandeja. Guardei o cookie até ele esfarelar.

Não havia muitos de nós, mesmo naquela época. Rhys, Artemis, Jade e eu. Imogen. Leo e Honora. Alguns estagiários um ano ou dois mais velhos que eles. E então um hiato até os pequenos. Mas, sempre que Leo me notava, eu me sentia especial. Aquilo era magia de verdade.

Um dia, eu estava quieta estudando sozinha na galeria quando Artemis derrubou uma pilha de livros de feitiços no chão da sala de treinamento. Olhei de relance, sem interesse. Eles não sabiam que eu estava lá. Não devia estar na sala enquanto eles praticavam magia. Mas eu sempre ficava quieta, tentando bisbilhotar um pouco os aspectos do nosso mundo que escondiam de mim.

– Peguei todos os livros que pude que não estavam na biblioteca –

disse Artemis. – Tínhamos alguns encaixotados nos nossos cômodos. Talvez sejam os livros antigos do meu pai.

– Uau. – Honora se sentou perto de Artemis. – Isso pode ser bom! Eles restringem tanto aquilo que a gente pode ver.

Eu odiava Honora Wyndam-Pryce. Artemis a idolatrava. Honora era perversamente inteligente, com uma língua tão afiada quanto as facas nas quais havia se especializado. Era esperta e mortal e, quando Artemis não estava por perto, me chamava de Esbaforida, por causa da minha asma. Ela agia como se fosse um apelido carinhoso. Mas eu já tinha um apelido. Não precisava de um tão cruel.

Além disso, ela era uma Wyndam-Pryce. A família inteira era insuportável.

Eu escolhi ignorar Honora, me concentrando em Leo em vez disso. Ele estava treinando espada com Rhys. Seus movimentos eram fluidos e graciosos. Por causa dele, eu me sentia como se estivesse tendo um ataque de asma no coração.

– Vou pegar o almoço para a gente – disse Artemis. Ela saiu andando, e eu voltei para meus manuais paramédicos. Meu pai havia morrido com um tiro no cérebro. Eu não poderia ter curado isso. Mas havia um monte de coisas que eu poderia curar, se soubesse como. Eu aprenderia todas elas. Com exceção dos métodos mágicos, é claro, porque minha mãe os mantinha fora do meu alcance.

Por isso não vi quando Honora pegou um livro que não devia estar lá.

Honora começou a rir.

– Meu Deus. Esses são os melhores feitiços que eu já li. Quer ouvir?

Só estava prestando um pouco de atenção até reconhecer as palavras. Então, eu congelei.

– Seus lábios são uma promessa / que eu adoraria possuir / Eles me assombram quando acordo / e me incitam quando vou dormir.

Não. Mil vezes *não*.

Alguns meses antes, eu tinha ficado sem cadernos e encontrado um antigo livro empoeirado de magia quase em branco. Então o preenchi com o melhor da minha poesia, apaixonada pela ideia de o meu amor ser escrito como feitiços em um livro de capa de couro. Sempre que escrevia nele, fingia ser um feitiço de amor de verdade que faria Leo perceber que tínhamos sido feitos um para o outro.

Rhys interrompeu seu treinamento.

– O que é isso?

Arrastei-me até a galeria e observei, entorpecida de horror, enquanto Honora lia poema atrás de poema, um mais embaraçoso do que o outro. Mas talvez ela não contasse para quem eles eram. O nome dele estava escrito somente em alguns.

Honora estava em pé, de modo teatral, em um banco diante de Leo e Rhys, recitando cada poema com o deleite de uma intérprete de Shakespeare. Ela não citaria o nome dele. Não faria isso. Mas aí ela olhou para cima, direto para mim, e piscou.

Ela sabia que eu estava ali. Sabia o tempo todo.

– Este aqui é o melhor – disse ela. É um acróstico. Por favor, imaginem as letras descendo pela lateral, começando cada frase. Ela pigarreou. – Aceito viver / Todos os dias na / Hecatombe de saber que / Eu simplesmente / Nunca serei / Alguém importante...

Ela parou.

– Isso formou ATHENA, para aqueles estúpidos demais para soletrar em tempo real. – Ela ergueu uma sobrancelha para Rhys. Tive vontade de correr ou gritar para ela parar. Meu corpo não fez nenhum dos dois.

– Admirar você, contudo / Me desperta otimismo real / Ávida pelo dia em que estaremos bem. – Honora sorriu, exibindo seus dentes brancos perfeitos. – Rhys, o que as iniciais soletraram?

Rhys olhou para o chão.

– Você não deveria estar lendo isso.

– Me dá isso aqui. – Leo esticou a mão, mas ela tirou o livro do seu alcance.

– Soletrou “ama” – disse ela. – E agora vem o *grand finale*: Loucura de amor / É tudo que sinto ao pensar em você... / Orgasticamente.

– Não é o que está escrito! – eu grito. Todo mundo olha para mim, meu rosto pressionado contra as grades do corrimão da galeria, lágrimas descendo pelo rosto. O que eu havia escrito era: Loucura de amor / É tudo que sinto ao vencer / O medo. Ela não só tinha escolhido o poema mais embaraçoso possível, ela o havia deixado pior. Muito pior.

Uma porta foi aberta com força.

– Muito bem, hoje teremos... Nina? Nina, você está bem? Artemis deixou suas bandejas na mesa e subiu a escada correndo. Honora fechou o livro com força, seu rosto vermelho vivo de rir.

Leo ergueu sua espada para Rhys.

– Segunda e quarta posições – disse ele, como se nada tivesse acontecido. Como se Honora não tivesse acabado de expor meu coração inteiro em voz alta na frente dele. Como se eu não estivesse sufocando de vergonha e pânico. Ele nem se importou.

Depois disso, fingi estar doente e não saí da cama por uma semana. Certa manhã, alguém deixou um cookie de aveia com gotas de chocolate do lado de fora da minha porta.

Eu o esmigalhei.

Leo tinha voltado direto para o treinamento, ignorando o pior

momento da minha vida. Ele não corrigiria isso me oferecendo um biscoito.

Finalmente encontrei a coragem para sair do quarto quando ouvi que Leo e sua mãe tinham sido enviados para uma missão na América do Sul. Não muito tempo depois, Honora se formou como guardiã oficial e foi designada para monitoramento de atividade demoníaca na Irlanda.

Rhys nunca tocou no assunto. Quando Artemis perguntou por que eu estava tão chateada naquele dia, perguntei por que ela havia reprovado no teste. Nenhuma de nós respondeu, e nunca mais falamos a respeito disso. Rezei para Leo ir embora para sempre e rasguei cada pedaço de papel que já havia profanado com minha paixão estúpida.

Nossa história deixa um rastro atrás de mim como fumaça enquanto retorno nervosa para o meu quarto. Então Leo voltou. Que seja. Eu me recuso a me importar. Esse era outro problema da Buffy: ela sempre tornava os relacionamentos com seus guardiões tão pessoais! Posso tratar Leo como um colega de trabalho. Ser calma. Tranquila. Serena.

Só que não sou nenhuma das três coisas. E não posso me dar ao luxo de ser calma, não com tudo que está acontecendo, inclusive o demônio que deixei no galpão do meu amigo. Depois que começar a treinar, será ainda mais difícil escapar por aí. Nem penso em trocar de roupa – preciso verificar como está o demônio.

Meu quarto, felizmente, está vazio. Artemis deve ter saído com nossa mãe. Tento não me sentir amarga por conta disso. Sei que é estranho ter ciúme de patrulhar com minha mãe, mas sempre invejei o quanto Artemis é necessária. Meus dias são preenchidos com espaços vazios entre estudar e fazer minhas tarefas no castelo.

Mas acho que isso também vai mudar agora. Pelo menos em segredo.

Havia um único jeito de Artemis ter me ajudado hoje. Eu poderia ter implorado para ela voltar à sala de treinamento no meu lugar. Leo pensaria que ela era eu, ficaria tão impressionado que decidiria que eu não precisava de treinamento e então sairia. Iria embora. De preferência diretamente para um penhasco.

Saio escondida do castelo. A luz é agradável e suave no brilho do alvorecer. Há um depósito onde guardamos as armas e ferramentas que não estão em rodízio regular. O lugar me espera sob a sombra das árvores da floresta que anseiam por recuperar nossa terra. Eu avalio o cadeado pesado que o protege.

Então o giro até o metal estalar.

– Que máximo – sussurro para mim mesma. Ainda não quero gostar de nada relacionado a ser uma caçadora, mas preciso admitir que tem suas vantagens. Dentro do depósito, caixas e prateleiras estão

ordenadamente etiquetadas com a letra de Artemis. Ela organizou as correntes por tamanho e material, bem como se são ou não magicamente encantadas. A última opção não importa muito, mas aprecio sua meticulosidade. Pego um conjunto de correntes de peso médio com grilhões de tornozelos.

Os punhos do demônio estão na minha cabeça como gosma na sola do meu sapato, grudando e puxando a cada passo. Os velhos hematomas em torno de seus punhos contam uma história de cativeiro muito anterior ao galpão de Cillian. Não sei o que significam, mas não quero deixar mais machucados em cima dos antigos. Não até sabermos se o demônio precisa ser morto.

Aceito que possa ser necessário. Guardiões nunca hesitam diante do que precisa ser feito. Mas não tenho que ser cruel nesse meio-tempo, e certamente não tenho pressa de concluir que isso terminará em mais morte. Ansiar por violência sempre parece criá-la.

Coloco as correntes sobre o ombro e corro para a casa de Cillian. Acho que nem os quadriciclos que mantemos na garagem são tão rápidos. Quando chego lá, pulo a cerca direto para o quintal e pego a chave do cadeado embaixo da pedra onde Cillian a escondeu. Encolhendo-me a cada estalo metálico, destranco a porta e a abro, imaginando o demônio de pé, pronto para me devorar.

Ele ainda está caído no chão. Escondo a chave debaixo de uma tigela de cristais sobre uma mesa fora do seu alcance e avanço na ponta dos pés, prevendo um ataque. Então outro medo me assola. Agacho-me, olhando mais de perto. O demônio ainda está respirando. Não sei ao certo se fico aliviada ou desapontada. Passo as correntes na viga e prendo os tornozelos do demônio, observando os grilhões ainda no lugar em seus punhos. Como ele não se moveu, dou uma verificada rápida. Sua ferida no rosto está se fechando bem. Fiz um bom trabalho nela. Quero mover seu braço para ter certeza de que ele tem um ângulo completo de movimento, mas até eu sei que isso seria passar dos limites.

Demoro alguns minutos, mas o demônio está apagado. Talvez para sempre. Sei que não deveria, mas sinto uma pontada de tristeza. Meus anos de estudo de medicina me ensinaram a valorizar todas as vidas e, pelo visto, isso se estende até mesmo aos demônios. Ler sobre demônios em livros horrivelmente ilustrados não é o mesmo que os ver na vida real. Este é menos apavorante e mais patético. Sei que eles não são todos assim – o cão infernal certamente não era, nem a monstrosidade gigante interdimensional –, mas isso faz eu me sentir melhor sobre não alertar o Conselho.

Tranco o galpão novamente, depois pulo a cerca e corro pela cidade até a loja, para atualizar Cillian. Também quero ver como ele está. Garantir que esteja bem. Além disso, um pouco de conforto

açucarado seria bem-vindo. Com a magia em declínio, Cillian mudou o foco da loja de suprimentos mágicos para refrigerantes de todos os tipos – embora eu preferisse chocolate quente esta manhã. Eu me abraço, tremendo, e corro mais rápido.

Adoro a vila pequena. Rochas cinzentas, telhados de colmo e ruas de paralelepípedos serpenteiam pelo vilarejo direto até um oceano aparentemente projetado para complementar o clima. Existe algo de natural em Shancoom, como se fosse somente uma parte da paisagem. Até mesmo a maneira como é projetada parece orgânica, com suas casas agrupadas em torno de uma rua central sinuosa. Muitas cidades na América existem em desafio à terra onde são construídas, mas Shancoom pertence à sua.

A neblina do início da manhã persiste, flutuando pelas ruas como o fantasma de um rio morto muito tempo atrás. Eu o imagino fluindo sobre os paralelepípedos, direto para os penhascos, onde se derramaria em uma cachoeira em câmera lenta rumo ao oceano.

A neblina engana meus olhos. Vejo movimento onde não há nenhum. Corro mais rápido, me sentindo caçada.

Então um rosnado baixo me faz perceber: eu estou sendo caçada.

Fico imóvel do lado de fora da loja de refrigerantes. Posso ver Cillian do lado de dentro, dormindo no chão sob o balcão. A porta está bem trancada. Ele está seguro.

Por enquanto.

Eu me agacho, usando a neblina para me ocultar também enquanto dou a volta na loja, tentando ficar atrás do que quer que esteja me seguindo. A neblina se abre o suficiente para revelar olhos maníacos e uma pele com manchas de aspecto doentio e tufo de pelo crescendo como fungos.

Outro cão infernal. De onde estão vindo? Como me encontrou? Ele fareja o ar e avança direto pelo nevoeiro na minha direção.

Meu primeiro instinto é uma compulsão irresistível:

Atacar.

Meus músculos ficam tensos, o coração dispara, o sangue lateja na minha cabeça.

Respiro fundo. Mandando pensamentos tranquilizadores pelas veias, uso a mesma força de caçadora para conter meus próprios braços e pernas. Eu me forço a pensar como uma guardiã, pensar na situação como um todo. Pensar, pensar, pensar, não me mover.

Isso não tem a ver comigo. Qual é o elo entre os dois contatos com cães infernais? O primeiro seguia Cillian. E agora este está aqui na cidade, não no castelo. Então o primeiro não devia estar nos procurando. Devia estar atrás de outra coisa. Algo ligado a Shancoom e não a Cillian.

É aí que eu percebo: o demônio Coldplay.

Não lavei as mãos depois de segurar suas correntes. Talvez o cão infernal nem esteja me caçando. E o primeiro cão infernal estava logo atrás de Cillian, que tinha vindo da sua casa, onde o demônio ferido provavelmente já estava se escondendo. Sejam amigos ou inimigos do demônio Coldplay, os cães infernais estão procurando por ele. E não vou deixar que o encontrem. Porque, seja lá de que lado os cães infernais estão, eu estou do lado oposto.

Entretanto, Shancoom logo despertará. Cães infernais se concentram em suas presas com uma intensidade inabalável, mas isso não significa que não vão destroçar tudo que encontrarem no caminho. Cansada de me esconder, fico de pé e assovio.

– Ei, cãozinho. Aqui, totó, totó!

O cão infernal para, inclinando a cabeça em confusão. Então ele rosna e se põe em movimento. Eu me viro e disparo, me forçando a correr o mais rápido que posso. Cães infernais são rápidos, mas eu sou mais rápida. Deixo escapar um grito involuntário de alegria, cheia de adrenalina.

Sou mais rápida que um demônio.

Mas por muito pouco. Corro pelo bosque e os galhos me arranham. Salto sobre troncos e me abaixo para desviar de obstáculos. Ouço o cão infernal me perseguindo. Quando avisto o castelo, aumento a velocidade, rezando para não haver ninguém do lado de fora. Dou sorte. Abro a porta para o galpão de armazenamento, depois pulo e seguro na estrutura da porta, puxando as pernas no exato instante em que o cão infernal pula atrás delas. Ele me ultrapassa no embalo, colidindo com as prateleiras.

Caio de volta no chão e bato a porta, aprisionando o cão infernal do lado de dentro. Arfando, considero minhas opções. Aprisionei um cão infernal do lado de fora da minha própria casa. No prédio com todas as armas e correntes que eu poderia ter usado para derrotá-lo.

Alguém enfie uma estaca no meu coração, por favor. O que custava meu cérebro ser tão rápido quanto minhas pernas?

Posso pegar armas na sala de treinamento. Não quero pensar no que terei que fazer quando deixar o cão infernal sair. Decidirei quando chegar nessa parte. Tenho meu próprio guardião agora, mas ele é a última pessoa a quem pediria ajuda. Poderia falar com Artemis, mas...

Eu me viro e grito. Minha mãe está parada bem atrás de mim. Interessante que ela consiga me fazer gritar de pavor, enquanto o cão infernal não teve tanto sucesso. Mas apenas um deles é uma ameaça mortal para mim agora.

– Nina – diz ela –, precisamos conversar sobre ontem.

Agora ela quer conversar? Ouvimos um barulho de algo quebrando no galpão. Soa como uma prateleira sendo destruída. Minha mãe franze a testa, olhando por cima do meu ombro.

Agarro o braço dela, virando-a para o outro lado.

– Estava reorganizando umas coisas. Bati numa das prateleiras e ela ficou solta. Foi mal! Vou consertar. Vamos conversar no castelo.

O cão infernal bate contra a porta. A construção inteira treme com o impacto.

– O que tem aí dentro? – Minha mãe anda na direção do galpão.

Estendo os braços.

– Nada! Só, é, vamos entrar. Pode ser? Por favor.

– Abra a porta, Nina.

Normalmente, a voz dela faria eu me encolher como uma tartaruga. Ela tem sido mais membro do Conselho do que mãe desde que voltou a fazer parte dos guardiões. E sempre obedeci ao Conselho. Talvez seja parte dos meus novos poderes de caçadora – sinto-me compelida a matar demônios e a desafiar os guardiões –, mas não posso fazer o que ela está pedindo. Não dessa vez.

– Não abra. Por favor, confie em mim. Eu cuidarei disso.

A porta treme mais uma vez. Ouvimos o barulho de algo rachando. Temo que ele possa quebrá-la antes de eu decidir o que fazer. E então ele faz justamente isso.

O cão infernal estraçalha o obstáculo e se liberta, dentes e garras preparados. Tiro minha mãe do caminho e caio de costas, usando meu impulso e as pernas para jogar o cão infernal por cima do meu corpo. Ele colide contra uma árvore. Fico de pé num pulo e me viro para encará-lo novamente, punhos erguidos. Estou superconcentrada no cão infernal. Mas uma parte de mim ainda consegue se sentir triunfante por minha mãe estar aqui. Ela verá o que posso fazer. Verá que, mesmo que não tenha tentado me salvar todos aqueles anos atrás, eu posso salvá-la.

Talvez minha mãe me ignorasse quando eu era paramédica dos guardiões, mas não pode me ignorar agora que sou uma caçadora.

O cão infernal dispara na minha direção novamente. Firmo meus pés no chão, pronta para o impacto...

Três estalos altos. O cão infernal cai no chão, imóvel.

Meus ouvidos estão zunindo. Viro-me e vejo minha mãe segurando uma arma. Sua expressão é tão fria e dura quanto a máquina metálica de morte em sua mão. O choque e a violência me deixam perplexa.

Meu pai pode ter morrido por causa de um vampiro, mas foi uma arma que o matou. Como ela pode usar uma? Como pode aguentar até mesmo segurá-la?

Então sou tomada por um pensamento ainda pior: e se for a arma do meu pai?

Minha mãe descarrega calmamente o restante do cartucho na cabeça do cão infernal. Desvio os olhos, o estômago enjoando ao ver o

corpo do demônio se contorcer com a força das balas.

Ela embainha a arma em um coldre de couro que eu nunca havia notado. Não é à toa que sempre veste aqueles blazers volumosos. Há quanto tempo ela vem escondendo uma arma ali? Cada palavra que ela fala é tão certa e perfurante quanto suas balas.

– O mundo não precisa mais de caçadoras. Seja lá o que você pense que é, esse não é o seu chamado. Você não é a Escolhida.

Então ela se afasta de mim. Assim como naquela noite. Como se eu já não soubesse, há anos, que aos olhos dela não sou a pessoa que ela escolheria.

O fogo era roxo.

Mas não um roxo comum. Era roxo de luz negra, um roxo que parecia errado, que fazia meus olhos quererem desviar dele porque não conseguiam encontrar sentido naquilo. Ele era roxo, era negro ou não era nada?

Seja lá o que fosse, ele era quente, enchendo minha pele de bolhas e rachaduras mesmo de longe. A fumaça atacou meus pulmões, arrancando-me do sono e me lançando, tossindo, no chão do quarto que eu compartilhava com Artemis.

– Athena? – Artemis gritou. Deslizei pelo chão até ela, tirando-a da cama e puxando-a para baixo comigo. O fogo estava, inexplicavelmente, sobre a janela. Uma parede sólida de chamas bloqueava nossa saída. Não havia como escapar. Agarrei um livro e o lancei na janela. Ele se desintegrou nas chamas antes mesmo de alcançar o vidro.

Rastejei até a porta. A maçaneta queimou minha mão e deixou uma cicatriz rosa brilhante que eu nunca perderia.

– Fique abaixada. – Tirei um lençol da minha cama e o passei para Artemis, gesticulando para ordenar a ela que respirasse através dele. Eu não sabia se filtraria a fumaça, mas talvez pudesse ajudar. Eu tinha apenas oito anos de idade, mas conhecia o suficiente do mundo para saber que aquele não era um fogo normal. Ele era mágico. Do tipo ruim. Do tipo que minha mãe sabia como combater.

Ela viria. Ela nos salvaria.

Por que ainda não tinha chegado?

Nós nos encolhemos juntas enquanto as chamas se alastravam a partir da janela e alcançavam a parede. Mas a janela não quebrou. Permaneceu perfeitamente intacta, ainda uma chama sólida através da qual eu não conseguia enxergar. Talvez tudo do lado de fora também estivesse pegando fogo. Talvez o mundo inteiro estivesse em chamas.

Finalmente, a porta se abriu violentamente. As chamas a cercavam, intransponíveis, mas no centro dela estava a nossa mãe. Ela emitia um brilho branco e limpo, algum tipo de aura mágica que lhe

permitia ficar entre as chamas sem ser queimada. Tentei correr até ela, mas estava quente demais. Ela olhou para nós, seu rosto muito pior do que as chamas horríveis. Nada é mais assustador do que ver sua mãe com medo.

Ela olhou de relance por sobre o ombro. A casa inteira estava sendo consumida. Ela era o único porto seguro. Após mais um momento de hesitação, ela entrou correndo no quarto e pegou Artemis.

Eu olhei para ela, sem compreender. Naquele instante, o medo da minha mãe desapareceu e seus olhos ficaram duros, do jeito que ficavam quando brigava com a gente por não olharmos para os dois lados antes de atravessar a rua.

– Só posso levar uma de cada vez – disse ela. – Aguenta firme.

Então ela correu pelo fogo, seu escudo se estendendo por cima da filha que ela escolheu salvar primeiro.

Fui deixada para trás.

As chamas se espalharam. A fumaça ficou pior. Esperei, o quarto tão quente que minhas lágrimas pareciam frias no rosto. E então tudo ficou escuro.

Os paramédicos me ressuscitaram. Ela tinha voltado por mim, mas já era quase tarde demais. Ela poderia ter carregado nós duas. Sei que poderia. Mas escolheu levar Artemis primeiro e quase morri. Ela preferiria me perder a perder Artemis. E nenhuma de nós jamais se esqueceu disso.

Enxugo rapidamente novas lágrimas. Estou chorando ou só me lembrando da fumaça? Pelo menos as lágrimas borram a imagem do corpo do cão infernal. Eu me pergunto se minha mãe colocará o castelo em confinamento outra vez. Eu poderia ter explicado a ela de onde ele veio, o que estava realmente caçando, se ela tivesse me dado um segundo para falar. Mas ela nunca faz isso.

Arrasto o cão para as árvores e o escondo perto de algumas raízes. Dessa forma, pelo menos, nenhum dos pequenos vai tropeçar nele se sair para brincar. E, se minha mãe perguntar onde ele está, contarei a ela.

Mas ela não vai perguntar.

Remoção de cadáver resolvida, quero me esconder no meu quarto. Talvez para sempre. Pensei que finalmente estava no controle. Que finalmente seria capaz de realizar coisas para fazer a diferença. Minha mãe me mostrou como eu estava errada.

Envio uma mensagem de texto para Cillian ficar longe de casa. Ele não tocou no demônio, então nenhum outro cão infernal em caçada deve se concentrar pessoalmente nele. A menos que minha mãe vá passear lá com sua arma, Cillian não está seguro em casa.

Ao pensar nisso, corro para o castelo atrás da minha mãe. Ela pode não querer conversar comigo sobre o assunto, mas eu posso conversar com ela.

– Ei! – grito atrás dela. Ela para, mas não se vira. – Não quer saber de onde ele veio?

– Posso determinar isso por conta própria. Não precisa se meter nesse assunto, Nina. Pensei que isso tivesse ficado claro lá fora.

– Eu posso...

Ela finalmente se vira. Há um sorriso colado em seu rosto. Ele é quase tão repulsivo quanto a arma, igualmente frio e metálico.

– Querida, tire o dia de folga. Tem sido uma época confusa para você. Vá ler ou pintar as unhas. Ou talvez tenha algumas tarefas para cuidar na sua clínica.

– Você nunca se importou com a minha clínica.

– Isso é absurdo. Fui eu que sugeri essa área de estudos para começo de conversa.

– Por que fez isso se sabia que eu era uma caçadora potencial? Você me sabotou!

– Sabotei? – Ela tem a audácia de parecer magoada e, por um segundo, quase, quase mesmo, me olha nos olhos. Mas bem quando está prestes a fazer isso, uma sombra passa por seu rosto e ela ergue o queixo. – Sou um membro do Conselho e sua mãe. Tudo que faço é pelo bem dos guardiões. Não questione minhas decisões. – E então ela vai embora. De novo.

Fico olhando para ela, tremendo com as emoções que me percorrem. Então, ergo o dedo do meio para ela.

– Hã. Ei.

Leo está parado na porta da sala de treinamento. Que é onde minha mãe e eu tivemos toda a nossa conversa, a uma distância perfeita para sermos ouvidas. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos e ele se apoia na moldura da porta.

– É efeito do *jet-lag* – diz ele. – Foi uma longa viagem de volta.

– Não invente desculpas para ela. – Limpo depressa as lágrimas sob meus olhos. Não vou aguentar outra humilhação. Chorar na frente de Leo, a estrela da maior humilhação da minha vida? Não vai rolar. Não vou deixá-lo ver o que minha mãe obviamente vê: que eu sou fraca. Que não mereço ser uma caçadora. Que ninguém precisa que eu seja uma.

Quando ela me colocou no ramo de estudos médicos, me senti orgulhosa. Achei que ela tinha notado que eu seria boa nisso, e dei duro para provar que ela tinha razão. Mas, na verdade, ela estava me escondendo. Colocando-me onde ninguém jamais veria meu potencial.

Incluindo eu mesma.

Passo por ele batendo os pés e entro na sala. Mal dormi na noite

passada, mas estou agitada como se tivesse tomado quatro xícaras de chá. Quero bater em alguém.

– Estou pronta.

Ele me segue, ganhando tempo.

– Mães guardiães são... difíceis. Mesmo as boas.

– Você tem sorte de ter uma boa.

– Estou falando da sua mãe.

Eu bufo.

– Bem, obviamente você não conhece ela.

– Não, acho que não. Mas fiquei sozinho com a minha durante três anos. Foi... – Seu rosto fica sombrio, mas ele se recompõe. – Só estou dizendo... o que estava tentando dizer mais cedo. Estou feliz de estar de volta. Estou feliz de estar aqui de volta, com você. Com todos vocês. Tive os momentos mais felizes da minha vida na época do meu treinamento.

Afe, não quero baixar a guarda para ele. Mas penso no que ele disse e me pergunto pelo que ele passou nos últimos anos, lá fora sozinho com Eve. Ele provavelmente viveu traumas que nem consigo começar a imaginar.

– Bem, alguns de nós não puderam treinar. Então vamos compensar agora. – Gesticulo intencionalmente para as paredes. Ainda queria que nada disso estivesse acontecendo, que eu não tivesse essa força poderosa e fervilhante dentro de mim. Não posso deixar de notar que deveria estar exausta, mas em vez disso meu corpo parece... desapontado porque não cheguei a lutar.

Minha mãe tirou o controle de mim novamente ao lidar com o cão infernal. Não quero mais que isso aconteça. Posso usar meu poder para ser quem eu quero ser.

E agora uma parte de mim quer se tornar a caçadora mais durona e destruidora de otários que já existiu, para eu poder esfregar minhas proezas no rosto da minha mãe.

Então: prioridades. Treinar para transformar esse desastre em algo mais razoável, de modo que eu possa aproveitar cem por cento seja lá o que eu for. E, fazendo isso, provar que minha mãe está errada.

Leo se posiciona no centro de um tapete largo que ocupa a maior parte do chão. Há um pouco de barba rala ao longo de sua mandíbula estreita. Suas bochechas escondem as covinhas que sei que estão espreguitando sob a superfície. As olheiras profundas são novas, porém. Ele sorri gentilmente para mim.

Quero acertá-lo. Com força. Devia ter perguntado a Artemis como ela torceu o tornozelo de Jade.

Odeio a violência correndo nas minhas veias. Mas ainda me lembro da sensação, naquele dia horrível de poesia, de ver Leo voltar

a praticar como se nada tivesse acontecido. Contudo, não posso rejeitar sua ajuda. Não importa o quanto queira fazer isso. Então, firmo o corpo e finjo que não sou mais a criança chorona no corrimão. Porque não sou.

Sou uma caçadora.

Leo finalmente percebe a minha linguagem corporal e para de sorrir.

– Sua força e instintos naturais já estão aí. Não podemos ensinar isso a você, e não precisamos. Mas o que podemos ensinar é técnica. Analisar as melhores maneiras de reagir, as melhores maneiras de acertar um golpe, de modo que, somando isso às suas habilidades inerentes de caçadora, você seja uma lutadora tão eficiente e capaz quanto possível. Também iremos nos dedicar ao treinamento com armas.

Treinamento com armas. Afe, é claro. Eu evito todas elas, menos estacas. Acho que isso vai ter que mudar agora. Já que estou indo contra a minha natureza, é melhor escolher a última coisa que eu pegaria normalmente. Agarro um conjunto de *nunchakus* terrivelmente pesados.

– Parece ótimo. – Giro-os cautelosamente, depois mais rápido. Eles borram no ar. Vou mostrar ao Leo que não sou a garotinha fraca e inocente da qual ele se lembra.

A última coisa que vejo é um dos bastões de madeira vindo direto para a minha cara antes de eu desmaiar.

Capítulo

11

Uma garota caminha pelo chão de linóleo rachado de um apartamento minúsculo. Seu cabelo azul brilha como se estivesse debaixo d'água, e não consigo ouvir o que ela está dizendo, mas sinto pulsações vermelhas intensas de raiva, com uma corrente profunda de medo fervilhante de um preto muito escuro. Há uma imagem da ponte Golden Gate presa na parede por uma faca longa e afiada.

– Buffy – sussurramos ao mesmo tempo.

Então a garota está em um depósito, todo preto exceto pela luz pendurada sobre sua cabeça. Ela está amarrada a uma cadeira, o rosto sangrando. Uma mulher lambe o sangue, sorrindo enquanto seu verdadeiro rosto é revelado. Vampira.

– Dublin é nossa, Cosmina – ela diz, afagando a cabeça da menina. – Você sabe disso. – Ela acerta a lâmpada e ela balança com força, revelando uma placa desbotada da Siderúrgica O'Hannigan e depois voltando para iluminar o cabelo azul da menina.

O clarão azul se transforma em uma luz ofuscante que passa a ser vermelha, depois azul novamente. Uma garota que parece incrivelmente forte e poderosa – cada músculo desenvolvido, seu abdôme como um barril de pólvora – é algemada e colocada no banco traseiro de um carro de polícia. Um policial segura uma sacola, intrigado com as estacas lá dentro.

Vermelho e azul e vermelho, vermelho, vermelho; a raiva da caça-vampiros pisca com as luzes.

– Buffy – dizemos juntas.

Um lampejo de vermelho me faz fechar os olhos e, quando os abro, vejo uma figura sentada na beira do telhado de um prédio. Ela é pequena, como eu, seu cabelo loiro preso em dois coques no topo da cabeça. Bonita. Gentil. Talvez para contrabalançar todas as coisas que já fez.

Não consigo ver seu rosto, mas percebo por seu corpo – ela está triste. Exausta.

E, ao redor dela, pulsando com o meu coração, sinto a fúria de mil caçadoras como eu. A sensação lambe o ar, me acariciando, me

girando mais para perto e alimentando a chama dentro de mim cada vez mais até que eu não consigo entender como ela pode respirar, muito menos se sentar lá sem sentir isso.

– Buffy – respiramos em uníssono.

Ela olha para cima.

Antes que eu possa me afastar da raiva coletiva para dizer a ela como me sinto – como a odeio, como ela arruinou minha vida, como ela é egoísta e não merece nada que possua, nem qualquer coisa que foi sacrificada por ela – sou puxada para longe. Smythe, com cara de morsa, está deitado na cama, roncando. A escuridão ao redor dele se agita, depois toma forma e se acomoda, um preto mais escuro em cima de seu peito. Ele sorri, e seu rosto está cheio de um desejo tão intenso que sinto asco só de testemunhar. Sua respiração fica pesada. Os olhos atrás das pálpebras se movem loucamente, mas ele não os abre, não se mexe.

– Você é tão inosso – sussurra uma voz sombria. Depois faz uma pausa, voltando-se lentamente para mim. Abro minha boca para gritar e...



– Eu não sei! – grita Artemis. – É a Nina que sabe de tudo sobre concussões.

– Pupilas desiguais – eu gemo. Tento me sentar, mas não consigo. Por que estou no chão? – Inconsciência. Tonteira. Confusão. Você está bem? Como conseguiu uma concussão?

Rhys põe o rosto bem na frente do meu.

– Bem, já são três sintomas de quatro. Deixe-me ver suas pupilas.

– Não! – Puxo a cabeça para longe, o que a faz girar. – São minhas! Alguém foi ver Cosmina?

– Athena – diz Leo, e congelo. Ah não. Mil vezes não. Os *nunchakus*.

– Estou bem! Lembro o que aconteceu. – Infelizmente. Deixo Rhys verificar meus olhos até ele se convencer de que estão com a mesma dilatação. – Vocês não deviam estar aqui – eu digo.

– Leo foi correndo chamar ajuda. Fui a primeira pessoa que ele viu. Então acho que agora sei que você está treinando. – Rhys sorri para mim. Estou aliviada que ele saiba. Podemos confiar nele, e não quero nenhum segredo extra neste momento. Já basta os que tenho. Artemis pressiona uma compressa de gelo na minha testa. Estou chateada, porque isso significa que ela mexeu nas minhas coisas na clínica. Aquele é o meu cantinho. Também estou irritada por Eve ter se juntado a nós. Ela observa tudo com um olhar preocupado, mas pelo menos não está exasperada. Seria mais vergonhoso se estivesse.

– Então talvez seja melhor começarmos com algo mais básico e

prático do que *nunchakus*. – Leo estende a mão para me ajudar a levantar, mas prefiro a de Artemis.

– Quem é Cosmina? – pergunta Eve.

– Cabelo azul. Sequestrada por vampiros. – Eu paro, a testa franzida. – Não conhecemos ninguém chamada Cosmina, conhecemos?

Preocupada, Artemis se aproxima para examinar minhas pupilas também.

– Não conhecemos, não.

Eu a afasto com delicadeza.

– Foram só sonhos estranhos. Eles pareciam tão reais. Viram o Bradford Smythe por aí?

– Eu o vi no café da manhã – diz Artemis.

– E ele parecia... bem?

– Tão bem quanto um velho rabugento consegue parecer. Por quê?

– Por nada. – Então isso descarta sonhos proféticos. Embora eu não saiba ao certo se ele realmente estava sob ameaça ou não. Ele parecia estar gostando de... seja lá o que estivesse acontecendo. Eu estremeço.

Artemis franze o cenho, pensativa.

– Apesar de, agora que você tocou no assunto, ele estar um pouco mais pálido do que de costume. Acho que todo esse estresse de você se transformando em uma caçadora e o lance do cão infernal pode estar começando a afetá-lo...

– Bradford já resistiu a coisa pior – Eve intervém. – É função dele lidar com esse estresse e muito mais. Vamos manter o foco. O tempo pode ser essencial aqui. – Ela franze os lábios pintados de preto. – Essa Cosmina... Você disse que ela foi sequestrada. Acha que pode ter sido um sonho de caçadora?

Sondo gentilmente as bordas do galo na minha testa. Será ótimo ser lembrada desse novo vexame toda vez que me olhar no espelho. Por favor, o mínimo que ser uma caçadora pode fazer por mim é curar esse hematoma em tempo recorde.

– Hum, talvez? Tinha um monte de coisa acontecendo. Relances de coisas que eu não consegui entender com vampiros e Buffy e um...

– Faço uma careta e meus pensamentos voltam de repente para Bradford Smythe. Vou considerar o golpe na cabeça como o culpado por essa parte. – Definitivamente nem tudo era verdade.

– Mas essa Cosmina, você acha que ela era uma caçadora?

Eu me agarro aos resquícios do sonho. A imagem na parede. A menção à Buffy. E os vampiros...

– Pode ser? Sim. Provavelmente uma caçadora. E se essa parte for verdadeira, talvez o restante também seja. Ela precisa de ajuda. – Eu sei disso de um jeito que não consigo explicar.

Felizmente, a julgar pelo olhar de Eve, não preciso fazer isso.

– Como podemos encontrá-la? – ela pergunta. Leo remexe os pés, seu rosto se fechando. Deve estar se submetendo a ela. Então, apesar de ser meu guardião, ela ainda manda nele. Gosto disso. Confio em Eve. E nunca escrevi um só poema sobre ela.

– Precisamos mesmo encontrá-la? – Artemis morde o lábio, claramente debatendo algo consigo mesma. Não preciso de meu instinto de gêmea para ver que ela tem informações que gostaria de não ter.

– Não acho que eu teria sonhado com ela se não precisasse de ajuda. – Eu me lembro de outro sonho que tive, aquele com a caçadora e a horda de demônios. – Da última vez que sonhei com uma caçadora, ela morreu. No sonho. Mas Cosmina ainda não está morta. Talvez isso signifique que ela ainda pode ser salva. – Digo isso pensando que Eve e Artemis farão o resgate. Minha boca fica seca quando percebo que foi meu sonho. Minha responsabilidade. Não estou pronta para ser a supergarota que salva o dia.

– Então é caso de vida ou morte – diz Artemis.

– Quer dizer, não tenho como ter certeza. Mas parecia vida ou morte. – Quero que Artemis acredite em mim. Preciso disso. Ela sempre foi a pessoa que estava lá por mim, me protegendo. Nunca tive a chance de protegê-la, não de um jeito significativo. E sei que ela está preocupada por eu não estar pronta para ser uma caçadora, mas se eu puder salvar Cosmina, se puder provar que posso ser uma boa caçadora ajudando pessoas em vez de machucá-las, talvez ela se sinta melhor a respeito disso. Talvez eu também me sinta.

Artemis suspira.

– Sei como podemos encontrá-la. Existe um... banco de dados. De caçadoras.

– O quê? – Eve não parece feliz. – Por que nunca me disseram?

Rhys e eu trocamos olhares igualmente perplexos.

– Desde quando? – pergunto.

Artemis desfaz seu rabo de cavalo e o refaz ainda mais apertado.

– Minha mãe criou um. Ela disse que era secreto e para eu jamais tocar no assunto. Então acho que o restante do Conselho não sabe.

Tento não mostrar o quanto estou magoada por Artemis ter guardado segredos de mim novamente. E dessa vez é pior, já que é um segredo que ela compartilha com a nossa mãe. No que diz respeito à minha mãe, sempre pensei que Artemis e eu formássemos um time. Nós contra ela. Mas pelo visto não é o caso.

– Por que ela teria um banco de dados de caçadoras? Ela sempre se opôs a arrumar novas caçadoras para orientarmos. Disse que era uma ameaça à segurança.

– Ela o montou pouco tempo depois que mudamos o castelo para

cá. Só sei da existência dele porque fui eu que a ensinei a usar todos os programas. O Conselho dos Guardiões não é conhecido exatamente por entender de tecnologia. – Artemis olha timidamente para Eve, que ri.

– Isso é verdade. Se algum deles usasse celular, talvez eu pudesse ter encontrado todos vocês dois anos atrás. Mas estou intrigada com essa informação. E, se ela pode nos ajudar a salvar Cosmina, então devemos utilizá-la. Caçadoras estão vulneráveis lá fora, sozinhas. É nosso dever protegê-las. Não sei por que Helen não compartilhou isso ou fez das caçadoras uma prioridade. É preocupante. – Ela pega os *nunchakus* e os devolve para o lugar deles na parede. – Sua mãe tem mantido segredos demais do Conselho. Eu a respeito tremendamente, mas não consigo entender suas decisões. E se pedirmos o banco de dados a ela e ela se negar a nos mostrar?

– Não pedimos – eu digo, ainda com raiva da minha mãe por conta dessa manhã. E, bem, pelo resto da minha vida. – Nós só pegamos. – Então, pensando nos eventos da manhã, me lembro de um complicador. – Estamos em confinamento de novo? Se estivermos, não vamos conseguir salvar Cosmina em tempo, mesmo se pudermos encontrar seus dados.

– E por que estaríamos? – Eve pergunta.

Então minha mãe não contou a eles sobre o cão infernal. Isso é esquisito e um pouco preocupante. Mas não vou admitir que atraí outro cão infernal para a nossa porta da frente – e que foi minha mãe que o matou, não eu. Pergunto-me por que ela não achou que o ataque valia um confinamento. Ela não sabe que suspeito que o cão infernal estava procurando o demônio e não tinha nenhum propósito no castelo além de me perseguir. Será que não quer que todo mundo fique sabendo o quanto eu ferrei com tudo ao trazer o cão infernal para cá? Se for o caso, seria quase gentil da parte dela. Não consigo imaginar que seja esse o motivo, embora não consiga pensar em nenhum outro.

– Por nada – digo. Não sei se estou acobertando minha mãe ou se ela está me acobertando.

Eve nos promete uma hora. Damos a ela um tempo para tirar minha mãe dos seus aposentos. Depois, Artemis, Rhys, Leo e eu corremos para a ala residencial dos integrantes do Conselho. Eles ficam na ponta sul, que é mais fria durante o verão e mais quente durante o inverno. Nossa ala originalmente abrigava os cômodos dos serviços. Os quartos são claustrofóbicos e os corredores parecem labirintos. Mas esta ala abrigava as pessoas importantes tanto no passado como agora. Os corredores são largos o bastante para todos andarmos lado a lado e os tapetes são macios sob nossos pés. As janelas aqui foram

modernizadas mais cuidadosamente e, embora ainda sejam estreitas, o vidro realmente se encaixa.

Leo fica de guarda na entrada da ala. Ele irá nos avisar se minha mãe estiver a caminho, mas com alguma sorte não precisaremos de muito tempo. Os aposentos dela ficam no final da ala. Eu me pergunto que porta esconde Ruth Zabuto, murmurando sobre relíquias mortas e cristais inúteis. Passamos por uma porta minuciosamente cercada por vasos. Tenho certeza de que é a de Wanda Wyndam-Pryce, e quero parar e abri-la. Wanda às vezes finge que não consegue se lembrar do meu nome. Dá para contar os adolescentes do castelo nos dedos de *uma mão*; ela faz isso para eu me sentir inferior.

Mas não paramos, seguindo direto para o nosso objetivo. Estive nos aposentos da minha mãe somente algumas vezes. Ela vai ao nosso se precisa de nós, ou nos encontramos em uma das áreas comuns. A última vez que estivemos aqui foi quando assamos um bolo para o aniversário dela. Nem o bolo nem a festa surpresa valeram muito a pena. Ela tentou fingir que gostou, mas não conseguimos nem manter uma conversa. Foi horrível.

Esse castelo deveria funcionar como um internato. Bem que eu queria que realmente fosse assim. Seria mais fácil se minha mãe nunca nos visse porque não mora aqui, em vez de nunca nos ver simplesmente porque... nunca nos vê. Pelo menos, Artemis pode dizer que nossa mãe realmente precisa dela às vezes, por exemplo, quando pediu ajuda com o banco de dados.

Qual deve ser a sensação?

Artemis abre a fechadura mais rápido do que eu seria capaz. Ergo as sobrancelhas. Ela dá de ombros.

– Só uma entre muitas habilidades que pensei que seriam úteis se eu fosse uma guardiã ativa. – Sua voz sai tão inabalável e sem emoção que sinto uma pontada de dor e, pela milésima vez, me pergunto sobre o teste que determinou que Artemis, infinitamente capaz, não estava apta a ser uma guardiã oficial.

A suíte da minha mãe não mudou. Há uma sala de estar estéril, com um sofá duro, uma poltrona de encosto alto, um divã prático e uma mesa de metal com uma cadeira onde ela provavelmente faz suas refeições. Algo sobre não haver uma segunda cadeira faz eu me sentir solitária. Pelo menos eu tenho Artemis, mesmo que não estejamos nos entendendo ultimamente. Ela ainda está *lá*. Minha mãe percebe a falta do meu pai toda vez que encara o vazio do outro lado da mesa? Artemis e eu trocamos nossas lembranças dele uma com a outra como se fossem presentes. Elas são confusas e gastas nas bordas, compartilhadas tantas vezes que não me lembro mais quais são as dela e quais são as minhas. Com quem minha mãe compartilha alguma coisa agora? Por que não pode falar conosco e nos dar novas

lembranças dele para guardarmos com carinho?

Uma porta à direita leva ao quarto dela, que é tão impessoal quanto um quarto de hotel. A colcha é simplesmente branca e a mesinha de cabeceira está vazia, exceto por um item.

Ando até ele, atraída como por um ímã. É uma foto da nossa família, da família inteira, a última que tiramos. Meu pai está com o braço em volta da minha mãe. Artemis e eu estamos de pé na frente deles, exibindo sorrisos banguelas. Nosso cabelo está preso em tranças duplas. Eu deveria olhar para o meu pai, mas sou incapaz de desviar os olhos da minha mãe.

A mãe dos sonhos não foi uma fantasia que eu inventei, afinal. Seu sorriso é *deslumbrante*. Ela parece vibrante, e há mais felicidade capturada neste único instante do que tenho visto nela há anos.

Eu ergo a foto, passando os dedos sobre a família que já tive.

– Não acredito – Artemis resmunga.

Eu baixo a foto no lugar. Nem tinha notado o laptop sobre uma mesa de trabalho no canto. Artemis o abriu, mas a tela está pedindo a senha.

– O que foi? – pergunto.

– Ela mudou a senha! Nem sei como ela conseguiu fazer isso. – Artemis vasculha gavetas e pilhas de papéis. – Talvez ela tenha anotado.

Rhys a ajuda a procurar enquanto fico parada, atordoada e inútil. Sei que minha mãe dorme aqui, vive aqui. Mas parece tão vazio! À toa, dou uma espiada na gaveta do criado-mudo. Dentro, encontro dois diários com capa de couro. Recuo imediatamente, me lembrando do meu próprio diário sendo lido em voz alta.

Mas esses são diários de guardiões, cobertos de poeira. Minha mãe não os consulta faz um bom tempo, porém eles devem estar aqui por algum motivo. Quero mostrá-los a Artemis, mas fico com medo de que ela diga para eu deixar para lá. Não quero fazer isso. Minha mãe nunca me dá nada, então vou obrigá-la. Enfio-os dentro da calça, nas costas, puxando a camisa para fora para cobri-los.

– Achei! – Artemis ergue triunfante um pedaço de papel e digita a senha. Assim que o laptop carrega, ela vasculha rapidamente, então xinga. – Já era. Foi apagado. E não acho os arquivos em lugar nenhum. Mesmo a lixeira está vazia. Ela anotou a senha, mas esvaziou a lixeira?

– Isso te preocupa? – pergunto. – Além de ter um banco de dados secreto, ela também o apagou?

Artemis torce os lábios e olha para o laptop como se ele pudesse revelar os mistérios da nossa mãe. Assim como com todas as questões maternas na nossa vida, ela fica decepcionada.

– Não sei. Talvez tenha sido um acidente. Ou talvez o banco de

dados nunca tenha funcionado. Não podemos tirar conclusões precipitadas.

– É melhor darmos o fora. – Não consigo imaginar minha mãe sozinha aqui todas as noites. Onde ela guarda sua arma? É por isso que a mesa de cabeceira está quase vazia? Ou ela a esconde debaixo do travesseiro?

Sáímos apressados, lembrando-nos de fechar a porta. Estamos passando pelo quarto de Wanda Wyndam-Pryce quando Leo corre na nossa direção. Ele indica para nos virarmos e andarmos com ele. Depois ele ri.

– E foi assim que salvamos uma festa de aniversário inteira dos vampiros. Nunca mais verei um bastão de *piñata* do mesmo jeito! Muito menos aqueles pobres garotos.

– Nina? Artemis?

Giro o corpo e finjo surpresa. Minha mãe caminha na nossa direção, franzindo a testa em suspeita.

– Ah, e aí, mãe. – Rezo para ela não ter notado o calombo de livros roubados debaixo da minha camisa.

– O que estão fazendo aqui?

– Oi, sra. Jamison-Smythe. – Leo parece uma dessas fotos genéricas que ocupam porta-retratos vazios enquanto sorri para ela. Completamente inofensivo e lindo. Me dou conta de que nunca vi uma expressão genuína dele, nem mesmo na frente da própria mãe. Tudo é cuidadosamente posado e deliberado. Falso. Uma parte de mim sabe que os últimos anos não foram tão fáceis para ele e Eve quanto ela faz parecer, mas o que será que o deixou tão reservado?

Eu me lembro do embaraço doloroso dessa manhã, de sua vulnerabilidade ao dizer o quanto estava feliz em me ver de novo. Talvez eu tenha visto um relance do Leo de verdade – então respondi curta e grossa. Afe, odeio estar me sentindo mal por isso agora. Eu nunca deveria ter que me sentir mal em relação a Leo.

– Vamos olhar a minha coleção de DVDs – ele diz. – Pensamos em passar a noite vendo filmes. Acho que todo mundo precisa relaxar um pouco.

Para minha surpresa, minha mãe olha para mim. Realmente olha para mim. Uma de suas mãos se contrai como se quisesse me tocar. Então ela franze o cenho.

– O que aconteceu com a sua testa?

Ergo uma mão até o ferimento.

– Ah, eu...

– Eu abri a porta do nosso quarto bem na hora que ela ia pegar a maçaneta. – Artemis faz uma careta de quem está se desculpando. – Acertei nela com força.

Acho que minha mãe engole a mentira. Fico dividida entre me

sentir triunfante – finalmente temos um segredo que ela não sabe! – e me sentir ferida ao ver quão rápido ela aceita nossa desculpa esfarrapada. Ela não quer investigar mais a fundo. Em vez disso, tira algumas notas de libras do bolso e as estende. Pego-as, sem entender. Por que ela está me dando dinheiro?

– Não temos uma boa televisão aqui. Seria legal sair um pouco desse castelo. Vão ver um filme no cinema. Você pode levar o Rhys, aquele seu amigo útil. Leo, você está com a carteira de motorista?

Leo assente.

– Sim, senhora.

– Ótimo. Vão ser adolescentes. – Seus lábios estão tão apertados quanto a trança de Artemis. – Tentem. Vai que vocês gostam? – Ela claramente está tentando se livrar de nós, embora ela e eu saibamos que havia um cão infernal rondando a área esta manhã.

Mas não posso chamar atenção dela por seu comportamento suspeito sem revelar meus próprios segredos, incluindo o demônio no galpão de Cillian. Então passamos tensos por ela. Ela não nos diz para convidar Jade e Imogen – aparentemente, só nós temos essa folga dos deveres de guardião.

Nós nunca saímos. Minha mãe é paranoica demais, e Artemis e Rhys estão sempre ocupados. O máximo que já tivemos foi uma tarde ocasional em Shancoom. Que não tem um cinema, então teremos que nos deslocar pelo menos uma hora para seguir as instruções dela. Entro depressa no meu quarto com a desculpa de trocar de camisa e pegar um casaco. Também escondo os livros roubados embaixo do colchão.

Encontro os outros na garagem. A inclinação do sol do outono indica o final da tarde, o que me surpreende. Perdi muito tempo com o trauma na cabeça.

Leo escolhe o elegante Range Rover preto que sobrou dos dias em que os guardiões tinham uma frota inteira de veículos. Na época também tínhamos barcos, helicópteros e um jato particular. Agora temos um carrinho de golfe, três carros, uma moto e dois quadriciclos, além de scooters e triciclos para os pequenos.

– Vamos mesmo ver um filme? – Artemis se senta ao meu lado no banco de trás. Ela soa incrédula, mas um pouco animada. Só costuma tirar uma tarde de folga por semana e esse não é o dia, então ela tirou a sorte grande. Normalmente, eu adoraria ver um filme... com Artemis e Rhys, pelo menos. Não com Leo. Mas hoje...

– Cosmina ainda estava viva no meu sonho, mas não sei por quanto tempo isso continuará sendo verdade – digo. – Não que eu faça alguma ideia de como encontrá-la, já que o banco de dados da minha mãe foi um fiasco. Ainda assim, não podemos ir ver um filme se existe uma chance de ela precisar da nossa ajuda, certo?

Leo dirige cuidadosamente para fora da garagem.

– Falando na sua mãe...

É claro que ela está de pé na porta do castelo, nos observando sair. Eu não descartaria a possibilidade de ela rastrear o carro.

Ela nos disse para pegar Cillian. E, mesmo ignorando o restante do plano dela, essa parte é uma boa ideia. Preciso garantir que ele entenda que não pode ir para casa. E quero ele conosco tanto quanto possível para podermos mantê-lo protegido, caso apareçam mais cães infernais. Ligo para ele enquanto Leo dirige pela estrada acidentada de terra. Fazemos manutenção o suficiente para ela ser utilizável, contudo, se a pessoa não souber que ela está aqui, é difícil de encontrar.

Cillian atende logo após o primeiro toque do telefone.

– Nina? Você tem mais alguma informação sobre...

Eu o corto, sem saber se sua voz está alta a ponto de os outros ouvirem.

– Ei! Estou em um carro com Artemis, Rhys e Leo, o meu, hã, novo guardião. Estamos indo buscar você.

– Você tem um guardião? Você é uma guardiã. E por que está vindo me buscar?

– É uma história complicada. Mas supostamente vamos ao cinema.

– Supostamente?

– Estávamos tentando entrar no computador da minha mãe para obter informações sobre uma caçadora que pode estar em perigo e, enquanto saíamos de fininho, fomos pegos e enxotados do castelo. – Paro para fazer uma pergunta aos demais. – Para onde vamos?

– Se tem uma caçadora em perigo, faremos o que for preciso para encontrá-la. – Leo fala com tanta naturalidade que parece que ele está lendo diretamente do guia dos guardiões.

– Espera aí – diz Cillian. – Quem é a caçadora e por que ela está em perigo?

– Não tenho certeza. Como eu disse, não conseguimos a informação. – O Range Rover acerta um buraco agressivo e eu quico, quase deixando o celular cair. – Sonhei que ela estava sendo mantida como refém por uma vampira. Poucas pistas. Cabelo azul. Acho que ela é de Dublin. Se chama Cosmina.

Há uma pausa e me pergunto se desliguei acidentalmente na cara dele.

– Achei – ele diz, enfim.

– Sério?

– Cosmina Enescu. Dezenove anos, solteira, cabelo azul. Mora em um apartamento de quinta categoria em uma área não muito legal de Dublin. Ela está bem em forma, no entanto.

– Você a encontrou! – eu grito. – Como conseguiu? Você é um hacker ou algo assim?

– Querida, se chama Facebook. Faço um perfil para você, se quiser. Ninguém mais precisa ser um hacker hoje em dia. Cosmina é um nome incomum, então não havia muitas opções. E com cabelo azul? Só uma.

Meu coração está batendo forte. Nós a encontramos. E isso significa que podemos salvá-la. Presumindo que ela precise ser salva e eu não estivesse apenas sonhando com alguma garota aleatória de Dublin. Não sei se estou mais aliviada por ela ser encontrável ou apavorada porque agora realmente preciso ir atrás dela e tentar ajudar. E como uma caçadora, não como uma guardiã ou paramédica.

Mas nos últimos dias enfrentei dois cães infernais e um demônio, sem falar no meu *crush* há muito sumido. O sonho veio até mim. Isso tem que significar que meu dom inerente de caçadora identificou que eu precisava dele ou poderia lidar com a situação. Não é? Fecho os olhos, tentando me lembrar de qualquer outro detalhe.

– Tem um edifício, talvez abandonado, chamado... – A luz balançando. O cabelo azul de Cosmina e... – Siderúrgica O'Hannigan?

– Vou ver, um segundo.

Espero, segurando a respiração. Espero que ele encontre. E espero, na mesma intensidade, que o lugar não exista.

– Achei. Também fica em Dublin.

É isso então. Lá vou eu caçar vampiros.

– Obrigada, Cillian. Estaremos aí em cinco minutos. – Desligo, tentando não tremer.

Artemis parece preocupada.

– Por que vamos levar Cillian? Pode ser perigoso.

Deixá-lo aqui também. Fico pensando em uma desculpa.

– Ele tem o endereço e um celular potente, e é melhor do que nós em descobrir informações. Falamos para ele ficar no carro.

Leo dirige até a loja de refrigerantes, e Cillian sai com uma caixa de Coca-Cola e salgadinhos. Ele sempre compra o refrigerante *root beer* para mim porque mais ninguém daqui gosta. É uma das muitas coisas da minha infância de que sinto saudades. Além de parques aquáticos, shoppings com ar-condicionado, pais que não estão mortos e casas que não foram queimadas num calor aterrorizante. Sem falar de tacos.

– Quem vem para a frente? – Rhys pergunta, pronto para passar para o banco de trás e se sentar ao lado do Cillian. Eu congelo. Já tive que passar todo esse tempo com o Leo. Não quero ter que ficar ao lado dele a viagem inteira. Talvez eu arranje mais motivos para me sentir mal, e não quero me sentir mal quanto ao Leo. Só quero sentir raiva.

Artemis, em um raro gesto de sensibilidade, percebe minha tensão.

– Eu vou. – Ela me olha pelo retrovisor e balbucio um *obrigada*. Nunca contei a ela sobre ter sido apaixonada pelo Leo, embora provavelmente devesse ser óbvio. Mas como não contei a ela sobre o Incidente de Poesia de Honora, ela não sabe por que fico desconfortável perto dele, só que eu fico. E nunca me senti mais grata pelo seu instinto protetor do que neste momento.

Quando todo mundo está acomodado, deixamos Shancoom para um encontro com uma vampira e, com alguma esperança, uma Cosmina ainda viva. Chegou a hora de ser uma caçadora.

Mas posso ser totalmente honesta?

Preferiria ver um filme. Pelo menos sei como fazer isso.

A assassina cometeu outro erro.

Ela teve que sair antes de o fogo chegar à sua conclusão inevitável. Havia limites ao que podia fazer para não ser presa ou interrogada pelos policiais sem noção que chegariam ao local. Então, uma vez montada a armadilha, confiante de que as meninas não poderiam escapar, ela se afastou.

Será que uma parte dela não queria vê-las morrer? Ela era realmente fraca a esse ponto? Sabotaria a missão por causa de suas próprias sensibilidade frágis?

Ela deveria ter ficado no quintal e observado as duas queimarem. Matá-las era a coisa certa a fazer. Ela não questionava isso. Nunca havia questionado.

Ela ouviu, entorpecida, enquanto a voz na outra ponta da linha a repreendia. Na TV, Jack morreu congelado outra vez. Não importava quantas vezes ela assistisse a Titanic, Jack sempre morria e Rose sempre vivia. Porque a história estava escrita assim. Quem poderia mudar o que já estava escrito?

Ela desenhou no braço com a caneta esferográfica, pressionando com tanta força que vergões surgiram sob as finas linhas pretas. Ela escreveu os nomes delas. E então passou uma linha pelos nomes com um corte tão cruel que tirou sangue.

Ela poderia mudar isso. Ela mudaria.

Mas não agora. A mãe das meninas fez a única escolha possível, correndo de volta para os braços dos guardiões. Era menos do que o ideal para a assassina. As coisas que precisavam ser feitas não poderiam ser feitas em sua sede. A mãe tinha aliados no alto escalão que se recusavam a ver a verdade.

As garotas estavam protegidas. Vigeadas. Mas a assassina podia vigiar também. Ela podia ser paciente. Tinha tempo. Ao contrário das garotas, que tinham somente uma contagem regressiva – para a própria destruição ou a de todos os demais. E a assassina não ia decepcionar o mundo, mesmo que o mundo insistisse em decepcioná-la.

Capítulo

12

O outono está tomando conta da Ilha Esmeralda, transformando tons de verde em dourado, amarelo e laranja. Adoro me cobrir com as mesmas cores, meu cabelo lustroso refletindo a folhagem brilhante. Meu casaco é cor de calêndula reluzente. Aperto-o em volta de mim com mais força, buscando conforto, e percebo que ele não é adequado para o que estamos fazendo. Eu deveria estar usando preto. Algo discreto. Como Artemis.

Ainda nem descemos do carro e já tomei uma decisão ruim. No castelo, eu podia vestir o que bem entendesse. Ninguém se importava com a aparência de uma paramédica.

E paramédicas não precisam se esgueirar nas sombras.

No que foi que eu me meti? Será que os outros esperam que eu dê ordens? Assuma o comando? Lute? Não sei como fazer nada disso. Nem sei se vou querer fazer isso um dia. Ser forte o bastante para ajudar pessoas é uma coisa, mas mergulhar nesses instintos violentos de caçadora é algo completamente diferente. No meu sonho a vampira não estava matando Cosmina. Talvez ainda haja tempo para argumentação. Para estratégia. Talvez o sequestro nem tenha acontecido ainda!

– Está precisando fazer xixi? – pergunta Cillian.

Meu desconforto deve ter ficado óbvio. E mal interpretado de um jeito vergonhoso. Eu paro de me contorcer e afundo mais no meu lugar, evitando o olhar questionador de Leo.

– Não! Estou bem.

Finalmente chegamos à periferia de Dublin. Levou mais tempo do que planejamos – precisamos parar em um posto de gasolina, já que o Range Rover estava consumindo muito mais combustível do que o esperado. E mesmo que eu precisasse fazer xixi, não iria depois da pergunta embaraçosa de Cillian. Quando entramos na cidade, a tarde está quase virando noite, o sol baixando enquanto banha os edifícios de ouro.

– Então, devemos encontrar vampiros? – Cillian pergunta. Contamos o básico para ele. – Emocionante, né? Quer dizer, Drácula e

tudo mais.

Rhys pigarreia, sabendo o quanto a minha história e a de Artemis paira no ar.

– Não exatamente. Vampiros são demônios que caminham por aí usando os corpos das pessoas que amamos. Pessoas com famílias. Eles matam essas pessoas e, quando a alma vai embora, possuem a casca remanescente e a usam para matar. Demônios são predadores da humanidade. Não são nativos desse ecossistema.

Cillian faz uma careta.

– Que nem os gatos na Austrália.

Pego outra *root beer* com ele, pressionando a garrafa fria contra o meu rosto.

– Se os gatos também sugassem as almas das pessoas ou as comessem e as desmembrassem, ou tentassem de vez em quando causar o apocalipse para trazer a dimensão de todos os gatos para a Terra, então sim.

– Sei que devia soar assustador – diz Cillian –, mas uma dimensão só de gatos ainda parece meio fofa. E ninguém jamais vai me convencer de que gatos não sugam de verdade as almas das pessoas.

– Bons argumentos.

Olho para os bairros de Dublin passando por nós. De repente, desejo que estivéssemos mesmo aqui para nos divertir, ver a cidade, ser *normais*. Que eu estivesse fazendo um programa qualquer em grupo com meu amigo, seu namorado, minha irmã e o garoto que eu não queria ver nunca mais e preferiria que ainda vivesse do outro lado do mundo. O fato de sair com Leo soar mais agradável, por comparação, realmente deixa claro o que estamos enfrentando.

Dublin fica a apenas duas horas de Shancoom, mas por algum motivo nunca estive aqui. Guardiões não são conhecidos por fazer passeios ou tirar férias. Visitam regularmente bocas do inferno e fontes potenciais de portais demoníacos, mas essas viagens envolvem menos relaxação e mais decapitação.

Fecho os olhos. Não devo pensar em decapitação ou desmembramento. Tenho que me concentrar, provar que posso fazer isso. Sou uma Jamison-Smythe. Enfrentar demônios é minha herança. Os guardiões precisam de mim, e essa é uma sensação nova, emocionante e assustadora. Tudo que sempre quis foi tornar a vida das pessoas melhor. E, se como caçadora posso ajudar a proteger a humanidade de...

– Pizza! – Cillian grita.

Pizza! Nós nunca pedimos pizza. Não dá exatamente para pedir uma entrega de comida em um castelo escondido. Mas Leo sacode a cabeça.

– Primeiro os demônios. Não sabemos o quanto o sonho de

Athena tem a ver com a realidade. Ele já pode ter acontecido ou pode não acontecer pelos próximos dias.

– Quem diabos é Athena? – Cillian pergunta.

Ergo a mão.

– Ah, isso faz muito mais sentido. Eu tinha questionado a inteligência da sua mãe por chamar uma filha de Artemis e a outra de Nina. Ter filhas gêmeas serve justamente para dar nomes que combinam.

– Sim – Artemis fala, impassível. – Foi por isso que nossos pais nos tiveram.

Artemis era a deusa da caça, uma protetora. Casa perfeitamente com a minha irmã. Athena era a deusa da sabedoria e da guerra. Nunca consigo me esquecer de que todo mundo pensa que Nina combina mais comigo do que meu nome real.

Tirando Leo.

– Se tivermos gêmeos um dia – diz Rhys –, daremos nomes que combinam para eles.

Cillian assente, depois junta as mãos.

– Pequeno Sonny e Cher serão tão adoráveis.

– Jane e Austen – diz Rhys.

– Meryl e Streep – Leo sugere sem olhar para trás.

– Escolhido! – grita Rhys.

– Vocês podem ser os padrinhos. – Cillian sorri. Artemis revira tanto os olhos que quase consigo ouvir o movimento. Cillian retoma o foco. – Muito bem, então. Procurando evidência da existência de vampiros. Talvez um deles tenha deixado um cartão de visitas? Ou um cartão de fidelidade. “Drene dez humanos e o décimo primeiro sai de graça” ou algo assim.

Aprecio a tentativa de humor, mas não consigo sorrir. Será que toda caçadora se sente assim quando está começando? Sei muito mais do que a maioria das novas caçadoras saberia. Não sei dizer se isso é melhor ou pior.

A primeira ameaça que Buffy enfrentou foi em Los Angeles, antes de Sunnydale. Um vampiro ancião e poderoso chamado Lothos estava caçando-a especificamente. Nunca pensei no quanto deve ter sido apavorante para ela. Uma vida totalmente nova caiu no seu colo, trazendo junto um perigo mortal instantâneo. Eu só havia pensado no quanto o chamado dela havia me devastado. Como eu me sentiria se meus primeiros dias como uma caçadora fossem gastos sendo perseguida por um mal indescritível?

Pelo menos estou fazendo isso porque quero. Estou ajudando, não sendo caçada. Podemos não saber no que exatamente estamos nos enfiando, mas meu sonho só me mostrou uma vampira, e nós somos cinco. Podemos dar conta de uma vampira. Para falar a verdade,

provavelmente podemos botá-la para correr.

Lembro-me do estalo no pescoço do cão infernal e me encolho. *É só uma vampira*, penso comigo mesma. Só uma. Eles já estão mortos. Matá-los não deveria me incomodar.

Sei que vai incomodar mesmo assim.

Entramos em um distrito onde o charme de Dublin foi consumido pela monotonia do cimento da indústria. Leo para o carro em frente a um conjunto de prédios. O exterior é sombrio, com aquela aparência absolutamente desprovida de alma de tudo construído nos anos 1980. O que aconteceu durante aquela década que levou os arquitetos a terem tanto, mas tanto ódio, de si mesmos e do resto do mundo?

– Minha investigação diz que estamos no lugar certo. – Mas Cillian demonstra estar tão incerto quanto eu. Todos continuamos sentados, sem nos mover, olhando para o crepúsculo. Não há uma alma à vista. – Meio, hã, morto por aqui, né? Dá quase para dizer que está meio morto-vivo.

– Não – diz Rhys. – Não dá. Chega de trocadilhos por hoje.

– Tudo bem. Mas você não está um pouquinho incomodado? – Cillian gesticula mostrando o entorno. Não há luzes. Nem pessoas. Só dois carros estacionados, mas a impressão é de que eles não saem há meses do lugar.

– É um distrito industrial – diz Leo. – Provavelmente todo mundo já voltou para casa.

– Então por que ainda não saímos do carro?

Meu dedo está pressionando a trava da porta com tanta força que ficou sem sangue e branco. Eu a solto lentamente.

– Só avaliando a situação. – Destranco o carro e o clique soa muito mais alto e sinistro do que deveria. É aí que eu percebo que não trouxe armas. Que tipo de caçadora vai para uma provável batalha sem armas?

Ah, sim. O tipo que morre. Ou o tipo fracassada. Provavelmente os dois, no meu caso.

Artemis joga a bolsa por cima do ombro e ela tilinta. Ela se lembrou das armas. Claro que sim. Abro a boca para pedir uma, mas seu comentário sobre eu ser uma arma carregada nas mãos de uma criança volta com tudo. Já estou provando que ela tem razão.

Leo abre o porta-malas e tira uma mochila cheia de suprimentos. Ele estende uma estaca para mim, percebe minha expressão de alívio e sorri. Uma sensação que pensei haver suprimido há muito tempo me pega de surpresa. De repente, ele é o garoto que me passou um cookie extra só porque sabia que isso me deixaria feliz. E lá estão as covinhas que torci para nunca mais voltar a ver. A da esquerda é mais profunda que a da direita. Odeio que eu ainda perceba isso.

– Sou um guardião – ele diz. – Meu trabalho é prepará-la. O seu é

caçar.

Certo. Ele não está pensando em mim como pessoa. Está pensando em mim como caçadora. E todos nós estamos prestes a ficar decepcionados, porque *sei* que não estou preparada. Artemis já me disse isso diretamente, e logo Leo e Rhys também saberão. Provavelmente já sabem. Afinal, o maior estrago que Leo já me viu fazer foi contra a minha própria cabeça. Queria que ele tivesse me visto matar o primeiro cão infernal.

Droga. Esse é um jeito terrível de pensar. *Queria que ele tivesse me visto matar algo porque assim pensaria que não sou um desastre.* Como se um assassinato provasse o valor de alguém.

Embora no nosso mundo isso seja verdade. É esse o motivo de ninguém nunca ter me levado a sério – e de eu ter medo de que matar coisas seja o único modo de acreditarem em mim agora.

– Espere no carro – Leo diz a Cillian enquanto desce.

– Claro, porque eu quero fazer parte da cena do filme de terror na qual você corre de volta para o carro, inundado de alívio por eu estar ao volante, até colocar a mão no meu ombro e eu cair e você gritar, sendo que eu não posso gritar porque estou morto e o monstro já está atrás de você e eu não tenho como avisar porque, mais uma vez, *já estou morto.*

– Ninguém vai morrer – diz Rhys – e ninguém vai gritar, porque...

Um grito agudo ensurdecedor ecoa pela noite.

O instinto assume e corro na direção dele. Posso ouvir Leo e Artemis atrás de mim. Entro em uma ruela a dois quarteirões de onde estacionamos e vejo uma garota caída no chão. No fim da rua, uma sombra desaparece. Eu me agacho ao lado da vítima. Ela está respirando. Mas seu pescoço está sangrando e seus olhos estão vidrados de choque.

– Pra que lado? – Artemis pergunta.

Eu aponto. Artemis sai correndo com Leo logo atrás.

– Ela me mordeu – a garota diz. Deve ter uns dezoito, no máximo vinte anos. Cachos de dar inveja a qualquer um emoldurando um rosto doce. Um rosto que está ficando assustadoramente pálido. Removo gentilmente a mão dela do pescoço. Sei o que estou fazendo. Já estudei esse exato cenário. Eu consigo fazer isso. Eu consigo.

– Alguém me traga um pano limpo – eu digo, espiando o ferimento. Está sangrando, mas o fluxo está estável, sem pulsar ou jorrar. – Não há bolhas de ar. Um bom sinal. Isso significa que seu esôfago não foi perfurado. Sua respiração não será afetada. Ainda está conseguindo bastante ar, então vamos nos concentrar em inspirações constantes. Inspirações constantes e profundas. Você faz ioga?

– Um pouco – ela diz.

– Ótimo! Bom para você. Pense na sua respiração. Concentre-se nisso. Vamos pressionar esse ferimento. – Estico a mão para pegar o pano que pedi. Rhys me passa sua camisa de flanela. Eu a dobro e pressiono contra o pescoço da menina. – Está se saindo muito bem. Inspira, dois, três, quatro; expira, dois, três, quatro.

Uma mão leve no meu ombro me indica que Cillian também está aqui.

– Cillian, ligue para a emergência. Não sabemos quanto sangue ela já perdeu. Diga para se apressarem. – Olho em volta, ciente de que não verei nada de útil. E, de fato, não há uma poça de sangue.

Vampiros são eficientes, tenho que admitir.

– Está se saindo bem – eu digo. – Qual seu nome?

– Sarah – ela sussurra, olhando nos meus olhos como se eu fosse a única coisa mantendo-a consciente. Provavelmente sou.

– Sarah! Adoro esse nome. Só tente inspirar de um jeito profundo e agradável. Vou continuar pressionando a ferida, e logo os paramédicos estarão aqui para levá-la ao hospital. – Mantenho a voz baixa e suave, do modo como eu gostaria que falassem comigo. Do modo como Artemis costumava falar comigo quando eu acordava dos pesadelos entorpecida de medo.

– Não estou vendo nada – Artemis grita. – Tem certeza?

– Tô meio ocupada aqui! – grito de volta. Sarah tenta olhar na direção de Artemis. – Mantenha a cabeça virada para mim, está bem? Isso.

Artemis corre para nós.

– Sua agressora. Ela fez você beber sangue?

Olho para ela irritada. Sarah precisa relaxar, embora eu entenda por que Artemis está perguntando. Se a vampira forçou Sarah a beber seu sangue e ela morreu, isso significa que ela voltaria como uma vampira. Mas ela não está tão mal assim o que Artemis entenderia –, se soubesse tanto de corpos humanos quanto sabe de ataques de vampiros. Ou se tivesse me perguntado.

Sarah continua olhando para mim.

– Não. Nós nos conhecemos on-line. Ela parecia legal. Disse que tinha um clube descolado escondido aqui atrás. E então ela... Meu Deus, você acha que ela tinha raiva?

– Pode ser bom dar uma verificada. – Essa provavelmente é uma possibilidade menos assustadora que a realidade. Pobre Sarah.

– Nina, estamos perdendo tempo – afirma Artemis.

Pego o punho de Sarah com minha mão livre. Sua pulsação está fraca, mas estável. A vampira não deve ter bebido demais, pois Sarah ainda está coerente o bastante para conversar. Ela deve ter fugido quando nos ouviu.

Leo volta, balançando a cabeça.

– Nada.

– Ligou para a emergência? – pergunto a Cillian, ignorando Leo.

– Sim. Estão a caminho.

Leo fala novamente.

– Precisamos ir.

– Ela não vai voltar – digo. – Não com a gente aqui. – Certamente Sarah está segura agora, e não quero me arriscar a movê-la.

– Não. – Leo fala de um jeito tão lento e cuidadoso quanto eu, como se fosse eu sangrando no chão. – O que quero dizer é que precisamos encontrar a *amiga* de Sarah. É provável que ela também precise de ajuda. Você deveria ser boa em encontrar esse tipo de *pessoa*.

– *Deveria* ser – diz Artemis, enfatizando a primeira palavra.

Meu rosto cora de vergonha. Meus instintos estão todos errados. Tenho pensado em manter Sarah estável em vez de perseguir o monstro que a machucou, um monstro que pode acabar machucando muitas outras pessoas se nós não acabarmos com ele. Estou pensando pequeno. Como uma paramédica.

Não como uma caçadora.

– Rhys e eu ficaremos com ela – diz Cillian.

Rhys enfia a mão sob a minha.

– Vá fazer o que precisa fazer. Nós cuidamos disso.

Aperto para mostrar a ele a quantidade certa de pressão.

– Continue conversando com ela. Se ela desmaiar, anote a hora para poder dizer aos paramédicos por quanto tempo ela ficou desacordada.

– Eu quero que ela fique! – diz Sarah, seus olhos se arregalando. – Quero que você fique, por favor.

– *Nina* – chama Artemis.

– Sinto muito – digo, evitando o olhar desesperado de Sarah. – Você vai ficar bem. Prometo. – Tudo em mim sabe que é errado deixá-la. É isso que eu quero fazer, é assim que quero ajudar. Mas não é a minha vocação.

Parto para o canto mais escuro da ruela, onde a vampira desapareceu e onde, de acordo com o mapa de Cillian, encontraremos o armazém. Correndo ao meu lado, Leo me passa a estaca que deixei para trás no chão. Ela soa como uma promessa que não tenho certeza se quero cumprir.

Capítulo

13

Artemis para no fim da rua. Há edifícios nas duas direções, suas fachadas tão vazias e inúteis quanto um celular descarregado.

– Perdemos tempo demais lá atrás.

Fico com raiva, mas Leo responde antes que eu consiga.

– Athena salvou a vida daquela garota.

É como se ele falasse de outra pessoa. Vai ver foi isso que apreciei nele aos treze anos – parecia que ele via outra pessoa quando olhava para mim. Mas agora fico preocupada que ele ainda veja outra pessoa: alguém capaz. Alguém capaz de lidar com isso. Alguém como Artemis, não eu. Porque eu realmente salvei Sarah, mas, se a vampira matar outra pessoa antes de enfiarmos uma estaca nela, será minha culpa.

Artemis olha de um lado para o outro, verificando se há ameaças.

– Pra que lado fica o armazém?

Também estou desorientada. A maioria das lâmpadas está quebrada. Os prédios daqui são abandonados. Está quase totalmente escuro agora, a lua cheia obscurecida pelas nuvens.

Olho para a esquerda e não vejo nada. Olho para a direita e também não vejo nada, mas sinto uma torção doentia no estômago e um pico de adrenalina que me dá uma certeza repentina de que não quero seguir por esse caminho. Por nada nesse mundo.

Artemis se vira e vai para a esquerda.

– Por aqui, eu acho. – Aponto para a direita.

– Como você sabe? – Artemis pergunta.

Ela queria que eu perseguisse a vampira e agora está questionando meus instintos?

– Porque estou com medo, além de me sentir capaz de erguer um carro sobre a cabeça. – Instintos de caçadora não brincam em serviço. Sinto como se pequenas ondas de eletricidade disparassem pelo meu corpo, bombeando meu sangue para mais perto da superfície da pele. Estou em sintonia com todas as sensações físicas internas e todas as emoções e potenciais no ar em torno de mim. Sinto-me *atraída* pelo perigo.

Artemis cerra os dentes, mas assente.

– Atrás de mim – diz ela, avançando.

Eu deveria assumir a liderança, já que sou tecnicamente a pessoa mais forte, mas o pensamento desaparece assim que surge. Posso ser a mais forte, porém Artemis é a mais competente. E, mesmo com meus novos poderes, não acho que isso vá mudar.

Meus sapatos fazem um barulho alto, embora não tão alto quanto o das batidas do meu coração. Mais adiante há um prédio com tábuas nas janelas. Todas as janelas, na verdade. Muitos desses prédios estão com as janelas estilhaçadas, sem nada que as substitua. Por que pôr tábuas naquele? A menos que exista algo do lado de dentro que tenha um motivo pessoal para evitar a luz do sol.

Tropeço, meu corpo enrijecendo ao lembrar do trauma. Leo não vai me salvar de um vampiro esta noite. Agora, salvar as pessoas é trabalho meu. E sei que esse é o prédio que procuramos tanto quanto sei que não estou pronta para entrar nele.

– Aqui – digo.

Artemis olha para o alto do prédio, as mãos na cintura.

– Deve ter outra maneira de entrar. Leo e eu faremos o reconhecimento. Nina, você fica na porta e nos alerta se alguém aparecer.

– Athena não deveria...

Artemis interrompe Leo.

– Nós dois temos treinamento. Não vamos colocá-la em perigo mais do que o necessário.

Parte de mim está feliz de ela ter assumido o comando. Mas parte está irritada. Foram meus sonhos e meu dom de caçadora que nos trouxeram aqui. Não era eu que deveria ficar de guarda. Só que também não quero lutar.

A porta mais próxima está bloqueada pelo lado de fora. Alguém pregou tábuas novas imensas no lugar. Por que os vampiros fizeram isso por fora ao invés de por dentro? Parece mais um “não saia” do que um “não entre”.

Há uma escada a meio caminho da parede de tijolos do edifício; ferro enferrujado, pelo visto. No escuro, é difícil dizer se ela vai até o topo, mas acho que sim. E se existe uma escada levando para cima, isso significa que provavelmente existe uma maneira de entrar no prédio pelo telhado.

Porém ela está alta demais para alcançarmos, graças a Deus.

Então eu tenho um pensamento perturbador. Alta demais para um humano normal. Artemis não vai concordar. Ela me quer do lado de fora, em segurança. Mas preciso acreditar que tenho esses poderes por um motivo. Agacho-me e pulo com toda a vontade. Meu impulso vai além do necessário; ultrapasso o último degrau e me agarro em algum ponto no meio. A escada geme em um protesto metálico, mas

aguenta. Infelizmente.

– Droga, Nina! – Artemis bate o pé no chão. – Não conseguimos subir por aí!

– É melhor darem a volta e encontrarem uma porta.

– Não. Desça já aqui. Agora.

Ouvimos o barulho de algo rachando. Subo o mais rápido que posso enquanto a escada se solta da parede. Salto os últimos degraus, me agarrando na ponta do telhado enquanto a escada balança trôpega para longe do prédio. Ninguém mais vai conseguir subir por esse caminho.

– Nina! – diz Artemis entre os dentes.

– Estou bem! Deem a volta. Vou procurar um jeito de entrar por aqui.

Ela xinga.

– Não se atreva a entrar sem a gente.

Eu os ouço correndo e me puxo para o telhado, rolando para a superfície plana e deitando de costas. Por um segundo fico tentada a obedecer Artemis, a esperar que ela e Leo encontrem outro jeito de entrar. Mas não é o que uma caçadora faria. Minha irmã pode ter mais experiência em caçar vampiros, mas eu tenho poderes de caçadora e não é seguro deixá-la entrar primeiro. Mesmo que ela esteja me tratando como se eu precisasse de uma babá.

Motivada pela raiva, fico de pé em um pulo e, no escuro, vasculho a extensão do telhado. Há algumas caixas de metal volumosas que parecem ser dutos de circulação de ar. E um conjunto quadrado baixo junto ao telhado. Corro até ele e encontro uma portinhola.

Não tenho uma espada. Nem um lança-chamas. Nem um fuzil. Fecho os olhos, respiro fundo e sussurro:

– Eu consigo.

Havia apenas uma vampira na rua e no meu sonho. Tenho água benta no bolso e uma estaca. Consigo assustar uma vampira. E nem sei se a vampira está mesmo lá. Como disse Leo, sonhos de caçadoras não vêm exatamente com um indicador de dia e hora. Abro a escotilha e espio o interior, tentando distinguir alguma forma, mas o aposento está vazio. Entro por ela e me solto, planejando aterrisar em uma pose arrasadora. Em vez disso, caio em cima de uma estrutura de metal. Uma das minhas pernas cai direto entre duas barras. Minha estaca escorrega da mão.

Então olho para baixo e percebo meia dúzia de criaturas rosnando, cada olho ensandecido fixo em mim.

Capítulo

14

Com seis cães infernais abaixo de mim, considero várias coisas ao mesmo tempo.

Primeiro, que minha perna está presa entre as barras e ao alcance deles.

Segundo, que é uma pena que eles sejam chamados de cães, porque isso está azedando para valer minha vontade de ter um cachorro.

E terceiro, de volta ao primeiro item: Minha. Perna. Está. *Presa*.

Puxo com toda a força e ela se solta no exato momento em que o cão infernal mais próximo pula. Ele colide contra o telhado da jaula, as mandíbulas se fechando em torno das barras.

– Cachorro mau – grito.

Um rosnado atrás de mim indica a presença de mais cães infernais. Pulo da jaula, com os punhos para cima, mas não preciso me preocupar. Tudo aqui está enjaulado. E embora o lugar esteja quase escuro como breu, iluminado apenas por algumas luzes de emergência piscando acima de nós, dá para ver que há muitas jaulas. Meus instintos de caçadoras estão frenéticos. Forço-me a inspecionar o ambiente, apesar de meu corpo estar gritando para eu fazer alguma coisa. Espero de verdade que meu sonho ainda não tenha se realizado.

Porque tenho bastante certeza de que era esse o quarto onde Cosmina estava. E, se ela já esteve aqui, certamente não está mais...

Eu me aproximo da próxima jaula, esperando mais cães infernais. No canto, há roupas humanas esfarrapadas, rasgadas em pedaços. Puxo o ar com força, apavorada. Algo se joga nas barras à minha frente, saltando e rosnando.

É um lobisomem. As roupas são dele, não de alguma vítima. Mas meu alívio dura pouco, porque é um lobisomem e estamos na lua cheia. Faço uma rápida varredura do espaço cavernoso. Meus seis amigos infernais em uma jaula com divisores, seis lobisomens em jaulas separadas e seis...

Dou um passo para trás. Dentro da última jaula, divididos como os cães infernais, há seis monstros. Nunca vi nada parecido. Eles estão

vestindo roupas humanas e quase se parecem com vampiros, mas de um jeito esquisito. O que é impressionante, porque vampiros já são esquisitos. Essas criaturas são uma perversão em cima de uma perversão. Sem qualquer vestígio de humanidade. Pensava que essa fosse a pior coisa em relação aos vampiros – a maneira como falam como humanos e se parecem humanos, apesar de não terem alma. Porém, ver essas coisas selvagens, deformadas, ainda humanoides, mas possuídas enquanto batem nas barras de ferro e esticam suas garras na minha direção, me faz querer vomitar.

Demônios são demônios. Vampiros são humanos corrompidos. Esses aí? Eu não sei. Volto para um canto escuro, amaldiçoando meu casaco amarelo quando uma porta se abre e alguém entra.

– Olá, bichinhos! – diz uma voz de mulher. – Vejam só vocês, já ensandecidos. Sabem que temos algo especial esta noite, não sabem? – Ela faz uma pausa para paparicar os cães infernais. Mas, quando passa pela gaiola de criaturas desconhecidas, cospe para eles. – Abominações – ela murmura, verificando algumas alavancas do lado de fora das jaulas. É a vampira do meu sonho. Tenho quase certeza, mesmo no escuro.

Eu devia enfiar uma estaca nela. Sei disso.

Meu corpo também sabe.

Mas meu cérebro tem controle o suficiente agora para saber que recuperar a estaca caída, rastejar até ela, cravar a estaca em suas costas, vê-la desaparecer...

Não é a ação correta. Preciso de mais informações. Talvez haja alguém a esperando, alguém que soaria um alarme se ela não voltasse. Ou talvez ela me ouvisse tentando encontrar a estaca e soltasse os monstros sobre mim.

Estou inventando desculpas. Sei o que Artemis faria. Até o que Buffy faria. Ainda assim, não consigo me obrigar a dar um passo na direção da vampira.

Exausta de lutar contra meus instintos, desapontada comigo mesma e confusa sobre qual é a escolha certa, aproveito a distração das criaturas assustadoras e barulhentas e a escuridão para me esgueirar pelo perímetro da sala. Penso em achar uma saída para encontrar Artemis e Leo, mas a porta por onde a vampira entrou está me chamando. Tem mais coisa acontecendo aqui do que eu esperava e uma boa guardiã descobriria o que é. Uma boa caçadora também. Tenho que ser tanto racional como física nesta situação. Enfiarei a estaca na vampira assim que souber mais.

A porta leva a uma escadaria úmida, com degraus enferrujados e barulhentos. Faço o possível para descê-la furtivamente. Lá embaixo, outra porta me aguarda. Tiro um momento para me acalmar, confiante de que, depois do aposento anterior, estou pronta para o que

vier. Em seguida, abro a porta.

Certo, eu não estava pronta para isso.

O lugar está lotado de gente. As pessoas estão lá de pé, bebidas nas mãos, e o lugar inteiro zumbe com conversa e animação. Parece um evento esportivo. Eu me endireito, entrando como se pertencesse ali. Felizmente para mim ainda está bem escuro, as luzes principais concentrando seu brilho no centro do espaço. Um olhar mais atento revela um fosso iluminado. Ele tem seis metros de profundidade e aproximadamente o mesmo em comprimento e largura. O chão é de terra batida. As paredes do fosso, contudo, estão forradas de arame farpado reluzente. Suspeito que esteja recoberto com prata pelo menos nas pontas. Há um zunido no ar que não parece vir dos holofotes. Então noto dois geradores pendurados em cabos que levam ao arame farpado. Uma cerca elétrica.

Seja lá o que for acontecer no fosso, não é boa coisa. Olho para cima, tentando enxergar além das luzes. O teto tem grandes escotilhas quadradas. Se estou calculando direito, estão todas localizadas diretamente embaixo das jaulas.

Algo molhado cai na manga do meu casaco. Giro com medo de ter sido descoberta. Um demônio de pele vermelha vibrante com símbolos gravados sorri.

– Me desculpe. Está escuro como um túmulo aqui. E agora preciso de mais uma cerveja. – Ele ergue uma cicatriz onde deveria existir uma sobrancelha, sorrindo esperançoso para mim. – Quer que eu traga uma para você?

– Você não faz meu tipo – falo abruptamente. Então me arrependo. Irritar um demônio no meio do território inimigo não é uma boa ideia. – Garotas! – digo. – Eu gosto de garotas!

Ele ri.

– Eu também. – Ele vai embora após uma piscada. Fica a esperança de todos os meus encontros com demônios esta noite se resolverem tão fácil.

Isso também me lembra de analisar melhor a multidão. São humanos na maioria, mas há alguns demônios como o meu suposto pretendente espalhados por todo lado. Há uma fila para comprar bebidas e outra onde as pessoas trocam dinheiro por pedaços de papel. Talvez eu tenha tomado a decisão certa ao não matar a vampira. Se esse grupo soubesse que eu era uma ameaça, definitivamente não conseguiria dar conta de todos eles. E nem deveria, com tantos humanos presentes.

Um grande quadro brilhante atrás da mesa de negócios se acende, e uma voz amplificadora ecoa pela sala.

– Boa noite, senhoras, senhores e aqueles que não são tão classificáveis! – Um demônio perto de mim revira os olhos. Todos os

sete. – Bem-vindos ao evento desta noite!

Um homem em um terno elegante com um rabo de cavalo igualmente elegante está de pé em uma plataforma elevada segurando um microfone. Perto dele há uma mulher vestindo couro cinza opaco dos pés à cabeça. Não consigo ver seu rosto nas sombras, mas não é a vampira do andar de cima.

Onde está Cosmina? Como eu a encontro? Se Artemis estivesse aqui, saberia o que fazer.

Eu tomo coragem. Foi o meu sonho. São os meus instintos. Cosmina precisa de mim, não de Artemis.

– Temos algo especial para vocês na luta de cães de hoje. – O locutor para, deleitando-se em ser o centro das atenções. – Brincadeira. Nós nunca machucariamos cães de verdade. Que tipo de monstro faria isso? Não, nós estamos aqui para tornar Dublin um lugar mais seguro! Porque essa é nossa cidade, né?

A multidão ruge, erguendo suas bebidas.

– E se pudermos nos divertir e ganhar dinheiro no processo, bem, melhor para nós. – O locutor aponta para o quadro. – Temos todas as categorias habituais. Tempo na arena, qual raça vai durar mais tempo ou ter o maior número de sobreviventes, vocês sabem como funciona. Mas esta noite, meus amigos... Esta noite temos uma surpresa. – Ele para, saboreando o silêncio da expectativa. – Esta noite, nós temos... uma caçadora! – Meu coração acelera. Giro em um círculo, pronta para o ataque. Consigo ver as saídas. Se correr rápido o bastante...

A sala irrompe em barulho quando todos gritam. Eu me abaixo, cobrindo a cabeça, mas as pessoas passam direto por mim para fazer mais apostas. Não há ninguém vindo me atacar. Alguns dos tipos mais demoníacos escapam da multidão e desaparecem. Quero segui-los e ir embora. Mas uma boa guardiã ficaria e aprenderia tudo que pudesse.

O que uma boa caça-vampiros faria? Não faço ideia. Provavelmente começaria a socar as coisas. Tento passar despercebida. Eles disseram que têm uma caçadora. Obviamente não sou eu. Ah, não. Mil vezes não. Isso significa que só pode ser...

Uma porta no centro do teto se abre. Cosmina cai por ela; seu cabelo, um feixe azul brilhante. Ela cai com tudo no meio do fosso. Isso é muito pior do que uma vampira.

Corro para a barricada em volta do perímetro do fosso. Cosmina se levanta, livrando-se das cordas que a amarravam. Não parece ter se machucado com a queda, mas seu rosto está ferido. Ela semicerra os olhos, protegendo-se das luzes ofuscantes. Em seguida, ergue o indicador e o dedo do meio para a plateia, no estilo britânico.

Pelos deuses. Ela é *incrível*. Se estivéssemos na situação inversa, Cosmina saberia como me ajudar. Já teria feito isso.

Agora tenho que salvar Cosmina na frente de todo mundo. O

tempo está passando. Por que meu sonho não pulou a ameaça relativamente fácil de uma única vampira e me mostrou uma prévia desse cenário muito pior? Quem quer que tenha criado esse sistema foi um estúpido!

Ah, sim. Foram minhas ancestrais. Muito obrigado, suas inúteis.

– Não há motivo para ir embora, meus companheiros escamosos – o locutor fala enquanto mais alguns demônios dão o fora. – Entendo que já encontraram com nossa adorável Cosmina antes, mas ela foi drogada. O efeito passará rapidamente; afinal, queremos um bom show! Entretanto, ela não tem como sair da arena. Porém, não se preocupe, jovem caçadora. Logo você terá companhia!

O ambiente se acalma e o quadro brilha mostrando novas opções de aposta.

– Antes de calcularmos as chances, uma votação sobre o formato desta noite: três de uma vez ou uso de armas brancas?

Ouçõ alguns gritos sedentos por sangue pedindo as armas brancas, mas a maioria quer um show mais duradouro. Vence a opção de três de uma vez.

– Zumpiros, cães infernais e lobisomens. Caramba, que noite! As chances de cada um estão no quadro! Estamos abertos para apostas pelos próximos dois minutos, então comecemos!

O locutor larga o microfone e se afasta para falar com a mulher vestindo couro. A vampira do andar de cima ainda precisa reaparecer. Talvez eu devesse ter enfiado uma estaca nela, no fim das contas. Ou permanecido lá. Eu poderia ter salvado Cosmina antes até de ela cair na arena. Meus instintos estavam errados.

Não, meus instintos me disseram para matar a vampira. Eu devia tê-la matado e encontrado Cosmina. Já estaríamos fora daqui. Mas eu hesitei. Tomei a decisão errada.

Agora tenho dois minutos. Poderia atacar o locutor, mantê-lo como refém em troca da liberdade de Cosmina. Mas é ele que está no comando? Não sei se todos – ou alguns – se preocupam com a segurança dele.

Se eu pular a barreira para chegar até Cosmina, terei cem pares de olhos em mim imediatamente. E essa é uma plateia que não vê problema em matar caçadoras.

Não sou orgulhosa a ponto de arriscar a vida de Cosmina para provar que consigo ser uma caçadora. Preciso de Artemis. Vou sair daqui e...

Um sino soa e uma campainha toca. Três portas se abrem, soltando um lobisomem, um cão infernal e seja lá o que diabos for a outra criatura em cima de Cosmina.

O lobisomem e o cão infernal começam imediatamente a se enfrentar, mandíbulas mordendo e garras agarrando em um frenesi de

patas. Mas a terceira coisa – que o locutor chamou de “zumpiro”, um termo que nunca ouvi – parte para cima de Cosmina, correndo até ela com as presas expostas. Cosmina se esquivava para baixo e passa por ele, levantando-se rápido e chutando-o pelas costas. Ele bate na cerca elétrica e causa uma chuva de centelhas. A plateia ruge.

O zumpiro cai, retorcendo-se.

Então rasteja na direção de Cosmina.

Algum instinto me alerta. Eu me viro, agarrando um objeto no ar antes que ele me atinja. Uma estaca. Na margem da multidão posso ver Leo, que me observa... orgulhoso. Eu não me abaixei dessa vez. Peguei a arma para poder controlá-la.

Leo e Artemis estão aqui. Tenho ajuda. Mas Cosmina precisa dela mais do que eu.

Eu assovio. O lobisomem e o cão infernal param de lutar, ofegando, e Cosmina olha para mim. Arremesso a estaca para ela.

O zumpiro avança. Cosmina enfia a estaca no peito dele.

Ele vira pó como um vampiro faria. O que significa que a criatura é um vampiro. Algo do tipo. Mas não tenho tempo para pensar nisso, porque o cão infernal e o lobisomem pararam de se enfrentar e estão prestando atenção em Cosmina.

Outra campainha. Mais três criaturas caem do teto.

– Opa! – diz o locutor. – Minha mão escorregou. É justo, já que alguém trapaceou.

Cosmina se agacha, a estaca firme na mão, enquanto aguarda o próximo ataque. Mas ela não é a única humana lá embaixo. Lobisomens também são pessoas. Eu não quero fazer isso. Quero fazer qualquer coisa que *não seja* isso.

Mas, pela primeira vez, tenho certeza de que é isso que *preciso* fazer.

Eu pulo a barreira, depois me impulsiono para dentro da arena, de modo a não acertar o arame farpado. Caio com força, perto de Cosmina. Dessa vez acerto a pose arrasadora. Uma vitória que dura pouco, já que desvio da estaca que vem girando na minha direção.

– Estou aqui para ajudar! – grito.

– E quem diabos é você? – ela quer saber. Um cão infernal avança e eu o seguro, girando e jogando-o para longe de nós.

– Sou uma guardiã... uma caçadora!

– Fique fora do meu caminho. – Ela se reposiciona para enfrentar o mais novo zumpiro. Desvio de uma enorme pata tentando me acertar, depois giro e chuto um lobisomem com força no peito. Ele voa pela arena, acertando a cerca elétrica. Uiva de dor, depois cai, inconsciente.

O outro lobisomem pula na minha direção. Caio de costas e chuto com as duas pernas, usando seu próprio impulso para arremessá-lo

voando também na cerca elétrica.

Dois a menos. Estão fora de combate, mas não mortos. Meu corpo sabe exatamente o que fazer, mesmo quando eu não faço ideia. Levanto sem muito jeito. Cosmina transformou o zumpiro em pó e um dos cães infernais está preso no arame, cozinhando lentamente até a morte. Meu estômago se revira. É um demônio, mas não quero assisti-lo sofrendo.

Cosmina chuta o último cão infernal para cima de mim. Eu o agarro, segurando-o no lugar.

– E aí? – ela grita.

Olho para ela incrédula.

– E aí o quê? Você que está com a estaca!

– Que ótimo. Uma caçadora recém-desperta. Que sorte a minha. – Ela puxa o cão infernal para longe de mim e o joga o mais forte possível para cima. Ele passa pela beira do fosso e vai embora cambaleando. Há gritos de medo e surpresa, depois vários tiros são disparados. Presumo que o cão infernal esteja morto.

– Mas que danadas essas garotas – o locutor repreende. Isso não está perto de acabar. Só eliminamos dois de cada tipo. O que significa que há quatro cães infernais, quatro lobisomens e quatro zumpiros pela frente. – Isso acabou de ficar mais interessante! – O homem está mais alegre do que preocupado. – Temos duas pelo preço de uma nessa aposta de caçadoras! O que vocês dizem de igualarmos as chances? – Uma série de campanhas soa e duas de cada criatura restante caem no fosso.

Ao mesmo tempo, uma espada é lançada para dentro, caindo no chão perto de mim. Seguro a empunhadura com tanta força que minhas mãos doem.

– Você sabe usar isso? – Cosmina pergunta.

– Não! – Viramos de costas uma para a outra. Ela soa como Artemis, e já cansei disso. – Mas estou me saindo bem até agora!

– Ninguém pediu a você para...

Ela se afasta, desviando do zumpiro que a ataca. Eu tenho o meu próprio com que lidar. Ele evita meu ataque desajeitado, me acertando com força na lateral. Eu voo através do fosso e caio um pouco antes da cerca eletrificada e da incapacitação certa – que me levaria à morte. O monstro corre atrás de mim. Ergo a espada e a criatura se empala no impulso.

Ele rosna, deslizando mais para baixo da lâmina na minha direção, presas à mostra.

– *Estaca* no coração, uma espada é inútil desse jeito! – Cosmina grita. – Corte a cabeça!

– Claro! – Eu sabia disso, óbvio que eu sabia. Apoio os dois pés no zumpiro e o chuto para longe da espada. De pé, giro a arma como se

fosse um bastão de beisebol. Ela atravessa fácil o pescoço do zumbiro.

E então algo que existia se transforma em algo que não existe mais, desaparecendo em um monte de poeira. Sinto uma onda de adrenalina, meu coração acelerado, o sangue pulsando em minhas veias. Ele já era, eu estou viva. Nunca me senti tão viva. Poder e força me inundam. Com um grito, ataco meu próximo oponente com a espada.

Ela corta fundo o braço de um lobisomem.

– Não! – Eu puxo a espada, soltando-a. O lobisomem uiva de dor. Enquanto cambaleio na direção dele para ajudar, algo bate nas minhas costas, me derrubando no chão. A espada desliza para longe. Consigo me virar, mas um cão infernal prende meus ombros. Estou cara a cara com meu destino.

Ele gane, desabando sobre mim. A espada está cravada em suas costas. Empurro o cão de cima de mim, depois arranco a espada do corpo dele. Cosmina está na outra ponta da arena. Deve ter arremessado a lâmina. Ela está mantendo o lobisomem não machucado imobilizado, o braço em volta da sua garganta. Vai quebrar o pescoço dele do jeito que fiz com meu primeiro cão infernal.

Mas ele não é um cão infernal. É uma pessoa.

– Pare! – Corro na direção dela, agarro o lobisomem e o jogo contra a cerca. Ele cai, inconsciente.

– Eu ia dar conta dele! – Cosmina resmunga.

Caçadoras só matam *demônios*. Nunca inocentes.

– Eles são pessoas!

– Essa noite, não são!

A campainha soa uma, duas, três vezes. Estão despejando o restante das criaturas em cima da gente.

Largo a espada e me apoio em um joelho, entrelaçando as mãos em um apoio. Cosmina não hesita. Coloca o pé nas minhas mãos e eu a lanço com toda minha força. Ela voa pelo ar, pousando logo depois da borda do fosso. E então ela foge. Para longe de mim.

Mas. Que. Droga. É. Essa.

Estou sozinha.

Não, definitivamente não estou sozinha. Há nove monstros me cercando.

Pego a espada. Minhas pernas e braços tremem. Minha visão escurece. É como o pior ataque de asma do mundo, só que eu continuo respirando. Mas por quanto tempo?

Um por um, eu poderia ter uma chance. Mas lutando contra nove monstros de uma só vez? Não consigo proteger eu mesma e os lobisomens. Duvido até que consiga só me proteger.

O primeiro zumbiro avança. Desvio por puro instinto, arrancando sua cabeça. Um cão infernal pula na minha direção e eu corto seu estômago. O sangue jorra, cobrindo minhas mãos com um líquido tão quente que chega a queimar. Sinto vontade de vomitar. Mas essa parte de mim é deixada de lado pela ânsia de matança percorrendo meu cérebro e meu corpo como uma corrente elétrica.

Entrego-me totalmente a ela.

O cão infernal está morto. Eu ataco e arranco fora o braço de um dos zumbiros restantes. Isso não o faz nem hesitar. Eu giro, chutando alto e acertando-o na cabeça. Ele cambaleia para a cerca e suas roupas ficam presas lá.

Os outros dois cães infernais dilaceram seu companheiro de bando morto. Abaixo a cabeça e corro para um dos lobisomens que faltam, jogando-o no arame. O segundo lobisomem me agarra, lançando-me pelo ar. Caio com força de costas, mas rolo e me esquivo de suas garras. O lobisomem me prende. Então ele grita e fica molenga, um peso morto em cima de mim. Eu me livro dele. Há um dardo no seu ombro.

Com um ganido choroso, o terceiro lobisomem ativo cai com um dardo no peito. Pego a espada enquanto os cães infernais perdem o interesse em sua refeição. Os dois saltam juntos para cima de mim. Corto o primeiro, giro e chuto o segundo. Ele cai um pouco antes dos arames e tenta se levantar. Ergo a espada e ataco. Enfio-a na boca do monstro, atravessando seu crânio. Tento soltar a espada.

Está presa.

O outro cão infernal pula. Puxo a espada para cima, balançando o cadáver do cão infernal como uma arma. O impacto envia os dois

cães, o vivo e o morto, para a cerca elétrica.

Fico de pé no centro da arena, ofegante. Há corpos por toda parte ao meu redor. A maioria está morta. Os seis lobisomens ainda vivem. Estou tão ocupada contando que não noto o movimento até algo cair no chão atrás de mim: um cão infernal chamuscado com um dardo de besta nas costas a centímetros de onde estou parada.

Leo está de pé na beira do fosso, segurando uma besta. Parece determinado. Também parece apavorado.

– Você está bem? – ele pergunta.

Ergo uma mão trêmula e ensanguentada para dar um joinha. Uma das barreiras da área de observação voa sobre o lado e cai na arena, apoiada contra o arame farpado.

Artemis aparece, apoiando mais uma para formar uma escada.

– Espere até eu cortar a energia! – ela grita.

Leo atira com a besta em alguém que não consigo ver, depois recarrega. Ouço o barulho de algo se quebrando e então o zunido elétrico desaparece. Não tenho condições de ficar nessa arena nem mais um segundo, cercada pela carnificina e inundada pelo conhecimento de que eu era pura caçadora e que isso ainda não teria sido suficiente sem a ajuda de Leo e Artemis. Corro para a escada formada pelas barreiras, subindo o mais rápido que consigo. Minhas roupas se prendem no arame e eu as rasgo para me soltar sem parar um segundo.

Corro para fora da arena e para Leo. Ele me abraça, seus braços firmes ao meu redor.

– Graças a Deus – diz ele. Naquele momento, finalmente sei que estou bem. Que vou ficar bem. Eu salvei Cosmina. Nenhum dos lobisomens morreu. E isso foi graças a mim.

Leo me solta e eu cambaleio um pouco, me sentindo bêbada de adrenalina e não sei mais o quê. Artemis se junta a nós e seguro suas mãos, sentindo como se meu corpo inteiro estivesse soltando faíscas.

– Conseguimos!

Ela levanta uma sobrancelha.

– É. – Seu tom machuca mais do que qualquer golpe que levei na arena. Ela se afasta de mim, assumindo uma posição sólida e pronta para qualquer eventualidade. Mas todos que estavam aqui já foram embora ou estão fugindo. A plataforma está vazia, os organizadores desapareceram. A mesa que recebia as apostas foi derrubada. Dinheiro e pedaços de papel cobrem o chão.

Também há vários corpos. Todos parecem ser demônios, mas, no escuro, é difícil ter certeza. Quem os matou? Artemis? Ou...

– Cadê a Cosmina? – eu pergunto.

Minha pergunta é respondida quando a vampira do andar de cima derrapa pelo chão, deslizando direto pela borda do fosso.

Cosmina passa por nós.

– Para que isso, meu anjo? – pergunta a vampira, ficando de pé e se limpando. – Não queríamos te machucar. Apostei uma bolada na sua vitória!

Cosmina estende a mão.

– Me passe a besta – diz ela.

Artemis parece estar se preparando para um ataque. Coloco a mão no seu ombro. Não salvei Cosmina só para Artemis arrancar seus membros um por um.

Leo está de cara fechada.

– Você largou Athena aqui sozinha.

Cosmina gira, acertando Leo no queixo. Ele mal se mexe. Cosmina xinga, segurando o punho na outra mão. Eu flexiono os dedos. Não havia notado a dor dentro da arena. Isso é tão perturbador quanto todo o resto. Cada parte do meu corpo aceitou o que fazia. Abraçou com vontade a ação.

– Muito bem – Cosmina diz. Ela pega uma das barreiras de madeira que restaram e a quebra, então a lança como se fosse um dardo. A vampira não tem tempo de desviar enquanto a madeira arranca sua cabeça do corpo.

Artemis gesticula para indicar o lugar arruinado.

– Que porcaria foi essa?

Estou olhando fixamente para a arena. O lobisomem que acertei com a espada está sangrando muito. Faço o possível para não olhar para os cães infernais.

Deixei corpos para trás. Minha repulsa é quase tão forte quanto a adrenalina que senti. E isso é o que mais me incomoda: fiquei apavorada e foi horrível, mas... também gostei daquilo. Amei aquilo. A velocidade inebriante da batalha. O cheiro de ferro do sangue no ar. O modo como meu corpo se moveu, uma arma dentro e fora de si.

O poder foi intoxicante.

Sou alguém que cura. Dediquei minha vida a isso. Curar corpos é tudo que sempre quis fazer. Mas, agora, também sou alguém que mata.

Cosmina soa indiferente enquanto responde à pergunta de Artemis.

– Fui capturada eliminando o suprimento de zumpiros deles.

– Zumpiros? – Artemis pergunta.

É interessante que o termo seja novo até para Artemis. Afasto todos os pensamentos sobre mim mesma e o que fiz e me concentro na resposta de Cosmina.

– Zumbi vampiro. É o que acontece agora quando um vampiro cria uma nova vítima. Com as conexões com o inferno cortadas, qualquer novo vampiro se transforma nessas coisas. Eles formam

colmeias. Limpei Dublin quase toda, mas não percebi que esses desgraçados estavam mantendo-os por um motivo. – Ela alonga o pescoço, suspirando. Então começa a recolher o dinheiro espalhado pelo chão, enfiando-o nos bolsos. – Eles comandam essa porcaria de cidade inteira. Agora tenho que descobrir como acertar as contas com eles.

– Demônios comandam Dublin? – Leo parece surpreso e preocupado. Estamos a apenas algumas horas de Dublin. Isso não faz com que seja nossa responsabilidade? E por que nós já não sabíamos disso?

– Não demônios. As pessoas que organizaram isso.

– E você permitiu? – Artemis pergunta.

Cosmina dá de ombros.

– Eles estão fazendo a limpa. Tornaram Dublin mais protegida das bestas sobrenaturais do que estive em décadas. Passo a dica para eles quando encontro algo grande demais para resolver sozinha.

Artemis está sinceramente horrorizada.

– Você trabalha com essa gente? Com pessoas que organizam lutas de demônios? Que jogaram você em uma arena para morrer?

– Existe um ditado de onde venho: dê a mão para o diabo até os dois terem atravessado a ponte. Ainda não encontrei o outro lado da ponte.

– Basta – digo. Estou esgotada, mas ainda há uma tarefa a ser feita. Tento me concentrar nisso. – Temos que ajudar os lobisomens. Levá-los para algum lugar seguro.

Cosmina zomba.

– Você quer dizer as coisas que tentaram nos estraçalhar?

– Não é culpa deles! E eu cortei aquele ali. Foi sem querer. Mas não acho que lobisomens se curem sobrenaturalmente rápido. – Olho para Leo e Artemis querendo uma confirmação, mas nenhum dos dois me responde. O especialista é Rhys. Fico feliz de termos deixado ele e Cillian lá fora. Eles ficaram em segurança e não precisaram ver o que eu vi. Queria que Artemis testemunhasse tudo para que me enxergasse de um jeito diferente.

Agora descubro que quero que os meus amigos me enxerguem do mesmo jeito. O primeiro instinto de Cillian foi me ligar quando uma criatura precisou de ajuda. Se ele tivesse testemunhado isso, não teria ligado. Perdi tanto nos últimos dias – tanto de quem eu pensava ser, de quem pensava que me tornaria. Quero me agarrar ao que for possível.

Cosmina termina de catar as notas espalhadas.

– Se quer ajudar aquelas coisas, está por conta própria.

– Como é que é? – pergunta Artemis. – Minha irmã salvou sua pele e você nem se deu ao trabalho de ajudá-la. Que tipo de caçadora

é você?

Cosmina se vira, seu olhar fica mais afiado do que a minha espada.

– Que tipo de caçadora eu sou? O tipo que continua viva.

– É, mas hoje você só continuou viva por nossa causa!

A caçadora se aproxima de Artemis, inclinando-se perto do rosto da minha irmã. Artemis não se acovarda. Cosmina põe seu cabelo azul comprido de lado, revelando uma orelha mutilada e uma cicatriz que desce pelo pescoço.

– Lobisomem? – Eu me pergunto se seria essa a fonte da sua animosidade.

– Não, sua anta. Outra caçadora. Então sinto muito se não estou interessada em fazer amigos. Havia um motivo para só existir uma Escolhida. Somos caçadoras. Assassinas. E não trabalhamos bem em bandos. – Ela para e me observa. – Eu conheço você. Sonhos de um incêndio, chamas violeta, mamãezinha escolhendo salvar outra pessoa? – Cosmina sorri com crueldade ao ver o pavor estampado em meu rosto. – Sonhos são uma via de mão dupla. Espero que você seja assassinada logo. Estou cansada de reviver seu incêndio. – Ela joga o cabelo de volta no lugar e vai embora dramaticamente.

O choque da noite e de tudo que aconteceu, tudo que eu fiz, me alcança. Vim aqui para ajudá-la porque a vi, porque pensei que tínhamos uma conexão. Que ela precisava de mim. Mas ela também me viu, e tudo que sente por mim é desprezo.

– Você devia ter deixado ela morrer – Artemis diz após um instante.

Eu pisco.

– O quê?

– Não valia a pena arriscar sua vida por causa dela. Se tivesse esperado alguns minutos, Leo e eu estaríamos aqui com as armas. Teríamos dado conta do recado. Você não pode simplesmente se enfiar em brigas.

Meu coração começa a bater forte novamente e tenho dificuldade para me acalmar.

– Artemis, olhe para a arena. Fui eu que fiz isso. A responsável fui eu. – Por mais que isso me incomode, é a verdade. – Sei cuidar de mim mesma.

– Não, não sabe. Estaria morta sem nós dois aqui para ajudá-la.

Abro a boca para rebater, mas desisto. Não tem por quê. Sei que ela está tentando cuidar de mim, mas ela está errada. Eu não deveria ter esperado. No andar de cima eu escolhi esperar, o que deixou tudo centenas de vezes pior. Não importa o quanto Cosmina seja babaca, eu tinha que ajudá-la. Ela não me pediu para salvá-la e não precisa me agradecer. Ajudar era a coisa certa a se fazer. E farei a coisa certa

outra vez.

Pulo sobre a lateral do fosso, ignorando o grito de Artemis. Não posso abandonar o lobisomem que feri. O braço está cortado quase até o osso, mas o sangramento diminuiu. Talvez um dom de lobisomem?

– Athena. – Leo joga o kit de primeiros socorros para mim. Assinto em agradecimento, depois faço o melhor curativo possível no braço do lobisomem. Pelo menos, ele não sangrará até a morte.

Percebo de relance um movimento no piso superior. Fico tensa, esperando um ataque, e imediatamente assumo posição de luta. Mas é Artemis... indo embora. Meu estômago dá um nó. Estamos nos afastando cada vez mais e não sei como impedir isso. Quero minha irmã de volta. Mas talvez estejamos interpretando papéis há tempo demais, e não sabemos como ser irmãs agora que as coisas mudaram.

– Vamos – diz Leo. – Eles estarão bem pela manhã. Deixaremos as barreiras aqui para que possam escalar quando voltarem à forma humana.

Eu concordo, entorpecida. Vou me preocupar com Artemis depois. Quanto aos lobisomens, isso é tudo que podemos fazer. Considero brevemente puxá-los para cima eu mesma, mas, se fizer isso, corremos o risco de eles acordarem. E o que poderia fazer com eles depois de tirá-los dali? Recolocá-los nas jaulas? Nesse caso, eu teria que ficar aqui até amanhecer para libertá-los novamente. E nós...

Ah, não. Mil vezes não.

– Pelos deuses! – Escalo as escadas improvisadas. – Estamos ferrados. Estamos *muito* atrasados.

Leo ri, a surpresa da minha declaração superando sua preocupação. Perco o fôlego enquanto seu rosto inteiro muda. Os olhos se enrugam até quase fecharem, sua garganta se move, sua cabeça inclina para trás e a boca se abre em uma expressão tão encantada que não posso deixar de retribuir o sorriso. Leo é a única coisa iluminada nesse lugar terrível.

– Você lutou em uma arena cheia de monstros e protegeu os inocentes enquanto fazia isso. E o maior pavor que demonstrou a noite toda foi quando percebeu que vai ter problemas com sua mãe. Athena Jamison--Smythe, você é uma figura.

Leo acha que fiz um bom trabalho. Ele não criticou nem questionou minhas decisões, e aprovou o que eu estava tentando fazer pelos lobisomens. Até me ajudou sedando-os em vez de matá-los. Ele entende. O sorriso ainda não deixou meus lábios. Eu os mordo, tentando me livrar dele, mas ele não se desfaz. *Pelos deuses, Nina.*

De novo não.

Artemis verifica o ambiente em busca de pistas, mas não encontra nada. Cillian e Rhys estão lá fora sem proteção. Rhys pode cuidar de si

mesmo, mas depois do que vi hoje à noite, estou mais preocupada com as *peessoas* do que com os monstros que eles podem encontrar. Os lobisomens terão que se virar até a manhã.

Sou tomada por uma onda de alívio ao ver Rhys e Cillian nos esperando ao lado do carro. Sarah tinha sido transferida em segurança aos paramédicos, que garantiram a Cillian e Rhys que ela ficaria bem. Artemis continua calada. Quero que ela reconheça que fiz uma boa ação. Mas ela está observando a noite, pronta para rechaçar qualquer ataque.

Cillian me olha com um terror mudo. Meu casaco favorito cor de calêndula está encharcado de sangue e tripas. Estremecendo, eu o arranco e largo na calçada.

– Você está bem? – Cillian sussurra. Apoio-me nele. Não respondo, porque não quero saber qual é a resposta. Rhys vem pelo outro lado e passa o braço em volta de mim.

Enquanto Leo coloca o equipamento no carro, ele também parece preocupado. Mal olha para mim. O que é compreensível; bom, até. Ele teve uma atuação admirável esta noite como guardião, e isso é tudo que ele é para mim.

Quando Cillian e Rhys entram no carro, eu me estico para pegar a bolsa de Artemis e passá-la para Leo. Ela a tira de perto de mim.

– Me dá aqui.

– Qual é o seu problema? – pergunto, incomodada com seu tom de desdém.

Ela deixa escapar uma risada amarga e surpresa.

– Qual é o meu *problema*? Faz ideia do que eu senti ao correr para dentro e ver você no meio de um ataque?

– Não, e você? Faz alguma ideia do que eu senti lá no meio? Eu estava tão assustada, mas ao mesmo tempo não estava. Tipo, existe essa coisa dentro de mim, recolhida, aguardando, e ela é assustadora, emocionante e forte... – Nós nos encaramos, as duas com raiva, as duas magoadas. Baixo a guarda primeiro. – Sinto muito se a assustei. Fiquei feliz por você estar lá.

Artemis se vira para colocar sua bolsa no carro, mas parte da tensão deixa seus ombros.

– Tá. Sempre estarei presente por você. Não vá pensando que não precisa de mim. – Mas a frase soa menos divertida e mais... amarga. Ela segura meu braço quando vou entrar, sua pegada quase dolorosa. Provavelmente teria sido dolorosa dois meses atrás. Não mais. – Me promete que vai me ouvir da próxima vez – diz ela. – Que não fará algo assim novamente.

Algo assim tipo o quê? Salvar outra caçadora? Acabar com monstros e vencer? Eu me saí bem. Venci. E seu único reconhecimento é me fazer prometer que não lutarei para ajudar alguém novamente.

Mas... se eu tenho que ser uma caçadora, é exatamente esse tipo de caçadora que eu quero ser.

Artemis não faz ideia de como me sinto. Ela sempre foi forte. E agora eu também sou e ela quer que eu me contenha. Ela ainda me vê como a irmã deixada para trás, que precisa de proteção e ajuda.

Posso não saber como desvendar meus sentimentos, mas sei que preciso parar de mentir a respeito deles. E *quero* conversar com ela, contar tudo. Ela vem encarando essas lutas há tanto tempo. Realmente poderia me ajudar.

– Não posso prometer isso, Artemis. Mas...

Ela recua como se eu a houvesse queimado. Sem falar mais nada, senta-se no banco da frente e bate a porta.

Na viagem de volta para Shancoom, a noite nos sela. Algo tremendo mudou. Artemis se fechou e passa o trajeto olhando a paisagem pela janela. Rhys e Cillian estão recostados um no outro, semiadormecidos. Estou agitada, aborrecida com Artemis por me deixar de fora exatamente como nossa mãe faz.

Penso em tocá-la em seu banco, mas paro, horrorizada. Minhas mãos ainda estão cobertas de sangue.

Fico olhando para elas e sei o que mudou. Sei por que todos nós parecemos estranhos. Posso ter me tornado uma caçadora no dia em que a mágica chegou ao fim, mas esta noite, pela primeira vez, realmente agi como uma caçadora. Eu era uma criatura de instinto e brutalidade lutando contra monstros. E gostei disso.

Agora, no carro, cercada pela minha vida antiga, minha vida real, o fato me incomoda mais do que qualquer coisa.

Eu vi Cosmina. Ela era uma caçadora. Uma caçadora de verdade. Uma matadora. Mas, quando pulei na arena, o único pensamento que me passava pela cabeça era salvar alguém que precisava de mim. Pareceu correto. Pareceu bom. Cosmina pode me odiar o quanto quiser, porque ela está viva para fazer isso. Seis lobisomens acordarão amanhã feridos, mas respirando. Graças a mim.

Só preciso descobrir como ser uma caçadora sem perder, no processo, o que me faz ser a Nina.

Sento na cama, meu coração acelerado.

Qual o problema com meu cérebro na hora de dormir? De todas as coisas que eu poderia sonhar, meu subconsciente escolhe Bradford Smythe de novo? Eu teria preferido voltar à arena para combater monstros, ou até mesmo o incêndio.

Preciso de terapia.

– Você está bem? – Artemis balbucia sonolenta do outro lado do quarto.

– Você já teve sonhos esquisitos com o Conselho?

– Toda maldita noite. Ruth Zabuto usa meus dedos como agulhas de tricô e Wanda... – Ela para, resmungando alguma coisa sobre aranhas e interruptores, e depois fica quieta, a respiração constante.

Pelo menos Cosmina não veio passear nos meus sonhos. Ficaria mais do que feliz se nunca mais a visse. E não confio nos meus sonhos de caçadora. Meu sonho com ela não só falhou em me dar informações muito pertinentes como também me enviou até ela contra sua vontade.

Deito de volta na cama. São quatro da manhã e só dormi uma hora.

Meu telefone vibra. Tento chegar até ele antes que Artemis se mexa. A tela mostra uma mensagem de Cillian.

Está acordado.

– Enfiem uma estaca com um milhão de farpas no meu coração – sussurro. Olho para Artemis. Eu ia contar para ela sobre o demônio ontem de manhã. Então tudo aconteceu tão rapidamente e ela estava tão brava. Não sei o que teria feito com o demônio.

Meu demônio. Posso dar conta disso.

Não interaja, escrevo. Estou a caminho.

Armas, armas, preciso de armas. Só por precaução. Ponho os chinelos, jogo um roupão enrugado em cima do pijama e me esgueiro pelo corredor. Estou na metade da ala do dormitório quando o cheiro de fumaça de cigarro me faz parar.

Imogen está apoiada em um recuo da parede. Seus olhos estão

pesados e cansados.

– E aí, Nina? Tá indo pra onde?

– É. Hum. Vou pegar uma água.

– Aqui. – Ela me passa o cigarro e desaparece dentro do quarto dos pequenos. Seguro o cigarro com cuidado, como se ele pudesse ganhar vida e abrir caminho à força até meus pulmões. Imogen sempre usa mangas compridas quase até os dedos. Ela não tem medo de que as mangas peguem fogo?

Quando volta, ela ri baixinho da minha cara óbvia de pavor.

– Foi mal. Não pensei direito. Isso foi rude da minha parte. – Ela pega o cigarro, me passando uma garrafa de água e uma caixa de suco. – Temos um monte de pedidos para matar a sede no meio da noite. Sempre tenho um estoque completo.

– Obrigada. – Mas agora Imogen está entre o ginásio cheio de armas e eu. E não posso deixar ninguém saber o que estou fazendo.

Ela bate as cinzas em um pequeno prato no chão.

– Me desculpe por isso. Nunca fumo onde os pequenos possam ver. Mas tem dias e dias. – Ela sacode a cabeça, seu cabelo loiro fino e sedoso cobrindo seu rosto. Sempre gostei dela, mas Imogen nunca foi de passar tempo com o restante de nós. Um dos motivos é que ela é mais velha. Vinte e poucos anos. Mas principalmente porque existe para cuidar dos pequenos. Sua prioridade é essa, sempre.

Concordo com a cabeça.

– Tem dias e dias.

– Então quer dizer que você é uma caçadora, hein?

Pelos deuses. Esquecemos de contar para ela! Nós contamos para Jade? Só é segredo que eu estou treinando, não que sou uma caçadora. Tenho tantos segredos ultimamente que não consigo lembrar qual é um segredo de verdade e qual é só meio que um segredo. Mexo meu pé no chinelo.

– Pois é. Surpresa?

Imogen dá de ombros.

– Não exatamente. Faz sentido.

– Ah, faz? – Eu pensava que fosse um sentimento não compartilhado que, se alguém tivesse que ser uma caçadora, seria Artemis. Talvez minha mãe até a tenha treinado na esperança de que as habilidades de caçadora despertassem na gêmea certa. Talvez... talvez Artemis desejasse isso também.

– É claro. Você passou todos esses anos aprendendo as melhores maneiras de ajudar e proteger os outros. Acho que será ótima. – Seus olhos cor de mel ficam castanho-escuros na luz difusa do corredor. Eles estão quase fechados de exaustão, o que lhe dá uma aparência triste. – Mal posso esperar para ver o que você fará.

– Obrigada. – Parece a resposta inadequada, mas fico grata por

ela se sentir assim. Então me lembro que Imogen não sabe que estou treinando, porque eu não deveria estar treinando. Pelos deuses, o castelo ficou complicado. – Quer dizer, provavelmente não vou fazer nada. Nada de caçadora, quer dizer. Minha mãe não quer que eu seja uma.

– Mães. – O sorriso torto de Imogen é sombrio.

Eu me encolho.

– Então, né? Vou voltar para a cama. Obrigada pelas bebidas. E pelo voto de confiança.

Como Imogen não dá nenhum sinal de que vai voltar para o quarto dela, sigo na direção do meu. Passo direto por ele e continuo mais para dentro da ala dos dormitórios. Driblo os móveis descartados, todos eles parecendo formas ameaçadoras na quase escuridão, até que encontro o armário com a passagem secreta de Artemis. O aposento do Conselho não fica muito longe do ginásio e deve haver outra saída em algum lugar.

Ligo o celular como uma lanterna. Mexendo-o de um lado para o outro, vejo passagens ramificadas. Aposto que eu poderia chegar a praticamente todos os aposentos sem jamais ser vista. Viro na direção do ginásio – assim espero. A passagem aqui é estreita e as paredes frias e úmidas roçam nos meus ombros. Fico inclinada para andar de lado. A luz fraca da tela ilumina só alguns passos na minha frente. Passo por várias saídas escancaradas.

A escuridão se move em uma delas.

Congelo. Então recuo devagar, a iluminação balançando enquanto as mãos tremem. Em seguida, jogo luz na passagem onde percebi o movimento.

Está vazia.

Eu esperava um zumbiro à espreita. Mais cães infernais. Algo sombrio e sedento por sangue que me levaria consigo para a escuridão, o lugar a que pertença.

Sem conseguir me livrar da sensação de estar sendo observada, me apresso até encontrar uma porta. Não interessa aonde ela me leve.

Eu a abro e me enfio em um espaço minúsculo ainda mais apertado que as passagens. Há um painel de madeira pesado na minha frente. Empurro. Ele cede, mas só um pouco. Empurro com mais força. Ele se abre.

Livros. Tantos livros! Eu encontrei a biblioteca secreta! Saio pela única porta. Ela também é pesada. Nem consigo imaginar o que pessoas sem a força de uma caçadora precisam fazer para dar um jeito de abri-la. Talvez ela seja projetada como uma porta de duas pessoas, para ninguém poder ficar aqui sozinho com os livros perigosos. No entanto, passei além do ginásio. A biblioteca fica perto da ala residencial do Conselho.

Uso cada grama da minha habilidade sorrateira de caçadora enquanto me esgueiro por onde minha mãe, Eve Silvera, Leo e todos os outros guardiões estão dormindo. Inclusive Bradford Smythe; estremeço me lembrando daquele sonho estúpido.

O ginásio está aberto. Pego um bastão preto curto que dá choques elétricos. Ele é usado por guardiões, não caçadoras, mas abrirei uma exceção para mim mesma. Não levo os *nunchakus*.

Nunchakus estúpidos.

Ainda estou de roupão e chinelos. Não pensei nesse detalhe na minha pressa de chegar a Cillian. Contudo, se eu for pega voltando, ninguém suspeitará que eu estava lá fora com um demônio. Quem sai para encontrar demônios vestindo pijama de arco-íris?

– Quem sai para encontrar demônios vestindo pijama de arco-íris? – Cillian sussurra para mim no escuro. Ele está na frente da sua casa, os braços cruzados, batendo o pé impaciente. Está um frio congelante, e já tirei meu roupão para que ele não me atrapalhe se eu precisar lutar.

– Não tive tempo de trocar de roupa! O demônio está solto?

– Não. Ouvi movimento lá dentro e espiei por uma janela. Ele está acordado, mas ainda acorrentado.

Tento me animar.

– Isso é bom. Vai dar certo. Vai dar tudo certo. Vou entrar. Se eu não sair em dez minutos, chame Rhys e Artemis. Ou o exército.

– Muito tranquilizador isso, né?

Passo direto por sua casa e pelo quintal. O galpão espregueada, esperando na escuridão para me engolir inteira.

Pego os bastões de eletrochoque e penso nas piores possibilidades. O demônio está livre lá dentro, esperando para me matar. O demônio está livre e não está mais lá dentro, mas já matando pessoas e é tudo minha culpa. O demônio não está livre e está lá dentro, e terei que decidir o que fazer com ele, incluindo a possibilidade de... matá-lo.

Essa última opção é a que mais me incomoda. Uma coisa é matar criaturas enquanto se está lutando pela própria vida. Outra é escolher fazer isso racionalmente. Guardiões precisam tomar decisões assim o tempo inteiro. E caçadoras nem pensam no assunto. Elas só agem.

Respirando fundo, destranco a porta e entro batendo os pés, minha agressividade levemente abafada por pantufas. Puxo a corrente para acender a luz.

– Ai, vê se avisa primeiro.

O demônio – acho que é macho – aperta os olhos para mim, levantando as mãos algemadas para sombrear os olhos. Espantosamente, eles são de um castanho normal. Junto de sua pele radioativamente brilhante, fica parecendo que uma criança com uma

caixa de lápis de cera e nenhum senso de combinação de cores o desenhou.

– Ah. – Sua voz é dissonante a ponto de incomodar, filtrada através de materiais que não chegam a ser cordas vocais e bocas humanas. – Ei. Olá. Escuta, você e eu sabemos que sou mais valioso vivo. Mas você sabia que minhas secreções são mais estáveis e de melhor qualidade quando estou feliz? Então mantenha isso em mente enquanto decide como vai me punir. – Ele baixa as mãos, me olhando confuso. – Você não parece uma caçadora de recompensas.

– Hã, obrigada? – Eu não me movo, nem ele.

– Olha, sinto muito se saí correndo. Mas as condições eram menos do que ideais para mim. Se colocar Sean no telefone, eu me desculpo e podemos chegar a um acordo. De preferência, um que envolva menos tortura. Não quero morrer, e você também não quer que eu morra. E ele vai me matar se as coisas continuarem do jeito que estão.

Apoio-me contra uma mesa, plenamente consciente do comprimento das correntes e da distância que ele pode alcançar caso tente dar um bote para me surpreender.

– Não faço a menor ideia do que está falando ou de quem é Sean. Encontramos você inconsciente. Também tinha um cão infernal por perto.

Ele se assusta, em pânico, como se um cão infernal pudesse estar escondido no galpão minúsculo.

– Onde ele está?

– Eu o matei.

Ele bufa, cético.

– Você o matou.

Cruzo os braços, na defensiva.

– Sim.

– Com o quê? Você o sufocou com um ursinho de pelúcia? Deu uma festa do pijama e trançou o cabelo dele até a morte?

Eu incorporo Artemis.

– Vai realmente insultar alguém que matou um cão infernal com as próprias mãos?

Ele se remexe com um chacoalhar de correntes.

– Tá bom, tá bom, claro. Eu acredito em você. Você matou o cão infernal. Obrigado por isso.

– Tinha dois, na verdade. – Não menciono o que aconteceu com o segundo. Quero que ele fique impressionado ou tenha medo de mim. – Por que eles estavam aqui? Estavam caçando você ou você é o dono deles?

– Malditos vira-latas demoníacos. Eu nunca teria um. Eles são capazes de atacar o dono em vez de sua presa. E não é divertido ser presa deles, falo por experiência própria.

Sinto uma onda de alívio. Pelo menos não salvei o demônio responsável pelos cães infernais.

Ele reacomoda seu peso com um tilintar de correntes.

– Posso dar uma sugestão, amada? – Ele sorri, revelando fileiras duplas de dentes pretos sem ponta. – Me solte. Esqueça que já estive aqui. Esqueça que um dia me viu. Prometo que será melhor para você.

– Não posso soltar um demônio!

– Fantástico. – Ele apoia a cabeça na parede. – Você é o quê? Algum tipo de justiceira? Não sou um cara mau. Sério, não mesmo.

– Então por que esse Sean quer você?

O demônio ergue as mãos.

– Você deve ter notado que tenho um leve problema de pele.

Torço o nariz.

– Sim, seu problema de pele sujou toda a minha camisa e o meu cabelo enquanto eu carregava você para cá.

Ele bufa uma risada, então rapidamente tenta disfarçá-la como uma tosse.

– Uau. Me desculpe. Minha linhagem específica de demônio, como você me chamou, secreta uma substância que tem um efeito psicotrópico nos humanos. Psicotrópico significa...

– Eu sei o que psicotrópico significa. – Todo bom paramédico estuda drogas. – Você secreta sedativos?

– Depende. As pessoas reagem de modos diferentes ao ingeri-la. Em algumas, ela surte um poderoso efeito antidepressivo. Em outras, desencadeia euforia. Algumas vezes, ela põe a pessoa para dormir. E às vezes faz o sujeito alucinar. Mas sempre de um jeito feliz. – Devo parecer horrorizada, porque ele dá de ombros. – Não posso evitar, literalmente. Eu valho um bocado no mercado clandestino, se você conhecer as pessoas certas. – Ele me olha de cima a baixo, se demorando no meu pijama de arco-íris e nos chinelos. – Não acho que você conheça as pessoas certas. E Sean a encontraria no instante em que começasse a fazer perguntas para me vender. Sendo assim, novamente, sua melhor saída é me libertar.

– Por que você secreta esse treco? Deixa eu adivinhar: suas vítimas ficam tão felizes que não se importam quando você as come.

É ele quem torce o nariz desta vez, a pele rachada se enrugando. Então faz uma careta e ergue os dedos para o corte coberto por meu curativo.

– Acontece que eu sou vegetariano. Algo do tipo.

– Algo do tipo?

– Eu como emoções. É isso que fazemos. Deixamos vocês felizes e depois respiramos toda essa felicidade. E então seguimos em frente, porque para que comer a mesma felicidade quando podemos experimentar algo novo em cada refeição?

– E suas vítimas?

– Que vítimas? A maioria fica com uma leve dor de cabeça quando volta ao normal. Nenhum dano duradouro. Elas terão até memórias felizes. Eu não machuco ninguém. – Ele sacode um tornozelo acorrentado para mim. – Diferente dos humanos. Vocês predam todas as criaturas que veem.

– Isso não é verdade!

– Não é?

Abro a boca para argumentar, mas... bem, ele tem razão. Somos uma raça profundamente predadora. Veja o que estar imbuída de poder demoníaco significa para nós, afinal. Nós nos tornamos caçadoras – humanas feitas somente para caçar e matar.

Sacudo a cabeça, retomando a concentração.

– Tenho livros e mais livros sobre demônios. Posso procurar por você e descobrir se está me contando a verdade.

– Ótimo. Vá fazer isso. E torça para Sean não a encontrar enquanto estiver lendo. Porque eu não vou machucar você, mas Sean sem sombra de dúvida vai.

A intensidade do demônio me faz suspeitar que ele está dizendo a verdade. E então um pensamento me ocorre. Já enfrentei cães infernais duas vezes por causa desse demônio e uma vez em outro lugar.

– Esse Sean. Ele trabalha em Dublin? Tem um terno bonito? Usa rabo de cavalo?

Todo o desdém no rosto do demônio muda para a cautela.

– Pensei que não o conhecesse.

– Não conheço. Mas acabei com uma das festas dele na noite passada.

Ele se empurra para trás como se quisesse se enterrar na parede do galpão.

– Você deveria me deixar ir. E deveria fugir também. Parece ser uma boa garota.

Bato com o bastão de eletrochoque na mesa.

– Eu sei me cuidar. – Mas é coincidência demais: o demônio aparecer aqui e meu sonho me levar à Cosmina, que estava ligada ao homem a quem o demônio está conectado. – Por que fugiu para cá?

– Fui para a floresta primeiro. O cão infernal estava na minha cola, então continuei avançando. Por algum motivo o galpão me pareceu seguro. Ele me chamou, eu acho. Eu estava tentando entrar. Mas acabei desmaiando depois de pular a cerca.

– Não, estou falando de Shancoom. Dessa área especificamente.

O demônio desvia os olhos, faz um gesto de indiferença. Então esfrega o ombro. Deve estar dolorido, mas está funcionando. Fiz um bom trabalho nele também.

– Eu gosto do litoral. Cidadezinha adorável.

– Estava procurando alguém? Não pode ser coincidência você ter vindo parar justo no nosso castelo.

– Você não quer se envolver com isso. Pode achar que já está envolvida, mas essa história vai muito mais fundo. Me solte. Encontrarei meu contato e desaparecerei, e você nunca mais vai ouvir falar de mim. Você cuidou de mim mesmo sem precisar. Isso foi gentil. Não quero que acabe morta. Fique longe de Dublin.

Eu não devia me importar com isso, mas gosto que ele me ache gentil. Cura alguns dos meus medos depois do que aconteceu na arena. Posso fazer as escolhas corretas enquanto luto e enquanto escolho não lutar.

– Quem é o seu contato? – pergunto.

Ele balança a cabeça.

– Não vou envolver você nisso, garota. – Então ele faz uma careta estranha. – Pode tentar ficar feliz, pelo menos? Estou faminto e você fede. Sério, como pode cheirar tão mal?

– Eu não cheiro mal! – Tomei banho assim que voltamos para o castelo, passando o máximo de tempo possível esfregando do corpo sangue de cão infernal, pó de zumbiro, culpa e adrenalina.

– Não, sério. Parece... – Ele inclina a cabeça. – Esse cheiro está agarrado a você como fumaça. É raiva e desespero, uma fúria violenta. Muito mais do que uma única garota deveria ter. – Ele se inclina para a frente, repentinamente interessado. – Quem é você?

– Ninguém – eu desafino. Será que ele pode sentir o cheiro da caçadora em mim? Talvez eu devesse contar a ele. Talvez isso o assustasse a ponto de me passar mais informações. Mas não quero usar isso como uma arma ou uma ameaça. E não quero entregar minha identidade para todo e qualquer demônio, mesmo que esse não pareça lá muito ameaçador.

Não posso deixá-lo notar que me abalou. Cruzo os braços e mantenho minha melhor imitação de Artemis. Firme. Capaz. No comando.

– Até me dizer quem é o seu contato e o que está acontecendo, você não vai a lugar nenhum.

O demônio estica as pernas o máximo que as correntes permitem.

– Se Sean vier me procurar, não diga que não avisei.

– Acho que consigo lidar com ele.

– Claro. Você vai dar chineladas nele até a morte. – Ele fecha os olhos. – Mas me traga alguém feliz logo, senão vou morrer de fome. Ou pode fazer um bem a nós dois e lamber minha pele. Será o melhor dia da sua vida, prometo.

– Que nojo. – Eu me afasto dele, querendo lavar a boca com enxaguante bucal só de pensar na hipótese.

– Ahãn, com certeza você pode lidar com o Sean. Ele nem vai cortar a sua garganta. – O demônio boceja. Seus dentes não são dentes. Parecem-se mais com esponjas.

– Talvez eu devesse ligar para ele agora mesmo.

Ao ouvir isso, seu rosto é tomado de pavor genuíno.

– Por favor – ele diz, sua voz suave. – Por favor, não faça isso. Me deixe preso aqui. Para sempre, se for preciso. Mas não me devolva para ele.

Meu coração responde ao seu medo, mas não posso fazer promessas a um demônio. Então não digo nada, só que sua expressão me assombra enquanto vou apagar as luzes. Eu hesito.

– Quer que eu deixe a luz acesa ou apagada?

– Pode ser acesa? Eu não gosto do escuro.

Eu assinto. Nem eu. Saio do galpão com mais perguntas do que respostas. E, se quero descobrir se alguma parte do que ele me contou é verdade, só tenho uma opção disponível.

Pesquisar.

Bato na porta de Rhys assim que dá um horário razoável. Ele abre e olha ao redor.

– Tem algo errado?

– Não, nada. Eu meio que queria... fazer um pouco de pesquisa.

Rhys pisca, surpreso.

– Pesquisa? Sério? – Seus olhos se estreitam levemente. Nunca fiz esse pedido. Não posso deixá-lo suspeitar que existe um motivo muito real por trás dele. Odeio ter de manipulá-lo, mas, como não posso falar com o Conselho, essa é minha única opção.

– É só que, depois da noite passada, quero me sentir normal. E o que é mais normal do que a gente indo para a biblioteca estudar demônios?

Rhys sorri e há carinho genuíno em seu rosto. Sinto uma pontada profunda de culpa por enganá-lo. Acho que ele ajudaria, de verdade, mas aí eu teria que pedir a ele que guardasse segredos por minha causa. Entendo agora o quanto segredos são desgastantes e horríveis. Não quero sobrecarregá-lo com esse.

– Não tem nada que eu gostaria mais nesse mundo – diz ele. – Tem um objeto de pesquisa específico em mente? Ou vamos na sorte e jogamos roleta-russa com as prateleiras?

Eu rio.

– Foco em demônios? Vimos um novo tipo na noite passada. Zumpiros. Isso me fez perceber o quanto ainda não sei.

– Perfeito! Vamos nos aprofundar em demonologia. E você pode me contar todos os detalhes do zumpiro, além de me ajudar a refinar minhas ideias para o meu projeto de guardião. Todos os meus esforços anteriores foram para o brejo quando Buffy detonou a magia. Preciso de algo novo. Algo prático, mas também sensacional.

Rhys e eu entramos juntos na biblioteca. Ele inspira profundamente, esfregando as mãos.

– Por onde começar?

Passo os dedos ao longo das prateleiras. Esse realmente é um aposento bonito. As aberturas da janela fornecem luz dourada

abundante que corta a sala em raios, iluminando as partículas de poeira que dançam languidamente no ar. A maioria dos livros tem capa de couro e lombada desbotada. Sob as capas ilegíveis há cartões meticulosamente rotulados. Estão na letra de Artemis. Mais uma tarefa ingrata que ela fez. Será que eu já disse a ela o quanto aprecio o seu esforço? Será que alguém já disse?

Mas as etiquetas de Artemis não me dizem que tipo de demônio eu tenho no galpão de Cillian ou se ele é perigoso.

– Existe alguma coisa que classifique demônios por cor?

Rhys balança a cabeça. Ele já está puxando livros de vampiros, assim como vários livros cujos títulos começam com “necro”, um prefixo que normalmente evito, se possível.

– Zumpiro é um nome técnico? Parece mais um apelido.

– Duvido que vá encontrá-lo em um dos livros. Cosmina disse que eles apareceram depois que a conexão com as dimensões infernais foi cortada.

Ele larga vários dos livros, desanimado.

– Então precisaríamos de relatórios de campo. O que seria fácil se tivéssemos alguém além de Honora em campo. E se ela fizesse os registros. Leo não os encontrou?

– Não que tenha comentado, mas sintase à vontade para perguntar a ele. – Preciso redirecionar o cérebro excelente de Rhys. Zumpiros são um elemento novo, o que não é bom, porque significa que não há informações sobre eles, e nós prosperamos com informações. Mas o demônio no galpão é mais urgente do que os zumpiros de Dublin. – E um livro que organize demônios por tipo? Uma referência abrangente. Como uma enciclopédia de demônios.

Ele coça a cabeça, olhando em volta com uma expressão aturdida.

– Não. A maioria dos livros foi escrita sobre demônios específicos. Áreas do mundo. Períodos da história. Mas... uau. Essa é uma ideia incrível. Se eu pudesse condensar essas informações em um guia de referência facilmente pesquisável...

Perdi sua atenção. Estalo os dedos.

– Certo. Vamos afunilar a pesquisa, então. Estou interessada em demônios híbridos. Mas estou me sentindo um pouco sensível. Então que tal demônios híbridos que comam coisas que não sejam pessoas? Sei lá, talvez os que se alimentem de... emoções? – Há um letreiro amarelo neon como o demônio piscando em cima da minha cabeça com os dizeres “Nina está tramando algo”.

Felizmente, Rhys está concentrado fazendo o que gosta e não nota minha culpa óbvia.

– Tipos empáticos então? Emoções de verdade ou energia emocional? Ou só energia? – Ele começa a puxar livros de uma forma que me parece aleatória. Conhece tão bem essas prateleiras que pode

pegar os volumes sem nem olhar. – Este aqui tem uma seção sobre demônios do medo. Sujeitinhos desagradáveis. Ênfase em “inhos”. Ah, esse tem uma boa cartilha sobre demônios dos tipos íncubo e súcubo, com vários estudos detalhados. Uma história de Pylea, o que é útil. Hum, esses demônios são psíquicos, mas isso poderia se sobrepor ao que você está estudando. Quer demônios que só comam emoções? Este aqui vive de emoções, mas também curte filhotes de gato.

– Como bichos de estimação?

– Como lanches.

Faço uma careta. Se o demônio no meu galpão come filhotes de gato, definitivamente fui boazinha demais com ele.

– Acho que vou focar nos que comem emoções, mas tudo bem se escapar um pouco disso.

Rhys solta os livros junto de um caderno e uma caneta.

– Enquanto estiver estudando, anote os demônios em ordem alfabética, classifique-os por tipo e também inclua uma bibliografia detalhada para poder encontrar as referências depois.

– Dever de casa?

Rhys sorri.

– Se vai fazer pesquisa, faça direito.

Sua animação seria contagiante se minha pesquisa não envolvesse uma crise tão urgente em tempo real. Ele pega mais três livros – facilmente milhares de páginas de informações – e os adiciona à pilha com tapinhas carinhosos.

– Eles devem dar um bom começo.

– Começo? – choramingo.

– Nosso livro de referência de demônios será meu projeto de guardião! Ele vai ser útil mesmo com a morte da magia e posso atualizar as anotações para refletir a mudança no mundo! Também vai nos dar um bom ponto de partida para determinar quais demônios estão presos à Terra e de quais estamos livres. Também podemos acrescentar coisas novas, como zumpiros. – Ele torce o nariz em desagrado. – Vou arrumar um nome em latim adequado para ele. De qualquer modo, todo o panorama demoníaco mudou e cabe a mim catalogá-lo! – Ele comemora consigo mesmo, voltando para as prateleiras.

Ponho a mão na massa, mas não me saio bem. Existe uma quantidade enorme de demônios que consomem emoções. E emoção e energia são coisas tão próximas que frequentemente os registros não fazem nenhuma distinção. Além disso, nenhum dos desenhos geralmente horríveis se parece com meu demônio Coldplay.

Balanço a cabeça, deixando escapar uma risada.

– Pelos deuses, ele era amarelo. – *Todo amarelo*, como na canção do Coldplay.

– Hã? – Rhys tira os olhos do seu próprio livro.

– Nada não.

Somos interrompidos quando a velha Ruth Zabuto surge com Jade a reboque.

– Olá, queridos – diz Ruth.

– E aí, vó. – Rhys mal olha para cima.

– Oi, Jade – digo. Quero mencionar que sou uma caçadora, porque me sinto culpada de não ter contado para ela e Imogen. Mas não consigo pensar em um jeito não esquisito de trazer o assunto à tona.

– Bom dia. – Ela enruga o nariz de desgosto tanto pela palavra quanto pelo conceito de manhãs. Parece cansada, como se mal tivesse dormido. O que é estranho. Jade dorme o tempo inteiro. – Ser uma caçadora não deveria liberar você da pesquisa? Se eu fosse uma caçadora, nunca mais colocaria os pés na biblioteca.

É claro que ela sabe... É um milagre que eu mantenha os segredos que tenho morando no Castelo da Fofoca. Porém, me sinto aliviada de não precisar contar a ela.

– Minha mãe não quer que eu treine. Então, pensei em ser um novo tipo de caçadora. O tipo inteligente que faz pesquisa. Uma caçadora-guardiã.

Jade parece afrontada.

– Que desperdício.

A voz de Ruth Zabuto vacila e seus olhos estão marejados. Ela parece desgastada e pálida, com olheiras mais escuras do que o normal.

– Jade, querida, pegue todos os livros de magia dos quais tivermos cópias extras. Artemis marcou suas lombadas com giz. – Jade suspira e começa a percorrer as estantes.

– O que estão fazendo? – Fecho meu livro em um desenho tenebrosamente detalhado de um demônio comendo medo, inserindo sua língua fina como uma agulha em uma amígdala. Preferia aquele que comia gatinhos.

O rosto cheio de rugas de Ruth se enruga ainda mais.

– Já ouviu falar de uma coisa chamada... E Day?

– eBay – Jade a corrige.

– Sim. E... Bay. Ruth fala como se fossem duas palavras distintas.

– Muitos desses livros são antiguidades. E é tudo que são. – Ela passa os dedos pela capa de um livro com relevo dourado e um único olho no meio. – Esse era um olho de verdade, sabia? Ele costumava se abrir e olhar a pessoa com raiva por ousar explorar sua magia. – Ela cutuca o olho com o dedo, como se tentasse acordá-lo. – É só um livro agora.

– Vó! – Rhys se levanta. Nunca o vi tão irritado. – Você não pode vender os livros!

– Só os livros de magia, querido. E só os que já tivermos copiado. Precisamos mais de dinheiro do que de livros de história. Temos que pensar no futuro dos pequenos. Não temos mais os recursos de antigamente. – Ela dá um tapinha na mão dele e depois continua examinando as estantes com Jade. Rhys desaba na cadeira.

Essa é nossa história. Nossa herança. É tudo que tenho me conectando com meu pai. E é mais uma coisa que estamos perdendo por causa da estúpida da Buffy. Se ela não tivesse quebrado nada, ainda teríamos magia e dinheiro. Se não tivesse bagunçado tão profundamente os poderes de caçadora, eu não teria me tornado uma. Minha vida teria continuado simples.

Contudo, mesmo enquanto esse ressentimento familiar passa pela minha cabeça, preciso admitir que não tenho certeza absoluta de que gostaria que minha vida tivesse continuado descomplicada. As mudanças colocaram as coisas em total evidência. A ideia de voltar a ser a paramédica – ignorada, desanimada, deixando Artemis ficar no comando do castelo e da minha vida... não parece atraente. Era injusto comigo e com ela. E vejo agora que, como guardiã, eu nunca teria transformado o modo de ninguém de pensar ou trabalhar.

Nunca imaginei que minha vida mudaria para melhor se eu virasse uma caçadora, mas o universo tem um senso de humor perverso. Eu queria transformar os guardiões. Para isso, precisei me tornar outra coisa.

A porta abre e minha mãe entra.

– Ruth, não conte a Wanda o que estamos fazendo. Ela insistirá em uma reunião e depois exigirá ficar no comando da nova alocação de fundos, e nós duas sabemos onde o dinheiro vai parar se... – Ela para no meio do raciocínio quando me vê. – O que está fazendo aqui?

– Rhys quer fazer uma enciclopédia de demônios. E, como não estou ocupada – digo, investindo na mentira para provar o quanto não estou treinando como uma caçadora ou lutando contra bestas infernais, nem fazendo nada que me coloque em problemas –, pensei em ajudar.

Ela franze o cenho, pensativa.

– É uma ótima ideia, Rhys. Prática. – Seus olhos passam por várias prateleiras, nunca parando exatamente em mim. – Está se sentindo bem, Nina?

– Estou – respondo.

– Se divertiram no cinema?

– No... – Eu me interrompo antes de perguntar do que ela está falando. – Ah, sim! Foi superdivertido. – O filme foi bem divertido, não foi? – pergunto a Rhys.

– Um pouco sanguinolento demais pro meu gosto – ele responde, impassível.

– Bom – diz minha mãe. – Bom. Muito bem, vá me atualizando sobre o andamento do seu projeto, Rhys. Nina, posso falar com você no corredor um instante?

Fico surpresa por ela não me fazer agendar uma reunião através de Artemis. Sigo-a até o lado de fora. Talvez ela vá falar comigo sobre o segundo cão infernal, aquele no qual ela atirou. Explicar por que não se incomodou em contar para todo mundo sobre ele nem nos pôs em confinamento novamente. Quanto mais penso no assunto, mais estranho me parece. Ela não estava preocupada que houvesse mais deles? Ela não conhece o alvo deles, então não faz ideia de que, contanto que o demônio Coldplay não esteja aqui, nós estaremos seguros.

– Tenho algo para você. – Ela me passa um panfleto. Ainda estou pensando nela, na arma e no cão infernal, então levo vários segundos para processar o que estou lendo. E, depois, vários outros antes de conseguir me expressar através do choque e da confusão. – Internato?

– Você vai começar atrasada, mas vai ter um preparo adequado para a universidade e seus futuros estudos de medicina.

– Os meus o quê? Como assim? Já estou estudando. Aqui.

Por um segundo, vislumbro em seu rosto a mesma vulnerabilidade que pensei ter visto ontem. Como se ela estivesse pronta para realmente conversar comigo pela primeira vez na vida em vez de enviar comandos na minha direção. A vulnerabilidade desaparece rapidamente por trás de sua expressão firme e inflexível. Ela não é minha mãe com essa expressão. É um membro do Conselho.

– O castelo nunca foi realmente o lugar certo para você.

O “castelo” significa os guardiões. Ela está insinuando que nada do que eu fiz importa. Que aquilo que sempre suspeitei é verdade: eu não tenho lugar ou propósito aqui, entre as pessoas que mais amo e na organização à qual eu quero servir.

– Mas eu sou parte disso. – Minha voz sai rouca de dor. Quero ficar com raiva, mas me sinto tão machucada que não consigo acessar a emoção. Estar aqui, fazendo esse trabalho... é o que faço com Artemis. E é minha única conexão com meu pai. – Sou uma guardiã.

– Não é, não. – Ela não fala isso com maldade. Só está expondo um fato.

E ela tem razão. Eu não sou nem nunca seria. Não totalmente. Isso foi reservado para Artemis. Eu não havia feito muita diferença ao longo dos anos. Não duvido que meus companheiros guardiões se importem comigo, mas também sei que eles nunca precisaram de mim. Não do modo como precisam de Artemis, Rhys ou Leo. Uma semana atrás, minha mãe poderia ter me mandado para longe e isso não teria causado praticamente nenhum impacto no funcionamento do castelo.

Mas isso seria uma semana atrás. Ergo meu queixo em desafio.

– Então não sou uma guardiã. Tudo bem. Sou uma caçadora. – Cada vez que digo isso em voz alta, parece mais real, um pouco mais correto.

Minha mãe recua como se eu tivesse batido nela.

– Não é o que você quer.

– Você nunca me perguntou o que eu quero! – Empurro o panfleto de volta para ela. – Nem uma vez. E quanto a Artemis? Ela vai deixar tudo isso para trás e também vai para o internato?

– Artemis precisa ficar comigo. Vai ser melhor para todo mundo.

– Não vai, não. Aposto que também nunca perguntou para Artemis o que ela quer. – Aliás, será que eu já perguntei? Já ouvi alguma vez Artemis dizer que queria ser uma guardiã? Ela ficou devastada quando falhou no teste, mas foi porque falhou ou porque queria ser uma guardiã?

– Gostaria de poder tomar minhas decisões com base no que você quer, Nina. Mas não posso. Existem coisas mais importantes em jogo do que seus sentimentos. Um dia você entenderá. Até lá, precisa confiar que estou fazendo o que é certo para você. Para vocês duas. Eu sou sua mãe.

– Minha mãe? – Quero machucá-la tanto quanto ela me machucou. – Não. Você é um membro do Conselho. E como, de acordo com você, não sou nem guardiã nem caçadora, não preciso obedecer às suas ordens.

Volto para a biblioteca. Jade nota minha expressão e abre a boca para perguntar algo, mas ergo minha pilha de livros e a carrego para a prateleira mais distante. Abro a porta secreta com um chute e entro tempestuosamente na sala secreta, passando pelos túneis e saindo finalmente na ala dos dormitórios.

Deixo os livros no meu quarto. Em seguida, enlouquecida, furiosa e bastante preocupada de que minha mãe vá aparecer para a segunda rodada, saio para correr.

Isso não desanuvia minha mente. Nunca fui treinada para conhecer meu corpo, para usá-lo em sua plena capacidade. Eu costumava ser precisamente consciente de todas as minhas limitações. Não faço ideia de quais elas sejam agora.

Essa última tentativa da minha mãe de se livrar de mim me persegue. Não consigo fugir dela rápido o bastante. O Conselho não a deixaria fazer isso. Bradford provavelmente ficaria contra ela. Eve com certeza sim. E Leo, estou certa de que Leo brigaria para eu ficar. Isso faz eu me sentir um pouco melhor – saber que tenho os Silvera. No entanto, fico um pouco surpresa com minha absoluta confiança em que Leo está do meu lado. Talvez eu deva contar a ele sobre o demônio no galpão. Mas seria tão humilhante de admitir. E aí eu teria

que contar a Eve, porque tenho certeza de que ele não guarda segredos da mãe. E ela contaria para o restante do Conselho, porque é uma deles.

Agora que parei para pensar nisso, por que Leo não veio me encontrar hoje? É por que precisávamos ser discretos e fingir, para minha mãe não suspeitar de nada? Ou ele está me evitando depois da noite passada? Talvez ele e sua mãe estejam conversando a meu respeito, decidindo o que fazer.

Todo mundo aqui é um guardião antes de qualquer outra coisa. Preciso achar uma caçadora para conversar. Ou pelo menos alguém que entenda pelo que estou passando.

Enquanto pulo sobre troncos e me abaixo sob galhos, me vem um detalhe do qual havia me esquecido. Tenho acesso a pessoas que conhecem caçadoras melhor do que ninguém. Ou pelo menos tenho acesso ao que escreveram.

Roubei dois diários de guardiões do criado-mudo da minha mãe. É hora de descobrir o que eles sabiam.

Encontro Artemis no nosso quarto ao voltar. Ela não costuma ficar à toa durante o dia – seu trabalho a mantém ocupada. E ainda não sei como estão as coisas entre nós depois da noite passada.

– É terça-feira – diz ela. Soa como uma acusação.

Então a ficha cai. É terça-feira.

Terça-feira à tarde é a única folga de Artemis. Nós a passamos juntas. Fazemos manicure e pedicure, enchemos os suprimentos de água benta e afiamos estacas enquanto assistimos a filmes em nosso laptop ancião. Comemos barrinhas de proteína que armazenamos para não termos que passar perto da cozinha nem da sala de jantar. Normalmente, é o meu dia favorito da semana. Costumo passar os seis dias anteriores escolhendo cuidadosamente os filmes e as cores dos esmaltes. Mas, nessa semana, não preparei nada.

– Você se esqueceu, não foi? – Artemis está de cara amarrada.

Eu me esqueci. Mas admitir isso a machucaria ainda mais. Então eu minto novamente.

– Depois do que aconteceu ontem à noite, não sabia se você iria querer passar o dia comigo.

A mentira não funciona. Ela parece ainda mais machucada.

– Você não quer?

– É claro que quero! Eu sempre quero. – Mas não estou no clima de ver filmes. Estou no clima de bater em alguma coisa. De correr mais. De fazer alguma coisa, qualquer coisa, com toda essa energia me aticando. Preciso encontrar Leo, ver se Eve tem alguma informação adicional sobre o que enfrentamos ontem à noite. E os diários estão me tentando do seu esconderijo. De quem eles seriam para minha mãe

querer ficar com eles? O que eles me diriam sobre como ser uma caçadora?

Sento-me na minha cama.

– Eu só não sei em que pé estamos agora. Não queria forçar você a fazer isso.

Ela enfileira cuidadosamente nossos frascos de esmalte. Sempre se veste de preto, mas me deixa pintar suas unhas com esmaltes coloridos e brilhantes.

– Pode parecer sem sentido agora, com tudo que está acontecendo, mas quero passar uma tarde normal com você. Se quiser.

Ela não consegue disfarçar a dor em sua voz. Sempre fui a pessoa que contava os dias para o nosso encontro semanal. Mas talvez ela precisasse deles mais do que eu.

Sinto uma onda de culpa. As mudanças na minha vida bagunçaram a dela também. Tenho estado brava com ela, com motivo, mas também posso ser paciente e compreensiva. Os diários dos guardiões não vão a lugar algum. Nem o demônio Coldplay.

– Eu também quero – respondo rapidamente. – Uma tarde normal. Você escolhe o filme.

Enquanto ela remexe na nossa pilha de DVDs, percebo, pela primeira vez, que Artemis é só uma adolescente. Assim como eu. Temos dezesseis anos, mas ela nunca age conforme a idade fora das nossas poucas e preciosas horas semanais. Pensar em quanto nós duas somos jovens me lembra do motivo de eu ter corrido da biblioteca.

– Então, a mamãe falou com você sobre o internato? – eu pergunto num tom casual.

– O quê? Não. Do que está falando?

Respiro profunda e tremulamente. E se Artemis concordar com o raciocínio da nossa mãe? Isso acabaria comigo. Mas não posso manter mais nenhum segredo. Mal aguento os que já tenho.

– Ela quer me mandar embora.

Artemis sacode a cabeça e olha para mim atônita.

– Está de brincadeira com a minha cara?

– Ela trouxe um panfleto e tudo.

Os olhos de Artemis se iluminam de raiva.

– Não. Não vou deixá-la fazer isso. Ela não vai nos separar.

Meu alívio é rápido e esmagador. Independentemente das nossas discordâncias ou brigas, Artemis continua do meu lado. Ela pode ser mais próxima da nossa mãe, pode ser a filha que nossa mãe quer que fique, mas Artemis é *minha*. Despenco na cama dela. Artemis senta-se do meu lado e apoio a cabeça no seu ombro.

Agora que tenho certeza de que isso não vai acontecer, de que Artemis não vai deixar que aconteça, posso relaxar o bastante para pensar de fato no assunto sem ficar com raiva.

– E se você viesse comigo? Trocasse treino para lutas por educação física. Demonologia por geologia. Latim por... bem, por latim mesmo, eu acho, mas provavelmente um latim menos bizarro.

Artemis bufa.

– Consegue imaginar nós duas em uma escola normal?

Fecho os olhos.

– Na verdade, posso. E tem mais: se estivéssemos numa escola só de meninas, olha só quantas opções haveria para uma linda que nem você.

Artemis ri, mas é um sorriso sombrio e tristonho.

– Nunca vou sair daqui, Nina. A mamãe nunca me enviaria. E o Conselho não concordaria. Nem pagaria por isso. Nem sei se teriam condições a essa altura. Além disso, agora que você é uma... – Espero que ela diga “caçadora”. Quero que ela diga. Assim que ela reconhecer o fato, talvez isso acabe com o clima esquisito entre nós. Eu poderia dizer o quanto a noite passada foi confusa para mim. Poderia dizer a ela tudo que estou sentindo. E poderia contar sobre o demônio no galpão. Mas ela não termina a frase. – Bem, seja lá o que estiver acontecendo com você, vamos resolver isso juntas. A mamãe não vai afastar você de mim.

Não é exatamente a validação que eu estava esperando, mas aprecio saber que ela lutará por mim. Com todos segredos se empilhando entre nós, escolho uma verdade para contar a ela.

– Roubei uma coisa do quarto da mamãe.

Ela põe o laptop de lado.

– O quê?

Saio da cama dela e vou para a minha, onde recupero os diários. Ela se senta no chão na minha frente. Abro o primeiro na primeira página. É o diário do guardião Bradford Smythe.

– Que estranho – diz Artemis. – Por que a mamãe teria isso?

– Eu nem sabia que ele já tinha sido um guardião ativo. Não consigo imaginá-lo em campo.

Ela segura o outro, então faz um barulho que nem um animal ferido e o larga no chão. Eu o pego.

O nome gravado na capa – que eu não tinha visto antes através da poeira na pressa de esconder o livro – é Merrick Jamison-Smythe. Eu o abro ansiosa, mas Artemis coloca a mão em cima da minha e gentilmente o fecha outra vez.

– Não – ela diz.

– Por que não? É o papai. Não quer saber o que ele escreveu?

Ela parece assombrada.

– Não. Não é do papai. Ele pertence ao guardião Merrick Jamison-Smythe. Quero me lembrar dele como o papai. Ser parte dos guardiões consome todos os outros aspectos da minha vida. Eu só...

Eu só preciso que ele continue sendo só o papai, sabe?

Não concordo com ela, mas entendo. E uma parte de mim está feliz. Meu pai sabia que eu era uma caçadora potencial, e o diário fala da sua época com caçadoras. Agora que também sou uma caçadora, quase sinto que ele o escreveu para mim e só para mim. Enfio-o embaixo da cama, prometendo voltar a ele quando estiver sozinha.

Artemis pega o diário de Bradford Smythe e começa a folheá-lo.

– Por que a mamãe guardaria isso?

– Estava na cabeceira dela junto com o do papai. Também não entendi a razão.

Ela para em uma página, tocando-a de leve.

– Ah, entendi. Ele trabalhou com uma caçadora potencial. Não reconheço o nome dela. Foi há décadas.

Eu me inclino mais para perto para ler sobre seu ombro.

– O que acontece com caçadoras potenciais que envelhecem? Quer dizer, o que costumava acontecer? No passado. – Elas eram as sortudas. Quando apenas uma caçadora era desperta de cada vez, se uma caçadora potencial ficasse muito velha, suas chances de se tornar a nova caçadora diminuía e finalmente desapareciam. As minhas teriam sido ínfimas, com certeza.

– As que tinham sido identificadas e treinadas desde a infância eram absorvidas pelos guardiões. Elas sabiam demais àquela altura e forneciam sangue novo para as famílias antigas. A maioria nunca ganhava o *status* de guardião oficial, mas era assim que eles conseguiam gente para uma operação em larga escala. Na época em que era em larga escala.

– Então, mesmo que não se tornassem caçadoras, ainda não estavam livres?

– Pois é. – Artemis estala o *p* no início da sentença. – Uma vez parte da sociedade dos guardiões, a única maneira de sair é morrer, ser preso ou fracassar tão miseravelmente a ponto de se juntar a Wesley Wyndam-Pryce trabalhando de investigador particular para um vampiro chamado Angel. – Ela sorri maldosamente. – Nunca vou superar o quanto isso é engraçado. Tento trazer o assunto à tona sempre que possível na frente de Wanda. “Com licença, essas caixas são *particulares*? Posso *investigá-las*? Imogen Post não é um *anjo* com essas crianças?”

Eu gargalho. Essa é minha Artemis. A irmã que conheço e amo.

Ela dá um sorriso largo.

– Tive que inventar maneiras de tornar os dias suportáveis. Às vezes prego peças em Ruth Zabuto. Uma vez troquei seus cristais de foco por balas transparentes. Ela não notou. Até hoje. Então quando ela reclamar sobre a magia ter desaparecido, saiba que ela não era boa nisso nem quando a magia ainda existia.

– O que você faz com Bradford?

Ela dá de ombros.

– Ele é tipo um ursinho de pelúcia velho. Só me pede para fazer coisas relevantes e sempre me agradece, então não me importo. Mas de vez em quando troco seu fixador de bigode por pasta de dente. Ele fica com um cheiro de menta extraforte nesses dias.

– E com a mamãe?

Os olhos de Artemis perdem o brilho.

– Nada. – Ela me passa o diário, puxando os joelhos para si e apoiando o queixo neles. – Nina, sei que você fica com ciúme de eu trabalhar com a mamãe. De eu sempre saber aonde ela vai e o que ela faz. Mas isso não quer dizer que eu seja mais próxima dela. Na verdade, isso nos torna ainda menos mãe e filha. Ela fica super de olho em tudo, é tão rígida. Tem vezes que eu é que sinto ciúme de você. Andando pela clínica, ajudando todo mundo.

– Mas eu não ajudo todo mundo. Não mesmo. Qualquer um pode fazer o que eu faço lá. Você vai ajudar muito mais pessoas do que eu.

Ela se vira de modo que sua bochecha repousa no joelho e ela fica me olhando.

– Você ajuda pessoas só de ser você. Você me ajuda. Todos os guardiões vivem com um pé na escuridão, mas você... você sempre dá um jeito de trazer a luz. Se eu fui dura com você nos últimos dias é porque... não quero que perca isso.

Quero contar a ela tudo que venho sentindo. Essa é minha chance.

– Artemis, eu...

– Tudo bem. – Ela sacode a cabeça, me cortando. Sinto um aperto no coração. Ela não quer conversar comigo sobre eu ser uma caçadora. É bom saber pelo menos parte do motivo, mas isso significa que ainda não posso ser honesta com ela. Ela continua. – Posso proteger você dessa escuridão, mesmo que eu não seja uma guardiã oficial. Se é que essa coisa de guardião oficial existe atualmente. Vou te proteger. – Ela cutuca o livro. – O que mais esse diário diz? – Sua mudança abrupta de assunto não me passa despercebida. Porém vou respeitar a vontade de Artemis de não falar sobre isso. Ela me ajudou tanto ao longo dos anos; ainda estou aprendendo como fazer o mesmo por ela.

– Um bocado de procedimentos de treinamento. – Folheio as páginas de cronogramas dietéticos, testes e técnicas. Pulo para o final, me perguntando onde essa caçadora potencial em específico foi parar. Para que função ela foi designada? Ela se tornou uma contadora? Cozinheira? Agente de operações especiais? Precisávamos de todo tipo de profissional quando estávamos operando em plena capacidade. Eu me pergunto se alguma das caçadoras chegou a trabalhar na área médica. Talvez assim eu tivesse algo em comum com uma delas.

– Opa. – Aponto para um dos últimos registros. – Ela chegou a se tornar caçadora. E teve uma filha. E depois... que triste. Foi morta por vampiros. Ela só foi caçadora por alguns meses. Parece que Bradford Smythe adotou o bebê. O nome da criança está no final do diário.

– Helen – Artemis e eu lemos ao mesmo tempo.

Helen. Nossa mãe.

Quantas vezes meu passado pode se despedaçar e se recriar de um jeito diferente? Nossa mãe não nasceu para ser uma guardiã – ela foi adotada por um. Ela era filha de uma caçadora. Uma mulher que nunca conheceu. Uma mulher que morreu por causa de um chamado que agora eu tenho. O mesmo chamado que matou meu pai.

Eu deveria ficar surpresa por ela esconder algo tão importante de nós, mas essa é a parte menos surpreendente disso tudo. Minha mãe tinha sido um mistério opaco para mim por tanto tempo, porém essa revelação responde a uma coisa.

– Não é de espantar que a mamãe odeie tanto caçadoras – eu sussurro. – Isso vai muito além da Buffy. Artemis, você... Você acha que ela odeia o *fato* de eu ser uma caçadora ou que *me* odeia por ser uma caçadora?

– A mamãe não odeia você.

– Ela me afastou todos esses anos! Mentiu para todo mundo sobre eu ser uma caçadora potencial. E, pelos deuses, agora entendo por quê. Não é só por causa do papai. É a vida dela inteira. Eu represento tudo que já a machucou. – Sinto-me sobrecarregada pela dor da minha mãe, irracionalmente com raiva dela por ter uma história trágica. Não pedi por nada disso. Não quero sentir pena dela. Não vou.

– Toda essa história de caçadora não é justa – diz Artemis. Acho que ela está falando da nossa mãe, até que ela continua. – Por que isso tinha que acontecer com você? Não faz sentido. Eu não entendo. Nunca deveria ter sido você.

– Quem deveria ter sido, então? – pergunto, na defensiva. Sinto conflitos sobre ser uma caçadora, claro, mas é um evento místico. Se fui a Escolhida, é porque eu deveria ser.

Artemis me surpreende.

– Ninguém – diz ela, sua voz áspera. – Ninguém. Eles nunca deveriam ter forçado ninguém a isso, desde a primeira caçadora. Um bando de homens fracos e arrogantes decidiu o que era melhor e sobrecarregou o restante de nós com as consequências. – Artemis agarra o diário e o fecha com força, depois o joga no canto do quarto.

Ela sobe de volta na sua cama.

– Venha. Só quero assistir a um filme bobo e não pensar em nada.

Ela está encerrando a conversa. E agora que entendo o preço que ela pagou por essa vida, me sinto determinada a protegê-la. Então escolhemos uma comédia romântica e pinto as unhas dela de

vermelho escuro, minhas mãos firmes, o esmalte perfeito. Ela pinta as minhas, mas seus dedos tremem e minhas cutículas ficam parecendo ensanguentadas como depois da luta na arena.

Acordo assustada, meio zozna e confusa. A madrugada está caindo suave e inevitável no horizonte. Após o filme, nós duas apagamos cedo. Minhas noites de insônia finalmente vieram cobrar seu preço.

Fico deitada em silêncio na cama, pensando no que aprendemos. Nossa mãe era filha de uma caçadora. Se não fosse, jamais teria conhecido os guardiões. Nunca teria se tornado uma. Nunca teria conhecido nosso pai. Nós não seríamos guardiãs. Mas também nunca teríamos existido.

E isso significa que minha avó também era uma caçadora. Queria poder conversar com ela. Queria poder falar com qualquer um que entenda pelo que estou passando. Queria que Cosmina tivesse sido mais legal. Pelos deuses, eu aceitaria até uma conversa com Buffy neste momento.

Eu sempre poderia ir atrás de Eve Silvera. Ou até do velho Bradford Smythe. Ele conheceu minha avó, poderia me falar dela. Mas não quero nenhum deles. Quero minha família de verdade. Quero meu pai. Artemis não quis ler o diário dele, mas eu preciso fazer isso.

Tiro-o de debaixo da minha cama, pego o de Bradford no canto onde ele caiu aberto e corro na direção do ginásio, onde quase dou de cara com Eve Silvera.

– Nina! – Ela me para com as mãos nos meus ombros. Será que nunca dorme? – Está indo para onde?

– Sala de treinamento? – Não quero contar a ela que estou tentando ler o diário do meu pai em paz.

Ela sorri em aprovação.

– Não encontrei você ontem para conversar sobre o que aconteceu em Dublin, mas achei que apreciaria ter um dia para relaxar. Nada disso demanda atenção imediata. Me desculpe por enfiá-la em tamanha confusão. Sinto que falhei com você, enviando-a para uma situação daquelas sem ter todas as informações.

– Você não tinha como saber! Estava me apoiando. Acreditou em mim quando falei de Cosmina. – Isso significa muito. E também significa muito ela se importar com meus sentimentos.

– Sempre irei acreditar em você. E, apesar de me arrepender da minha pressa em enviar você para lá, o que fez em Dublin foi incrível. Especialmente considerando que não teve treinamento. Suas habilidades são genuinamente espantosas. Acho que o melhor realmente fica para o final. Pelo visto, isso se aplica até a caçadoras.

É uma reação tão oposta à da minha mãe, e até à de Artemis, que só a observo aparvalhada. Eve não só quer que eu seja uma caçadora

como também pensa que estou fazendo um bom trabalho.

Ela aperta meu ombro.

– Não se preocupe com Cosmina ou Dublin. Bradford Smythe e eu estamos investigando a questão. Mas é melhor não comentar com ninguém a respeito disso. Sua mãe, Wanda e Ruth não sabem, e gostaria de manter assim.

– Certo. É claro. Posso ajudar em alguma coisa?

Ela sacode a cabeça.

– Você já fez sua parte, e deveria se sentir muito orgulhosa. – Ela sorri, depois segue para onde quer que estivesse indo.

Mais feliz, sento em uma pilha de colchões no canto do ginásio. Também preciso pesquisar mais sobre o demônio Coldplay, mas ele não vai a lugar algum. Cillian tem me passado atualizações regulares por mensagem, então sei que ele está seguro. Por enquanto, minhas próprias dúvidas sobre ser uma caçadora parecem mais urgentes.

O diário do meu pai é volumoso; as páginas, desgastadas e enrugadas. Ele não foi só guardião de Buffy, teve duas outras caçadoras antes dela. Sempre tive orgulho de ele ter sido guardião de tantas caçadoras. Mas, agora que sou uma, me dou conta de que isso significa que ele teve que *enterrar* duas caçadoras. Porque caçadoras não se aposentam – elas morrem.

Abro o livro aleatoriamente em algum ponto do meio. Não reconheço sua caligrafia, o que me faz sentir uma pontada aguda de perda. A escrita é uma bagunça, mas seus pensamentos são bem organizados. Esta seção tem anotações sobre técnicas de treinamento que tiveram mais sucesso do que outras, além de um breve relato sobre como sua caçadora enfrentou uma gangue de vampiros que havia tomado uma cidade pequena. Ela os atraiu para um cemitério, onde meu pai armou armadilhas de fosso com estacas para pegá-los um por um, melhorando assim as chances da caçadora.

Uma lágrima cai na página, deixando algumas palavras embaçadas e indistintas. Apesar de nunca ter nos contado sobre isso, Artemis e eu usamos metade dessas armadilhas em nossos próprios quartos ao longo dos anos. Sei que combater vampiros não é genético, mas com as habilidades dele e o *status* de caçadora da minha mãe, talvez eu realmente tenha nascido para isso.

Sinto uma conexão repentina e intensa com meu pai. Posso não me lembrar dele muito bem, mas carregamos seu legado de mais formas do que imaginávamos.

Tenho certeza de que ele ficaria orgulhoso de eu ser uma caçadora. Minha mãe pode odiar o fato, talvez até *me* odiar por causa disso, mas meu pai ficaria orgulhoso de mim como ficou daquela garota sobre quem escreveu com afeto profissional. Queria que ele estivesse aqui para me treinar. Ele não teria escondido o fato de eu ser

uma caçadora potencial. Teria me preparado. Teria usado nossos anos juntos para me ajudar a me tornar a maior caçadora de todas.

Pela primeira vez, me sinto genuinamente feliz de ser uma caçadora. Não apenas animada por causa dos truques físicos que consigo realizar ou extasiada pela adrenalina, mas verdadeiramente feliz. Porque posso ver como meu pai se importava com aquela garota, como tinha orgulho dela, pelo jeito que escrevia.

E posso fingir que sou eu. Posso imaginar que ele teria o mesmo orgulho e cuidado com o meu próprio treinamento. Meu pai amava aquelas garotas como se fossem suas filhas. O quanto não amaria uma caçadora que realmente fosse sua filha? Se estivesse vivo, tudo seria diferente. Minha mãe ainda seria ela mesma. Artemis nunca precisaria ter cuidado de mim, porque ele teria feito isso. E eu haveria sido treinada, preparada, realmente protegida.

Limpando as lágrimas, sigo em frente. Metade de mim tem a esperança de que haja registros sobre nossa família, embora eu saiba que esse é um diário profissional, não pessoal. Então eu paro. Cheguei à seção onde ele começa a preparar uma nova caçadora.

Buffy.

Está perto do fim do diário. Porque está perto do fim de tudo.

“Estou preocupado com a profecia”, ele escreveu. “Helen insiste que não precisamos nos preocupar, mas essas coisas sempre são mais complicadas do que parecem na superfície. Eu disse a Helen que não iria assumir a missão. Mas essa nova caçadora é a garota menos preparada que já vi. Estou com o relatório de vigilância preliminar. Sendo bastante sincero, é assustador. Não sou ninguém para julgar o sistema, já que o poder ancião sabe mais do que eu sobre qual caçadora potencial se transformará naquela mais necessária para a nossa época, mas... certamente ele escolheu errado, não?”

Eu bufo. Então releio a primeira parte, que faz referência à minha mãe. Eu me lembro da profecia sobre Buffy. Tinha a ver com o Mestre, a primeira grande ameaça vampiresca que ela enfrentou após se mudar para Sunnydale. Algo como “o Mestre renascerá e a caçadora morrerá”. Acabou que aconteceu. Ela morreu. Só não continuou assim. Buffy sempre teve problemas em seguir as regras.

Mas... os guardiões não tinham essa profecia na época. O namorado esquisito dela, um vampiro com alma, deu a Rupert Giles a profecia depois que o meu pai morreu. Lembro disso porque houve todo um rebuliço sobre como um vampiro poderia ter acesso a uma profecia que os guardiões não conheciam. Então meu pai não poderia saber a respeito dessa. Ele está falando de outra profecia.

E se a profecia falava da Buffy, por que ele iria preferir não ser seu guardião? Não faz sentido. Gostaria de poder perguntar à minha mãe sobre isso, mas não vai rolar.

“Tenho que aceitar a missão”, as palavras do meu pai prosseguem. “Buffy precisa de mim. Não confiarei a vida e a segurança dela a mais ninguém. Helen garantirá que a profecia nunca se realize. Bradford ajudará. E minhas filhas nunca...”

Tem que ser uma profecia diferente. Algo mais pessoal, se ele está nos mencionando. Mas o quê? Olho ansiosa a página seguinte.

Ela sumiu. Foi cortada. A página seguinte começa no meio de uma frase com detalhes sobre a primeira sessão de treinamento desastrosa com Buffy e seu medo de que o vampiro ancião Lothos já tenha começado a caçá-la. Nenhuma menção à nossa família.

Eu fecho o diário. Não consigo ler o resto. Não consigo ler sobre como ele se esforçou para treinar Buffy, para prepará-la, sabendo qual seria o resultado. Meu pai enterrou duas caçadoras. E então tivemos que enterrá-lo, por causa de Buffy.

Fico de pé e dou um soco em um saco de areia. Ele se solta da corrente, deslizando pelo chão e acertando a parede com tanta força que suas costuras explodem.

Ouçoo algumas palmas lentas e então um “Uau”.

Giro e dou de cara com Leo atrás de mim.

– Me desculpe! Foi sem querer. Eu estava... – começo a dizer, mas me interrompo. Sou uma caçadora fodástica que pode estourar uns sacos de areia sem a permissão de ninguém. Quero que Leo fique bravo comigo, que me repreenda, para eu poder gritar de volta com ele.

Leo se curva e examina o saco de areia.

– Essas instalações foram projetadas para guardiões. Não caçadoras. Não é sua culpa que você seja mais forte do que todos eles juntos.

Não é exatamente a discussão que eu estava esperando. Pego uma vassoura de um armário para ajudar a limpar. Quando volto, Leo está segurando os diários.

– Isso aí não é meu! – Meu rosto fica vermelho, todo o trauma do passado ressurgindo.

Leo fica vermelho. Realmente vermelho. Como ele ousa?

– Claro que não. Eu sei disso.

– Eu nem mantenho um diário. – Arranco dele o diário do meu pai, mas ele segura minha mão.

– Athena. Sinto muito. Sobre aquele dia na antiga sala de treinamento. Nunca tive a chance de conversar com você sobre isso antes de ir embora.

– Nem penso mais nisso – eu minto. – Por que precisaria conversar comigo? – Solto a minha mão e abraço o diário do meu pai contra o peito.

Leo suspira e se senta nas esteiras. Olha para o outro diário.

– Por que está com o diário de Bradford Smythe?
– Ele foi o guardião da minha avó.
– O quê? – Seu choque é genuíno.
– É uma descoberta e tanto – reconheço. – A mãe da minha mãe era uma caçadora. Foi assassinada logo após o nascimento da minha mãe. Bradford a acolheu.

– Uau. Eu não fazia ideia. Pensei que Helen fosse uma Smythe.
– Eles a colocaram diretamente na linhagem familiar. Acho que sempre estivemos destinadas a estar no meio da luta contra os demônios.

Ele folheia mais páginas.

– “O homem suporta o que lhe impõe o destino; nadar contra a maré é desnecessário.”

Dou uma olhada na página em que ele parou.

– Diz isso aí?

Leo ri.

– Não, desculpe. Estava citando Shakespeare. É um hábito terrível. Li tudo dele nos últimos dois anos. Não há muito para fazer durante emboscadas a demônios com a própria mãe.

É a primeira vez que ele cita algo específico sobre o tempo em que ele e Eve ficaram fora do radar.

– Pensei que sua vida tivesse sido superemocionante, trabalhando em campo.

– Você diria que Dublin foi emocionante?

– Não! – Eu paro. Ninguém quer ouvir como me sinto sobre as coisas, mas Leo está realmente prestando atenção. – Sim? Meio que foi. Foi apavorante e terrível, e também sensacional e incrível, sem falar medonho, e não sei como algo poderia ser tudo isso ao mesmo tempo.

Ele assente.

– As coisas que fazemos... Bem, podem ser empolgantes. Há uma enorme dose de adrenalina diante da morte e da vitória. Estar em campo foi tudo o que você disse. Mas também foi entediante na maior parte do tempo. Ônibus, aviões e quartos de hotel mais assustadores do que qualquer coisa naquela arena onde você entrou. Esperando. Observando. Caçando. – Noto um olhar triste e distante em seu rosto. – E foi solitário. Depois do ataque que acabou com a sede dos guardiões, pensei que todos haviam morrido. Que eu estava sozinho lá fora.

– Mas você tinha a sua mãe.

– O que me deu mais saudade ainda de vocês. – Ele havia tentado me dizer isso antes, mas eu não deixei. Estava irritada demais me lembrando da minha própria mágoa. Agora acho que entendo. Minha mãe quer me afastar do único lar e da única família que já conheci.

Não me importa o quanto as coisas mudem: essas pessoas, os guardiões, são os meus amigos. Pelo menos, não tive que passar dois anos pensando que todos estavam mortos. Ainda tinha Artemis e Rhys. Jade. Imogen e os pequenos. Até mesmo o Conselho. Eu me pergunto por que os Silvera continuaram. Por que não decidiram se estabelecer em algum lugar e tocar suas vidas.

Imaginar Leo lá fora, solitário e sentindo a nossa falta, em vez de chutando bundas e demônios e sendo todo lindo e metido sobre isso, faz eu baixar ainda mais a guarda. Eu pigarreio.

– Então o que significa? Sua citação chique de Shakespeare?

– É parte do motivo de eu ter dito que você só deveria treinar se quisesse. Apesar de, pensando bem, essa nunca ter sido uma opção. – Ele dá um sorriso irônico. – Eu queria, pelo menos, te oferecer isso. Ninguém nunca me ofereceu outra vida. Mas, no fim das contas, nenhum de nós pode escapar daquilo que nasceu para fazer.

Foi por isso que não se estabeleceram em lugar nenhum. Quando alguém sabe tanto quanto sabemos, como pode decidir simplesmente... parar? Parar de lutar? Parar de tentar ajudar? Uma vez que se entra nesse mundo, não se pode virar as costas para ele. Eu me pergunto se minha mãe deseja que Bradford Smythe a tivesse dado para adoção, dado a ela o presente de uma vida normal para compensar a violência dos seus primeiros dias. Ela nunca saberia.

Fico feliz por isso não ter acontecido. Por mais que eu questione tudo mais na minha vida neste momento, sei como o mundo realmente funciona. Conheço os monstros que estão lá fora. E conheço as pessoas que dedicaram suas vidas a lutar contra eles. Mesmo que nem sempre concorde com seus métodos ou escolhas. Mesmo que não faça mais ideia do meu lugar nessa luta.

– E quanto àqueles que nasceram para ser guardiões e caçadoras?

– Tento sorrir, mas não dá muito certo. – Qual nós escolhemos? De qual não podemos escapar?

– Você quer escapar? – Não há julgamento em sua voz.

Balanço a cabeça.

– Não quero fugir de ser uma guardiã. Esse é o nosso legado, nossa vocação. Sempre quis ser parte disso.

– Se pudesse, você escolheria não ser uma caçadora?

Quase cuspo um sim. É meu primeiro instinto. Mas ainda estou segurando o diário do meu pai. O que ele iria querer para mim? O que eu quero para mim? Realmente quero desistir do que me tornei? Por algum motivo, a memória-sonho da caçadora que salvou uma vila inteira volta com toda a força. Ela era tão decidida! Tão corajosa, boa e poderosa! Se eu pudesse ser uma caçadora como ela, então escolheria ser uma, acho. Mas será que eu consigo?

Talvez, com Leo e Eve do meu lado, eu consigo. Meu pai iria

querer que eu tentasse. E eu também quero tentar. Não saberei quanto bem posso fazer até saber do que sou capaz. Viro-me para Leo para dizer-lhe o quanto estou feliz de ele estar me ajudando, mas alguém abre a porta.

– Esbaforida! – Honora Wyndam-Pryce declara. – E Leo? – Caramba, isso é bonito feito um poema.

Honora usa lindas botas de couro cor de vinho que sobem até metade das panturrilhas. Seu vestido é preto e seu cabelo comprido e reluzente cai em ondas soltas. Ela tem o delineador de olho de gato mais perfeito que já vi ao vivo. É como se tivesse saído direto de um desfile para o ginásio. Enquanto isso, eu ainda estou usando as roupas de ontem, e tenho o cabelo despenteado e olhos de quem acabou de chorar pelo pai falecido.

Ela nota o que estamos segurando e seu rosto se ilumina.

– Meu Deus. Isso aí são os livros de poesia da Esbaforida?

Quero que a terra se abra e me engula inteira. Muito obrigada, Buffy. Isso não acontece mais.

– Vai pro inferno, Honora. – Nunca ouvi Leo ser tão curto e grosso desse jeito. O choque da sua raiva me tira do meu estado de humilhação. Ele não está olhando para mim, mas se aproxima de maneira quase imperceptível.

– Não posso, querido. Não soube da novidade? Ele está fechado para reforma. – Ela sorri para nós, girando enquanto observa a sala. – Esse lugar sempre foi tão deprimente? Lembra quando treinávamos aqui, Leo? As festas que dávamos bem embaixo do nariz deles. Eram épicas. Harry Sirk fazia um coquetel mágico destruidor. Você literalmente ficava voando pelo resto da noite. – Ela suspira melancolicamente. – Pena que tenha morrido. Sinto falta dele.

Fico de pé, pegando os diários e mantendo-os junto do peito.

– Falando em coisas das quais sentimos falta, por que não volta para seja lá onde passou os últimos dois anos para podermos continuar sentindo a sua?

Honora põe a mão no coração.

– Assim você me magoa. Pensei que seria bem recebida por aqui, já que sou a única realmente fazendo algo de útil. Diferentemente do Conselho. Se esconder está fazendo bem a eles? Com certeza estão protegendo muitos inocentes entocados aqui no castelo.

– Você não faz ideia, faz? – Leo balança a cabeça. – Athena está...

Ponho a mão em seu ombro, com pressa de interrompê-lo.

– Na área médica. Organizei um centro médico para o castelo. – Imagino que ela ainda não tenha falado com a mãe e não quero contar a ela que sou uma caçadora só para me vangloriar. Isso é algo meu, não um assunto para ser discutido com Honora, e não estou nem aí que ela não fique impressionada.

Ela ergue uma sobancelha habilmente esculpida. Pode até dizer que tem estado lá fora protegendo as pessoas, mas não parece estar dando duro.

– Bom para você. – Não sei dizer se ela está sendo sincera. Duvido muito. – Leo, quando você voltou? Pensei que tinha morrido.

– Me desculpe por desapontá-la.

– Está falando sério? Não sei por que vocês dois estão agindo desse jeito. Estou tão feliz de ver vocês. – Agora ela soa... Quase sincera de verdade? – Nossos anos juntos foram tão divertidos. Senti saudade de vocês.

– Acho que você se lembra dessa época de um jeito realmente diferente de mim. – Jamais gostei de Honora, mesmo antes daquele dia terrível. Ela estava sempre testando os limites, encontrando pequenas maneiras de se rebelar. Eu odiava como ela era desrespeitosa com a sociedade dos guardiões quando eu teria dado tudo para ser treinada como ela.

Apesar disso, uma memória inesperada de Honora pulando, dançando e rindo no meio de luzes piscando é desencadeada pelo seu sorriso. Um show ao qual lembrava de ter ido apenas com Artemis e Jade – Honora nos colocou para dentro. Tinha me esquecido dessa parte. Ou a reprimido.

– Escutem – ela diz. – Não vim aqui para fazer social. Passei por Dublin e tem um bocado de burburinho nos submundos da cidade.

O rosto de Leo não entrega nada do que fizemos lá.

– Sério?

– Algum problemão com demônios.

Talvez ela saiba sobre a prática das apostas e tudo mais acontecendo lá embaixo. Se ela sabe que estamos envolvidos, nosso segredo está tão morto quanto um cão infernal em uma arena de luta. Ela contará para a mãe dela, que contará para minha mãe.

– Que tipo de problema?

– Do tipo sangrento, com alta contagem de cadáveres e um demônio mortal. Ele deixou dezenas de corpos no seu rastro. Acho que veio nesta direção. Queria me certificar de que estavam todos bem e descobrir se o Conselho ficou sabendo de alguma coisa.

Não, não é sobre a arena. É uma ameaça diferente. Fantástico. Como se eu já não tivesse mais do que o suficiente com que me preocupar.

– Que tipo de demônio? – pergunta Leo.

– Um híbrido de humano e pylean. Macho. Pele amarelo neon, chifres pretos, uma coisinha realmente desagradável.

Disfarço meu espanto com uma tosse.

– Foi mal. Uau. O que, hã, ele fez?

– Matou outros demônios. Homens. Mulheres. Até algumas crianças. Um assassino brutal. Ouviram alguma coisa a respeito?

– Não – diz Leo. O que é verdade, da parte dele.

Tento comparar o que ela está dizendo com a minha conversa com o demônio Coldplay. Meus instintos me disseram que ele não era uma ameaça. E, apesar de eu não confiar cem por cento nesses instintos de caçadora, eles têm acertado bastante até agora. Além disso, não dá para fingir o tipo de medo que ele demonstrou quando ameacei chamar Sean. Não posso imaginar que um demônio tomado por uma fúria assassina ficaria aterrorizado daquele jeito com o homem que vi na arena.

Para evitar que ela faça mais perguntas, tento dar somente as informações que a mãe dela já sabe.

– Um cão infernal apareceu por aqui outro dia, mas achamos que estava perdido. – Ninguém mencionou o segundo, o que significa que minha mãe não contou nada. O que continua a ser problemático. Quanto mais penso no assunto, mais suspeito que ela não está preocupada porque sabe que os cães infernais não estão atrás da gente. Mas como ela poderia saber disso? Se ela soubesse do demônio no galpão, eu já estaria lascada.

Honora se anima, obviamente intrigada.

– Cão infernal? Por que ele estava aqui?

Espero não estar demonstrando o pânico que sinto. Mas ela não pode estar certa sobre o meu demônio. Camiseta do Coldplay. Orelhas furadas. E ele nem tentou se soltar. Se existe uma pessoa no mundo que não me sinto nem um pouco inclinada a ajudar, essa pessoa é Honora. Vou resolver o mistério desse demônio sozinha. Se ele estiver matando pessoas por aí, então lidarei com isso. Sou uma caçadora. É o meu trabalho.

Dou de ombros.

– Como disse, estamos nos escondendo. Não conversamos muito sobre demônios nos dormitórios. Talvez valha a pena falar com o Conselho?

O rosto bonito de Honora se enrugou de desgosto.

– O mais provável é que não saibam de nada. Somos os únicos que fazem alguma coisa por aqui. – Ela para e sorri gentilmente. – Bem, *eu* sou a única que faz alguma coisa.

Eu me irrita.

– Minha mãe está constantemente lá fora. E Leo e a mãe deles passaram os últimos três anos rastreando e matando demônios na

América do Sul.

– Ah! Isso parece divertido! Teremos que compartilhar histórias. E Esbaforida pode nos contar sobre as técnicas mais recentes de remoção de farpas e beijinhos em machucados. – Ela joga o cabelo para o lado. – Brincadeirinha. Realmente acho que o centro médico é uma boa ideia. Adoraria vê-lo mais tarde. Vou tomar um café da manhã e falar com os velhotes. Não leiam nenhum poema bom sem mim. – Ela sai.

A mão de Leo roça na minha.

– Athena – ele diz, sua voz calma.

Estou cerrando os punhos com tanta força que eles estão tremendo. Não quero falar disso.

– Ela tem um lado cruel e sempre sentiu ciúme de você.

Faço uma careta.

– Ciúme? Por que ela teria ciúme de mim? Não sou ninguém. Eu era a outra gêmea Jamison-Smythe. A que não podia fazer nada.

– Exatamente. – Leo pega a vassoura e começa a varrer o saco de areia destruído que havíamos esquecido. – Honora não queria ser uma guardiã, mas a mãe fez uma baita pressão em cima dela. Tudo que ela fazia era comparado com o resto da família. Ela seria a pessoa a redimi-los. Traria a honra de volta aos Wyndam-Pryce.

– Ainda não entendo por que isso a deixaria com ciúme de mim.

– Sua mãe não a empurrou para o treinamento de guardiã nem a puniu por não ser a melhor.

– Porque ela estava tentando me impedir de fazer qualquer coisa que pudesse me tornar uma boa caçadora.

– Seja lá quais fossem os motivos, Honora não via a coisa desse jeito. Ela via uma menina que era feliz no meio de toda a infelicidade dos guardiões. – Ele deixa a vassoura de lado. – Não a estou defendendo. Mas ela a atacou porque odiava que você tivesse coisas que ela jamais teria. Mesmo naquela época, você era... diferente. Especial. Apesar de tudo que aconteceu e tudo que perdeu, você ainda dava um jeito de ser a parte mais alegre de qualquer ambiente. – Ele sorri, mostrando as covinhas, e meu coração se derrete. O derretimento desfaz toda a minha dedicação a levantar a guarda contra ele nos últimos três anos. Meu eu de treze anos se vangloria, triunfante, de que ele *realmente* me enxergava naquela época. Parte da minha humilhação, a parte que tinha certeza de que ele pensava que eu era estúpida, finalmente se dissipa.

Mostro minha expressão mais severa, ignorando meu eu de treze anos, mas me permitindo perdoar Leo um pouco.

– Mesmo assim, Honora continua sendo a pior pessoa.

Leo ri.

– Sem dúvida.

Abraço os diários com mais firmeza junto ao peito.

– E que fique totalmente claro que ela alterou o poema. Eu nunca escreveria algo sensual sobre você.

– Nunca? – ele pergunta, e há um tom de provocação em sua voz que surpreende a nós dois. Seu rosto fica tão vermelho quanto sinto que o meu está. – Desculpa – ele gagueja.

Não consigo evitar a gargalhada. Leo estava mesmo flertando comigo? Mesmo que tenha sempre sido legal comigo, nunca houve qualquer sinal de flerte quando éramos mais novos. Eu teria notado. Mas estamos mais velhos agora. Ficamos afastados por um bom tempo. E algo em sua voz quando fala comigo agora se parece muito com o modo como Rhys fala com Cillian.

Pigarreio, sem saber como reagir a Leo Silvera flertando. Comigo.

– Bem, eu não teria escrito nada assim aos treze anos de idade. Eu mal sabia o que “orgasmo” significava. O ensino de guardião não é lá muito abrangente nos aspectos sexuais do desenvolvimento humano. Não que eu não soubesse. Ou que eu não saiba. Mas vou parar de falar agora mesmo e sair dessa sala e talvez nunca mais voltar. – Eu vinha recuando vagorosamente em direção à porta desde que falei “orgasmo” e sabia que minha boca não pararia em tempo de me salvar.

O sorriso de Leo é ofuscante, a expressão mais genuína que vejo em seu rosto desde que voltou. Ele ergue uma mão à boca como se também não pudesse acreditar que o sorriso está ali, tocando os cantos dos lábios.

Confusa, mas feliz, vou para o quarto.

Leo tem razão. Sempre tive algo do qual as pessoas sentiam inveja: eu tinha Artemis e ainda tenho. E ela é definitivamente a melhor guardiã do castelo, não importa o que o teste diga. É hora de contar a ela sobre o demônio no galpão de Cillian. Como Artemis me lembrou na noite passada, somos melhores quando refletimos juntas sobre as coisas. Posso não ter o meu pai, mas eu a tenho. Não irei mais negligenciá-la.

Mas paro numa derrapada diante do nosso quarto. A porta está aberta e posso ver Artemis lá dentro.

E Honora.

Ela está sentada na cama de Artemis e Artemis está radiante. Se a diferença de idade que costumava me separar de Leo não é mais uma barreira, também não é para Honora e Artemis. E Artemis sempre teve uma queda por Honora.

Empurro a porta de modo que ela bata forte contra a parede. Artemis pula, então agita as mãos animadamente.

– Olha só quem está aqui!

– Eu já falei com a Nina. – Honora sorri para mim com toda a

doçura artificial de uma Coca diet. Ela nunca me chama de Esbaforida perto de Artemis. E nunca contei a Artemis sobre o incidente do poema. Devia ter feito isso, é óbvio. Devia ter contado um monte de coisa para Artemis. Estava prestes a resolver isso, mas Honora está no nosso quarto. Agora como posso falar do demônio Coldplay?

– Pensei que fosse tomar café da manhã – eu digo.

– Como poderia, sem antes visitar Artemis? – Honora se vira de volta para minha irmã. – Meu Deus. Fiquei fora tanto tempo! Você virou uma pessoa totalmente diferente. Eu fui uma bruxa feiosa dos treze aos dezessete anos, mas você está *maravilhosa*.

Artemis cora. Eu quero vomitar.

– Sêrio – Honora continua, esticando-se e brincando com um cacho caído da trança de Artemis. – Não me diga que também ficou mais rápida, mais esperta e mais forte, ou ficarei com inveja e terei que matá-la.

Por trás de Honora, finjo estar vomitando. Artemis me flagra e me encara furiosa.

– Vamos tomar café da manhã enquanto Nina troca de roupa.

Não quero segui-las. Mas de jeito nenhum vou deixar Honora ter acesso total ao castelo e à minha irmã. E tenho que me esgueirar de volta até o galpão para determinar se o demônio é, de fato, tão perigoso quanto Honora diz. Embora não pareça correto.

Eu realmente confio em um demônio mais do que em uma guardiã de uma longa linhagem?

A voz de Honora declamando poesia ecoa na minha memória. Sim. Sim, eu confio mais em um demônio amarelo fluorescente do que confio em Honora.

No café, Honora monopoliza a atenção de Artemis com histórias hilárias e ousadas de suas caçadas a demônios. Até Jade se envolve, inclinando-se para a frente e ouvindo. Rhys finge que não se importa, mas o modo como arregala os olhos nas partes boas indica o contrário.

– Posso falar com você? – pergunto a Artemis.

Ela assente, mas não para de ouvir Honora.

– Mais tarde, tá bom?

– Você não precisa falar com o Conselho, Honora?

– Bradford Smythe e Ruth Zabuto dormem até às dez ou onze da manhã – diz Artemis.

Honora rouba algumas frutas do prato de Artemis.

– Uns preguiçosos. Já bati na porta da minha mãe. Ela nem chegou a abrir. Disse que estava doente. Todo mundo aqui parece meio maltratado. Você devia dar vitaminas ou algo parecido a eles, paramédica. E, de qualquer forma, eles podem esperar. É o que eles fazem. Deviam ser o Conselho dos Esperadores. Além disso, não vou deixar Artemis limpar tudo isso sozinha. Você é a melhor aluna que eu

já vi. Não acredito que não a deixaram ser uma guardiã oficial. É uma estupidez.

Artemis dá de ombros, mas noto que gosta do que ouve.

– Depois do café, tenho algum tempo para treinar.

– Posso ir junto?

– Você não está caçando um demônio? – intervenho.

– Nenhuma pista – diz Honora. Se o demônio de Coldplay fosse realmente um assassino tão perigoso quanto ela disse, ela não iria parar por nada. Pelo menos, não se fosse uma boa guardiã, coisa que não é.

– Não vai ter nenhuma pista no nosso ginásio.

Artemis faz cara feia para mim. Faço outra de volta, depois mando uma mensagem para Cillian. Tudo está calmo no galpão. Eu poderia conversar com Leo a respeito do demônio. Ou com qualquer um, na verdade. Mas quero falar com Artemis. E não posso exatamente admitir que mantive esse segredo enorme com Honora aqui.

Mal deu oito da manhã, mas estou exausta de tensão emocional. Caio em colapso na cama. Nossa mãe é filha de uma caçadora. Ela quer me mandar para um internato. Existe algum tipo de profecia que deixou meu pai preocupado. O demônio que estou escondendo no galpão de Cillian pode ou não ser um assassino.

E a estúpida da Honora voltou.

Assim que Honora for embora, contarei tudo para Artemis e terei sua ajuda. Fecho os olhos, desejando alguns minutos de repouso com nada na cabeça para poder refletir sobre parte dessa bagunça.

Em vez disso, me vejo novamente no quarto de Bradford Smythe.

Capítulo

19

Pelos deuses, não Bradford Smythe de novo dormindo.

É o mesmo sonho. Ele se debate e se revira. A escuridão cria forma em cima dele. Mas o quarto está um pouco mais claro, como se não fosse o meio da noite. Suas cortinas estão bem fechadas, mas posso ver mais do aposento. Exceto pela forma em cima dele. Ela permanece como uma noite impenetrável. Os tentáculos da escuridão se projetam dessa silhueta, infectando o quarto.

De início, Bradford sorri, sua expressão suave. Depois, seu rosto é tomado por pânico. Suor escorre da sua testa. A forma em cima dele se arqueia triunfante.

Bradford fica completamente imóvel.

Acorde, acorde, acorde.

Está escuro. Não consigo abrir os olhos, não consigo me mover. Sinto uma pressão no meu peito, uma força pesada que parece tão escura quanto o interior das minhas pálpebras.

Quero gritar, pedir ajuda.

– Isso mesmo – a escuridão sussurra. – Você não pode fazer nada. – Sinto a presença se aproximando, sua respiração gelada roçar meu ouvido. – Não pode salvar nenhum deles.

Eu arfo, finalmente me libertando da paralisia do sonho – então me encontro em um telhado em São Francisco. Buffy está sentada na borda, pequena e solitária, olhando para o pôr do sol. Não tenho tempo para isso.

Se eu fosse realmente uma caçadora, se fosse como Artemis, avançaria correndo e a empurraria lá embaixo. Sonho ou não, devo isso a ela. Devo isso a ela por tudo bagunçado e estragado na minha vida. Ela desafiou os guardiões e arruinou a ordem de tudo. Deixou tanto caos entrar no mundo que o Primeiro Mal foi capaz de se erguer e matar quase todo nosso pessoal.

E meu pai morreu por causa dela.

– Você não o merecia! – grito, consumida pela raiva que direciono a Buffy. – Ele devia ter deixado Lothos matar você! Teria sido melhor para o mundo inteiro!

Não sei se é o vento soprando seu cabelo ou se é ela que se mexe, dando de ombros. Quero feri-la. Quero que saiba como é perder tudo, como é se sentir indefesa, como é se sentir...

As bordas do sonho se esticam, depois se rompem.

Já acordo a todo vapor. Ou, pelo menos, é esse o plano. Estou um pouco atordoada e sem fôlego.

Se visitei Buffy em um sonho de caçadora, então talvez o que veio antes também fosse um sonho de caçadora. Tenho que verificar como está Bradford Smythe. Quase dou de cara com Leo no corredor enquanto ele vem na direção do meu quarto.

– O que houve? – ele pergunta.

– Acho que Bradford está em perigo!

Ele imediatamente começa a andar ao meu lado enquanto atravesso o castelo e entro na ala residencial. Paro do lado de fora da porta do velho. Estou feliz por Leo estar aqui. Seja lá o que vou encontrar do lado de dentro, é bom ter alguém ao meu lado.

Eu bato. Ninguém responde. Bato mais forte. Então tento a maçaneta. Está trancada.

– Bradford! Bradford, me diga se está bem ou vou arrombar sua porta!

– O que está acontecendo? – Eve se espicha do seu quarto para o corredor.

A porta de Wanda Wyndam-Pryce se abre e ela espia com olhos sonolentos, segurando um roupão de seda em volta de si.

– Falem baixo!

Por alguns segundos, duvido de mim mesma. A voz de Leo vem quase como um sussurro.

– Derrube a porta – ele diz.

Eu derrubo.

A madeira se rompe em estilhaços com um único chute e a porta pende frouxa de uma dobradiça. Passo por ela. Meu estômago dá um nó. É o aposento do meu sonho, apesar de eu nunca ter estado dentro dele. Corro até a cama de Bradford e pego seu punho entre os dedos.

Sem pulsação.

Leo abre as cortinas para me dar um pouco de luz. O corpo de Bradford Smythe já está azul e cinza, manchado pela morte. Sua pele está fria.

Faço massagem cardíaca mesmo assim. Continuo quando Wanda entra no quarto e solta um grito de tristeza. Continuo quando Ruth Zabuto perambula para dentro e conforta Wanda. Continuo até alguém colocar uma mão no meu ombro.

– É tarde demais – diz minha mãe. – Você não teria conseguido salvá-lo.

Balanço a cabeça, ainda verificando sua pulsação.

– Poderia, sim. Eu sabia que isso estava acontecendo. Eu vi!

– Como assim você viu? – Eve pergunta.

– Em um sonho! Havia algo flutuando sobre Bradford. Estava drenando-o ou algo parecido.

– Ele estava sofrendo? – minha mãe pergunta.

Finalmente solto o punho de Bradford. A única maneira de ele voltar é como algo não mais humano, e espero que não seja o caso. Não quero ter de matá-lo depois de falhar em salvá-lo.

– Não. Ele não estava sofrendo. Ele estava... Bem, não estava sofrendo.

– Ele tinha problemas de coração – diz Eve.

– Por que eu sonharia que ele estava tendo um ataque cardíaco? Isso não tem nada a ver com minhas habilidades de caçadora.

O sorriso de Eve é compreensivo, mas firme.

– Nina, querida, você virou caçadora há poucos meses. A maior parte do tempo nem percebeu que era uma. Não acho que suas habilidades sejam algo que possa entender ou confiar.

Fico boquiaberta. Esperaria ouvir isso da minha mãe. Não de Eve.

Leo se aproxima de mim. Sua mandíbula está tensa, suas mãos fechadas em punhos.

– Mas ela sabia. Como pode descartar isso?

Minha mãe verifica o pescoço de Bradford e depois o peito dele. Seus movimentos são precisos, naturais.

– Não há marcas nele. Queria que pudéssemos tê-lo mais tempo conosco, mas isso não é exatamente uma surpresa. – Ela puxa o cobertor para cima e cobre o rosto dele.

– Nina, você está tão atenta à saúde de todos no castelo – diz Eve. – É claro que notaria, talvez em um nível subconsciente, que Bradford não estava bem. E isso se manifestou nos seus sonhos. Talvez suas habilidades ampliadas de caçadora tenham percebido as irregularidades no coração dele. Mas não há sinais de um ataque demoníaco. Passamos a manhã inteira aqui. Não dá para imaginar que um demônio passeou pelo castelo, invadiu o quarto de Bradford e fugiu sem ser notado por ninguém.

– Mas... Eu vi... – Desanimo. Sei o que vi, o que senti. Como provo para eles que meu sonho foi real se eles não me escutam? E não posso usar meu sonho com Cosmina como prova porque minha mãe, Wanda e Ruth não sabem dele. Não podem saber.

Minha mãe pega uma foto do criado-mudo de Bradford. É uma imagem em preto e branco de uma jovem.

– Havia mais alguma coisa no sonho? Você viu um demônio?

– Nada específico. Só sombras em uma forma vaga. O resto foi um sonho com Buffy.

Minha mãe engole o ar numa arfada.

– Buffy? Você falou com ela?

– Algo parecido. – Gritei com ela. Isso conta.

Wanda ergue a cabeça apoiada no ombro de Ruth Zabuto enquanto chora.

– Isso não são sonhos proféticos. São sonhos patéticos. Quer parar de tornar isso sobre o seu umbigo e nos deixar lamentar a morte do nosso colega?

Olho espantada para minha mãe. Ela sacode a cabeça.

Eve coloca uma mão no meu ombro e me conduz para fora do quarto.

– Deixe a gente resolver isso, Nina. Não é assunto nem de criança nem de caçadora. Sinto muito.

– Preciso falar com você – Leo diz para a mãe. Sua voz está tensa. Ele acredita em mim, mas isso não importa. O Conselho não acredita. Nem Eve.

– É claro, querido. – Eve segura minha mão quando estou prestes a sair correndo, humilhada, triste e furiosa. – Me procure mais tarde – sussurra.

Tendo a confusão como um novo ingrediente da minha mistura tóxica de emoções, saio correndo da ala residencial e para fora do castelo. Não posso procurar por Artemis com Honora lá. Leo e sua mãe estão conversando e não fui convidada. Ninguém no Conselho acredita em mim.

Mas tenho outra fonte de informações. Pulo a cerca e abro a porta do galpão de Cillian.

O demônio está lá, exatamente no mesmo lugar onde o deixei. Ele abre um olho.

– Pensei que estaria morta a esta altura. Sean deve estar fora de forma.

– Não fique tão desapontado. – Examino as correntes. Tudo está no devido lugar. Não pensei que fosse ele, mas precisava verificar. – O que mata pessoas enquanto elas dormem e não deixa marcas?

As rachaduras na pele do demônio se enrugam quando ele faz uma expressão incrédula.

– Isso é uma charada?

– Hoje de manhã, o meu tio-av... – Paro quando as emoções finalmente me atingem. A realidade de que o homem que criou minha mãe realmente se foi. – Um homem que eu conheço acordou morto.

– Ele é um zumbi?

– Não foi o que quis dizer! Ele não acordou esta manhã. E sonhei com isso acontecendo. Não acho que teria sonhado com isso se não fosse demoníaco. A explicação de Eve parece fazer sentido, mas não sinto que seja certa.

O demônio parece surpreso.

– Você sonhou isso? Você é vidente? E seu dom ainda está funcionando? Tome cuidado. Habilidades assim têm valor no clandestino. Mais um motivo para você me deixar ir e evitar chamar a atenção de Sean.

– Não sou uma vidente. Eu sou... Não posso explicar. Mas você conhece algum demônio capaz disso? Matar alguém enquanto a pessoa dorme? Sem deixar marcas?

– Claro que sim. Dezenas deles. Pode me dar mais detalhes? E me dar algo para comer, por favor? Você nunca está feliz.

– Um homem acabou de morrer! Você quer que eu esteja soltando fogos?

– Nina! – Cillian se apoia no batente da porta, escovando os dentes. – Pensei ter visto você pular a cerca. Rhys vai chegar em breve.

– Ah, obrigado. – O demônio respira profundamente, suspirando de alegria. Ele endireita a postura. – Pelo menos alguém aqui está feliz.

Cillian dá de ombros sob meu olhar acusatório, na defensiva.

– O que posso fazer se estou ansioso para ver meu namorado? Vamos assistir ao Eurovision.

– O que achou da decisão deles de trazer a Austrália de volta? – pergunta o demônio. – Porque achei uma bobagem total. Não importa o quanto eles fossem bons. É Eurovision, e não Qualquercantovision.

– Meio que arruinou todo o conceito de “evento com convidados” quando eles continuaram trazendo os mesmos ano após ano.

– Alô? – Aceno bem na cara de Cillian. – Você sabe que ele está comendo a sua felicidade, não é?

– Não sinto nada.

O demônio muda de posição de novo com um tilintar de correntes.

– Não posso tirar a felicidade dele. É como se você passasse perfume e eu sentisse o cheiro. Só porque estou inalando o aroma não significa que ele saia de você.

– Sim, mas cheirar o perfume de alguém é um pouco diferente de consumir suas emoções.

– Diz a pessoa que nunca consumiu emoções. – O demônio se mexe de novo. – Escuta, se passaram o que já? Três, quatro dias? Posso ganhar pelo menos uma cadeira? Ou um travesseiro?

Cillian assente amavelmente.

– Claro, parceiro! Digo, demônio. Digo, você tem um nome?

– Doug.

Chifres. Dentes negros. Pele amarela virulenta rachada como o chão de deserto.

– Claro, você tem cara de Doug – Cillian diz, vira-se e sai.

Suspiro, me apoiando em uma mesa.

– Vamos aos detalhes. Ele mata a vítima enquanto ela está dormindo. Bradford não parecia estar chateado ou com dor até que simplesmente... morreu. Não vi o demônio de fato. Tive mais uma ideia geral dele. Uma escuridão. Sombras.

– Interessante. – Doug inspira entre dentes, fazendo um estranho barulho de assovio. – Tem certeza de que é algo demoníaco? Não foi uma visão?

– As duas coisas.

– Hum. – Ele mexe em uma de suas argolas douradas delicadas. – Por que o demônio mataria esse homem, especificamente? Ele é o único lá?

– Não, nosso grupo tem bastante gente.

– Se eu fosse um demônio que come pessoas, não escolheria um velho. Escolheria uma jovem mais tenra.

– Que nojo! Você é péssimo!

– Você que está me pedindo para desvendar isso! Pare de ser tão especista. Nunca matei ninguém na minha vida. Nem sequer como carne. Existo para deixar as pessoas felizes. É isso. É tudo que eu quero. Ser livre e deixar as pessoas felizes, além de conseguir acesso para os bastidores de um show do Coldplay. Pense só no quanto eu me fartaria perto do Chris Martin. Ele não parece o sujeito mais feliz possível?

– Dá pra manter o foco?

– Está bem. Pense em por que esse cara seria um alvo. Por que um demônio apareceria agora.

– Bem, você apareceu. – Eu pauso, as peças se encaixando lentamente no lugar. – Na verdade, nunca tivemos problemas com demônio até você aparecer. É possível que isso esteja ligado aos cães infernais?

– Nunca ouvi falar de Sean usando algo como o que você descreveu. Não é muito o estilo dele.

– Será que tem outra coisa caçando você? Ou algum outro grupo?

Doug olha rapidamente para o centro do chão, parecendo culpado. Sigo a direção do seu olhar, mas é só tralha. Uma pilha desordenada que sobrou da caixa do pai de Cillian.

– Olhe para mim – digo.

Doug levanta a cabeça e me encara.

– O que não está me contando? Sei que de alguma forma você está ligado a tudo isso.

– Não estou! Estive preso aqui!

Balanço a cabeça.

– Falei com alguém que está atrás de você. Ela me disse que você

matou um monte de gente, e agora um homem no meu castelo está morto.

Doug congela.

– Ela? Ela quem?

– Só vou contar se você me contar a verdade!

– É melhor você ficar longe de qualquer um que esteja me procurando. Confie em mim.

– Você é um demônio.

– Então pelo bem de Cillian. Não quero vê-lo ferido. Sinto muito se me escondi no quintal dele e atraí todo esse problema para cá. Livre-se de mim. Jogue-me de um penhasco no oceano. Mas, seja lá o que for fazer, faça logo. Porque, se ela encontrou você, vai me encontrar e nós dois estaremos encrencados.

– Consigo lidar com encrencas. – Eu me pergunto como Honora está envolvida nessa história. Vou confiar em um demônio em vez de confiar nela? Provavelmente. Mas deveria? Ando de um lado para o outro, passando as mãos no cabelo. Sua preocupação com Cillian parece genuína. E a verdade é que não consigo visualizar Doug matando nada nem ninguém. – Me conte então por que veio para Shancoom.

– Estava procurando ajuda, está bom? Tinha um nome. Alguém que tem conexões. Que faz tratos com demônios.

– Qual era o nome?

Doug deixa escapar uma arfada. Está com medo. Se está fingindo, finge bem.

– Smythe.

Sinto como se um raio me acertasse. Smythe. Bradford Smythe, meu tio-avô. Que está morto agora. Seja lá quem estiver caçando Doug devia saber que Bradford Smythe era o contato dele. Então a morte está ligada a Doug. Ele só não é responsável por ela.

– Onde ouviu falar dos Smythe?

– Não é da sua maldita conta.

– É sim, eu sou uma!

Doug bufa.

– Mas não é mesmo.

– Sou sim!

– Já ouvi falar dos Smythe. Você nem sobreviveria à infância naquela família. Eles nascem como armas. Você é...

– A coisa mais fofa! – Cillian declara, aparecendo e segurando uma cama de cachorro.

Doug assente.

– Foi ele que disse, não eu. Mas você é fofinha.

Cillian joga a cama de cachorro na cara do demônio.

– Deixe de ser bobo. Ela é mais forte do que você jamais será.

– Ahã, claro. – A voz de Doug sai abafada pela cama. Ele a tira do rosto e a põe no chão, reposicionando-se. – Escute. Se Honora está aqui...

Eu me encolho. Doug percebe, o que confirma que ele acertou o nome. Ele treme, os olhos arregalados.

– Por favor, me solte. Se ela está aqui, estamos todos em perigo.

– Ela diz que está te caçando porque você matou pessoas.

– Ela está me caçando porque precisa de mim!

– Eu estou te caçando – diz Honora, aparecendo no quintal seguida por uma Artemis chocada e aterrorizada – porque você é um demônio e é isso que guardiões fazem. – Ela me olha com escárnio. – Pelo menos os que sabem o que significa ser um guardião.

Capítulo

20

– Você me seguiu ? – pergunto a Artemis enquanto me coloco entre Honora e a entrada do galpão.

– Obviamente estávamos certas em fazer isso. – Honora aponta uma mão com manicure perfeita para Doug. – Artemis disse que você vinha desaparecendo por horas. Pensamos em ver o que você andava aprontando.

Artemis abaixa a cabeça.

– Eu estava preocupada, Nina. – Então ela estreita os olhos e endireita as costas. – E estava certa. Esse demônio é perigoso! Você poderia ter se machucado!

– Se ele é tão perigoso, por que Honora está perdendo tempo me dando sermão? Se deixou tantos corpos para trás como diz, mate-o. Agora.

– Espera aí – diz Doug, tentando se levantar.

– Não. Vá em frente. – Aponto para ele. – Pode fazer isso daí, Honora. Eu me lembro de como você era boa no arremesso de facas.

Ela dá um risinho de escárnio, jogando o cabelo por sobre o ombro.

– Você não faz ideia do que está acontecendo. Não é tão simples. Não posso simplesmente matar Doug.

– Então você o conhece! – Aponto o dedo na direção dela, triunfante. – O que significa que conhece o sujeito que tem usado Doug para conseguir drogas! Espera aí. Doug estava atrás de Bradford Smythe para pedir ajuda. Pelos deuses! Você matou Bradford?

– Você tem probleminhas, né? – Honora recua fisicamente diante da insinuação. – Bradford morreu de ataque cardíaco! Passei a manhã toda com Artemis e não tinha nada contra o velhote. Ele era gentil comigo. Você é que tem andado com demônios!

– Eu não disse que era Bradfo... – começa Doug.

– Acho bem difícil eu estar andando com ele! – Aponto para as correntes. – Tomei as devidas precauções. E elas funcionaram. Mas, se ele é assim tão perigoso, por que você mesma não o mata agora?

Artemis parece dividida. Em seguida, sacode a cabeça.

– Honora tem muito mais experiência do que a gente. Se ela não acha que deveríamos matá-lo, sei que existe um motivo. Não é? – Ela olha para Honora em busca de confirmação.

– É claro. O sangue de Doug é tóxico. Se o derrarmos, todos morreremos.

– Sua mentirosa! – Ergo as mãos. – Fiz um curativo no rosto dele quando o encontramos. E estou vivinha na sua frente!

– Você não sabe de nada – Honora chia. – Agora saia do meu caminho. – Ela agarra meu braço e tenta me jogar para o lado.

Não me mexo. Ela empurra com mais força. Continuo parada.

– Mas que droga é essa? – diz ela.

Artemis pode ter contado a ela que eu andava saindo às escondidas, mas aparentemente não contou a Honora a verdade completa: que sou uma caçadora. E suspeito que ela não manteve o segredo para me proteger. Ela não queria que Honora soubesse porque queria toda a atenção de Honora. Mas meu coração afunda ao pensar que Artemis não achou que a coisa mais importante que já aconteceu comigo merecia ser mencionada.

Forço um sorriso.

– Adivinha quem não sabe de tudo agora?

Honora agarra meus ombros para me jogar de lado. Eu a empurro. Ela voa para fora do galpão, aterrissando com força no chão. Ela se ergue cambaleante, depois se firma de pé.

– Não é possível.

Pego o cadeado do chão e o aperto, depois largo a bagunça arruinada de metal a meus pés. Estou me exibindo, sei disso, mas não consigo evitar.

É *incrível*. Se soubesse que poderia usar isso contra Honora, teria tentado me tornar uma Escolhida anos atrás.

– Você pode ser uma guardiã, mas sou uma caçadora. Então caia fora e me deixe lidar com Doug do meu jeito.

O rosto de Honora vai da descrença para o deleite. É uma mudança assustadora. Ela tira um elástico do punho e amarra o cabelo em um rabo de cavalo.

– Muito bem, então. Pelo menos será uma luta mais justa quando eu acabar com você. Saia da minha frente. É o meu último aviso.

Artemis ergue as mãos.

– Isso é ridículo. Nina, você não tem ideia do que está fazendo. Dê o demônio para Honora e podemos voltar para o castelo e resolver isso.

Balanço a cabeça.

– Você nunca entendeu quem ela realmente é.

– E você sempre a odiou. E agora está usando isso de desculpa para agir como uma idiota. Honora é uma especialista. Você não.

Honora tenta me ultrapassar. Bloqueio o caminho. Ela me segura para recuperar o equilíbrio e me dá um soco no estômago. Estamos inclinadas, então Artemis não vê o golpe. Honora dança para trás, afastando-se de mim.

– Pare com isso, Nina – ela cantarola. – Você não quer fazer isso.

O efeito do soco passa e ergo meus próprios punhos.

– Eu quero é muito.

Miro um chute alto na cabeça dela, mas ela desvia sob minha perna, me empurrando para me desequilibrar. Giro e aterrisso sem jeito, agachada. Dou impulso, rolando sob um chute cruel dela. Passo uma rasteira com a perna. Ela tropeça, caindo com força. Mas, antes que possa me aproveitar do momento, ela se impulsiona para cima, ficando de pé de novo em um movimento superlegal do qual sinto inveja na mesma hora.

– Pessoal! – Artemis nos repreende. Nós a ignoramos.

Honora tenta um soco. Paro a mão dela com a minha, segurando-a facilmente no lugar. O sorriso dela fica ainda mais largo. Então ela me empurra.

Tropeço para trás, estarrecida. Ela não deveria poder fazer isso. Não sei o quão forte sou exatamente, mas sei que sou mais forte do que uma garota normal. Ela gira e me chuta no estômago. Voo pelo quintal, batendo contra a cerca. A coluna racha.

– Nina! – grita Artemis.

Estamos falando de Honora. A arquiteta do momento mais humilhante da minha vida. Ser caçadora pode não servir para mais nada, mas por todas as dimensões infernais, vai servir para vencê-la em uma briga.

Honora se aproxima furtivamente de mim. Desvio de um chute. Seu pé destrói a cerca. Levanto-me, aproveitando o impulso para socá-la de baixo para cima. O golpe a acerta embaixo do queixo, com força, e a cabeça dela gira para trás. Tenho um único momento de triunfo encharcado de adrenalina antes que o horror me alcance enquanto a vejo cair completamente mole no chão.

O que eu fiz?

Artemis corre até Honora. Ajoelho-me perto dela, mas Artemis me afasta com força.

– Como pôde fazer isso?

– Ela que começou!

– Não foi, não. É mesmo que fosse, ela é nossa amiga!

– Ela me acertou primeiro! Você que não viu. E ela nunca foi minha amiga! – Esforço-me para recuperar o controle. – Deixe eu ver se ela está bem. Eu não pretendia bater com tanta força.

Artemis parece nossa mãe quando seus olhos encontram os meus. Fico sem fôlego, lutando para recuperar o ar.

– Foi de propósito. Você queria acertá-la exatamente com essa força.

Os olhos de Honora se abrem. Desabo de alívio, apoiada na cerca. Talvez ela estivesse fingindo. Nem me importo, contanto que isso signifique que não quebrei seu pescoço nem sua cabeça. Uma mandíbula quebrada, porém, eu não acharia ruim.

Pelos deuses, qual é o meu problema? Meu negócio é reparar ossos, não quebrá-los.

Artemis põe as mãos no rosto de Honora.

– Você está bem? Consegue se mexer? Talvez devesse ficar deitada mais um pouquinho.

Honora sorri com uma expressão indolente e confusa.

– Não é justo – ela diz para minha irmã.

– O que não é justo?

– Você devia ter passado no teste. E abriu mão disso por causa dela. Se era para uma de vocês duas ser uma caçadora, deveria ter sido você.

Artemis não me olha. Não precisa fazer isso. Nós duas sabemos que ela pensa igual. Como não pensaria? Mas não entendo o que Honora quer dizer sobre a escolha dos guardiões. Não tive nada a ver com Artemis reprovar no teste.

Honora aceita a ajuda de Artemis para se levantar. Levanto-me também, mantendo distância.

– Não deixarei você ficar com Doug. – Sai mais como um resmungo do que um desafio.

– Tarde demais – Honora rosna.

Cillian está sentado no chão no meio do galpão, brincando com as algemas vazias. Ele ergue a cabeça, os olhos semicerrados e turvos.

– Cara, me sinto tão bem. Mas tão bem. Não me sentia bem assim desde que minha mãe foi embora. Nem isso está me deixando triste mais. Tudo bem se ela precisa de magia mais do que de mim. – Ele ri, deitando de costas no chão. – Me sinto realmente bem. – Ele pega o anel da caixa do pai, desliza-o no dedo e dá risada.

Corro para dentro do galpão como se Doug ainda pudesse estar lá se escondendo.

– Para onde ele foi?

Cillian acena languidamente no ar, depois para, observando seus dedos como se fossem as melhores coisas que já viu.

– Ele... – Cillian para, rindo. – Ele colocou a mão na minha boca para eu não gritar. Ingeri uma parte da sua... não sei o que é aquilo. – Cillian ri com ainda mais vontade, fechando os olhos. – Então ele me pediu para soltar suas correntes. Um sujeito tão legal. Vou dormir agora. – Ele se encolhe de lado, sorrindo.

Honora está segurando a cabeça, apoiada contra a cerca.

– Belo trabalho, Esbaforida.

Meus punhos se fecham compulsivamente.

– Não me chame assim.

– Ou o quê, vai me bater de novo? Vamos lá. Mostre para mim que caçadora forte e má você é agora. Mostre-nos a verdade: que durante todos esses anos você fingiu ser toda doce e carinhosa porque precisava que os outros sentissem pena para poder gostar de você.

Afrouxo as mãos. Será que ela tem razão? Sempre fui uma caçadora por dentro – violenta, predadora – e só me obriguei a me importar com os outros porque precisava que se importassem comigo? Só fui útil e gentil porque tinha medo de ser deixada para trás novamente?

– Eu não era assim. – Percebo o quanto minha voz soa petulante e chorosa. Honora me faz voltar ao meu eu de 13 anos de idade, e odeio isso.

– Você não tem ideia do que fez ao deixá-lo escapar.

– Prefiro ele livre do que nas suas mãos! Você está escondendo o jogo.

Honora enfia algo na boca, inclina a cabeça para trás e engole. Está ficando mais desperta a cada minuto. A força do meu golpe foi o único motivo de ela não ter pulado a cerca e corrido atrás dele imediatamente. Ganhei minutos preciosos para ele. E estou feliz.

– Vocês são patéticos – diz ela. – Continuam achando que são os mocinhos, escondidos naquele castelo, reunindo informações sem fazer nada com elas. Fingindo que ainda são relevantes.

Artemis estremece com as palavras. Honora coloca a mão na bochecha da minha irmã.

– Parte meu coração ver você lá. Você é tão melhor do que qualquer um deles, Artemis. E poderia fazer muito mais.

Ela se inclina para a frente e roça os lábios nos da minha irmã. Definitivamente estou pronta para socá-la outra vez. Mas então ela se afasta, corre e pula a cerca, mais rápido e mais alto do que deveria ser capaz. Qual o segredo dela?

– Artemis – chamo. Ela não se vira. – Você sabe que Honora está metida nisso.

– Só sei o que vi. Você protegendo um demônio e brigando com Honora por causa dele.

– Não foi isso... ela está envenenando sua cabeça contra mim!

Artemis dispensa a acusação com um aceno, bufando.

– Ela nunca disse nada de ruim a seu respeito. É você que odeia ela.

– Porque ela não presta!

– Ela era a pessoa com quem eu podia conversar. Tem me escrito nos últimos dois anos também, para saber como estou. Ela entende.

Ela se importa. É a única que sabe pelo que passei.

Suas palavras me atravessam. Não era eu a única pessoa? Não éramos a pessoa uma da outra? Virar uma caçadora revelou a verdade do meu relacionamento com a irmã que amo mais do que tudo no mundo.

Não estamos próximas.

E, se as coisas continuarem como estão, nunca mais vamos ser.

Penso em Buffy, nas histórias de todos os seus relacionamentos rompidos com amigos e namorados. Isso faz parte de ser uma caçadora? Uma solidão que dói lá no fundo?

Engulo a dor de volta, tentando entender o que aconteceu entre nós.

– O que Honora quis dizer com você ter reprovado no teste por minha causa?

Artemis fecha a cara e se vira para ir embora.

– Nos vemos no castelo. Vou pensar num jeito de consertar a bagunça que você fez.

Sento-me no chão do galpão. Cillian ronca suavemente, sorrindo enquanto dorme. Eu deveria seguir Doug e Honora e garantir que ela não o alcance? Ainda estou convencida de que ele não é mau. Ele só saiu correndo porque Honora apareceu. Nunca tentou antes. E, enquanto estávamos distraídas, teve a chance de machucar Cillian e não o machucou.

Honora é uma ameaça de que nível? Ela pode não ser uma caçadora, mas conseguiu turbinar seu desempenho de algum modo. E sabe muito mais do que nos contou. Tudo que disse sobre Doug era mentira.

Além disso, ainda não sei qual a relação dessa história com a morte de Bradford.

A única coisa clara é que isso está muito acima da minha capacidade. Preciso dos guardiões, apesar de não querer admitir quão feio pisei na bola. Sem falar que bati em outro guardião para proteger um demônio.

Pelos deuses! Sempre pensei que tomaria decisões melhores se tivesse o tipo de poder que Buffy possui. No fim, acabei sendo igualzinha a ela.

O mínimo que Doug poderia ter feito era deixar uma dose de felicidade para mim também, porque neste momento não tenho nenhuma própria.

Caminho penosamente de volta para o castelo, carregando um Cillian ainda drogado. Por vários minutos ele aponta sem falar nada para uma árvore específica, lágrimas de alegria escorrendo pelo rosto.

Doug não estava brincando. O material dele é de boa qualidade.

Mantenho o olho aberto para qualquer sinal dele ou de Honora, mas não vejo nada. Ou ela vai pegá-lo ou não. Não posso mais fingir que consigo lidar com isso sozinha.

Quando chegamos ao castelo, Rhys está do lado de fora praticando arco e flecha enquanto Jade descansa na sombra com um livro. Arrasto Cillian até Rhys e começo pela parte mais difícil.

– Então, resumindo uma longa história, tinha um demônio, estávamos mantendo ele no galpão de Cillian, ele drogou Cillian e escapou.

O dedo de Rhys se contrai e sua flecha acerta o centro do alvo. Jade olha para cima, surpresa.

– Bom disparo – diz ela. Ou não percebe que Cillian está alucinando ou não se importa. Ela volta direto para seu livro.

– Cillian pode te contar os detalhes quando passar o efeito. – Empurro Cillian para o namorado dele. Rhys olha para mim com a boca aberta como a de um peixe, Cillian em seus braços. Vou para o castelo, a voz de Cillian me seguindo enquanto canta “*And I will always love youuuuuu!*” com toda a força de seus pulmões.

É hora de botar as cartas na mesa – mas não com minha mãe ou com o restante do Conselho. Preciso de ajuda efetiva. Alguém que não vai me julgar pelo que fiz com Honora. Alguém que saiba como é ser um guardião no mundo real. O quanto pode ficar complicado. Confuso.

Alguém que, espero, continuará a gostar de mim depois de ouvir a tremenda confusão que fiz.

Paro, prestes a bater na porta do quarto de Leo e Eve. Há vozes altas do lado de dentro. Gritos, talvez? Ou só uma conversa animada? Não sei dizer. A porta se abre e fico cara a cara com Leo, minha mão ainda erguida e pronta para bater. Sua expressão é uma máscara

sólida, como alguém segurando tudo dentro de si. Dou um passo involuntário para trás. Mas, quando termino de dá-lo, ele já está sorrindo.

Já vi seu sorriso real. Não é esse.

– Athena – diz ele. – Oi.

– Entre! – Eve Silvera irradia alegria. Não podem ter sido gritos o que escutei. Ela parece totalmente relaxada. Aponta para um conjunto de chá elegante, e me sento à mesa na frente dela. Leo continua de pé. Só estava planejando falar com ele, mas provavelmente será melhor assim. Estou tão no fundo do poço que preciso de mais de um Silvera para me puxar para fora.

– Fico feliz que tenha vindo – diz Eve. – Preciso explicar minha reação hoje de manhã.

– Hein?

– No quarto de Bradford.

– Ah, sim. Claro. – Com todo o drama envolvendo Doug e Honora, tinha realmente me esquecido disso tudo por poucos e preciosos minutos. Tanto o fato de Bradford Smythe estar morto quanto o fato de Eve, minha heroína, não ter acreditado em mim quando falei do sonho.

– Sinto muito por ter agido daquela maneira. Não podia deixar sua mãe suspeitar que vamos treinar você. O jeito mais fácil de tirá-la da nossa cola é fingir que não confiamos em você como caçadora. É claro que nada poderia estar mais longe da verdade.

– Então acredita em mim? No meu sonho? – Olho esperançosa na direção de Leo. Sua mandíbula está tensa. Ele assente, uma única vez. Noto o quanto estava preocupada que ele ficasse do lado da mãe. Seu apoio sem objeções esta manhã significou muito mais do que eu havia me dado conta.

– É claro! – diz Eve. – Agora, não estou descartando minha teoria de que, sendo uma caçadora, seus sentidos estão tão finamente apurados que você sabia que ele estava doente e seu sonho foi uma forma de comunicar isso a si mesma. Mas também não estou descartando que pode muito bem ter sido algo demoníaco. Estou investigando e informarei você assim que descobrir algo. Nesse meio-tempo, não acho que nenhum de nós esteja em perigo, mas, se sentir que estamos ou se sonhar algo parecido, venha imediatamente falar comigo.

Eu assinto, aliviada. Pelo menos Eve acredita em mim. Leo também, apesar de estar estranho novamente. Ele sempre se comporta desse jeito perto da mãe. Deve ter sido difícil trabalhar com ela, como filho e como subordinado. Do mesmo jeito que Artemis e nossa mãe.

– Posso ajudar em mais alguma coisa, querida? – Eve sorri de modo encorajador.

Certo. O verdadeiro motivo de eu ter vindo. Queria poder sair agora mesmo, firmemente nas boas graças de Eve. Brinco com a colher delicada na minha frente.

– É, hã, eu fiz uma bobagem. Tipo, uma bobagem realmente feia. Do pior tipo que um guardião pode fazer.

Eve coloca a mão sobre a minha.

– Você não pode fazer a pior bobagem que um guardião faria porque você não é uma guardiã. Você é uma caçadora. Agora nos conte o que aconteceu e iremos ajudar.

É uma coisa tão maternal de se dizer. Não vivencio isso com frequência. Para falar a verdade, não me lembro da última vez que ouvi uma coisa maternal.

– Tá bom. Vamos lá. Veja, começou com um demônio. – Despejo a história inteira o mais rápido possível. Mas hesito quando chego à parte em que teria de contar a ela sobre minha mãe matar um segundo cão infernal em segredo. Eve percebe que estou deixando algo passar. Ela ergue uma sobrancelha e eu cedo.

– Minha mãe – digo. – Havia outro cão infernal. Ele me encontrou na vila e eu quis manter os moradores seguros, então o conduzi de volta para cá. Eu sei que foi a decisão errada!

– Não acho que tenha sido.

– Não?

O sorriso caloroso de Eve confirma sua declaração.

– Você estava protegendo inocentes e sabia que havia armas e outras pessoas capazes no castelo. Foi a decisão certa. Precisa confiar mais nos seus instintos. Você os tem por um motivo.

Sou preenchida por uma onda de calor melhor que a do chá.

– Bem, eu não o matei. Foi minha mãe. Mas ela acabou não contando a ninguém a respeito. O que é estranho, não é? Ficamos em confinamento da primeira vez. Foi quase como...

– Quase como se ela já esperasse o segundo. – Eve conclui a frase por mim. Sua testa se enrugou de preocupação. – Ou, pelo menos, soubesse que ele estava caçando outra coisa e que não estávamos em perigo. Esse demônio no galpão, que você suspeita que fosse o alvo... Você sabe do que ele estava fugindo?

Conto a ela sobre o tráfico de drogas demoníacas, as marcas nos pulsos de Doug, a conexão com os organizadores da luta na arena. Aí mordo o lábio.

– Mas acho que a questão é menos de quem ele estava fugindo e mais para quem ele estava correndo. Ele disse que tinha um contato. Alguém que fazia acordos com demônios. Smythe. E agora Bradford Smythe está morto.

Eve engasga com seu gole de chá.

– Espera um pouco. Você acha que Bradford Smythe está ligado a

isso?

– Talvez. Isso explica meu sonho e torna mais provável que o motivo da morte seja demoníaco, não é?

Eve se recosta, pousando sua xícara de chá.

– Realmente. – Ela bate as unhas vermelhas no pires e fala novamente. – Mas esse demônio mencionou especificamente Bradford Smythe?

– Não, só disse Smythe.

– Existe outro Smythe no castelo.

Eu me recosto, sentindo o impacto como se houvesse levado um soco. Minha mãe. É claro. E se minha mãe era o contato? Se sabia que Doug estava a caminho, não ficaria surpresa de ver cães infernais o caçando. Saberia que os cães não estavam caçando a gente. Mas ela realmente arriscaria o castelo, todos nós, por causa de um demônio?

Mas eu meio que não fiz a mesma coisa mantendo a presença dele em segredo?

Esfrego a testa.

– Bem, não podemos perguntar a Doug, porque Honora me seguiu até o galpão e nós lutamos.

– Você lutou com Honora? – Leo pergunta alarmado.

Não consigo conter um sorriso discreto.

– Você venceu a aposta.

Ele dá seu próprio sorriso, mas parece triste.

– Sabia que iria.

– De qualquer modo, Doug fugiu. Acho que Honora está ligada ao grupo que mantinha Doug como prisioneiro. Ele a conhecia. Ela saiu correndo quando ele desapareceu, provavelmente foi caçá-lo. Mas aposto que nunca vai trazê-lo de volta para cá. Acho que ela só vai devolvê-lo a seus captores.

– O que aconteceu enquanto nos ausentamos? Como as coisas escalaram dessa forma? – Eve ajeita a postura, radiando força. – Bem, cabe a nós consertar as coisas. E vamos consertá-las, porque é isso que fazemos. Mas temos prioridades. Vou falar com a sua mãe.

– Não faça isso! – guincho. – Se falar sobre qualquer parte disso à minha mãe, ela vai perceber que venho treinando. E, se souber, com certeza vai me mandar para longe.

Eve sacode a cabeça.

– Eu nunca deixaria isso acontecer. Ela escondeu o seu potencial de nós por todos esses anos e não vai mandá-la embora agora que sabemos o que você é. Você não é só uma caçadora. É a *nossa* caçadora. Deixe que eu lido com a sua mãe. Nós somos os seus guardiões, nosso dever é apoiá-la. – Ela estica o braço sobre a mesa e aperta minha mão. Aperto de volta, mais grata e aliviada do que posso expressar em palavras.

Ela sorri cordialmente para Leo.

– Por que vocês dois não vão treinar, trabalhar um pouco do estresse da Nina? Vou me dedicar aos problemas demoníacos. Se Honora estiver envolvida em algo dessa proporção, vou conseguir respostas. Ainda tenho alguns truques de guardião na manga.

Leo assente com um movimento curto. Sigo-o para fora, me sentindo mais leve do que estive desde o ataque do primeiro cão infernal. Não devia ter tentado cuidar disso por conta própria. Estava cometendo um erro típico de Buffy. Não confiar nos meus guardiões, não usar a capacidade deles. Como posso ter dado essa derrapada tão facilmente? Tenho Leo e, ainda melhor, tenho Eve. Ela cuidará das coisas porque é isso que os guardiões fazem. É o que as mães fazem.

Como se ouvisse a deixa, minha mãe sai de repente do seu quarto. Fica surpresa ao nos ver, segurando sua grande bolsa contra o peito como se achasse que fôssemos tentar tirá-la dela.

– Nina! – diz ela. – Leo?

Quero perguntar a ela sobre Doug. O que ela sabia. Mas também quero saber como ela está, tentar expressar o quanto sinto pela perda de Bradford, um homem que ela deve ter amado profundamente, mesmo que eu nunca tenha visto esse lado da relação deles. Mas minha mãe fala primeiro.

– Estou feliz de ter te encontrado. Tenho uma missão para você.

– Sério? – Meu coração palpita de surpresa e entusiasmo.

– Você não, Leo.

Eu murcho, mas ela não nota ou não se importa.

– Existe uma caçadora em Dublin. Tenho motivo para acreditar que ela está em perigo.

Minha mãe enfia a mão em seu paletó e pega uma agenda pequena. Ela a abre – vejo dezenas de registros – e a folheia até encontrar a página que procura. Isso indica que ela mantém mesmo uma lista de caçadoras consigo. Ela arranca a página e a passa para Leo.

– Cosmina – diz Leo. Então ele corrige a mancada. Não deveríamos reconhecer o nome dela, até onde minha mãe sabe. – Esse é o nome da caçadora?

Se minha mãe sabe sobre Cosmina, também sabe o que fizemos? Não. Impossível. Estaríamos para lá de encencados se ela sequer suspeitasse.

Mas por que esse desejo repentino de mandar Leo se encontrar com Cosmina? Por que agora, se temos evitado caçadoras nos últimos dois anos?

Na verdade, Eve mencionou algo sobre uma caçadora na Costa Rica. Foi assim que elas se reencontraram. Mas aquela caçadora já estava morta. Talvez minha mãe venha entrando em contato com

caçadoras há muito tempo e escondendo isso. Mas também não sei por que ela faria isso.

Sempre acreditei que ela odiava caçadoras. Porém a mãe dela foi uma. E eu também sou. Suspeito que seja muito mais complicado do que pensava.

– Sim – minha mãe diz, respondendo à pergunta de Leo. – Cosmina Enescu. Este é o endereço dela. Gostaria que fosse imediatamente. – Ela está se apossando de Leo. Ele não pertence a ela. Ele é meu. Meu guardião. Ela não tem o direito de ser parte disso.

Além disso, por que minha mãe está designando missões agora? Passaram-se poucas horas desde a morte de Bradford. O que eles fizeram com o corpo? Será que fizeram alguma coisa? O que vão fazer? Ela não deveria estar lidando com isso em vez de passando missões?

– Você está triste? – pergunto.

– O quê? – Ela ergue as sobrancelhas.

– Com a morte de Bradford Smythe! Ele criou você. E agora está morto.

– Ele não me criou. – Ela para, seu rosto finalmente mostrando um sinal de dor. – A comunidade inteira fez isso. É complicado.

– Por quê? Por que ele foi guardião da sua mãe?

Ela congela no lugar. Leo olha para o pedaço de papel como se houvesse um texto ali que ele de repente se sentiu compelido a ler. Não consigo acreditar que estou fazendo isso na frente dele.

Na verdade, sua presença é o motivo de eu finalmente ser capaz de fazer isso. Ele me deixa mais forte. Mais corajosa. Recuso-me a baixar a cabeça ou me explicar.

– Se não entendo, é porque você nunca conversa comigo. Não acredito que nunca me contou que sua mãe era uma caçadora.

Emoções duelam no rosto dela, então finalmente sua expressão distante e rígida retorna.

– Porque isso não importa. Leo, por favor, me avise assim que encontrar Cosmina. Convide-a para vir ao castelo, se ela aceitar.

– O quê? – eu grito.

Os dois se viram para mim, surpresos. Eve abre a porta e olha para o corredor.

– Não pode convidá-la! Não sabemos nada sobre ela! É você que sempre fala sobre sigilo e que não podemos trabalhar com caçadoras porque elas não são confiáveis perto de nossos segredos!

– Dublin ficou perigosa, Nina. Acharia preferível deixar Cosmina vulnerável e sozinha?

– Sim! – Paro e respiro fundo. – Não. Mas, pelos deuses, realmente está tão desesperada para me substituir que preferiu encontrar a caçadora mais próxima e trazê-la para cá?

– Não é nada disso.

– É exatamente isso! Bem, quer saber de uma coisa, mãe? Encontrar outra caçadora não mudará nada. Eu já fui escolhida. Verbo no passado. Já era. Pode odiar isso, pode até me odiar, mas como você disse: não importa. – Dou meia-volta e saio da extravagante ala residencial batendo os pés.

Quase trombo com Artemis no corredor principal. Seu rosto está ruborizado e sua testa cheia de suor.

– Nenhum sinal do demônio. Ou de Honora.

Rhys passa por nós, alegre e alheio à nossa conversa.

– Andem – diz ele. – Vamos nos atrasar para a aula.

Aula? Parece quase ridículo nos comportarmos como alunos quando já estamos metidos em situações do mundo real.

– Onde está Cillian? – pergunto a Rhys. – Ele está bem?

– Chapadíssimo. Deixei-o no meu quarto descansando. Nesse meio-tempo, vou para a aula, onde você pode me contar no que você e meu namorado andaram metidos. – Ele não parece estar feliz comigo. Não o culpo. Virolei sua confiança e coloquei Cillian em risco.

– Me desculpe – eu murmuro.

– Aula – Rhys responde.

Parece tremendamente sem importância, mas como Leo não me seguiu para fora da ala residencial, não posso treinar com ele. Poderia sair e procurar Doug, mas Artemis está me observando, empoleirada como um falcão pronto para atacar. E não quero Rhys ainda mais bravo comigo.

– Muito bem. – Forço as palavras a saírem. – Vamos para a aula.

Artemis entra na biblioteca alguns minutos depois de nós e não se senta perto de mim. Seus braços estão cruzados, seus lábios formando uma linha rígida e severa. Rhys está rabiscando de uma maneira que só pode ser descrita como agressiva. A pobre Imogen faz uma apresentação meio desajeitada sobre as dificuldades de traduzir runas em linguagem verbal.

Estou espumando de raiva também. Honora. Minha mãe. Cosmina. Talvez seja egoísta da minha parte – definitivamente é egoísta da minha parte, sabendo o que sei sobre a vida de Cosmina –, mas não a quero aqui. Primeiro, internato; agora, uma nova caçadora. Minha mãe parece determinada a garantir que eu não tenha lugar no castelo.

Folheio minhas anotações, mas paro quando chego à última. Foi uma tarefa de tradução de profecia. Arregalo os olhos enquanto a leio.

Filha de caçadora

Filho de guardião

Dois se tornam um

E um se torna duas

Garotas de fogo

Protetora e assassina

Uma para consertar o mundo

E outra para destruí-lo.

Quando tudo mais acabar, quando a esperança perecer junto com a magia, sua escuridão ascenderá e todos serão consumidos.

De repente ela soa pessoal. “Filho de guardião, filha de caçadora” não significava nada antes. Mas agora conheço a verdade por trás da história da minha família. Meu pai era um filho de guardião. Minha mãe não.

E meu pai mencionou uma profecia em seu diário que parecia despertar preocupação pessoal em relação a ele e nossa família.

Eu me levanto.

– Artemis?

Imogen para no meio da frase, alarmada pela expressão no meu rosto.

– Está tudo bem?

– Preciso falar com Artemis. Agora. – Pego minhas anotações e corro para fora da biblioteca. Artemis vem atrás de mim. Fico aliviada. Estava preocupada que ela não viria. Quando voltamos para nosso quarto, bato a porta e jogo minhas anotações na cama. – Leia esta profecia.

Artemis esfrega a testa.

– Com tudo mais que está acontecendo, duvido muito que ajudar você a trapacear na tradução seja uma prioridade.

– Não, não é isso... a profecia! Ela fala do filho de um guardião e da filha de uma caçadora tendo duas filhas que irão acabar com o mundo! – Enfio meu dedo nessa parte. – Pelos deuses, Artemis, leia isto. Pode estar falando, provavelmente está falando... de nós duas. Não especifica a linha do tempo, mas deveríamos pelo menos conversar sobre isso.

Artemis me lança um olhar reprovador. Ela sempre foi a primeira a me apoiar. Mas agora parece a nossa mãe novamente.

– Tem um demônio solto e você está preocupada com uma profecia velha e embolorada?

– Encontrei uma referência a uma profecia no diário do papai. Aposto que era esta.

Parece que eu dei um soco nela.

– Você leu o diário sem mim.

– Você não queria. Eu nunca disse que não iria ler. Vim direto aqui falar com você depois disso, mas estava toda amiguinha da Honora e eu não ia compartilhar informações pessoais com ela!

– Isso não tem nada a ver com Honora!

– Tem sim!

Artemis chuta a pilha de livros que roubei da biblioteca para pesquisar sobre Doug.

– Nada disso tem a ver com Honora! Você precisa superar esse rancor. Pessoas podem morrer porque você decidiu se engalfinhar com ela em vez de ouvir alguém com muito mais experiência em demônios do que você jamais terá!

– O que quer dizer com isso? Que só porque não sou uma guardiã em treinamento meus instintos não importam? Sou uma caçadora!

Artemis joga as mãos para o alto.

– Ah, que ótimo. Vamos puxar esse assunto! Só porque está descobrindo que é uma caçadora, dois meses *depois* da mudança ter acontecido, já se acha uma especialista em tudo!

Recuo ao ouvir seu tom. Toda a minha raiva seca, deixando apenas mágoa em seu rastro. Não é como se eu não soubesse que algo tinha acontecido comigo. Estava com medo de encarar o que era.

– Por que está agindo assim? Estou pedindo sua ajuda.

– Claro que está. É o que você faz. É o que todo mundo faz. – Ela cospe as palavras. – Temos centenas, milhares de profecias naquela biblioteca. Se essa fosse importante, alguém teria dito alguma coisa. Essa é a última coisa com a qual deveríamos nos preocupar agora. Você está tentando encontrar outro problema para me distrair do fato de que escondeu um maldito demônio de mim.

As palavras são como um golpe. Ela tem razão. Totalmente. Isso não é uma prioridade agora, mas eu quero que seja. Quero que qualquer coisa capaz de nos unir seja uma prioridade. Eu me apeguei a essa profecia assim que a vi porque era mais fácil pensar nela do que em todo o resto. Era mais fácil do que ficar sentada na aula, mais fácil do que fazer as pazes com Rhys. Mais fácil do que falar sobre esse abismo crescente entre minha irmã e eu.

– Não foi nada disso – minto. Dou um passo na direção dela.

Ela recua.

– E quanto a você? – pergunto. – Do que Honora estava falando quando disse que desistiu da sua chance de ser uma guardiã oficial por minha causa?

Artemis se vira.

– Não importa. – Ela poderia muito bem ser nossa mãe. É assim que lidamos com a dor, com as coisas difíceis. Nós nos fechamos e deixamos os outros do lado de fora. Ela me deixa sozinha com uma profecia do apocalipse e um coração partido.

Ela havia estudado as palavras o suficiente para sabê-las de cabeça. Mas ainda as consultava de vez em quando. Passava os dedos por elas.

Sua própria mãe havia falhado. De forma espetacular. E por um tempo a assassina pensou que talvez ela não seria necessária. Afinal, se uma profecia é imprecisa, como pode ser real? Ela dizia isso a si mesma, mas não conseguia acreditar completamente.

Profecias são coisas traiçoeiras, no fim das contas.

Então ela observou e esperou. Não havia pressa. As garotas cresceram. Uma forte, esperta e capaz, e uma fraca, esperta e gentil. Talvez a profecia nunca houvesse se referido a elas. Talvez todo seu trabalho, todo seu sacrifício, tivesse sido em vão.

Ela estava em paz com isso. Melhor estar errada e ter sacrificado algumas vidas do que estar errada e sacrificar o mundo. Ela não teria se sentido culpada se tivesse conseguido matar uma das garotas. Era por isso que era uma assassina. Porque sabia o que faria o que fosse preciso para manter o mundo protegido.

Por muito tempo, por anos, pareceu que ela não teria de fazer nada.

Mas então a fraca ficou forte. Aquela que curava se tornou uma matadora. O que significava que o destino da outra gêmea também estava se aproximando.

Algo precisaria ser feito. E logo.

Uma batida na porta a tirou de seu devaneio. Ela armou o sorriso em seu rosto.

– Só um minuto! – As facas que estava acariciando foram guardadas gentilmente em sua gaveta, ao lado de uma caixa de canetas esferográficas, seus batons favoritos e uma foto de Artemis e Athena.

Alguém bate na porta. Mesmo sabendo que Artemis não bateria na nossa própria porta, fico desapontada quando a abro e encontro Eve Silvera.

Devo parecer tão infeliz quanto me sinto; ela irradia simpatia.

– Posso entrar?

– Claro.

Ela analisa o quarto com um sorriso.

– Onde está Artemis? – Lágrimas rolam dos meus olhos e Eve me envolve em um abraço. Ela tem um cheiro fresco e puro, como a brisa de uma noite de outono. – Vocês vão resolver isso. E estou aqui para ajudar com o que não se resolver. Esse é o motivo de caçadoras terem guardiões. É muito peso para qualquer garota carregar sozinha. – Ela dá um tapinha nas minhas costas e eu me afasto, fungando, mas reconfortada. Como teria sido crescer com uma mãe como Eve? Ela vai direto ao assunto. – Leo me contou sobre o pedido de sua mãe para que ele vá atrás de Cosmina. Estou preocupada.

– Eu também! Acho uma péssima ideia.

– Não sabemos nada sobre essa garota, além do fato de que ela estava mais do que disposta a deixar você morrer. Sim, temos uma responsabilidade de encontrar caçadoras. Mas essa missão é precipitada e imprudente. Ainda estou esperando informações de contatos dentro da cidade. Entre o demônio que você descobriu e qualquer que seja a confusão na qual Cosmina está metida, não vejo nenhum motivo para ter pressa em estabelecer um relacionamento com ela. Disse o mesmo a Leo. – Ela franze o cenho, preocupada. – Também estou com um pé atrás com os outros membros do Conselho, não só com a sua mãe. Se está certa quanto a Honora, ela não está mais agindo como uma guardiã. Não sei o quanto Wanda sabe sobre isso. Ela poderia estar envolvida também. Então não podemos discutir isso com nenhum deles. Mas queria ter certeza de que você concordava com minha decisão de esperar para contatar Cosmina. Posso ser uma guardiã, mas você é nossa caçadora.

Eu sou. Sou a caçadora do castelo. Sei que isso está apenas

reforçando minhas próprias motivações mesquinhas, mas me agarro às justificativas dela.

– Precisamos de mais informações sobre Cosmina. É assim que os guardiões fazem as coisas. – Posso não concordar com todas as práticas dos guardiões, mas sempre concordei com essa.

Sinto uma pontada de culpa e dúvida. Meus sonhos me enviaram a Cosmina e eu a ajudei. No entanto, sei que ela ainda precisa de ajuda.

E não quero dar isso a ela.

– Mas que tremendo golpe de sorte ter uma caçadora que também é uma guardiã. – Eve fala isso como um elogio, porém sinto como se falhasse nas duas funções. Dou um sorriso falso para ela. Ela abre a porta para sair. – Me conte se acontecer mais alguma coisa em seus sonhos. Enquanto isso, lidarei com Dublin, o demônio, Cosmina e a morte de Bradford. Se existir uma conexão, eu descobrirei.

– Me avise se eu puder ajudar.

– Sem dúvida precisarei de você muito em breve. – Ela sorri e vai embora. Ainda inquieta, pego uma das jaquetas de couro preto de Artemis e vou para o ginásio. Em vez de treinar, pedirei a Leo que me acompanhe para tentarmos encontrar o rastro de Doug. Talvez tenhamos sorte. Artemis não conseguiu, mas ela não é uma caçadora. Pelo menos estarei fazendo algo útil em vez de apenas esperar. Sei que Eve é uma guardiã, só que não posso ficar sentada e deixar *tudo* nas mãos dela.

Leo está me esperando.

– Olha só quem apareceu. Vamos. – Ele se vira e sai do ginásio.

– Ah, ótimo. Estava pensando em procurarmos Doug.

– Confio nos seus instintos de que ele não é perigoso.

– Na verdade, estava mais preocupada com o que aconteceria se Honora o encontrasse primeiro.

– Nesse caso, saberemos onde ele está e lidaremos com ela. – Ele diz isso como um fato. Em vez de me levar para a floresta, vamos para a garagem.

– Então, para onde estamos indo? – pergunto enquanto ele pega as chaves do Range Rover.

– Falar com Cosmina.

Minha mão congela na porta do carro.

– Sua mãe disse para não fazermos isso. Disse que conversou com você.

– Eu e você sabemos o tamanho da encrenca na qual Cosmina está metida. Minha mãe não. E se fosse você lá fora por conta própria? – Sua preocupação é tão genuína que me sinto a pior pessoa do mundo.

Não queria Cosmina aqui por conta de como isso me afetaria. E

porque nosso último encontro me deixou consideravelmente relutante em confiar nela. Mas tive tanto que ela nunca teve! A vida é dura para caçadoras sozinhas como Cosmina. É dura até para caçadoras que não estão sozinhas. Como minha avó.

Seja lá o que existe dentro de mim que me torna uma caçadora, isso nos conecta. Eu não devia negar isso.

– Se fosse eu lá fora, iria querer nossa ajuda – admito. Sempre tive Artemis, afinal. Não importa como estejam as coisas entre nós no momento, ela me apoiou desde o incêndio. Leo confia em mim, então também confiarei nele. – Tá bom. Vamos resgatar Cosmina. De preferência, com menos carnificina dessa vez.

Leo dá um sorriso irônico.

– Nós não iremos trazê-la de volta. Se quiser, ela terá que dar duro para ganhar nossa confiança depois de abandonar você na arena. Mas alguém precisa ver se ela está bem. – Então seu rosto fica pensativo. Tímido até. Não neutro como a máscara que ele usa perto dos adultos. – Fico feliz que venha junto. Será bom poder conversar.

– Sim. – Meu rosto me trai ruborizando com um vermelho brilhante. – Conversar é bom. – E é mesmo, com Leo. Ele realmente me escuta em vez de me dizer como devo me sentir. Honora nos interrompeu essa manhã e adoraria conversar mais com ele sobre ser uma caçadora. Ou sobre qualquer outro assunto, sendo sincera. Fui de odiar sua presença para sentir que ele é alguém em quem posso confiar de verdade. Alguém que acredita que posso fazer isso, o que torna mais fácil para mim acreditar também.

– Preciso contar uma coisa a você. – Ele senta no banco do motorista. – Não consegui descobrir como nem quando abordar o assunto, ou mesmo se deveria. Mas...

– Aonde vocês vão? – Artemis corre até nós, vinda da floresta, e segura minha porta aberta. Provavelmente estava procurando por Doug. Espero que Honora ainda não esteja lá fora, esgueirando-se como uma louca.

Eu hesito, mas só por um segundo. Artemis e eu não concordamos sobre em quem confiar. Não confiamos nem uma na outra do jeito que pensei que confiávamos. No entanto, guardar segredos dela só deixou as coisas piores.

– Vamos a Dublin falar com Cosmina. A mamãe queria que déssemos uma olhada nela. – Eu paro. – Quer dizer, na verdade ela pediu isso ao Leo. Definitivamente não queria que eu fosse.

– Minha mãe não queria que nenhum de nós fosse. – Leo nem dá um sorrisinho.

– Então os dois estão desobedecendo suas próprias mães ao fazer o que a mãe do outro pediu.

Tento organizar o emaranhado de conexões.

– Certo. Quer dizer, não. Bem, sim. Meio que isso. A mãe de ninguém quer que eu vá. A menos que você saiba algo sobre Wanda Wyndam-Pryce que eu não sei. – Ir falar com uma caçadora hostil que quase causou minha morte da última vez que a ajudei? Wanda provavelmente aprovaria, agora que paro para pensar no assunto.

Artemis levanta uma sobrancelha. Seu tom não é crítico. É quase curioso. Como se não pudesse entender de todo, mas talvez entendesse.

– Vocês estão desafiando o Conselho diretamente.

Leo balança a cabeça.

– Somos guardiões. Athena é uma caçadora. É o nosso dever.

– Eu vou junto. – Artemis entra no banco de trás do carro. Eu queria tanto falar com Leo! E tenho absoluta certeza de que ele estava a ponto de me contar algo importante. Pessoal, até. Realmente quero saber o que era. Ela se inclina para a frente. – Não consigo acreditar que está fazendo isso, Nina.

Dou de ombros, mas Artemis tem razão. Mesmo quando discordei das táticas e ideologias do Conselho, sempre agi conforme eles mandaram. Mas não consigo esquecer o que Eve disse: que, se minha mãe não estava preocupada com os cães infernais, isso significa que ela tinha informações que nós não tínhamos. O que significa que ela está ligada a isso tudo de alguma maneira. Então, seja lá o que ela não quer que eu faça, vou fazer.

Odeio contrariar Eve, mas a lógica de Leo também faz sentido. Meu único problema real em falar com Cosmina é que não quero fazer isso. E bons guardiões não tomam decisões com base em seus próprios sentimentos. Tenho bastante certeza de que caçadoras também não.

Mais uma vez, vamos para Dublin. Olho a vista fora da janela e torço para o rastro de corpos ser menor dessa vez.

Os dedos de Leo estrangulam o volante.

– Que tal a gente parar e comprar comida? – sugiro.

– Por que a gente faria isso? – Pelo som da sua voz, Artemis está com a mandíbula tensa. Não me atrevo a olhar para trás. Quando ela se juntou a nós, tive esperanças de que isso significasse que tudo estava perdoado. Mas algo ainda parece quebrado entre nós. Quero culpar Honora, mas fui eu que não procurei Artemis quando precisei de ajuda.

Por outro lado, talvez não seja somente Artemis que precise perdoar. Em vez de me apoiar nesse turbilhão de acontecimentos desagradáveis que estou enfrentando, ela está agindo como se eu fosse um problema a ser resolvido. E ficou instantaneamente do lado de Honora em vez do meu. Quero culpar Honora, e vou mesmo. Porém isso não significa que Artemis seja inteiramente inocente. As coisas já

estavam ruins antes de Honora voltar à cena.

Passo o restante da viagem sufocada pelo silêncio austero de Artemis. Leo não se sai melhor. Com Artemis aqui, ele não disse uma palavra. Nunca o vi como o tipo que arma uma rebelião adolescente, mas toda essa viagem parece indicar que ele está com raiva da mãe por algum motivo.

É complicado ser um guardião por causa da sua família quando ser um guardião tem precedência sobre ser parte da família. Nós três, sentados de cara fechada em um carro enquanto desafiamos nossas mães, somos prova disso. Talvez devêssemos pedir a Cosmina que nos acolha, em vez do contrário.

Depois de duas paradas para abastecer – esse carro tem problemas –, está quase de noite quando finalmente paramos. A vizinhança deixa um bocado a desejar, como segurança e prédios que não desabarem se alguém espirrar perto deles.

– Ser uma caçadora não é uma tarefa muito lucrativa. – Olho para os apartamentos sombrios.

Costumava me ressentir das caçadoras, mas agora que senti algumas de suas vidas e lutei algumas de suas batalhas em sonhos, eu as entendo. Pelo menos um pouco. É fardo demais para apenas uma garota. Cosmina não deveria ter que fazer isso sozinha. Espero que possamos convencê-la disso.

Leo é um bom guardião. Melhor do que o restante de nós, tão amargurados em relação a caçadoras que não priorizamos nenhuma delas diante da nossa própria segurança. Talvez... Talvez tenha sido o que aconteceu com Buffy todos aqueles anos atrás quando ela virou as costas para o Conselho. Foi uma decisão errada, obviamente. Mas eu já vi os bastidores. Nem sempre agimos do que jeito que deveríamos, ou mesmo do jeito que poderíamos.

Talvez por isso minha mãe tenha feito outro movimento unilateral. Ela sabia que a ideia de acolher Cosmina ficaria travada no Conselho e, enquanto eles discutiam e debatiam, Cosmina ainda estaria aqui sozinha. Não no castelo onde ela poderia tomar o meu lugar.

As motivações de minha mãe podiam ser egoístas, mas as de Leo não são. Ele tomou a decisão certa. Ele ainda é aquele garoto que aparece na escuridão para ajudar quando as coisas estão piores. Olho para ele, feliz por ele estar do meu lado. Ele parece preocupado; seus ombros estão tensos.

– Vamos resolver isso – sussurro. Sua tensão alivia um pouco.

Artemis tenta abrir a porta do prédio, mas está trancada. Ela pega a chave mestra.

– Permita-me! – digo. Ela sai do caminho, esperando que eu chute a porta. Aperto uma campainha aleatória em vez disso.

- Quê? – uma voz resmunga.
- Abre para mim – digo. – Estou com a encomenda.
- Já era hora. – Há um zumbido e um clique e a porta se abre.
- Que encomenda? – pergunta Artemis.
- E eu sei lá? Me parece o tipo de lugar onde um monte de gente

fica esperando coisas. Funcionou, não foi?

Ela passa por mim sem responder. Leo assente em aprovação, mas seu nervosismo só aumentou. Irradia dele com a mesma intensidade do desprezo de Artemis.

Eu os sigo por quatro lances de escada. Metade das luzes está quebrada e meus sapatos grudam em substâncias que prefiro não olhar. Está ainda mais frio do lado de dentro do prédio. Eu me encolho na jaqueta de couro de Artemis, desejando estar usando outra camada de roupa. Quando chegamos à porta, eu bato. Ninguém responde.

- Está escuro – diz Leo. – Ela provavelmente saiu para patrulhar.
- Podemos deixar um bilhete. – Artemis remexe na sua bolsa de armas.

Leo se apoia na parede, acomodando-se.

- Quero falar com ela pessoalmente. Garantir que está bem.

Não podemos nos dar ao luxo de passar a noite toda fora. O sumiço de Doug ainda espera por mim no castelo, além do mistério da morte de Bradford. Quero pressionar minha mãe para obter algumas respostas de verdade. Aposto que Eve irá me apoiar. Caramba, Wanda Wyndam-Pryce também, nem que seja para pegar minha mãe fazendo algo errado novamente. Não quero acreditar que foi minha mãe quem entrou em contato com demônios e os trouxe para o próprio castelo que passou todo esse tempo mantendo em segredo, mas isso parece cada vez mais provável. Ou realmente foi Bradford, e ele morreu por conta disso.

Cosmina não pode tomar muito do nosso tempo. Considerando a conjuntura, ela é uma prioridade muito baixa. Bato mais forte e a porta se abre. Não estava trancada. Com o medo se acumulando no fundo do estômago, eu me forço a entrar no apartamento.

A casa de Cosmina, enfim.

Ou algo do tipo.

Capítulo

23

Olho fixamente para os patos amarelos. Nenhuma garota vestindo pijamas com patos amarelos deveria estar morta no chão.

– A cama está fria – diz Artemis. – Mas parece que ela estava nela antes de isso acontecer. Procurem marcas no corpo.

Leo está imóvel do meu lado. Viemos para ajudá-la, mas chegamos tarde demais. *Eu* cheguei tarde demais. Meus sonhos a apresentaram para mim e eu falhei com ela. Meu pai morreu para salvar uma caçadora. Eu não queria nem arriscar minha posição no castelo pelo bem dela.

– A janela está segura, e estamos no quarto andar. Eles provavelmente entraram pela porta. Verifiquem o corpo! – Artemis estala os dedos, impaciente.

Ela não é minha guardiã. Mas é a única de nós que parece capaz de um pensamento coerente. Meio que espero que me diga para sair do quarto, para me proteger disso, porém ela já passou dessa fase, aparentemente. Ajoelho-me próximo ao corpo de Cosmina. Ela está deitada de costas, encarando o teto. De acordo com os filmes, eu deveria fechar suas pálpebras, mas me parece desrespeitoso. Ela encarou a morte de olhos abertos e lutando. Quem sou eu para fingir que ela está em paz?

– Nada de marcas. – Verifico o pescoço e a pele exposta. – As juntas dos dedos parecem raladas, mas podem ser machucados antigos. – Ela também está rígida. Não estudei cadáveres tanto quanto corpos vivos, entretanto suspeito que ela esteja morta há mais do que algumas horas. Possivelmente um dia inteiro.

– Será que foi o seu demônio? – Artemis pergunta.

– Pra começo de conversa, ele não é o meu demônio – respondo. – Se for de alguém, é de Honora. E outra, Cosmina morreu já faz algum tempo, provavelmente antes de Doug escapar. Talvez tenham sido as pessoas da arena de combate. – Cosmina sabia que eles eram perigosos. Eles já haviam dado provas disso. Por que não a forçamos a vir conosco naquele momento? Por que não a protegemos?

Mas teria sido contra a vontade dela. Não sei se teríamos

conseguido. Ela era caçadora havia muito mais tempo do que eu.

E agora está morta.

Artemis caminha ao redor de uma lâmpada caída, as botas esmigalhando o vidro quebrado.

– Você não sabe se Doug não é um assassino. E definitivamente aconteceu uma luta.

– Não foi Doug – repito, mas estou distraída.

Cosmina provavelmente estava dormindo quando foi atacada. E não há marcas nela. Parece demais com o caso de Bradford Smythe. Quero que a outra teoria de Eve esteja certa, a de que sonhei com a morte de Bradford porque meus sentidos apurados de caçadora me deram a dica de que ele estava doente. Contudo, as similaridades são muitas para ignorar. O que nos deixa com dois mortos. Mas o que Bradford e Cosmina têm em comum? Ou melhor, o que tinham em comum?

– Por que acha que a mamãe decidiu que precisávamos ajudar Cosmina bem agora? E só quis enviar o Leo? – pergunto. – Não parece suspeito que ela quisesse descobrir especificamente o paradeiro de Cosmina? A única caçadora que secretamente já conhecíamos?

– E que já estava morta. – Artemis franze a testa, olhando para o corpo. – Onde ela conseguiu os dados de Cosmina?

– Ela tinha uma agenda cheia de endereços. Pode ter tirado de seu banco de dados de caçadoras.

– É estranho – diz Artemis. Luto contra a euforia profundamente inapropriada que sinto por ela concordar comigo. – E por que mandar Leo? Por que não vir pessoalmente?

– Talvez ela estivesse ajudando a cuidar do corpo de Bradford – diz Leo. É generoso da parte dele. Mas não parece correto.

– Ela estava indo a algum lugar quando a encontramos e ela nos disse para fazer isso. Lembra? Ela estava com uma bolsa. Não acho que tivesse nada a ver com Bradford.

– Não tire nenhuma conclusão precipitada – diz Leo. – Você não tem todas as informações. Eu...

– Pelo visto não preciso mais de um convite. – Uma vampira atravessa a soleira da porta, sorrindo. Antes que possamos reagir, ela pula em Leo, mirando direto em seu pescoço. Ele se abaixa sob sua investida, gira e a joga contra a parede.

Ela cai sem jeito, depois fica de pé e sorri outra vez.

– Ops. Devia ter atacado a magricela primeiro. – Ela pisca para mim.

Artemis puxa uma estaca, fazendo um movimento incrível e intimidante no qual a gira sobre o dorso da mão e a pega novamente. Aos quatorze anos, passei um verão inteiro tentando aprendê-lo. Ênfase em “tentando”.

– Quem enviou você? – Artemis quer saber.

A vampira arreganha os dentes para nós.

– Ninguém me enviou. Vim buscar Cosmina.

– Alguém te mandou buscar o corpo? – pergunto, horrorizada.

– Não sabia que ela era um corpo. Estávamos trabalhando juntas para eliminar o problema de zumbiros na cidade. – Ela sacode a cabeça. – Não consigo acreditar que ela morreu.

Sei que ela não tem alma, mas aparentemente consegue se importar de alguma maneira com Cosmina. Existem casos – raros – de vampiros que conseguem contornar suas naturezas demoníacas. A maioria deles namorou Buffy, para ser sincera.

O rosto da vampira volta ao normal. É um rosto singelo. Sem nada marcante. Saudoso até, enquanto ela olha para o corpo de Cosmina.

– Faltava um ninho para limparmos e aí teríamos terminado. Teríamos acabado com todos os de Dublin. – Ela parece devastada.

Realmente não sei como consolar uma vampira. Nunca considerei um cenário em que um vampiro precisaria de consolo.

– Vocês eram próximas? – eu tento.

Ela me lança um olhar fulminante.

– Está louca? Ela era minha recompensa. Ela não sabia disso, claro, mas quando terminássemos com esse ninho eu iria drená-la. Venho esperando por isso há meses! Alguém me passou a perna, e eles nem beberam o sangue dela, o que torna tudo ainda pior. Todo frio e coagulado agora. Gruda nos dentes. Que desperdício. – Ela para, inclinado a cabeça para o lado por uns momentos. Respira fundo, depois seus olhos se iluminam e ela sorri gentilmente. – Ei, já que você está aqui, será que poderia me ajudar?

Leo para entre nós duas. Artemis ergue uma cruz e força a vampira contra a parede. Sou deixada de pé no meio do quarto. Eles não precisam me proteger, mas não conseguem se conter.

A vampira rosna para Artemis.

– Você é só uma garotinha com alguns brinquedos e truques desesperados.

Artemis a soca com força.

– Parem! – grito. Já temos todas as armas e a vantagem. A possibilidade de causar ainda mais violência faz meu estômago se revirar.

Artemis olha para mim com tanto desdém quanto a vampira olhou antes.

– Ela ia matar Cosmina. Já teria matado você se não estivéssemos aqui. E ela vai me contar o que sabe antes de eu enfiar uma estaca nela.

Não é justo. Eu não estaria morta se Artemis não estivesse aqui. É

como se ela quisesse que eu fosse fraca, para provar a nós duas que ainda precisa me proteger. Ou que ela ainda é melhor do que eu.

A vampira ri.

– Querida, você não vai me matar. Sei onde fica o último ninho de zumbiros de Dublin. Se eu não acabar com ele, eles irão se espalhar.

Artemis bate nela de novo, depois recua.

– Está bem. Faz alguma ideia de quem pode ser o responsável por isso?

A vampira ajeita sua camisa e arruma o cabelo.

– Há um boato nas ruas de que dois demônios importantes, duas criaturas desagradáveis muito poderosas, apareceram mortos. Sem nenhuma marca neles.

– Eles tinham inimigos? – pergunta Leo.

– Eram demônios, querido. Têm inimigos só por existir.

– Algum suspeito? – Leo parece perturbado com a morte dos demônios. Não consigo entender a conexão. Mas talvez ele suspeite de algo que eu não tenha notado.

Ela ri.

– Sim, senhor policial! O nosso disque-denúncia não para de tocar! Todo mundo está realmente mobilizado com as mortes.

– Eles morreram na cama? – pergunto.

– Como você acha que os demônios dormem? Todos aconchegados em suas camas com dossel? Não sei como eles morreram. Só que estavam vivos e agora não estão mais. Nenhuma luta, nenhuma marca. Pode ter sido a mesma coisa, pode não estar relacionado. O mundo é bem sanguinolento lá fora. – Seu estômago ronca e ela pisca. – Mas não sanguinolento o suficiente, ultimamente. De qualquer modo, Cosmina também andou se metendo em problemas com alguns vampiros sinistros por causa de um sujeitinho do submundo. Não o submundo dos esgotos. O submundo humano. Sean alguma coisa.

Sean. O Sean de Doug. O que confirma que o mesmo homem que mantinha Doug preso também comandava as arenas de rinhas de demônios onde Cosmina e eu quase morremos. Se não estivéssemos tentando manter nossas atividades em segredo, poderíamos ter agido como guardiões de verdade e os investigado. Talvez Cosmina ainda estivesse viva se tivéssemos feito isso. Em vez disso, corremos de volta para o castelo e fingimos que nada aconteceu. Pelos deuses, Honora tem razão. Realmente estivemos nos escondendo.

A vampira dá de ombros.

– É tudo que eu sei. Éramos parceiras de extermínio de zumbiros. Não era como se ela contasse todos seus segredos para mim. Agora, algum de vocês está vendo o celular dela?

Leo procura pelo chão.

– Acha que ela mantinha informações nele que poderiam ser úteis para nós?

– Não, acho que ela tinha pelo menos mais um mês pago na conta dela, o que significa celular de graça para mim até ele ser desabilitado. – Ela sorri para mim, batendo de leve no nariz. – Também posso sentir o cheiro em você. Essa é uma amostra das atrações que terá pela frente, pequena caçadora. Não é incrível ser a Escolhida...?

Artemis enfia uma estaca no peito da vampira.

– Por que fez isso? – grito, chocada, enquanto a vampira desaparece em uma nuvem de poeira.

Se um olhar pudesse matar, eu estaria tão morta quanto a vampira.

– Você é uma caçadora, Nina. Tente se lembrar disso.

– Mas e o ninho de zumbiros?

– Não acreditei nem por um segundo que ela fosse cuidar desse suposto ninho de zumbiros. Mas tenho certeza de que Dublin está melhor com um vampiro a menos. Vamos acabar com isso.

Ainda assustada com a violência de Artemis, mas também incomodada porque deveria ter sido eu a enfiar a estaca na vampira, pego um cobertor macio e gasto na cama de Cosmina e cubro o corpo dela. Leo está de pé perto dela, olhando para baixo.

Artemis tira a cruz dela. Ela olha embaixo da cama.

– O celular realmente sumiu. Então ou nosso demônio assassino é um ladrão ou havia algo de valor no aparelho. Vamos embora.

– E quanto ao corpo? – Há uma foto emoldurada no chão. O vidro está quebrado entre duas garotas. Uma é uma versão muito mais nova e bochechuda de Cosmina. Seu cabelo é escuro e está para trás de orelhas ainda inteiras. A outra parece ser sua irmã. Passo meu dedo ao longo da rachadura entre elas.

– E daí? – Artemis pisa em cima da foto. – Vamos. Ainda temos um demônio para encontrar.

– Não deveríamos investigar esse tal de Sean?

– Um demônio solto por aí é uma ameaça maior do que um humano. E não concordo com você sobre Doug não ter feito isso. Honora disse que ele era um assassino.

– Pelo menos uma vez, você poderia me ouvir e confiar...

Artemis já saiu do apartamento.

Olho para Leo querendo saber sua opinião, mas ele continua fitando o corpo coberto de Cosmina. Posso ouvir Artemis descendo intempestivamente a escada sob nós. Entretanto, não consigo me forçar a me afastar de Cosmina. Assim que formos embora, ela estará sozinha. Para sempre. Duvido que seus pais ou sua irmã saibam onde

ela está.

Rhys teve cursos inteiros de como se livrar de corpos de demônios. Mas e quanto aos corpos humanos que os demônios deixam em seu rastro? Bradford receberá uma despedida de guardião tão tradicional quanto pudermos organizar. Os dias de piras funerárias em penhascos à beira-mar ficaram para trás, mas ele será cremado. O pior destino que um guardião poderia ter é voltar como um vampiro. Nunca somos enterrados. Sempre queimados.

Com exceção do meu pai. Não havia dúvida de que sua morte era permanente.

– Isso não vai acontecer com você. – A voz de Leo é dura e fria como o piso de cimento sob o corpo de Cosmina. – Prometo. Seja lá o que mais aconteça, você não vai acabar assim.

– Não faça promessas que não pode cumprir. – Dou uma última olhada no pijama de patos. Se o celular de Cosmina ainda estivesse aqui, eu faria uma ligação anônima para a polícia. Assim, pelo menos, saberia que ela seria encontrada rapidamente. Mas nem isso eu posso dar a ela.

Pego a foto e a coloco de forma reverente na sua cabeceira perto de um cartão de visita branco. Olho-o surpresa.

No final das contas, Cosmina conseguiu nos ajudar, mesmo que tenhamos falhado com ela.

Alcançamos Artemis no carro.

– Espere um pouco – digo. – Ainda não vamos para casa.

– Aonde vamos então? – ela pergunta.

– Visitar um traficante de demônios, organizador de rinhas demoníacas e provável fonte de informações. Você quer descobrir mais sobre Doug e eu quero ter certeza de que Sean não matou Cosmina. – Estendo o cartão de Sean, listando o endereço comercial de um lugar chamado Prazer Natural. – É nossa única pista.

– Não, nossa única pista era o demônio de verdade que você deixou fugir.

– Foi culpa de Honora!

Artemis joga o cartão no chão. Seus olhos brilham de raiva.

– Honora estava tentando agir da maneira certa, fazer o que você deveria ter feito! Não posso acreditar que ainda está achando que ela é a culpada.

– Por que não confia em mim? Ela...

Artemis ergue a mão.

– Eu sei sobre a poesia, Nina. Ela mesma me contou. Ela queria se desculpar com você, mas você nunca deixou. Então, por causa de uma piada de mau gosto, você ficou com essa implicância e decidiu que não dá para confiar em Honora, e agora um demônio está solto e uma

caçadora está morta. Então não me peça para confiar no seu julgamento. – Artemis entra no carro e bate a porta.

– Está de brincadeira com a minha cara? – Chuto o pneu. O carro inteiro treme. Eu me afasto, envergonhada. Mas não posso acreditar que Artemis sabia da poesia e nunca mencionou. Nunca quis saber meu lado da história. Ouviu tudo sobre como a pobre *Honora* sofreu e deixou por isso.

Artemis está fingindo que Sean não é a nossa melhor pista só porque está com raiva de mim. É absurdo e imaturo. Os guardiões não deveriam ser cuidadosos e verificar cada pista e informação enquanto as caçadoras pensam em caçadas de maneira obtusa?

Leo pega o cartão de visita que Artemis largou na calçada.

– Quero voltar para o castelo. Preciso falar com minha mãe.

– Mas temos que ir atrás de Sean. – Me sinto péssima por saber que ele também não pensa que estou tomando a melhor decisão. – Ele está ligado a Doug e, agora, a Cosmina. E se Doug for de fato o assassino, o que eu não acho possível, então a culpa é minha. Eu preciso saber.

Leo reflete, então cede.

– Pode ser. É caminho.

E com esse incrível voto de confiança no meu plano, partimos para o Prazer Natural. Não quero nem imaginar que tipo de estabelecimento é esse. Descobriremos muito em breve.

Capítulo

24

– Essa é a sede do Sean traficante de demônios ? – Artemis pergunta.

Seu tom ironicamente cético não machuca meu coração desta vez. Pelo nome, eu tinha imaginado que Prazer Natural era algum tipo de clube de *striptease*. Quer dizer, um traficante de drogas de demônios que opera uma rinha de demônios usar um clube de *striptease* como fachada fazia sentido para mim.

Mas isso?

– Por favor – uma mulher grita. Nós nos viramos de onde estamos parados, perto do carro. – Vocês estão saindo? Quero usar a vaga.

– Não – Leo responde. – Acabamos de chegar.

Carrancuda, ela se afasta. O pequeno estacionamento está cheio, apesar da hora avançada. As pessoas estão entrando na loja e saindo com sacolas cheias de produtos. Há uma urgência adicional, já que está quase na hora do fechamento. Tudo fica sem cor sob as luzes amarelas do estacionamento, tornando a cena surreal.

– Já experimentou o novo *smoothie* de couve deles? É viciante de tão bom – diz uma garota, caminhando com a namorada na direção das portas de vidro automáticas da loja de comidas saudáveis mais descolada que já vi na minha vida. Parece que ela é parte do Sul da Califórnia, não Dublin. Mesmo os prédios mais próximos parecem se afastar, como se dissessem “não nos misturamos com esse prédio aí”.

– Não tem como esse ser o lugar certo. – Artemis franze a testa diante da entrada.

– Nós nem conseguiremos nos misturar – sussurro. – Não chegamos nem perto de ser tão descolados.

Leo tem uma expressão pensativa, mas dúbia.

– Poderíamos raspar metade do seu cabelo.

Dou uma risadinha e cubro metade do cabelo com as mãos por reflexo.

Ele deixa escapar um sorriso.

– Nunca faria tal coisa.

– Vamos acabar logo com isso. – Artemis pega uma cesta da pilha que fica próxima à porta e a ergue como um escudo. A loja nos recebe

com o cheiro inebriante de laranja, misturado a uma camada subjacente de café rico e amargo, uma nota de pão fresco, além da sensação geral de que ficamos mais saudáveis só de respirar ali dentro.

– Odeio essas lojas – Artemis diz.

– Não é lá muito demoníaco, porém. – Leo não parece tão desinteressado quanto Artemis, mas obviamente quer voltar para o castelo. Ele pisou fundo no acelerador para chegar aqui e está de olho na porta.

Caminhamos pelo entorno. Não é grande, mas depois de dois anos em Shancoom, onde o posto dos correios funciona como a loja da cidade e tem uma totalidade de três corredores, o lugar parece imenso. Há uma padaria e uma seção inteira para comida no estilo buffet. A maioria das pessoas está nela, escolhendo coisas para jantar mais tarde. Minha boca se enche de água. Sobra tão pouco tempo para comer quando se é uma boa guardiã-barra-caçadora.

– Não vejo nada alarmante – diz Artemis. – Talvez Sean trabalhe aqui para ganhar uma renda extra.

– Mas esse lugar todo não é meio estranho? Parece que não se encaixa. – Encontrei esta pista e quero desesperadamente que ela arrase. Preciso provar para Artemis que posso fazer algo direito. Tenho que trazê-la de volta para o meu lado.

Além disso, quando eu estiver certa, ela saberá que Honora está errada.

Entramos numa seção que é toda de grãos de café. Quando foi que o café começou a vir em tantas variedades? Realmente existe uma diferença entre grãos de café plantados no Quênia e os da Guatemala? E qual seria?

Nós vamos para a próxima seção – chá a granel – e Artemis para tão rápido que quase tropeçamos nela.

– Olhem para o vendedor – ela murmura.

O restante dos vendedores tem por volta de vinte anos, com um cabelo naturalmente bonito e tatuagens elegantes. Mas esse sujeito é enorme. Ele tem a cabeça raspada, é agressivamente tatuado e o avental do Prazer Natural se estica ao redor dos músculos do seu pescoço. Ele está parado, com os pés afastados e os braços cruzados.

Leo se inclina para a frente para inspecionar um rótulo.

– Está com uma arma na cintura – ele sussurra. E, realmente, há um volume coberto pelo avental que decididamente tem o formato de uma arma. Ele é um segurança disfarçado de vendedor.

Protegendo... chá?

Seguimos perambulando. Há algumas variedades de chá que reconheço, inclusive chá inglês, de que eu gosto. Chá preto com tangerina, que tem gosto de ceroulas de idosas ensopadas de perfume. Camomila e dez tipos diferentes de chá verde. Mas depois surgem

caixas com nomes estranhos e descrições dos efeitos. Esses não têm preço listado.

– Com licença. – Leo para na frente do falso vendedor com um ar vago de aborrecimento. – Está tudo sem preço. Quando custa esse chá “Sonhar com a fraqueza do meu inimigo”? Ele é cafeinado ou é que nem o “Hora de tirar uma soneca”?

O guarda levanta uma sobrancelha com cicatriz.

– Esse só está disponível através de pedido especial.

Eu estalo a língua.

– Que decepção. E quanto ao... – Olho um recipiente vazio atrás do guarda. – E quanto ao “Uma Xícara de Felicidade”? Parece delicioso. Ah, ele garante a cura da depressão e o alívio da ansiedade! Talvez eu possa colocar na xícara da minha mãe da próxima vez que quiser pedir mais mesada. Funciona igual à erva-de-são-joão?

– Tem efeitos similares a drogas psicotrópicas – diz o guarda, sua expressão tão amigável quanto uma metralhadora. – Tudo orgânico, é claro. É um estimulante natural do humor.

– Acho que um amigo meu já falou dele! – Olho expressivamente para Artemis e Leo. – Vocês devem se lembrar. O amigo que conheci na casa do Cillian. Quando vocês vão reabastecer?

– O fornecedor está com dificuldades técnicas. Você pode assinar a nossa *newsletter*. – Ele enfia a mão no bolso e tira um papel. Pego-o com um sorriso. Nele há o endereço de um site, embaixo do logotipo da Prazer Natural. Ao longo da base há um símbolo triangular esquisito, parecido com um logotipo.

– Obrigada. Será que vocês têm... – Tento pensar no produto alimentar mais absurdo possível. – Chocolate probiótico?

– Seção quatro.

– Fantástico! – Deixo o guarda para trás e percorro várias seções antes de parar junto a Artemis e Leo. – Um guarda armado protegendo chá?

– Todos os chás sem preço tinham um símbolo especial na base do rótulo – diz Leo. Mostro o papel com a *newsletter* e ele assente. – Esse mesmo. Triângulos interconectados.

– Talvez haja alguma coisa suspeita aqui, no fim das contas. – Artemis estuda os fundos da loja. Uso cada gota da minha força de caçadora para não gritar EU AVISEI.

Há uma porta exclusiva para funcionários na parede dos fundos. Está se fechando atrás de alguém e vejo de relance algo de couro cinza. Reconheço aquela roupa.

– Ela estava na arena!

Artemis estala os dedos.

– Precisamos de uma distração. Nina, vá derrubar uma prateleira. Arrume confusão. Uma das boas.

Fico irritada. Por que Artemis tem que dar as ordens? Ela não é nem caçadora nem minha guardiã. Mas essa não é a hora nem o lugar para discutir isso. Vou para a seção de café. Olhando para os dois lados para garantir que ninguém vai se machucar, me enfio entre duas caixas de café, agarro o suporte metálico da prateleira e puxo.

As prateleiras rangem e se inclinam em um ângulo perigoso. Corro para a próxima seção e sou recompensada com o som de plástico quebrando e milhares de grãos de café – café muito, muito caro – se derramando no chão. Acho que nunca saberei a diferença entre os grãos do Quênia e os da Guatemala. Quem quer que tente limpá-los também não.

Artemis e Leo estão esperando, olhando para um mostruário de sal orgânico localizado de forma conveniente perto da porta dos funcionários. Vários funcionários surgem correndo e Artemis usa o tornozelo para segurar a porta antes que ela feche.

O lugar é mais ou menos o que eu esperava de uma sala de funcionários. Duas mesas, algumas cadeiras e uma máquina de comida com mais conservantes e queijo em pó falso do que todo o restante da loja. Porém na parede de trás há uma porta metálica, fortemente reforçada com teclado para senha eletrônica.

– Bingo – diz Artemis. – Nina, você sabe a senha.

– Sei?

– Sim, seus punhos.

Lanço um olhar furioso para ela, mas ao mesmo tempo não deixo passar que ela está começando a aceitar que tenho esses poderes. Talvez me pedir para usá-los seja seu modo de finalmente reconhecer que eles não irão embora.

Soco o teclado e arranco todos os fios. Ouvimos um clique e Artemis abre a porta. Descemos por uma escada metálica em espiral, depois passamos por outra porta fortificada que leva a um espaço enorme no porão. Ele é arqueado no alto como se tivesse sido uma adega em algum momento. Ou um esgoto. Deve passar embaixo da quadra inteira.

E está cheio de jaulas com demônios, uma após a outra.

– Vamos nos separar. – Artemis se vira, mas para. – Me prometa que vai tomar cuidado.

– Prometo – digo. – Você também.

Ela desaparece, correndo pela extensão da parede em direção aos fundos.

Leo e eu percorremos cautelosamente a fileira mais próxima. Estou feliz por ele não ter saído do meu lado. As jaulas estão quase todas cheias. Estão muito mais organizadas do que no armazém abandonado que guardava as outras. Aquela parecia ser uma situação temporária. Essa é bem permanente.

Ver demônios em jaulas pequenas, dormindo curvados ou me encarando abatidos e sem vida é enervante. Eu sei, racionalmente, que, se desse de cara com um deles na rua, ficaria apavorada. Mas aqui, desse jeito, eles não são como nas ilustrações e avisos medonhos que estudei. Eles são... seres. Nenhum deles reage à nossa presença. Nenhum deles faz algum som. Estão drogados ou acostumados a visitantes. Ou estão enjaulados há tanto tempo que não se importam com mais nada.

Há um demônio com uma camada de pele muito fina. Posso ver seus músculos, veias, tendões, tudo aparecendo através da camada externa translúcida. Cutuco o braço de Leo.

– Isso é um...

– Um demônio unpellis.

– Aquele que salta da própria pele! Que incrível!

– Ouvi dizer que a pele pode ser usada para fechar feridas e curar cicatrizes.

– Eca. – Não consigo nem imaginar querer usar pele descartada de demônio como se fosse minha. Mas também... Se ele está em uma jaula e parece ter sido esfolado recentemente, com que frequência isso vem acontecendo?

O demônio pisca para mim e parece menos horripilante e mais inimaginavelmente cansado. Seus olhos ficam bem para trás de cada lado da cabeça, como os de um coelho. O que, segundo a biologia, sugere que essa não é uma espécie predadora. Ao contrário dos humanos. Quero libertá-lo. O que me surpreende, porque estava quase me acostumando aos meus instintos de bater primeiro e perguntar depois. Ou meu dom de caçadora está com defeito ou esse demônio é tão patético que até mesmo uma escolhida não acha que ele mereça mais dor.

Leo segue adiante, mas eu paro outra vez na frente de um demônio pálido, de forma humanoide, mas sem boca. Ele me encara com olhos pesarosos. Do outro lado da ala há um demônio idêntico. Ele ergue a mão na minha direção. Precisa da minha ajuda. Ergo minha própria mão e...

– Não tocaria neles se fosse você – diz uma voz alegre que ouvi pela última vez anunciando a minha morte. – A menos que curta uma telepatia tão poderosa que a enlouquecerá em dois dias. Mas boa em pequenas doses, né? Desde que também compre o antídoto. – O homem, imagino que seja Sean, está em outro terno elegante de aparência cara, seu cabelo preso em um rabo de cavalo.

Ele agita um rádio na nossa direção.

– Seguranças na outra linha esperando, mas eu preferiria não os chamar. Imagino que vocês dois sejam a fonte da minha bagunça na seção quatro?

– Surpreso? – Fico feliz por ele não estar armado.

– Não exatamente. Já esperava uma visita depois da sua atuação na outra noite. Cosmina também veio?

– Nãaaao. – Eu estico a palavra, observando-o. Nada indica que ele saiba da sua morte, mas isso não significa que não esteja por trás dela. Ele poderia ter uma excelente cara de paisagem por baixo de sua esfoliação primorosa e barba rala finamente esculpida. Leo, mestre da sua própria cara de paisagem, continua quieto. Mas sei que ele está pronto para entrar em ação no segundo em que Sean fizer algo ameaçador. Leo nem provoca reações nem revela nada. Nunca. Não me espanta que tenha ficado vivo por tanto tempo. Ele tem um jeito de se misturar ao cenário até que seja preciso agir. Pelos deuses, ele é um guardião incrível.

– Venham ao meu escritório – diz Sean. – Você poderia ter pedido para falar comigo, sabe? Desperdiçou um monte de café.

Sinto-me envergonhada agora que ele está sendo tão razoável.

– Você pode separá-los e, bem, lavá-los? Colocar de volta?

Ele ri.

– Vou encher as caixas com os mesmos grãos baratos e de baixa qualidade de antes. É tudo a mesma coisa, né? Esses trouxas comprarão qualquer coisa com um rótulo descolado. Especialmente se o rótulo disser “orgânico”. Tecnicamente tudo é orgânico.

– Ética de negócios encantadora – Leo murmura.

Sean nos leva a uma parte do subsolo gigante que fica na direção contrária de para onde Artemis correu. Diferente do restante do espaço de pedras e tijolos, seu escritório é contido e bem-acabado. É iluminado, com traços modernos e minimalistas, e um aquário ocupa uma parede inteira.

– Não pode ser! – Me aproximo do tanque. O que alguns poderiam considerar uma enguia está nadando em um círculo preguiçoso e revela um olho humano, que nos observa com uma inteligência perturbadora. – É um demônio rêmora, não é?

– Você entende dessas coisas. – Sean senta-se à sua mesa, recostando-se.

Aponto para o aquário, olhando para Leo, mais animada do que deveria.

– Ao ar livre eles crescem para se adequar a qualquer espaço onde estejam contidos. Entretanto, a pressão da água os impede de se expandir em aquários. Caso contrário, eles simplesmente continuariam crescendo. E eles comem chumbo e o transformam em ouro! Na verdade, foi um guardião na Idade Média que usou um deles para transformar chumbo em ouro e fundou toda a nossa operação. Isso criou todos os rumores que levaram alquimistas a tentar replicar a transformação de chumbo em ouro. Mas eles nunca conseguiram,

porque, adivinha só: demônio. Eles são super-raros!

– E exigentes com comida. – Sean fala, franzindo a testa. – Tenho sorte de arrancar uma pepita por mês desse maldito. Ainda nem pagou o próprio custo. Agora. Direto ao ponto. O que você quer? Eu me desculparia pela outra noite, mas, sendo justo, foi você quem pulou para dentro da arena. E matou todos os meus melhores cães infernais e vários dos meus melhores lutadores. Então você é que devia me pedir desculpas.

– Não matei nada além de cães infernais e zumbiros! – digo na defensiva. – Mais do que merecido por jogar uma caçadora na arena!

– Ela entrou porque quis.

– Não entrou, não!

– Certo, talvez não quisesse. Ela já tinha feito trabalhos para mim aqui e ali. Mas acabou com um ninho de zumbiros que eu tinha colocado em quarentena e reservado para as lutas, depois arrumou problema com um dos meus aliados vampiros. Ela sabe como as coisas funcionam. Ela me custou dinheiro, então a usei para recuperá-lo. Se ela vê algum problema nisso, pode vir falar comigo pessoalmente. Eu teria dividido os lucros com ela se tivesse vencido de maneira justa. Ela já havia lutado por vontade própria algumas vezes antes.

Ela participava? Por vontade própria? Então por que sonhei que ela estava com problemas? Talvez porque esse tivesse sido o primeiro evento em que fora levada à força. Ou talvez porque devesse trazê-la de volta conosco para salvá-la do que viria depois das lutas. Sento-me em uma das cadeiras, de frente para Sean. É uma cadeira bonita, todos os ângulos bem definidos e um assento rígido totalmente desconfortável. Não importa como me ajeite, tenho certeza de que minha bunda ficará dormente em segundos.

– Na verdade, não vim aqui por causa de Cosmina. Vim falar de Doug.

Sean se endireita, uma cobiça intensa iluminando seu rosto.

– Sabe onde Doug está?

– Sabia. Ele, hã, escapou.

– Droga. Mandei dois dos meus cães infernais mais bem treinados atrás dele.

– Eles eram seus? Eles atacaram a mim e aos meus amigos!

Sean ergue as mãos em um gesto de “ops”.

– Os perigos desse tipo de atividade. Eu me certifico de que estejam bem alimentados antes de saírem, mas não conseguem evitar alguns dos seus instintos. Eles só são treinados para não destruir seu alvo verdadeiro. Se algo se mete no caminho deles, bem... Pode acabar mal. Se serve de consolo, eles são uma espécie em extinção agora.

– Já vão tarde. – Posso ter alguma compaixão esquisita pelos

demônios enjaulados e por Doug, mas não por cães infernais. – Além dos seus cães infernais, temos mais dois mortos e precisamos descobrir o que aconteceu com eles. E o mais recente nos trouxe até aqui.

Sean parece genuinamente surpreso, olhando atrás de mim.

– Você tem um zumbi? Quer quanto por ele?

Tenho que começar a ser mais específica.

– Quero dizer, pistas na cena do crime nos trouxeram até aqui. E você está ligado a tudo que aconteceu. Você e Doug.

– Doug poderia ter matado alguém? – pergunta Leo.

Sean coça sua barba esculpida, franzindo a testa para Leo. Tenho a impressão de que Sean meio que se esqueceu de que ele estava aqui.

– Nhé. Ele só come felicidade.

– Talvez sua hospitalidade tenha forçado os limites dele. – Leo ergue uma sobrancelha. Ele não se senta e continua preparado e alerta no centro do escritório.

– Não seria algo inédito, mas é improvável. Doug é só... Doug. Não consigo imaginá-lo matando alguém, e eu o conheço há anos.

Sinto uma vontade súbita de erguer os punhos em triunfo. Um ponto para os instintos de caçadora.

– Meu palpite é de que foi outro demônio. Me contem onde estão localizados e eu aparecerei e cuidarei do problema – Sean prossegue.

Eu o encaro.

– E lucrará com isso.

– Naturalmente. – Ele sorri. – Quem são os seus mortos? Alguma ligação com Doug?

– Um dos nossos guar... um dos meus parentes.

– Um guardião, hein? – Sean ri da careta que faço. – Você também os mencionou mais cedo. É melhor tomar cuidado com esses segredos, meu anjo. Não gostaria que a pessoa errada soubesse que ainda há um grupo de guardiões vivo por aí. Não eram só os seguidores do Primeiro Mal que estavam atrás de vocês. Mas minha boca será um túmulo com esse segredo. Como ele morreu?

– Dormindo. Sem marcas. A outra morte foi similar.

– Outro guardião?

– Não. Cosmina. – Observo sua reação.

Ele volta a se recostar, deixando escapar uma longa praguejada.

– Isso é decepcionante, né? Não tenho outras caçadoras. Elas também valem um bom dinheiro. Costumavam valer ainda mais, mas o mercado ficou sobrecarregado. Mesmo assim, as pessoas ainda pagam um bocado por uma caçadora.

– Você *venderia* uma caçadora? – Estou pronta para socar alguém agora. Acredito de fato que ele não sabia da morte dela. Sua decepção é muito insensível para ser fingida. Ninguém poderia fingir ser tão desagradável.

– Vender não, *empregar*. Como fiz com Cosmina. Faço todo tipo de coisas neste admirável mundo novo, e caçadoras são úteis. E, certo, eu também poderia vendê-las nas condições adequadas. O que você quer que eu diga? Sou um homem de negócios.

– Nos conte mais sobre isso – Leo diz ironicamente.

Sean não questiona o pedido. A maior parte do seu sotaque desaparece e ele começa o que parece ser um discurso ensaiado.

– O mercado clandestino para produtos demoníacos sempre existiu. Eu experimentei trabalhar com isso. Foi um trabalho árduo. A maioria dos meus concorrentes dependia de magia. Eles faliram quando a mágica morreu, que ela descanse em paz. – Ele traça solenemente um pentagrama no peito, depois sorri. – Mas sempre fui antiquado. Preferia caçar meus demônios a conjurá-los, preferia depender de métodos humanos para aprisionar o sobrenatural. Meus concorrentes estão fora do jogo. Enquanto isso, todos esses demônios sem dimensões infernais para voltar estão perambulando por aí, aprisionados na terra. Sozinhos e vulneráveis. Meu império está florescendo. Tenho até um novo investidor.

– Então é você que anda matando demônios? – pergunto. Quando ele franze a testa confuso, eu acrescento: – Ouvimos de uma vampira que demônios estão aparecendo mortos na área.

– Vou investigar. Não dá para lucrar com demônios mortos. Bem, tirando os com pele boa e ossos valiosos. Mas não estou matando demônios a torto e a direito. Seria ruim para os negócios, né? É preciso pensar a longo prazo. Mantê-los vivos significa gerar receita contínua.

Sei que minha família inteira existe graças à necessidade de lutar contra demônios, mas Sean é... vulgar. Existe uma diferença entre proteger as pessoas dos demônios e lucrar em cima deles.

– Receita como a que você gerava com Doug?

– Como a do Doug! Exatamente. Devo todo o meu negócio a ele. Comecei nas ruas, negociando minha própria marca de pílula da felicidade. Ralei um bocado para chegar até aqui. E agora? O céu é o limite. Tenho que evitar qualquer atenção do governo, mas meu novo investidor tem conexões. Estou falando com a indústria farmacêutica. Pense comigo. Há sete espécies de demônios capazes de se autorregenerar só neste porão. Se pudermos isolá-las e fazer pesquisa genética com elas, imagine o que poderíamos conseguir. Poderíamos curar o câncer. Reverter o envelhecimento. Eu estaria lucrando, claro. Mas também faria o bem! Naquela noite na arena, aqueles zumbiros estavam prontos para infectar esta cidade inteira. Agora eles se foram. Tudo pelo benefício da humanidade, né?

– Não vi muita humanidade com os lobisomens, e nenhuma lá fora naquelas jaulas.

Sean dá um aceno desdenhoso.

– Metade daqueles demônios mataria você no instante em que escapassem.

– E a outra metade?

– Você não entende.

Entendo. Entendo e muito. Um demônio forçou meu pai a se matar. Outro matou Cosmina e provavelmente Bradford Smythe.

E Sean também tem razão. Demônios são uma ameaça. Sou uma caçadora tão ruim assim que não consigo matar demônios e não aguento vê-los enjaulados? Como posso reconciliar meus instintos naturais de cuidar das coisas, de curar coisas, com a minha verdadeira vocação? Talvez Honora esteja certa e eu só estivesse compensando pelas coisas que não conseguia fazer. Será que ainda estou fazendo isso, fingindo que me importo com criaturas vivas quando, na verdade, só sou uma péssima caçadora e não quero admitir isso para mim mesma?

Espero que não. Mas, com tantas vidas em jogo, não posso me dar ao luxo de estar errada.

Leo se aproximou discretamente do aquário. Ele dá as costas para o demônio rêmora.

– Como acabou se envolvendo com demônios?

Sean abre um frasco e toma um gole de alguma bebida. Ele o oferece para mim. Eu recuo e ele dá de ombros, colocando-o de volta no lugar.

– Pelo mesmo motivo que faço qualquer coisa. Uma garota bonita. E aí está ela.

A garota vestindo couro entra no escritório. Me viro e nós duas paramos, surpresas.

– Honora? – pergunto.

– Esbaforida! – Ela saca uma arma e aponta para minha cabeça.

– Por que você tem uma arma? – Eu devia saber que Honora estaria aqui. É claro que estaria. Ela está trabalhando lado a lado com Sean. Não consigo acreditar que ela contaria sobre os guardiões para alguém como ele, depois de todo mundo que perdemos.

Honora revira os olhos.

– Tenho uma arma, sua idiota, porque não vou sair por aí carregando uma besta em miniatura. Nem todos nós fingimos que ser um guardião ainda tem significado. Esta é *minha* cidade. Não preciso seguir nenhuma regra. – Ela baixa ligeiramente a arma, sacudindo a cabeça significativamente para Leo, que começara a se mover para contorná-la. – Deveria tentar qualquer hora, Leo.

Sean pigarreia.

– Honora, querida, percebe que estou diretamente atrás dela, então existe uma chance considerável de você também me atingir?

– Foi por causa dessa vadia que perdemos Doug.

– Não se atreva a chamar minha irmã de vadia. – Artemis aparece na porta atrás de Honora, a fúria estampada em seu rosto. Ela está aqui! E finalmente sabe que tenho razão. Ela chuta a mão de Honora, derrubando a arma, que cai no chão com um ruído ameaçador. – Você mentiu para mim. Me usou para encontrar aquele demônio. Ele não matou ninguém, matou?

– Existem duas delas? – Sean parece alarmado e encantando enquanto olha Artemis e eu.

– Não quero brigar com você, Artemis. Gosto de você. – Honora ergue os braços para exibir sua inocência. Eu me levanto, preparada. Leo está perfeitamente parado, esperando para ver se precisa atacar. Honora nos ignora, concentrando-se em Artemis. – Ouça o que temos a dizer. Acho que vai entender.

Então, para meu espanto, ela desfere um soco. Artemis se esquivava para baixo. Honora ri. Elas giram em uma onda de chutes e bloqueios, socos e esquivas.

Honora está se contendo, porém. Dá para perceber. Ela usou muito mais força contra mim esta manhã. Se estivesse realmente

lutando, Artemis não estaria consciente. Acho que Artemis também sabe disso. Ela desvia de outro soco e... sorri? Ela está sorrindo? Pelos deuses, elas estão flertando! Honora estava apontando uma arma para mim dois minutos atrás! Olho para Leo, espantada. Ele dá de ombros.

Artemis percebe que está sorrindo e franze a testa, chutando o flanco de Honora.

– Como pôde trabalhar para ele?

– Me poupe. – Honora desvia do chute, depois gira e vai para atrás de Artemis, prendendo o braço dela nas costas. Ela apoia a bochecha no pescoço de Artemis. – Eles não te merecem. Colocam você para servir refeições, Artemis. Olhe para você. Você é uma deusa.

– E você está trabalhando para um traficante de drogas! – Artemis gira e se liberta, arfando e os punhos erguidos.

Leo pigarreia. Ele segura uma vara de metal esbelta, mas de aparência pesada. Devia estar na sua manga. Sinto uma onda de alegria triunfante. Honora pensou que ele estava desarmado. Duvido que Leo ande desarmado em algum momento.

– Vamos todos nos acalmar ou estilhaçarei esse vidro e libertarei o demônio rêmora.

Sean se levanta, alarmado.

– Está doido? Sem a pressão da água, eles ficam do tamanho do ambiente em que estiverem! Ele preencherá o escritório e nos matará!

Leo sorri. É estranhamente adorável, considerando a situação. Sinto um quentinho no peito e o sufoco. Ele aponta com a vara metálica.

– Temos dois guardiões e uma caçadora no nosso time. Gosto das minhas chances. Você gosta das suas?

– Honora! – Sean vocifera. – Faça o favor!

Honora se afasta de Artemis.

– Sean, lembra de quando contei a você sobre a mulher que odiava minha mãe e que garantiu que eu fosse enviada em missão para os lugares mais decadentes possíveis? Conheça as filhas dela.

– Pensei que você quisesse ir – diz Artemis. – Poderia ter voltado. – Ela parece mais irritada com isso do que por lutar com Honora. Mas elas nunca estiveram lutando de verdade. Para todos os efeitos práticos, poderiam muito bem estar dançando, já que a intenção não era causar dano.

– Eu queria ir embora! Você também deveria.

Sean pigarreia.

– Tem certeza de que não querem discutir isso em outro lugar?

Honora tem uma faca nas mãos agora. Cutuca as unhas com ela.

– Tudo bem, sério. Fui designada para uma infiltração profunda em um culto de adoração de demônios, então os acólitos do Primeiro Mal explodiram o Conselho. No fim, sua mãe odiar a minha me salvou

a vida.

– Honora, eu... – Artemis começa, de cabeça baixa.

Em um segundo, Honora avança para mim e põe a faca sob o meu queixo, girando para me colocar entre ela e meu grupo.

– Vá em frente – ela diz para Leo. – Tente libertar o demônio rêmora. Artemis não deixará. Ela não deixará que nada ponha a pobrezinha da Nina em perigo. Foi por causa da Nina que Artemis continuou com os guardiões, bancando a criada deles quando merecia muito mais. “Nina precisa de mim” – diz Honora em uma imitação perfeita da minha irmã. – E agora você é uma caçadora? – A ponta da faca afunda no meu queixo. – Me diga como pode fazer algum sentido você ser uma caçadora e Artemis não. Que tipo de destino escolheria você no lugar dela? – Ela para e suas próximas palavras saem tão baixo que me pergunto se ela realmente queria dizê-las em voz alta. – Eu não escolheria.

Suas palavras me ferem mais do que a faca poderia. Artemis não me olha nos olhos, confirmando o que Honora diz. Realmente a segurei lá. E é óbvio que até mesmo Artemis pensa que, de nós dois duas, ela deveria ter sido a Escolhida.

Mas não é. Eu sou.

Agarro a mão de Honora e a torço até ela soltar a faca.

Honora arregala os olhos de medo e dor. Lembro-me de todas as ameaças, do apelido, do modo como me humilhou. Torço com mais força.

– Você está me machucando – ela geme.

Não acredito. Mantenho a pressão, mas não a aumento. Ela revira os olhos, irritada, e enfia o punho livre no meu rosto. Inclino-me para trás, desviando do golpe, e a empurro. Ela voa pelo escritório e colide contra a parede, caindo amontoada no chão. Por sorte, longe do tanque do demônio rêmora, não dentro dele.

– Ela... – Ela ri, engasgando de dor. – Ela quebrou minhas costelas. – Ela puxa algo de dentro da jaqueta e engole. Seus olhos se fecham e ela respira fundo. Então ela se levanta, sacudindo os braços como se estivesse totalmente bem. – Vamos para o próximo *round*, caçadora.

Que tipo de droga ela está tomando?

Artemis para entre nós duas.

– Por favor, Honora. – Sua voz está tranquila. Suplicante. Íntima.

Honora para de me encarar. Olha para minha irmã, e algo nela se suaviza.

– Eu não a machucaria. Não para valer. – Então dá de ombros, andando até a cadeira vazia e se sentando nela. Ela põe as botas em cima da mesa de Sean. – Ainda está deixando que ela controle sua vida.

– Bem, isso tudo foi muito interessante. – Sean cutuca as botas de Honora. Ela não as tira do lugar. – Vejam pelo lado bom. Nossa busca por uma caçadora substituta acabou antes mesmo de começar, né? Tenho um monte de trabalho para propor, se estiver interessada.

Leo está com a faca de Honora, apanhada durante a distração. A pistola também. Ele pegou as duas armas enquanto todos olhavam para outro lugar.

– Ele sabe de alguma coisa que possa nos ajudar? Porque não gosto do que ele sabe neste momento.

Sean ergue as mãos, todo na defensiva. Seu sorriso desliza de volta para o seu rosto do mesmo jeito que o demônio rêmora desliza pela água.

– Estamos do mesmo lado. Você quer proteger as pessoas dos demônios. Eu mantenho demônios onde eles não machucam ninguém. Nossos trabalhos são os dois lados de uma mesma moeda.

– Não somos nada parecidos – rebato.

– Você que veio me procurar, lembra? Me queria como um aliado. Todos queremos capturar Doug.

Balanço a cabeça.

– Você quer capturar Doug. Eu só quero levá-lo a um show do Coldplay.

Sean ajeita seu terno.

– Bem, então concordamos que todos nós queremos parar seja lá o que foi que matou Cosmina. Capturar. Matar, se necessário. Além disso, conheço mais do que ninguém esse novo mundo de demônios sem inferno. Posso lhe dar acesso a coisas às quais os guardiões nunca terão. Informações. Poderes.

Artemis dá um suspiro involuntário. Honora inclina-se para trás, dando uma piscada de cabeça para baixo para minha irmã.

– Podemos arrumar certas coisas para você – ela cantarola.

O sorriso de Sean adquire um ar mais trapaceiro e gatuno.

– Exato. Pode não haver mais magia no mundo, mas eu tenho o melhor do que sobrou. Você perdeu meu discurso de abertura, Artemis. Ficaria maravilhada com o que posso fazer com uma pitada de demônio e um punhado de ciência médica. Podemos mudar o mundo.

Um demônio fora do escritório geme de dor, um som assombrado e solitário.

– Realmente não gosto do seu estilo – digo. Sean parece ofendido, seus dedos indo até o rabo de cavalo. Reviro os olhos. – Também não sou muito fã disso, mas estava me referindo ao seu negócio de manter demônios em cativeiro.

– Você os mata. Como o que eu faço poderia ser pior?

– Não sei. Simplesmente é. – Esfrego o rosto, lembrando-me de

Cosmina. Lembrando-me do quanto ela era brutal e determinada em trabalhar sozinha. E o quanto ela estava sozinha no fim. Devemos matar demônios. Ela era boa nisso. E agora está morta.

Como Buffy sobreviveu todo esse tempo?

Sean se levanta.

– Eu só quero Doug de volta. Faremos uma troca. Tragam-me meu demônio da felicidade e descobrirei quem matou Cosmina e seu amigo guardião. Vamos todos sair no lucro. – Ele estica o braço na direção da porta. – Me desculpem por não levar vocês até a saída. E, por favor, da próxima vez que aparecerem, me liguem. Não é preciso destruição.

– Você também sabe onde me encontrar – diz Honora. Meus pelos se arrepiam quando acho que acabei de ouvir uma ameaça. Mas ela não está olhando para mim. Está olhando para Artemis e não há ameaça em seus olhos.

Apenas promessa.

Sean mantém a palavra. Ninguém nos impede de sair. Tento não olhar para os demônios patéticos enquanto passo por eles, mas eles ficam impregnados no meu cérebro.

De volta ao carro, Leo dirige cuidadosamente pela estrada que nos levará para Shancoom.

– Acabou que eu estava certa – digo, porque ninguém mais diz.

– Dá pra não falar isso? – diz Artemis.

– Por quê?

– Eu preciso pensar!

– Pense alto. Honora tem um novo emprego. Não é de espantar que Sean venha se saindo tão bem! Ele tem uma guardiã do lado dele. Como ela pode pegar gerações de conhecimento e treinamento confiados a ela e usá-las para ajudar alguém como ele?

– Nina! – Artemis fala ríspidamente.

– Corpos demais nos levaram a Sean e a seja lá o que ele esteja fazendo por aqui. Temos que contar ao Conselho sobre Honora.

– Por quê? – Artemis pergunta.

– Hum, porque ela está trabalhando com o submundo demoníaco? E ela também possui algum tipo de superforça que não é normal.

– Escute, eu entendo, ela tem feito algumas coisas complicadas. Você estava certa. Ótimo. Mas você não viu problemas em manter segredos antes. Quero dar a ela uma chance de se explicar.

Viro no banco do carona para ficar de frente para ela.

– Você perdeu a parte em que ela poderia ter feito isso, mas preferiu manter uma faca no meu queixo?

– Todo mundo estava sendo agressivo! – Artemis para e respira

fundo. – Ela não devia ter feito aquilo. Eu sei. Realmente sei, Nina. Honora pode ser impulsiva e defensiva. Você não sabe pelo que ela passou enquanto crescia. Existe uma razão para ela não confiar nos guardiões. Um motivo para ela acabar escolhendo trabalhar para outra pessoa.

– Mesmo depois de tudo que viu hoje à noite, tudo que Honora fez e tem feito, você ainda fica do lado dela?

– Não estou ficando do lado dela! Estou tentando contar a você por que precisa parar de julgá-la até ter todas as informações.

– Então, por favor, me conte de uma vez!

Leo para em um posto de gasolina.

– Hum, eu vou encher o tanque. – Ele sai e fecha a porta.

Artemis olha pela janela.

– Ela costumava aparecer para treinar com os punhos cheios de vergões. Quando não tinha um desempenho tão bom quanto a mãe achava que deveria ter, ela levava chicotadas. Você sabia disso?

– Eu... não.

– Não, não sabia. Não faz ideia do que Honora sofreu. De como a mãe dela era. Então, se Honora quer usar o que aprendeu para tentar ter algum tipo de vida, acho que não posso culpá-la. Ela merece alguma felicidade.

– Merece? Ter uma mãe cruel justifica o que ela está fazendo? Ela traiu os guardiões ao...

– Eles a traíram ao não cuidarem dela quando a mãe dela obviamente não estava cuidando! Deus, você fala como se eles fossem sagrados. É você quem sempre questiona as tradições dos guardiões, me dizendo várias vezes que podemos fazer melhor do que eles. Mas, bem lá no fundo, você está totalmente de acordo com os guardiões continuarem a ser do jeito que são. Encontramos uma amiga metida em problemas e você quer entregá-la diretamente para eles. Deixar que eles discutam sobre ela. Que a censurem. Talvez até que a prendam. Sabia que é para isso que servem as fundações do castelo? Elas não são ruínas. São celas.

Absorvo a informação como um soco no estômago. Eles me disseram para eu ficar longe das fundações porque elas não eram seguras. Não porque eram uma prisão.

– Eu... Eu não sabia.

– Não, porque nunca as viu. Nunca precisou ver nada que não quisesse. Não vê que os guardiões se tornaram completamente inúteis, uma sociedade triste e despedaçada tentando desesperadamente se agarrar aos dias de glória que não voltarão jamais?

– Se você se sentia assim, por que nunca me falou? Pensei que gostasse de ser parte disso. Sempre foi tão boa no que faz.

Artemis finalmente se recosta, expirando longamente.

– Como podia contar que não estava feliz, quando eu tinha o que você queria? Sabia que trocaria de lugar comigo num piscar de olhos. Você idolatra os guardiões.

– Não idolatro eles.

– Idolatra, sim.

– Eles são importantes para mim. Existe uma diferença. São nossa herança familiar. Em seu diário, o papai foi...

– O papai morreu. Esse é nosso legado. Papai morreu e a mamãe mentiu para nós duas a vida inteira. Sobre tudo. – Ela leva as mãos ao rosto e cobre os olhos. – Me senti tão mal por ela ter me escolhido primeiro no fogo! Queria que você soubesse que alguém sempre escolheria você primeiro, sempre a protegeria. Queria ser uma maldita guardiã para tornar o mundo inteiro mais seguro para você. Todos esses anos, a mamãe poderia ter mencionado que você um dia se tornaria uma caçadora e eu seria totalmente inútil. – Seus ombros tremem, e não sei se ela está chorando ou rindo amargurada.

Ela realmente teria ido embora se não fosse por mim? Ela quer fazer isso agora?

– Sempre vou precisar de você – sussurro. – Você é minha irmã.

– Mas não é a mesma coisa. Não podemos fingir que um dia voltará a ser.

Ela tem razão. Por mais que eu não queira que seja verdade, tudo está diferente.

– Não direi nada sobre Honora – ofereço, como uma ponte sobre o abismo entre nós. – Você decide o que fazer quanto a isso.

– Obrigada – ela sussurra sem se virar para mim.

Leo volta para dentro, silencioso com seu próprio conflito interno. Ele liga o carro e somos cercados pelo zumbido do motor e o deslizar da estrada sob os pneus. Ninguém fala.

Lembro-me da separação entre as duas garotas na foto de Cosmina. Caçadoras devem agir sozinhas, Cosmina dissera na arena. Será que esse também seria o meu destino?

Leo estaciona o carro na garagem do castelo.

Outra coisa tem começado a me incomodar e tenho que botar para fora.

– Leo, precisamos conversar sobre a possibilidade de que minha mãe tenha armado para cima de você.

– O quê? – Leo e Artemis falam ao mesmo tempo.

Tive essa viagem de carro miserável inteira para pensar no assunto. Minha mãe pediu do nada para Leo ir sozinho ver uma caçadora, quando nunca tinha feito nenhum esforço para trazer uma caçadora para o castelo. E não importa o que a vampira disse, ela apareceu logo depois da nossa chegada. E supostamente Leo deveria estar lá sozinho. Não temos como garantir que não foi tudo armado.

– Prefiro estar enganada – digo. – Mas pensem um pouco. – Eu exponho meu raciocínio.

– Isso mal parece coincidência. – Artemis abre sua porta.

– Espere! Tem mais uma coisa. – Ela para e eu me encolho, percebendo que guardei mais um segredo dela. – Havia outro cão infernal. Ele me encontrou em Shancoom quando fui ver Cillian. Eu o atraí até aqui e minha mãe o matou. Mas ela não colocou o castelo em confinamento nem contou a ninguém. O que significa que já devia estar esperando por ele de alguma forma ou pelo menos estava confiante de que ele não estava atrás da gente. Ou seja, ela tinha que saber que ele estava atrás de outra coisa. E Doug me disse que tinha um contato com quem deveria se encontrar. Um Smythe.

– Você acha que nossa mãe anda organizando encontros com demônios. – Pelo tom de Artemis, dá para saber o que ela pensa da minha teoria.

– Não sei. Talvez?

– Mas por que ela iria me querer morto? – Leo pergunta.

– Talvez tenha percebido que estava me treinando? Ela realmente não quer que eu seja uma caçadora.

– Um motivo forte o bastante para tentar matar Leo? – Artemis parece em dúvida. Eu não a culpo. É uma ação extrema.

– Será que não é? – Ela me escondeu. Nunca nos contou sobre eu ser uma caçadora potencial. Ou sobre a mãe dela. E... ela me deixou para trás. No dia do incêndio.

– Não pode pensar honestamente que a mamãe queria que você morresse!

O silêncio preenche o carro até se tornar palpável. Não acho isso. Não de verdade. Mas eu sei que ela queria Artemis viva mais do que me queria viva.

– Tudo que sei – digo por fim – é que Bradford Smythe revelou minha condição de caçadora potencial e confirmou que eu era uma caçadora. E agora está morto. Cosmina sabia que eu era uma caçadora e agora está morta. E Leo está me treinando e poderia ter sido morto esta noite.

Leo parece ligeiramente ofendido.

– Por *uma* vampira?

– Independentemente disso, a mamãe tem um monte de segredos. E não acho que possamos confiar nela. Em assunto nenhum.

– Não estou convencida – diz Artemis.

– Bem, minha outra teoria é de que Honora é culpada por tudo. Quer debater essa?

Ela cruza os braços, me respondendo com seu silêncio.

– Devemos manter tudo isso entre nós três – diz Leo. – Mesmo sem sabermos ao certo em quem podemos confiar, sabemos que podemos confiar uns nos outros.

Olho para Artemis. Ela não corresponde.

Leo prossegue.

– Não conte nada para a sua mãe. Nem para a minha.

– Mas... – eu começo. Ele olha para mim, a testa franzida. Eu confio na mãe dele e preciso do conselho dela. Quero perguntar a ela sobre minha mãe e sobre meus sentimentos conflitantes a respeito dos demônios, e até sobre a profecia estúpida para saber se deveria me preocupar com ela. Ela poderá me dizer se é algo com o qual os guardiões estão preocupados.

– Não – diz Leo. – As duas fazem parte do Conselho. Elas conversam. Não contaremos a ela nem de Cosmina, nem de Honora ou Sean. Não até sabermos mais.

– O que sabemos para valer? – Artemis pergunta. – Sério, o que descobrimos?

Eu me apoio no painel.

– Que não foi Doug.

– O que reduz nossa lista a um dos outros milhares de demônios vagando pela Terra.

Os olhos de Leo estão frios e escuros.

– Tudo o que sabemos é que os ataques acontecerem enquanto

eles estavam dormindo.

Artemis desfaz sua trança precisa, sacudindo o cabelo.

– Presumindo que Bradford não morreu de ataque cardíaco. Ele era velho.

– Se sonhos de caçadora me alertassem sobre pessoas morrendo de velhice, eu teria que entrar em cada asilo comunitário na área tentando salvá-las. Foi demoníaco.

Artemis solta um longo suspiro, mas concorda. Está com raiva de mim, mas se mantém racional.

Leo abre sua porta.

– Não temos certeza de nada. O que significa que o castelo não está seguro. Nenhuma de vocês deveria dormir sozinha esta noite. – De repente, ele sai do carro e caminha na direção do castelo. Gostaria que ele estivesse iluminado como um farol na escuridão, mas as poucas luzes nas janelas servem apenas para enfatizar o quão vazio ele é.

Só faz mesmo alguns anos desde que ele fervilhava de vida? Agitado com membros do Conselho e aspirantes a guardiões e todas as pessoas nos bastidores que tornavam nosso trabalho possível?

Talvez não tenha sido assim. Não de verdade. Porque, mesmo antes de explodirem o Conselho, não havia tantos guardiões da minha geração. Vínhamos sangrando lentamente. A rejeição de Buffy colocou a organização numa queda vertiginosa, cambaleando atrás de um novo lugar no mundo.

Pensei que um fluxo repentino de caçadoras tornaria os guardiões relevantes novamente, mas não consigo evitar de pensar que isso nos tornou ainda mais arcaicos. Ainda mais desnecessários. Talvez Artemis tenha razão.

Droga. Mas isso não significa que Honora também tenha.

Estremeço, tentando tirar do cérebro e da língua o gosto ruim de sequer *pensar* que Honora está certa. Os guardiões se esconderam para sobreviver. Tenho que acreditar que o Conselho possui um plano.

O Conselho, contudo... Ruth Zabuto, que não consegue superar o fim da magia. Wanda Wyndam-Pryce, que é ainda pior do que eu pensava. Minha mãe, que odeia caçadoras e definitivamente está escondendo mais do que imaginamos. E Eve Silvera. Então eu confio em uma de quatro.

– Vou dormir no quarto da Jade – diz Artemis.

– Por quê? – pergunto, magoada.

– Não é... Eu preciso de um tempo para pensar. Só isso. Acho melhor você passar a noite no quarto do Rhys ou com Imogen. – Ela vai embora. Está levando o alerta de Leo a sério. E me deixando por conta própria. Todos esses anos passados juntas, tomando conta uma da outra. Bem, ela tomando conta de mim. Eu claramente não fiz um

bom trabalho cuidando dela. O quanto será que ela suportou todo esse tempo? Eu não podia treinar com ela, mas poderia ter ajudado mais. Assumido mais responsabilidades. Mas ela nunca me contou, nunca me falou como se sentia.

Com raiva, magoada e confusa, sem falar do excesso de energia pulsante da luta com Honora, me viro e corro para a floresta. Ela está adormecida, todos os zumbidos de insetos e sons normais de floresta silenciados, então me sinto como uma intrusa.

Eu me forço a seguir, tentando descobrir meus limites. Quero conhecer as fronteiras do meu corpo, os limites dos meus poderes. Preciso disso. Porque, se puder defini-los, poderei entendê-los e descobrir quem eu deveria ser agora.

Esquivo-me de galhos, pulo sobre troncos, giro e enveredo mais para dentro das árvores. O castelo fica em uma parte da floresta com quilômetros de amplitude, intocada pelos séculos porque seu solo não é bom para o plantio. Ela é erma de um modo que faz eu me sentir pequena. Por dois anos estivemos perfeitamente escondidos aqui. Não consigo escapar da ideia de que fui eu o fator que atraiu cães infernais e demônios, caos e morte para nossa reclusão. Porque mais nada mudou nos dois anos em que estivemos aqui.

Como uma caçadora, a morte é meu dom. Será que também é minha maldição? Ao ser construída para matar, será que eu atraio a morte?

Mudo de direção e sigo para um cemitério antigo e abandonado. Ninguém é enterrado nele há quase um século. Eu o encontrei não muito depois de chegar aqui. Tem sido meu segredo desde então. Há algo de pacífico nele, nomes e datas desbotados pelo tempo e pela natureza. Acho que, de certo, modo é como as passagens secretas de Artemis. Feito para outro propósito, mas me serve como refúgio.

Fico perdida em meus pensamentos até estar perto o suficiente de uma luz para notá-la. Não deveria existir nenhuma luz. Paro de repente, então me aproximo na ponta dos pés. Há uma fogueira avermelhada em um buraco. Doug, o demônio, está sentado próximo ao fogo. Ele balança a cabeça no ritmo da música tocando em seus fones de ouvido e tem um livro nas mãos. Espio qual é.

Nicholas Sparks. Doug realmente deve ser mau, pelo visto.

Um graveto estalando no entorno me alerta de que alguém se aproxima. Eu me encolho atrás de uma árvore e observo. Não sei quem espero que apareça. Honora? Sean? Outro demônio? Eles não sabem que esse é o meu cemitério?

Nada me prepara para o choque de ver quem coloca uma mão no ombro de Doug antes de se sentar na frente dele.

Minha mãe.

A teoria está confirmada. Smythe, mas não Bradford Smythe.

Jamison-Smythe. Ela é o contato de Doug. Ela é o motivo de ele ter fugido para cá, o motivo de os cães infernais atacarem, o motivo de Honora ter voltado para nossas vidas para estragar tudo.

Doug tira os fones.

– E aí, Helen. Obrigado pelas coisas. – Ele aponta para um saco de dormir armado entre as lápides, seu livro e uma bolsa. A bolsa que ela estava carregando mais cedo no corredor.

– Seu rosto melhorou? – minha mãe pergunta.

– Bastante. Está bem melhor. Nina não é nada mal em consertar coisas.

Contenho meu orgulho ao ouvir suas palavras. Minha mãe está com a agenda pequena na qual consultou o endereço de Cosmina. Doug larga seu romance e se inclina para perto dela, olhando uma página. Ele aponta para alguma coisa escrita ali.

– Ele é um sujeito legal. Perturbado. Mas deve dar um bom aliado. Isso aí é praticamente uma lista do alto escalão de demônios de Dublin. Você encontrou todos eles.

– Sou boa no meu trabalho.

– E quanto às caçadoras? Elas poderiam ser um problema.

– Sei de pelo menos uma dúzia a quem podemos ter acesso fácil.

– Ela aponta para outra seção da agenda. – Posso lidar com elas.

– E quanto a Nina? – pergunta Doug. Eu congelo. – Ela não tem sido exatamente discreta. Pelo que pude perceber, ela contou tudo a Cillian. Com quem mais ela conversa?

Minha mãe sacode a cabeça, sua boca vira uma linha fina e afiada.

– Devia ter mandado ela para longe anos atrás, mas sempre torci para não chegarmos a esse ponto. Trabalhei tanto para evitar essa confusão. Foi egoísta da minha parte mantê-la aqui.

– Profecias são coisinhas manhosas.

– Filhas também. Mas eu cuidarei disso.

Eu recuo, estarrecida. Minha mãe tem uma agenda cheia de nomes de demônios e caçadoras. Está se consultando com um demônio sobre eles. E tem um plano para “lidar” com as caçadoras, e um para lidar comigo, seja lá o que isso signifique.

Doug mencionou uma profecia. Não preciso perguntar de qual ele está falando. Tem que ser a que traduzi, a mesma citada no diário do meu pai.

A profecia fala de mim. De nós.

Minha mãe sabe... E Doug, o demônio amarelo neon, também sabe. Eu me viro e corro para o castelo. Talvez eu ser uma caçadora não tenha sido o único motivo de ela me deixar para trás no incêndio. Talvez a profecia seja tão ruim que ela arriscou minha vida para salvar Artemis. Ela devia saber, assim que fui identificada como uma

caçadora potencial, que eu sou a destruidora de mundos. Tenho poder demoníaco em mim, afinal de contas. E, apesar de todos os seus esforços, ela não conseguiu impedi-lo de se manifestar.

Finalmente entendo por que minha mãe me colocou de escanteio por toda minha vida. Não é que ela me odeie por ser uma caçadora. Ela tem *medo* de mim.

Enquanto meus olhos ardem e se enchem de lágrimas, corro pelo castelo, direto para nosso quarto para pegar a profecia e levá-la para Artemis. Somos duas partes de uma pessoa, duas partes de um apocalipse previsto, e não posso fazer isso sozinha.

Quase tropeço no corpo no corredor do lado de fora da minha porta.

– Sou eu! – diz Leo, sentando-se. Cubro a boca para abafar o grito que quase escapou. – O que foi? Qual o problema?

Dou um suspiro trêmulo. Não sei por onde começar, e temo que, uma vez que comece, eu perca o controle completamente.

– Estou bem – minto. – Só cansada. Mas o que você está fazendo no chão, do lado de fora do meu quarto? Pensei que fosse um cadáver. E já tive minha cota de cadáveres esta noite. Não tenho espaço para eventos com cadáveres na minha agenda por pelo menos uma semana.

Está escuro, a única luz vinda de uma lâmpada na outra ponta do corredor. Mas posso sentir Leo sorrindo. Posso ouvir na sua voz.

– Farei o máximo para deixar cadáveres de fora da sua agenda, então. Sinto muito. Pensei que estivesse lá dentro, dormindo.

– Seu esquisito. – Passo por ele para abrir a porta. Mas me sinto secretamente sensibilizada por Leo estar preocupado o bastante para vir me proteger.

– Cadê Artemis? – Ele espia do lado de dentro quando acendo a luz.

– Dormindo no quarto da Jade esta noite. Ainda está brava comigo.

Leo hesita na soleira. Ver as mãos dele enfiadas nos bolsos frouxos do pijama e sua boca torcida de um lado é um tanto adorável. Ele está envergonhado e se sentindo deslocado. Fico tão feliz de que pelo menos dessa vez não sou eu nessa situação que relaxo na mesma hora e não me sinto mais tão desesperada para falar com Artemis imediatamente. Ela não queria falar sobre a profecia da outra vez. Não sei se algo mudou. Não estou pronta para outra rejeição, caso ela se recuse de novo.

Doug está acampando e ainda está sendo caçado. Ele não vai a lugar algum. Nem minha mãe. Darei um jeito nisso eu mesma.

– Ah, pode entrar – digo. – Bobagem sua ficar aí fora no chão. Além disso, sou uma caçadora, lembra? Não preciso de um guarda-costas.

– E eu sou seu guardião. Meu trabalho é proteger você.
– Seu trabalho é me treinar e me orientar. Proteger é por minha conta.

– Concordamos em discordar. – Leo finalmente entra no meu quarto. Os olhos dele absorvem tudo, e eu olho para o quarto como se o visse pela primeira vez. O lado de Artemis está arrumado, com pesos empilhados ao lado de textos demoníacos que está estudando. Há uma fileira de armas em uma prateleira sobre sua cama.

Meu lado do quarto é... menos arrumado. Eu tenho uma prateleira com duas fileiras de tudo o que se possa imaginar. Manuais de instrução de reanimação cardiorespiratória, textos de estudante de primeiro ano de medicina que implorei para Cillian comprar para mim no eBay, minha seção de ruivas da literatura. A pilha de livros de demônios na qual estava pesquisando informações sobre Doug. E há uma pilha imensa de caderninhos de anotação.

Ah, aí está o embaraço do qual andei sentindo falta! Tenho certeza de que Leo está de olho nos caderninhos. Ou só estou sendo paranoica?

– São anotações. Nada de poesia! Anatomia. Coisas de saúde. Assisto a um monte de tutoriais médicos e anoto tudo que parece útil. Também mantenho registros de coisas. Principalmente de quando os pequenos têm febre ou dor de estômago. Mas Imogen cuida bem deles, então nem isso tem muito.

Leo assente. Depois olha para o teto e arregala os olhos.

– As lâminas do ventilador são de verdade?

Esfrego a nuca. Ele é bem atento.

– É. Bem. Então. Você sabe que perdemos nosso pai, e aí teve o incêndio. Depois de tudo isso, comecei a ter pesadelos terríveis e fiquei com medo de dormir à noite. Então Artemis e eu decidimos instalar armadilhas. Tem armas de esguichar água benta escondidas por todo canto. Estacas. Na verdade, na cozinha, todas as colheres de pau têm uma ponta afiada. De qualquer modo, conforme fomos crescendo, elas ficaram mais elaboradas. O ventilador foi nosso projeto quando mudamos para cá, e nós duas precisávamos de uma distração do que aconteceu com o Conselho, com eles explodindo e tal. – Paro exatamente embaixo do ventilador. – Está vendo aqui? Essa tábua é solta. Em um fulcro. Há espaço para impulso do outro lado. A ideia é você atrair o vampiro ou o que for até esse ponto, e aí pisar fundo na tábua. Surpresa! Decapitação instantânea.

Leo ainda está olhando para o ventilador.

– Sempre tive medo de que ventiladores de teto se soltassem e me matassem. Como consegue dormir embaixo desse treco?

– Nós não o ligamos. – Aponto para a lareira. – Também nunca usamos aquilo. Não somos grandes fãs de fogo. Mas tem gás

pressurizado lá. – Aponto para o que parece ser um duto normal de gás para a lareira. – Jade nos ajudou a montar. Se você apertar esse interruptor por dentro da cornija, ele vira um lança-chamas. Mas, novamente, imóvel. O vampiro teria que estar parado bem ali. Nós não éramos realmente muito boas na parte prática. Era mais para nos manter ocupadas, fingir que tínhamos algum controle.

– Vocês queriam se sentir seguras.

Sento-me na cama de Artemis, triste e exausta.

– Sim. Artemis sempre foi boa em me manter ocupada. E em fazer eu me sentir segura. – Mas ela não está aqui. Talvez seja melhor Leo estar aqui. Ultimamente, tem sido mais fácil conversar com ele do que com Artemis. – Então, acabei de ver minha mãe lá fora com Doug.

– Como assim? Ela o capturou?

– Estavam tendo uma reunião. Fui correr e lá estavam os dois. Minha mãe e sua agenda, que aparentemente também contém informações de quem é quem entre os demônios de Dublin. E registros de muitas outras caçadoras. Não sei o que estão planejando nem por quê. Mas acho que tem a ver comigo e uma profecia. Então estou enlouquecendo. De leve.

Leo assente, mas fala devagar, como se estivesse escondendo alguma coisa.

– Nada nunca é preto e branco. Nem profecias, e certamente não pessoas. Não sabemos o que sua mãe está fazendo, mas Doug não matou Cosmina nem Bradford. Se existe uma profecia, ela passou todo esse tempo sem se realizar. Pode esperar mais alguns dias. Então vamos manter isso para nós mesmos. Não falaremos com ninguém sobre essa história até entendermos o que está acontecendo. Nesse meio-tempo, você devia tentar dormir.

Assim que ele diz isso, percebo o quanto estou exausta.

– Você também. – Sinto agudamente a presença dele no meu quarto. Não é um quarto enorme para começo de conversa, mas ele ocupa muito mais espaço do que seu corpo justificaria. – Você pode, é, ficar na minha cama. Se não quiser dormir no corredor.

– Acho que prefiro ler, se não for problema.

– Claro. – Deito-me na cama de Artemis. Leo pega um livro da minha prateleira, um chamado *Joseph Lister e a história dos antissépticos*. – Ótima leitura para pegar no sono. Lister foi o sujeito que revolucionou a cirurgia introduzindo os procedimentos antissépticos.

– Existe um museu da cirurgia em Edimburgo que destaca suas descobertas. – Leo senta-se com o livro e o abre. – Devíamos visitá-lo. Apesar de isso quebrar sua regra de nada mais de cadáveres.

– Eu quebraria essa regra por você. – Eu me viro para ele não me ver corar. Não posso ser tão desesperada quanto era três anos atrás.

Olho para ele após alguns minutos. Ele lê com o cenho ligeiramente franzido, o que lhe dá um ar de profunda concentração. Forço meus olhos a se fecharem. Mas não vou conseguir dormir de jeito nenhum com Leo aqui.

Rolo para o lado, alcançando as anotações que deixei na cama de Artemis. Qualquer pensamento sobre viagens de campo ao museu se extingue. Leio a profecia com novos olhos, não mais suspeitando de que ela possa ser sobre nós e sim tendo certeza disso ou, pelo menos, de que meus pais pensavam assim. E minha mãe ainda pensa.

Filha de caçadora

Filho de guardião

Meus pais.

Dois se tornam um

Eca. Arcturius gostava de um bom eufemismo, e não acredito que estou lendo uma frase escrita séculos atrás sobre meus pais indo para a cama.

E um se torna duas,

Gêmeas idênticas.

Garotas de fogo

Nosso cabelo é bastante vermelho.

Protetora e assassina

Uma para consertar o mundo

E outra para destruí-lo.

Algumas semanas atrás, eu não saberia quem era quem. Mas é óbvio agora. Artemis é a protetora. Sempre foi. Ela me protegeu não só do perigo, mas de sua própria tristeza. E me dói só de pensar.

É a destruidora? O que é uma caçadora se não isso?

Meu estômago se revira de medo e pavor. Já vi muitas evidências de profecias se tornando realidade para não levá-la a sério. Não só eu sou uma caçadora, como existe uma chance considerável de que vou destruir o mundo. Acho que tenho mais em comum com Buffy do que nunca.

A última anotação de Arcturius é um chute final ligeiro nas costelas.

Quando tudo mais acabar, quando a esperança perecer junto com a magia,

sua escuridão ascenderá e todos serão consumidos.

A magia já morreu. Buffy acabou com ela. Não há um indicador de tempo na profecia, mas a Semente da Magia estar quebrada significa que o fim se aproxima. O momento em que Artemis irá consertar o mundo.

E eu irei destruí-lo.

– Profecias são difíceis de interpretar. – Leo me dá um susto pela segunda vez.

Recolho as anotações e as enfio em um caderninho.

– Não é... Não é o que parece – gaguejo.

– Profecias nunca são.

– Não, quero dizer... não sei o que quero dizer. Pelos deuses, não sei de nada neste momento. – Eu recuo, me sentando apoiada na parede. Leo me surpreende fazendo o mesmo, se sentando ao meu lado. Ele é mais alto do que eu. O suficiente para eu poder apoiar a cabeça no seu ombro em um encaixe perfeito.

– Posso ajudar?

Remexo na colcha puída de Artemis. Ela assume um significado diferente, assim como sua metade do armário. Será que ela sequer gosta da cor preta? Nunca perguntei. Imaginava que ela estava feliz com sua vida porque parecia tão impressionante. E porque ela nunca disse nada diferente. Eu era rápida em falar o que me incomodava ou do que sentia falta. Mas com que frequência eu perguntei a Artemis o que ela queria da vida?

Sou uma péssima irmã.

Sei o quanto é terrível ser deixada para trás, mas deve ter sido excruciante para ela me ver desaparecendo na fumaça. Ela nunca deveria se sentir culpada em relação a algo fora do seu controle. Nunca deveria ter considerado que era fardo dela me ajudar, ser a melhor, fazer tudo corretamente. Expiar o fato de ter sido escolhida.

Eu pigarreio. Leo está esperando pacientemente que eu fale com ele. Preciso conversar com alguém.

– Então, você sabe que estou com o diário de guardião do meu pai. E ele mencionou uma profecia. Mais tarde percebi que já a havia traduzido. E... parece que ela fala de nós. “Quando a esperança perecer com a magia” provavelmente se refere à Semente da Magia. Que já era. O que significa que estamos nesta linha do tempo.

Leo pega a tradução da profecia e a relê.

– Sua mãe não é a única filha de uma caçadora. Não é comum,

claro, porque... – Ele para de falar. A razão paira no ar entre nós dois. Porque elas não chegam a viver o suficiente. Ele continua, ignorando o não dito. – Outras caçadoras tiveram filhos. Inclusive em torno da idade da sua mãe. Tem Robin Wood. O guardião da mãe dele era Crowley.

– Não me lembro de nenhum Crowley.

– Minha mãe disse que ele era legal.

Tantos verbos no passado ao falar dos guardiões. Algum dia, em um futuro próximo, tudo relacionado aos guardiões será passado.

– Mas esse Robin teve gêmeos com uma guardiã?

– Ainda não. – Leo tenta soar esperançoso, depois dá de ombros.

– Tá bom, e não é provável de acontecer, considerando a redução dramática da nossa equipe. Ainda assim. Provavelmente isso não tem nada a ver com você.

– Meus pais obviamente pensavam que tinha.

A voz de Leo é sombria como a noite pressionando voraz do lado de fora da janela.

– Nossos pais sempre pensam que sabem mais sobre nós do que nós mesmos. Eles tomam decisões por nós antes de sequer percebermos que estamos sendo controlados.

– Mas veja só tudo de ruim que está acontecendo. Estávamos vivendo aqui havia dois anos em sigilo perfeito. Ninguém nos encontrou. Nenhuma violência. Nenhum ataque. Então descobrimos que sou uma caçadora e bum! Demônios! Morte! Destruição!

– Você poderia facilmente dizer que tudo isso aconteceu porque minha mãe e eu voltamos.

Reviro os olhos.

– Claro. Só que o primeiro cão infernal atacou antes de vocês voltarem.

Ele hesita, apertando os lábios. Então prossegue.

– Mas o ataque do cão infernal não aconteceu *depois* de você perceber que era uma caçadora. Você percebeu que era uma caçadora *por conta* do ataque do cão infernal. E não pode se esquecer de Honora. Ela não tem ligação com a sua mãe, e está envolvida em pelo menos uma parte dessa história. Pode haver coisas totalmente diferentes acontecendo. Não precisa estar tudo conectado.

Bato com a cabeça na parede.

– Isso não faz eu me sentir melhor! Só significa que temos ainda mais mistérios para resolver. Pelos deuses, eu pensava que minha vida fosse complicada quando tudo com que me preocupava era conseguir material para meu centro médico e tentar convencer o Conselho de que deveríamos nos concentrar menos em treinamento de combate e mais em soluções pacíficas.

– Sua vida também era complicada nessa época. Esse não é um

jeito fácil de crescer. Com tantos segredos. Tanto aqueles que guardamos como guardiões como aqueles que, por sermos guardiões, somos obrigados a guardar.

Não consigo acreditar que minha mãe pensou que poderia me mandar para um internato. Todos aqueles adolescentes normais, sem nenhuma noção de como o mundo é de verdade. Leo entende minha vida de um modo que ninguém jamais entenderia. E ele tem razão sobre o jeito que amadurecemos. Eu não estava errada quando tinha treze anos. Ele realmente me enxergava. E ainda me enxerga.

Quero pegar na mão dele, mas o nervosismo me impede.

– Por outro lado, talvez fosse esse o motivo de a minha mãe ser tão contra eu me tornar uma caçadora. Ela conhece a profecia. E teme que, agora que sou uma caçadora, ela esteja a um passo de se realizar.

Leo muda de posição para olhar diretamente para mim. Seus olhos são tão escuros que são quase pretos. Dá para notar que ele não tem dormido bem, mas a exaustão acentua os ossos do seu rosto, e a sombra da barba por fazer em seu maxilar o deixa estranhamente vulnerável.

– Athena – diz ele. – Eu conheço a escuridão. Conheço a fome que impulsiona o caos. E você não tem nada disso em você. Caçadora ou não, você é e sempre foi boa. – Ele para, analisando meu rosto, e por um breve momento doloroso eu penso que vai me beijar.

Então ele sorri e aquela máscara que usa tão bem desliza de volta ao lugar. Ele desaparece nela. Está se afastando de mim para dentro do que deve ter se tornado um mecanismo de defesa durante todo o tempo passado sozinho com sua mãe, acreditando que seus únicos amigos tinham morrido, com medo de se preocupar com alguém. Por isso fico chocada quando ele se inclina para a frente e esfrega os lábios frios e macios na minha testa.

– Durma um pouco, caçadora. Eu sou seu guardião. Vou pesquisar e observar. Acharemos uma resposta pela manhã. – Ele desce da cama e volta para o chão. Segura a pilha de livros que havia pegado emprestado com Rhys e a coloca em cima do livro da profecia. Deito-me de lado, dessa vez sem me virar para ele. Minhas pálpebras pouco a pouco perdem a luta contra o sono.

Quando as fecho, ainda o vejo.



Sonho com o incêndio.

Mas dessa vez não estou sozinha. Enquanto assisto a minha mãe carregando Artemis para fora, passando direto pelo fogo, intocada, sinto a presença de centenas de outras mentes.

– Pelos deuses – diz uma voz –, é a terceira vez que sou arrastada para cá. Ninguém mais sonha como você. Então vê se traz uns

marshmallows para assar ou mantenha seu trauma reprimido.

Viro-me e vejo uma morena linda com lábios carnudos, grandes olhos castanhos e expressão irônica. Ela está sentada no meio do fogo.

– Escute, minha filha, seja lá o que tenha acontecido, você está cem por cento agora. Tente deixar isso para lá.

– Mas... – eu começo, sufocando e tossindo com a fumaça. Porém não estou respirando fumaça de verdade. Não mais.

A morena pisca para mim.

– Vamos. Sou especialista nisso. Uma vez passei um ano inteiro dormindo. Mas só havia uma outra caçadora na época com quem me conectar. E não gosto de ficar espiando a B. – Ela estica a mão. Eu a seguro. Ela puxa e...

Nunca estive em uma festa assim. Não acho que já tenha existido uma festa assim. As luzes piscam, a música vibra e tudo que há ao meu redor são garotas dançando com um desprendimento feroz.

– Agora sim! – A morena pisca para mim. – Viva um pouco. Você está fora da cruz e da caldeirinha. Você é uma caçadora. Aproveite! – Ela dança em meio à multidão.

Ela me deixa, mas não estou só. Respiro a energia à minha volta, a vida pulsante de tantas garotas incríveis, fortes e raivosas. Existe uma linha tênue entre uma festa e uma revolução, e estamos pulando para cima e para baixo em cima dela. Jogo a cabeça para trás, fecho os olhos e sinto a batida no fundo da alma me dizendo para me soltar.

Mas estou assustada. Eu não quero me soltar. O que poderá acontecer se eu fizer isso? Vou me tornar uma verdadeira caçadora? Uma guerreira?

Ou destruirei o mundo?

Eu recuo e o lugar à minha volta se retorce em um redemoinho brilhante de luz, desaparecendo.

Estou no telhado. Sozinha. Aparentemente, é para cá que as caçadoras vêm quando estão se sentindo tristes e patéticas. Buffy espera, sentada na borda, observando a cidade adormecida.

– Eu nunca quis isso! – grito.

Ela se vira e a vejo de perfil.

– Nem eu.

– Eu vou destruir o mundo e é tudo sua culpa!

Ela ergue uma sobrancelha.

– Minha culpa por quê?

– Se eu não fosse uma caçadora, definitivamente não conseguiria destruir o mundo.

– Bem, se você tentar destruir o mundo, eu vou impedir você.

– Quero só ver você tentar! – Balanço a cabeça, confusa com minha própria reação. Eu não quero destruir o mundo. Eu torceria para alguém me impedir se eu tentasse. Por que estou pensando nisso?

Sentindo isso? A raiva se aprofunda em mim, um vórtice de milhares de anos de dor, raiva e poder, mas não tenho nenhum outro lugar para onde possa empurrá-la. Sou a ponta final. Ela se acumula em mim, condenada. Fecho os olhos. Quero empurrá-la dali. Quero...

O brilho suave de um relógio no criado-mudo mostra 3:25. Ele lança uma luz verde opaca em uma cama amarrutada.

Não tenho um relógio de tela verde.

Essa não é a cama de Artemis. É a de Cillian. Ele vira a cabeça de um lado para o outro, gemendo, como se tentasse despertar.

A escuridão aparece, criando forma em cima dele.

Eu me sento na cama, meu coração acelerado. O relógio no nosso criado-mudo marca 3:24. Seus números são vermelhos, não verdes.

– Cillian! – Caio da cama de Artemis. Leo se foi. Cillian está em perigo mortal. Não duvido que seja um demônio, então não confio em mim mesma para derrotá-lo. Não arriscarei a vida de Cillian confiando nas minhas habilidades.

– Artemis! – grito, disparando pelo corredor enquanto calço os sapatos e visto a jaqueta de couro dela. Bato na porta de Jade.

– Artemis, traga armas grandes!

Artemis espia para fora com olhos sonolentos.

– O que foi? – Rhys sai do quarto, duas portas depois da de Jade. Ele tem uma marca de travesseiro no rosto e seus óculos estão tortos.

– Cillian está em perigo!

Rhys não hesita. Volta correndo para o quarto e sai com uma espada, duas estacas e uma faca. Pego uma estaca e enfio na cintura da minha calça jeans. Sei que não é um vampiro, mas é bom sentir uma estaca nas mãos de um modo que não acontece com outras armas.

– Vamos lá. – Ele sai correndo pelo corredor. Artemis nem calça os sapatos. Apenas corre.

– Vou pegar um carro e sigo vocês – Jade diz, atenta ao que está acontecendo pela primeira vez. Corro para a saída do castelo.

– Não posso esperar por vocês – digo, ultrapassando Artemis e Rhys.

– Não precisa. – Ele aponta para o galpão onde ainda mantemos alguns veículos de quatro rodas. Está trancado. Eu o chuto. A porta voa das dobradiças, revelando objetos enormes no escuro.

Corro na frente. Posso ouvir os motores dando partida e começando a me seguir.

– O que estamos enfrentando? – Artemis grita sobre o rugido dos motores enquanto força o quadriciclo para acompanhar meu ritmo.

– Eu não sei! – Desvio de um galho e pulo sobre uma árvore

caída. Artemis e Rhys precisam se manter na trilha, enquanto corro ao longo dela pelo terreno com mais obstáculos. – Tive um sonho. O mesmo que tive com Bradford Smythe.

Rhys pisa fundo no seu quadriciclo, acelerando. Eu acompanho a velocidade. Por favor, eu penso, por favor, por favor, que esta seja a noite mais embaraçosa da minha vida. Por favor, que seja outro exemplo de como eu não sei ser uma caçadora, de como meus sonhos são o resultado da minha mente estressada que adormece entre pensamentos de conspirações demoníacas e profecias apocalípticas. Por favor, que Cillian esteja acordado na cama assistindo ao Eurovision.

Quando chegamos à casa dele, a porta da frente está entreaberta. Aquela linha de escuridão me corta como uma faca.

– Cillian! – grito. Rhys e Artemis saltam dos seus quadriciclos, armas em punho. Disparo pela escada até o quarto de Cillian. – Cillian! – Arrebento a porta, cambaleando no escuro. Ele está na cama. Sozinho.

E sem respirar.

– Não! – Corro para o seu lado, procurando a pulsação. Não há nenhuma. Mas sua pele ainda está quente. Respiro fundo, me lembrando de tudo que aprendi. Tudo para o que treinei. Com cuidado, eu o coloco no chão. E começo a reanimação cardiorrespiratória.

– Nina? – Rhys choraminga.

– Movimento! – Artemis grita do andar de baixo. – Na janela! – Ouvimos o barulho de algo quebrando.

Tenho que fazer uma escolha neste momento. A parte de mim que é caçadora já está com o corpo tenso para sair em disparada pela escada. Para entrar em perseguição. Pegar e matar esse demônio para que ele nunca mais machuque ninguém. E sei que posso fazer isso se sair neste instante.

Mas Cillian pagaria o preço. E não posso abandoná-lo. Não se ainda houver uma chance de salvá-lo. Reunindo força de vontade, ponho meus instintos de caçadora de lado, aquieto o fluxo feroz em meu sangue e encosto meus lábios nos de Cillian. Meus pulmões respiram por nós dois. Contenho minha força o máximo possível enquanto empurro gentilmente suas costelas, lembrando ao seu coração – seu coração maravilhoso – o que ele deveria fazer.

– Por favor – sussurro, forçando o ar em seus pulmões.

O silêncio no quarto é ensurdecedor.

E então, finalmente, Cillian respira em resposta. Ele tosse violentamente, colocando uma mão no peito.

– O que... Ai, minhas costelas.

– Cillian! – Eu o abraço e ele grita de dor. – Desculpa. – Sento,

dando espaço a ele. – Seu coração parou. Tive que reanimá-lo.

Rhys se ajoelha perto de nós, segurando a mão de Cillian.

– Você estava morto – ele sussurra.

– Não é à toa que estou esgotado. Estar morto é exaustivo. – Cillian fecha os olhos e aperta a mão de Rhys. – Realmente gosto de estar vivo. – Ele tosse de novo, depois se encolhe. – Acho que minhas costelas estão quebradas.

– Isso é comum depois do RCP. – Abaixo a cabeça, me sentindo culpada. – Não foi por eu ser forte. Eu tomei cuidado.

Alguém segura minha mão. Rhys me puxa para um abraço. Está tremendo.

– Obrigado.

– Eu... Artemis! – Corro pela escada. A janela dos fundos está quebrada. Passo pela porta, correndo para o quintal.

Artemis pula de volta pela cerca, a espada pendendo ao seu lado.

– Eu o perdi – diz ela.

– Então existe mesmo um demônio. – Não quero soar aliviada, porque é uma notícia terrível, mas significa que meus instintos estavam certos mais uma vez.

– Sim. E poderia ter sido capturado se eu não tivesse ido atrás dele sozinha.

Eu estremeço com a aspereza em sua voz.

– Cillian estava morto, Artemis. Ele estava morto. E se eu não tivesse ficado lá, ele teria continuado assim.

Ela solta a espada aos meus pés.

– Não foi a decisão certa. Agora aquele demônio está à solta por aí, e obviamente sabe a nosso respeito. Sabe sobre você.

– Como pode dizer que salvar Cillian não foi a decisão certa?

– Porque você não é uma guardiã. Não é realmente uma enfermeira ou uma médica. Você é uma caçadora. E se não descobrir como tomar as decisões difíceis, simplesmente irá falhar como eu falhei. Com a diferença de que a minha falha só estragou minha vida inteira. Já a sua falha significa que um demônio está livre por aí. Sua falha significa que pessoas vão morrer.

Balanço a cabeça, confusa e magoada.

– O que quer dizer com falhar como você?

Artemis cruza os braços.

– O teste para guardião. O motivo de eu ser a garota de recados do castelo em vez de uma guardiã oficial em treinamento, como eu deveria ter sido.

– Você nunca me contou sobre isso.

– Porque eu não queria que você soubesse! – Artemis começa a perambular, rondando em um círculo curto em volta da espada no chão. – Eles nos colocam sob um feitiço. Mas parece real. Eu tinha

certeza absoluta de que tudo estava acontecendo. E tive que fazer uma escolha. A escolha era salvar o mundo ou salvar você. E eu escolhi você. – Ela para. Seus ombros, sempre tão eretos, se curvam. – Escolhi você, porque como poderia fazer diferente? Vi seu rosto quando a mamãe me escolheu em vez de você. Jamais aguentaria ver aquela expressão novamente. E como eles poderiam me aceitar como guardiã sabendo que, diante da escolha mais difícil e impossível, na qual somente uma opção é a certa, eu escolheria a mais egoísta?

Me sinto emocionada por ela ter me escolhido e horrorizada por ela ter tido que passar por isso. E com tanta raiva de eles a terem colocado em uma situação na qual escolher sua família significasse perder o futuro que merecia. Estico a mão.

– Artemis, eu...

Ela empurra minha mão e seca as lágrimas sob os olhos. Ainda bem que está escuro. Eu nunca a vi chorar e sei que ela não gostaria que eu visse.

– Não posso mais proteger você. Você não precisa mais disso. E depois de tudo que fiz, tudo que dei aos guardiões, jamais fui boa o suficiente. Não sou uma guardiã e não sou uma caçadora. Sou egoísta demais.

– Não foi egoísmo da sua parte, Artemis. Você me ama. Eu amo você. Eu também a escolheria.

– Você não entende? Não pode fazer isso! Se escolher as pessoas que ama acima de tudo, mais pessoas morrerão. E provavelmente você também. Precisa ser uma caçadora melhor! Tem que ser a melhor de todas!

– Você nem queria que eu fosse uma caçadora!

Artemis balança a cabeça.

– Mas você não pode desistir. E eu não posso impedir seja lá o que estiver vindo atrás de você. Não sou forte o suficiente. Escolhi você em vez do mundo e estou apavorada de que mesmo assim terei que ver você morrer. Caçadoras morrem. Nina, eu vou perder você.

Ela se apoia na cerca, soluçando. Corro até ela e a abraço.

– Não vai não. Você não vai me perder. – Toda a sua raiva, todo o seu jeito mandão, suas mudanças estranhas de comportamento entre fingir que não sou uma caçadora e exigir que eu seja uma. A razão disso tudo é que ela estava completamente apavorada todo esse tempo. Não sei o que dizer.

– Me prometa – diz ela, ainda tremendo. – Não ligo para o mundo. Apenas me prometa que, se tiver que escolher entre salvar qualquer pessoa e salvar a si mesma, você vai se salvar. Por favor.

– Artemis, eu...

– Me prometa! – ela grita, parando de chorar.

– Eu prometo – sussurro.

Ela assente, secando os olhos.

– Ótimo. Muito bem. Vou voltar para o castelo e ver se todos estão em segurança. – Ela pega a espada. Em seguida, corre, pula a cerca e desaparece pela noite.

Aturdida, volto para a casa. Rhys moveu Cillian para o sofá.

– Como você está? – pergunto.

– Dolorido. Mas vivo. – Ele sorri para mim, os olhos baixos e pesados de sono. Há uma tensão nova em volta deles e isso parte meu coração.

– Quer conversar sobre isso?

– Melhor não. – Ele nunca conversa comigo sobre coisas reais, as coisas assustadoras. Espero que converse com Rhys. Todos precisamos de alguém para falar dos problemas reais. Eu conversava com Artemis. E ela não tinha ninguém. Tirando Honora, talvez.

– Algum sinal do demônio? – pergunta Rhys.

– Não.

– Não entendo por que ele viria atrás de Cillian sendo que existe uma vila inteira aqui. Foi Doug?

– Não. Acho que não.

Cillian assente.

– Não parecia ele. O efeito que ele me causou foi muito mais agradável. Mas eu não estava realmente consciente. Tive um sonho do qual eu não conseguia despertar. Senti um peso forte no peito. Outra coisa, tenho razoável certeza de que o demônio estava... como dizer... interessado em ficar íntimo e pessoal comigo, de um jeito romântico.

– Hein?! – Rhys e eu exclamamos juntos.

– Não aconteceu nada físico de verdade! Havia só um... clima na coisa toda. Eu teria dito ao demônio que ele não fazia meu tipo, mas estava paralisado. Minha noção de diversão é outra, podem acreditar.

Faço uma careta.

– Tinha me esquecido dessa parte do primeiro sonho. O velho Smythe parecia estar realmente curtindo.

– Esquecido ou reprimido deliberadamente? – pergunta Cillian.

– A segunda opção, com certeza.

– Súcubo – diz Rhys.

– É, um suco cairia bem agora – Cillian concorda.

– Não, estou falando de uma súcubo. Ataca durante o sono. Suga energia. Demônios do tipo incubo também. Bate com a descrição. Vou pesquisar um pouco. – Ele olha preocupado para Cillian. Pesquisa significa voltar para o castelo.

– Pode deixar que eu pesquiso – digo. Rhys sorri de alívio e gratidão. Viro-me de novo para Cillian. – Então sabemos que você é um alvo. Precisamos descobrir o motivo. – Se não foi Doug, que outro demônio iria atrás de Cillian? Sua única conexão com o castelo e

Cosmina sou eu. Pelos deuses. Será que o demônio foi atrás do Cillian por ele ser meu amigo? Ou porque sabe que sou uma caçadora? Será minha culpa?

Cillian sacode a cabeça.

– Talvez eu apenas seja irresistível para todos, humanos ou demônios.

– Independentemente disso, não vamos deixá-lo sozinho. Pensei em levá-lo para o castelo, mas o demônio já atacou por lá.

Rhys se senta na poltrona do canto. Ele tem uma adaga cruelmente afiada nas mãos.

– Se essa coisa só ataca quando as pessoas estão dormindo, fico pensando que ela não deve ser tão forte. – Seu sorriso é tão ameaçador quanto a lâmina. Às vezes esqueço que Rhys teve que passar por vários testes para conseguir seu status de guardião, nem todos eles puramente de raciocínio. – Não vou a lugar nenhum. E o demônio que venha tentar de novo.

A expressão de Cillian está sonolenta de exaustão, mas mais feliz do que eu talvez já tenha estado em minha vida inteira. Isso é culpa minha. Fui eu que envolvi Cillian, que contei para ele nossos segredos. E, se minha suspeita estiver correta, sou o motivo de ele ter se tornado um alvo.

– Muito bem. – Beijo Cillian na testa. – Vê se descansa. Não poderia estar em mãos melhores. – Saio para a noite.

Artemis tem razão. É hora de tomar as decisões difíceis. Chegou a hora de ser uma caçadora. Mas, para fazer isso, preciso de todas as informações.

E algumas delas não encontrarei na biblioteca.

É hora de confrontar minha mãe.

Verifico primeiro o quarto da minha mãe. São quatro da manhã. Estava torcendo para que ela estivesse aqui. Para que estivesse me esperando, repleta de explicações perfeitas que deixariam tudo bem.

Mas o quarto está vazio.

Encontro Artemis na academia. Ela está golpeando o saco de pancada substituto com toda a força considerável que seu corpo é capaz de reunir.

– Ei – eu digo.

– Ei – ela responde. – Fiz uma varredura. Nada estranho. Considerei um confinamento, mas não vejo como isso nos ajudaria se o demônio já atacou no castelo uma vez sem que a gente soubesse.

– Tá – eu digo. – Escuta. Vi a mamãe no bosque com Doug mais cedo. Preciso falar com ela. Ela sabe de alguma coisa, tenho certeza. Talvez ela até saiba que demônio fez isso e por quê. Talvez... talvez ela tenha trazido ele aqui.

– Por que ela faria isso? – Artemis não está duvidando de mim. Ela está perguntando, verdadeiramente intrigada.

Eu sei o motivo. Acho. Se nossa mãe passou no mesmo teste no qual Artemis falhou, isso significa que ela estava disposta a fazer tudo que fosse necessário para salvar o mundo. Então, no que quer que ela esteja envolvida, acredita que é em defesa do mundo inteiro. Provavelmente por causa da profecia.

Por minha causa.

Eu sei qual será a escolha de Artemis. Ela vai escolher o meu lado. Já provou isso. Talvez por isso que nossa mãe queria nos separar. Por isso queria me mandar para longe, mas não a Artemis. Por isso ela salvou Artemis primeiro, e só depois voltou para me buscar.

Se for verdade, e algum dia eu destruirei o mundo, espero que Artemis não me escolha. Espero que escolha o mundo. Espero, principalmente, que algum dia Artemis tenha uma vida em que possa escolher a si mesma.

– Não sei por que ela faria algo assim – minto. – Mas ela está

envolvida de alguma forma. Não tenho certeza sobre os detalhes, mas vou consegui-los.

– Ótimo – Artemis diz, acertando o saco novamente. – Como?

– Trarei ela de volta para cá. Para Eve. Não acredito que Ruth Zabuto ou Wanda Wyndam-Pryce sejam parte de qualquer coisa, mas Eve é nossa melhor aposta. Com alguma sorte, é tudo um grande mal-entendido.

– Um mal-entendido que deixou um guardião e uma caçadoras mortos e que quase matou um inocente. Certo. – Artemis dá um golpe brutal no saco de pancada. E então mais um. E mais um. As juntas da minha mão doem só de ver. – Se a mamãe trouxe o demônio para cá, isso é culpa dela.

– Não foi culpa sua – eu digo.

– O que não foi minha culpa?

– Ela ter salvado você primeiro. Não precisa se sentir culpada e não precisa sacrificar mais nada para me proteger. Eu cuidarei disso. Estou te devendo uma.

Ela para com os braços em torno do saco de pancada. Agora parece que está se apoiando nele para não cair. Mas ainda assim não diz nada. Eu gostaria que ela dissesse, mas não se trata de mim.

– Decidi que vou atrás da mamãe. Você encontra Eve e diz que precisamos conversar?

Artemis assente, sem falar nada.

Saio do castelo outra vez, arrastando os pés, me sentindo cem anos mais velha. Não acho realmente que minha mãe seja capaz de mandar matar pessoas. Mas sei que ela é capaz de esconder a verdade e mentir para aqueles que supostamente ama. Espero que isso seja um equívoco. E espero que ainda possamos consertar isso, pelo menos parcialmente.

Embora ainda esteja escuro, não é difícil achar meu caminho de volta para o cemitério. A fogueira pisca através das árvores enquanto me aproximo, muito menor do que estava antes. Eu não disfarço meus passos. Quero que eles me ouçam chegando.

Mas, quando chego ao acampamento, nada está como eu esperava. Alguns galhos foram chutados e estão em brasas, soltando faíscas. Piso neles para apagá-los, meu coração acelerado. Estou com uma estaca na mão. Não lembro de tê-la pego, mas ela parece essencial.

O lugar todo está uma bagunça. A tenda está torta. O livro de Doug está jogado tristemente no chão, o romance trágico em tinta e papel abandonado. Sua amada camisa do Coldplay está rasgada e amassada ali perto. E Doug sumiu. Tropeço em uma depressão inesperada. Eu me agacho rente ao chão, a luz da fogueira revelando marcas profundas de pneus. Alguém esteve aqui.

Dou três passos para verificar o resto do acampamento e tropeço em algo muito maior do que marcas de pneu.

Um corpo.

Caio com força, batendo o joelho em uma rocha. Então puxo as pernas para longe. Não quero saber. Não quero saber.

O corpo se remexe com um gemido. Deixo escapar um suspiro de alívio. Eu me arrasto até minha mãe e a viro. Um filete de sangue escorre onde alguém a acertou na cabeça. Seus olhos piscam um pouco e se abrem, procurando freneticamente em volta até se fixarem em mim.

– Nina?

– O que aconteceu? Por que Doug fez isso?

Minha mãe fica tensa.

– Doug? Onde está Doug?

– Eu não sei! Ele sumiu.

Ela se senta, balançando perigosamente antes de recuperar seu senso de equilíbrio.

– Levaram ele embora.

– Alguém levou o Doug?

Ela faz uma careta impaciente.

– Sim. Eles me atacaram e levaram Doug. O que achou que tinha acontecido?

– Achei que Doug tinha atacado você!

– Doug não me machucaria. Ele não machucaria ninguém. – Ela se levanta, cambaleando. Eu ofereço uma mão, que ela aceita. E então me lembro de que vim aqui confrontá-la. Isso não muda nada.

– Você precisa responder a minhas perguntas.

– Não temos tempo para isso. Foi Honora e aquele verme, Sean.

– Você sabe sobre Honora e Sean?

– Claro que sim. É minha função saber das coisas.

Eu balanço a cabeça.

– Doug não tem nada a ver com isso. Ou tem. Eu não sei! Mas preciso que me conte a verdade: Você trouxe outro demônio para Shancoom? Além de Doug? Um atacou Cillian.

– Um demônio atacou Cillian?

– Sim! E Cosmina estava morta quando fomos falar com ela.

Dessa vez minha mãe cambaleia, sentando-se desajeitada em um dos bancos memoriais de pedra cobertos de musgo.

– Ela está morta?

– Você não sabia, então. – Meu corpo fica mole de alívio e afundo no banco do lado dela.

Ela balanço a cabeça. Seu rosto está pálido e não acho que seja por causa do ferimento.

– Ah, aquela pobre criança. Eu a deveria ter contatado antes.

– Me conte o que está acontecendo!

O rosto de minha mãe volta para sua forma habitual. Firme. Distante.

– Isso não tem a ver com você.

As palavras dela doem. Ela age como se eu estivesse sendo egoísta ou imatura. Mas sei o que ouvi antes quando estava espionando. Conheço a profecia.

– Isso tudo tem a ver comigo!

– Vidas inocentes estão em risco. Não posso deixá-los ficarem novamente com Doug.

– Por que o está ajudando, afinal?

– Por que você o ajudou?

Paro, pega de surpresa.

– Porque achei que ele precisava.

Ela me encara nos olhos, algo que quase nunca fez em todos esses anos.

– Você estava certa. E ele precisa dessa ajuda agora mais do que nunca. Se eu não chegar rápido até ele, será movido para outra instalação e nunca mais o encontrarei.

Olho fixamente para ela, absorvendo suas palavras: *Você estava certa*. Mas será que ela está me manipulando? Como posso confiar em qualquer coisa que diz?

– Me conte o que aconteceu com os outros, então. Quem matou Cosmina e Bradford? O que atacou Cillian? Porque você e Doug são os elos em comum.

Uma expressão de raiva passa pelo seu rosto, rapidamente substituída por algo que parece... mágoa?

– Acha que eu faria mal ao seu amigo Cillian? A Bradford? Àquela pobre garota Cosmina? Por que eu faria isso?

– Porque você odeia caçadoras!

Ela recua como se eu tivesse dado um tabefe nela.

– Não odeio caçadoras.

– É claro que odeia. Foi por causa da Buffy que meu pai morreu. Sua mãe era uma caçadora e ela abandonou você. E você fez tudo que podia para evitar que eu me tornasse uma caçadora. Não queria que eu fosse uma.

– Por que eu desejaria algo assim para você? – Ela estica a mão como se fosse segurar a minha. Mas eu puxo minha mão para trás e seguro com força a estaca, com medo de deixá-la fazer isso. Se deixar, posso desabar. Posso aceitar o que quer que ela me ofereça porque quero tanto isso. Sua mão paira, sozinha.

– Seu pai não queria trabalhar com a Buffy. Eu o convenci a aceitar a missão. Porque ela era tão nova! Só uma garota. Eu sabia que um dia poderia ser você nessa posição e iria querer que tivesse o

melhor guardião para cuidar de você. Para protegê-la. – Ela hesita, engolindo em seco.

Abro a boca para responder, para dizer a ela que poderia ter me protegido ao me preparar para isso. Mas minha mãe levanta a mão.

– Espere, eu preciso dizer isso. Você precisa saber. Eu não odeio Buffy. Nunca odiei. E lamento que tenha pensado que ser uma caçadora me fez odiar você. Lamento nunca ter aprendido a conversar com você. Aprender a ser mãe não é uma habilidade priorizada pelos guardiões. Eu tentei. Tentei muito. – Sua voz fica embargada, e por um momento a mãe dos sonhos, a mãe dos biscoitos de canela, quase reaparece. Mas então seu tom endurece novamente. – Quando ficou claro que eu não conseguiria mantê-la segura, fiz o mesmo que minha própria mãe fez. Ofereci você aos guardiões. Tentei mantê-la protegida, abrigada. – Uma pausa. – Desculpe. Foi a escolha errada. Para você e para Artemis.

Ela se levanta. Já parece estar mais inteira.

– E o incêndio em casa? – pergunto, a fumaça da fogueira fazendo meus olhos lacrimejarem e minha garganta apertar. – Por que me deixou para trás? – A pergunta nunca foi feita, mas agora que está aí, uma carga passa entre nós.

Ela abre um sorriso mais triste do que qualquer lágrima no seu rosto.

– Você era uma caçadora potencial. Eu sabia que você podia sobreviver por mais tempo. A magia não era forte o suficiente para eu proteger mais de uma de cada vez. Eu levei Artemis primeiro porque era a única maneira de salvar as duas.

Suas palavras me atingem como uma bigorna.

Eu era a mais forte. Por isso ela me deixou para trás. Não porque me odiava ou porque amava Artemis mais do que eu, e sim porque era o único jeito de Artemis sobreviver. Eu nunca soube, ela nunca soube, mas eu a estava protegendo.

– Você deveria ter nos contado – sussurro.

– Não podia. Não sem contar a você por que era a mais forte. Sinto muito, sinto mesmo que tenha pensado que... Mas não importa agora. Preciso ir, porque não posso ficar aqui e deixar outro inocente ser destruído por minha causa. Isso já aconteceu demais na minha vida. – Ela se vira e sai correndo em direção à escuridão. Eu espero, chocada, até ouvir um motor dando partida ao longe. O rugido lentamente desaparece.

E então ela se foi.

A caminhada de volta ao castelo é bem mais longa dessa vez. Tudo que pensei saber evaporou mais uma vez. Será que uma mulher que arrisca sua vida para salvar um demônio da tortura e do sequestro

faria algo que colocasse em risco um castelo cheio de pessoas com quem se importa?

Quem é minha mãe?

Artemis estará me esperando lá dentro com Eve. Quero dizer a Artemis que não é culpa dela nossa mãe a ter salvado primeiro. Ela não precisa mais se sentir culpada, nunca mais. Não quero contar a ela que Honora atacou nossa mãe e levou Doug. Ou talvez eu queira. Não consigo decidir.

Contudo, a presença de Honora e Sean na floresta é profundamente suspeita. Significa que estavam por perto no momento em que Cillian foi atacado. Sean tinha uma vendeta contra Cosmina e ela morreu. Cillian manteve Doug escondido de Sean e foi atacado. Talvez Sean tenha achado que era Bradford que estava tentando ajudar Doug. E Bradford morreu na manhã em que Honora voltou.

Artemis não vai gostar disso, mas precisamos investigar. Com todos os demônios que Sean tem à sua disposição, certamente uma súcubo ou algo assim é uma possibilidade. Prometi a Rhys que iria pesquisar, mas uma viagem até Dublin é uma estratégia melhor. Dessa vez não partirei sem respostas.

Leo está me esperando logo além do terreno do castelo. Sua voz é uma luz na escuridão.

– Estive te procurando.

– Meu Deus, tenho tanta coisa para contar.

Ele segura meu cotovelo, me girando de volta em direção à floresta e ao caminho para Shancoom.

– Ótimo! Vamos por aqui. – Ele me conduz como se eu fosse uma folha pega na corrente de ar, seus dedos com uma gentil pressão que me guia.

– Sua mãe já está procurando a minha? Porque eu estava errada. Sobre tudo. Precisamos ir para Dublin.

– Temos muita coisa para conversar. Por aqui.

– Não, eu preciso de um carro.

Ele dá uma puxada de leve no meu cotovelo e para quando eu não respondo.

– Athena, vai dar tempo. O mundo não vai acabar. Vamos só caminhar um pouco. Por favor?

O céu antes do amanhecer está sangrando lentamente com a promessa do sol. Não consigo enxergar exatamente a expressão de Leo, mas sua voz parece exausta. Meu telefone vibra com uma mensagem de texto de Cillian.

– Estranho – digo, enfiando o celular de volta no bolso.

– O quê?

– Cillian aparentemente quer que eu vá lá assistir Eurovision com ele. Um pedido estranho, considerando que estava tecnicamente morto

algumas horas atrás. – Eu paro. – Ah, você não sabia disso, né? Um demônio o atacou. Acho que foi o mesmo que pegou Bradford e Cosmina. Nossa teoria por enquanto é uma súcubo. Você acha que a mensagem é um código? Ele precisa de ajuda, mas não pode dizer? Não, ele nunca usaria o nome Eurovision em vão assim. – Meu telefone vibra novamente.

Está tudo bem. Mexe essa bunda e vem logo. Rhys também quer que você venha.

Meio ocupada, eu respondo.

Desocupe-se. Ou ocupe-se aqui.

Estou com Leo.

Perfeito! Traga ele.

Cillian tem Rhys para cuidar dele. Eles não precisam de mim. E Leo não está tão correto assim – o mundo *pode* acabar. Ele tenta fazer isso com uma frequência perturbadora. Pode chegar o dia em que eu serei a garota por trás do fim do mundo.

Leo fica olhando por sobre o ombro como se estivesse esperando outra pessoa.

– Vamos até a casa de Cillian, então. Dar uma olhada nele. Podemos conversar lá.

– Não, Rhys está lá, então Cillian está seguro. Temos problemas mais sérios. Sean e Honora atacaram minha mãe e levaram Doug de volta para Dublin. Minha mãe está indo atrás deles. Eu também. Você pode contar para o Conselho. O que sobrou dele, de qualquer modo. – Eu me viro em direção ao castelo novamente.

– Não! – diz Leo, dançando em torno de mim e me bloqueando. – Vamos conversar com Rhys e Cillian. – Ele olha de relance por sobre o ombro novamente.

– Tem mais alguém vindo?

– Não. Vamos lá.

– Por que não está prestando atenção em mim? – Isso dói. Leo é a única pessoa que sempre escutou o que eu tinha para dizer esse tempo todo. – Sean e Honora estavam aqui quando Cillian foi atacado. Bradford morreu na manhã em que Honora apareceu e estava nos distraindo. Cosmina atrapalhou a luta na arena de Sean. Eu preciso confrontá-los.

– Não – diz Leo com firmeza. – Isso não é problema seu.

Agora ele está falando como Artemis! Eu o encaro, séria.

– Hã, é claro que é. É minha responsabilidade proteger os guardiões.

– Mas não é necessário – diz Leo, bufando de frustração. – Eles não precisam de você.

Dou um passo para trás, cruzando os braços. A ferroada de suas palavras virou uma ferida profunda.

Ele continua apressadamente.

– Além disso, você tem sua vida inteira pela frente. É difícil de

ver, porque estive no meio disso tudo por tanto tempo. Eu entendo...
– Ele inclina a cabeça para trás. – Meu Deus, entendo o que é ser duas coisas ao mesmo tempo e às vezes não ser exatamente nenhuma delas.
– Ele estica as mãos para segurar as minhas, fixando seu olhar no meu.
– Você está tentando tanto provar que tem um lugar aqui. Mas não precisa. Por favor. Deixe-me resolver isso tudo para você. Deixe eu me redimir assim. Eu jurei que protegeria você.

Seus dedos frios deslizam entre os meus e ele inspira fundo. Seus olhos escuros estão livres de qualquer distração. Eles ardem agora, como brasas assopradas para voltar à vida. E então, antes de eu me dar conta do que está acontecendo, ele me beija.

É como o primeiro choque de mergulhar numa piscina gelada num dia de verão – revigorante e delicioso. Ele se demora, seus lábios pousados sobre meu lábio inferior.

– Corra para longe – ele sussurra. – Agora mesmo.

Eu me afasto, surpresa. Sonhei com este exato cenário mais vezes do que eu conseguia contar quando tinha 13 anos. E, para ser sincera, talvez algumas vezes desde que Leo voltou. Eu rio, mas, quando ele abre os olhos, não está rindo.

– Pegue Cillian e Rhys. Entrem no carro de Cillian e vão embora. E nunca mais olhem para trás.

– E aí fazemos o quê?

– Qualquer coisa!

Por que todo mundo quer que eu vá embora? A emoção do beijo se transforma novamente em dor diante das palavras dele.

– Essa é a minha casa, Leo. Além disso, você vai fugir comigo?

– Não posso – ele diz. – Preciso...

– Exatamente. Todos nós temos coisas para fazer. Eu também sou parte disso.

– Mas não *deveria* ser.

Recuo instintivamente. Até meu guardião acha que não sou capaz de ser uma caçadora.

Achei que ele era a única pessoa que realmente me enxergava do jeito que sou. Talvez ele seja.

E essa é a conclusão dele: que eu deveria deixar tudo nas mãos das pessoas realmente capazes. Aquelas que importam.

Solto seus dedos.

A alvorada chegou. Aquele limiar entre a noite e o dia ficou para trás e, com ele, meu sonho renascido de estar com Leo. A escuridão das copas das árvores está se dissipando lentamente e revelando tons de laranja e marrom. Logo a floresta despertará em uma saudação vibrante à mudança das estações. As árvores são nodosas e anciãs, aproximando-se sobre o tapete de samambaias.

É fácil se perder aqui. Fácil se esconder. E estou farta de me

esconder.

Leo suspira, desanimando. Ele saca um telefone.

– Mudança de planos – ele diz no aparelho. – Me encontre na ponta sul de Shancoom. – Começo a me esgueirar em volta dele, mas ele estica o braço, levantando um dedo para fazer o sinal universal de “espere um instantinho”. – Sim, estou levando ela. – Ele coloca o telefone no bolso, então me dá um meio sorriso. – Preciso que venha comigo.

Dou um passo para trás.

Ele dá um passo para a frente.

– Explico quando chegarmos lá. Mas precisamos ir. Agora.

Dou mais um passo para trás. Minha mente gira, pensando em coisas que eu preferia esquecer.

– Onde você estava esta manhã? Disse que ia ficar no meu quarto. E depois sumiu.

– Essa é outra coisa que vou explicar. Confie em mim – ele diz, oferecendo sua mão.

Eu quero aceitá-la. Mais do que qualquer coisa. Quero beijá-lo novamente, me perder nisso. Me deleitar no milagre que é Leo Silvera me desejar. Quero caminhar pelo bosque de mãos dadas e ir passar tempo com Rhys e Cillian, deixar essa confusão toda para Wanda, Ruth e Eve.

Mas não posso. Preciso ser uma caçadora. Não posso levar as coisas para o Conselho, não posso esperar a burocracia lentamente despertar e examinar o que está acontecendo. Eu preciso *agir*.

Finalmente concordo com Buffy por ter desistido da gente. Somos uma bagunça. Não conseguimos nem cuidar de nós mesmos, quanto mais de qualquer outra pessoa. Eu a julguei porque eu só conseguia ver o meu lado.

É diferente quando você é quem tem o poder. As escolhas são muito mais difíceis e muito mais importantes. O que a Buffy faria? Ela avançaria a todo vapor e resolveria tudo com seus punhos e pura força de vontade. Se as pessoas não acreditassem nela, ela as faria acreditar. E não pararia até derrotar todos que ameaçassem aqueles que ela amava.

Buffy não está aqui agora. Mas eu estou. Eu sou a última caçadora.

Os guardiões entenderam tudo errado. Eles achavam que precisavam dizer às caçadoras o que fazer para mantê-las longe de apuros. Mas em apuros é exatamente onde devemos estar. Tento alcançar aquela reserva de raiva. O canal de fúria que termina em mim. É uma força destrutiva, mas também uma ferramenta poderosa. Eu a usarei para chegar até a raiz dessa história. Para salvar as pessoas que amo.

Penso na caçadora que se sacrificou por seu vilarejo.

Na minha avó, que morreu, mas conseguiu salvar seu bebê.

Em Buffy, que morreu para salvar o mundo – duas vezes! – e era tão teimosa que voltou para salvá-lo mais uma vez. Não acho que ela tenha sido egoísta ou impulsiva. Acho que estava fazendo o melhor que podia no meio do caos total e absoluto. Guardiões tentam controlar e prever. Mas, no fim das contas, nós caçadoras precisamos aprender que tudo que alguém pode fazer é reagir e torcer para ganhar.

Todo esse tempo, estive atormentada com conflitos sobre o que significa ser uma caçadora. Mas agora uma coisa está clara para mim: eu quero isso. Consigo fazer isso. Tenho orgulho do que sou.

E estou pronta.

– Sinto muito, Leo, mas preciso resolver isso. – Dou a volta nele e caminho para casa.

– Droga – ele resmunga. Então me pega, gira meu corpo para cima, me joga por sobre seu ombro e começa a disparar pelo bosque.

Capítulo

29

– O que está fazendo? – Eu chacoalho com cada passo brusco de Leo.

– Por favor, fale baixo. Não quero chamar atenção.

– Bem, eu quero! – Minha mente sacode tanto quanto meu corpo. Leo não estava no meu quarto esta manhã quando Cillian foi atacado. O próprio Leo notou que tudo começou a dar errado quando ele e sua mãe voltaram. Será que ele estava me provocando? Me contando a verdade, sabendo que eu não perceberia? Talvez a fonte de todo esse caos e morte esteja muito mais perto do que eu imaginava. Nesse caso, tão perto que meu queixo está batendo na base das costas dele com cada passo.

Leo salta por sobre um tronco caído. Eu uso o impulso para girar para cima e alcançar um galho. Seguro com toda minha força, e seu ímpeto para a frente me arranca dele. Escalo rapidamente a árvore para onde ele não pode me alcançar. Olho para baixo, esperando fúria, e vejo apenas pânico.

– Por favor? – ele diz. – Não temos muito tempo!

– Não! – respondo, escalando ainda mais alto.

– Prometo que explicarei, mas precisamos correr. – Ele passa as mãos pelo cabelo, quase arrancando-o de tanta força.

Espio a próxima árvore. Eu consigo. Salto, balançando em um galho e me catapultando pelo ar. Bato contra o tronco, mas me seguro. Uma chuva de folhas vermelhas e galhos quebrados cai embaixo de mim.

O desespero de Leo vira determinação. Ele abaixa a cabeça e corre direto em direção a minha árvore, chocando-se contra ela. Ela é levantada do chão, as raízes arrancadas com um tremendo estrondo. Estou presa em uma confusão de galhos, um cheiro forte de terra e seiva.

Luto para me libertar. Sou forte, mas não acho que conseguiria derrubar uma dessas árvores antigas gigantes com um único golpe. A minha força pode ser super-humana, mas a de Leo é... inumana.

Todas aquelas horas que passei espionando-o treinar com Rhys. Seus movimentos sempre foram tão cuidadosos. Tão precisos. Achei

que era porque ele era bom, mas e se estivesse escondendo quão bom realmente era?

Leo me bloqueou perto da árvore.

– Realmente sinto muito. Mas você vai vir comigo.

Como isso está acontecendo? Leo foi um guardião a vida toda. Sua mãe também é guardiã. E seu pai...

Seu pai morreu antes de Leo nascer. Nunca ouvi falar muito sobre ele. Pais mortos não são exatamente notáveis em nossa comunidade, mas suspeito que o pai de Leo era extremamente notável da pior maneira possível.

– Vamos parar de falar que sentimos muito – eu digo. – Mas de fato sinto por isso. – Eu me impulsiono para fora da árvore, saltando no ar e chutando-o no peito com ambos os pés.

É como golpear uma montanha. Eu ricocheteio, caindo duro no chão.

– Ai – eu gemo.

Leo me agarra. Ele me coloca de pé, mantendo as mãos nos meus ombros.

– Está ferida?

– O que você é? – Eu sei com uma certeza desesperadora e assustadora que meu chute teria feito qualquer humano sair voando. – Como ainda está de pé?

Seu sorriso é tão triste e vazio como um adeus.

– Eu desafio a gravidade. Rhys explicará. Temos que...

Eu me contorço para fora de suas mãos e passo correndo por ele. Um dos meus tornozelos ainda está dolorido do impacto contra o peito dele, mas corro o mais rápido que posso. Sei aonde estou indo. Já estive lá vezes suficientes nas últimas horas para decorar o caminho. Ainda tenho minha estaca, mas não consigo me imaginar cravando-a no peito de Leo.

Buffy uma vez teve que enfiar uma espada no coração do seu namorado. *Ah, Buffy. Você é tão mais forte do que eu.* Mas tenho uma ideia.

Paro quando chego ao acampamento de Doug, colocando as mãos na camiseta rasgada do Coldplay um segundo antes de Leo me agarrar.

Ele me gira para cima e por sobre os ombros de modo que olho na mesma direção que ele, meu corpo dobrado em volta de suas costas. Estou presa no lugar com um braço em volta dos meus joelhos e o outro apoiando meu pescoço. Ele vira para olhar para meu rosto.

E eu enfio a camiseta de Doug, encharcada de gosma psicotrópica demoníaca, dentro da boca dele.

Leo cambaleia para trás. Ele balança a cabeça, então me larga para arrancar a camiseta.

– O que você... – ele diz, então para quando a tensão no seu

corpo simplesmente derrete. Sua expressão fica doce e placidamente feliz. Vejo *exatamente* como as expressões dele sempre foram cuidadosas. Mesmo quando ele sorria para mim com o que eu achava ser sinceridade, ele estava se contendo. Estive vendo Leo através de um filtro cuidadosamente construído.

Mas agora...

– Você é tão bonita. – Ele estica a mão e segura as minhas para me ajudar a ficar de pé. Então gentilmente afasta meu cabelo do rosto, deixando seus dedos pararem ali. – Quando voltei e vi você pela primeira vez, foi como... foi como magia. Toda a magia que sumiu do mundo entrou em você.

É ainda pior do que se ele estivesse me batendo. Dói demais.

– Teria amado se tivesse me dito isso antes de tentar me sequestrar.

– Ah, certo. – Leo tenta franzir a testa. Seu rosto trava uma batalha interna antes de se acomodar em um sorriso com covinhas. Eu nem sabia que suas covinhas eram tão profundas. Outro detalhe que teria adorado antes de suspeitar que ele fosse maligno. – Rhys está nos esperando. Deveríamos ir. Vai ser divertido. Eu vou com você. Eu deveria fugir também. Não quero mais ser eu mesmo. – Ele sorri, erguendo um fio do meu cabelo contra um raio de sol que irrompe pelas árvores espessas. – Não consigo acreditar que uma cor assim exista nas pessoas. Parece magia. Tudo em você parece mágico. Você é boa demais para ser uma guardiã. Eles machucam pessoas. Você não machuca ninguém. – Ele afaga meu cabelo. – Magia.

Guio Leo até o banco e o empurro para que ele se sente.

– Explique-se.

Ele ri.

– Não importa. Nada disso importa. A única coisa que importa somos nós. Vamos ser felizes. – Ele se levanta e tenta me beijar.

Coloco a mão no seu peito e empurro-o gentilmente de volta até sentar-se.

– Não, senhor. Não só porque acho que você não é humano e, possivelmente, um assassino também. Pelos deuses, por favor não seja um assassino. Mas também porque você está muito alterado e eu estaria me aproveitando disso. Por que estava me sequestrando? E o que é você?

Leo dá uma risadinha. É adorável, terrível e inútil. É bem a minha sorte que a droga demoníaca não o tenha deixado falante, só feliz.

Tento mudar de tática.

– Rhys e Cillian estão seguros, certo? Você não os feriu depois que eu fui embora?

– Nunca faria isso. Eu não machuco ninguém. Mesmo quando estou faminto.

– O quê? Você come pessoas?

– Não é assim que funciona. Além disso, gosto de Rhys e Cillian. Eles são legais. Mas não tão legais quanto você.

Torço para ele estar drogado o suficiente para estar falando a verdade. Já me sinto tonta, destruída pelo fato de ele ter mentido para mim a vida inteira. Não consigo acreditar que escolhi um *crush* pior que a da Artemis. Espera aí. Será que eu escolhi um *crush* pior que o da Buffy?

Preciso me afastar dele. Não acho que consiga prendê-lo. Escolho a opção mais rápida e torço para que o efeito das drogas de Doug não passe rápido demais.

– Ei, sabe o que me deixaria super feliz? Se você ficasse sentado bem aqui.

Ele segura minhas mãos, seu sorriso dolorosamente intenso.

– Você merece alguém muito melhor do que eu. Mas ainda estou feliz de ter voltado. Mesmo com todo o mal que causei. É egoísta da minha parte? – Seu rosto fica conturbado por uns instantes. Então ele se distrai com minhas mãos. – Olhe para seus dedos. São perfeitos. Vou garantir que você nunca precise socar mais nada.

Puxo minha mão de volta e afago Leo na cabeça.

– Espere aqui. Eu já volto!

Ele assente, envolvendo minha cintura.

– Depressa, tá? Tem algo que precisamos fazer. Estou tentando lembrar o que é...

– Serei bem rápida! – Eu me contorço para me libertar e começo a caminhar para longe, acenando de vez em quando para Leo para ele não ficar alarmado e despertar do seu transe. Um pássaro pousa perto dele, distraindo-o.

Eu mudo de direção, acelerando para fora do campo de visão de Leo.

Lágrimas quentes enchem meus olhos. O garoto em quem confio e por quem me permiti me apaixonar outra vez possivelmente é um demônio. Eu não sei onde a minha mãe e suas conspirações demoníacas e seu rastreamento de caçadoras se encaixam nisso tudo ou se ela está em apuros. Ainda preciso encontrar Honora e Sean. E preciso contar para o castelo que Leo Silvera é um dos vilões.

É ainda pior do que da última vez que fui esmagada pelo peso da minha queda por ele. Porque, dessa vez, tenho certeza de que ele realmente se importa comigo. E isso não muda nada. Só me torna uma absoluta idiota por não suspeitar dele mais rápido.

Abro com força a porta do nosso quarto.

– Artemis! Não era Doug ou a mamãe. E temos outro problema porque... – Ah, olá, senhora Silvera, o que está fazendo aqui?

Artemis me encara boquiaberta enquanto tento sorrir para Eve como se não tivesse acabado de largar seu filho provavelmente demoníaco viajando nas drogas no meio do bosque. Até eu saber quais são os segredos do Leo, não vou dar informações para sua mãe. Odeio que a confiança que tenho em Eve tenha sido contaminada por suspeitas. Por algum motivo, é pior do que suspeitar que minha mãe estivesse armando alguma coisa. Talvez porque Eve nunca tenha me decepcionado.

Ela senta-se na minha cama e cruza as pernas, descansando as mãos afetadamente sobre os joelhos.

– Artemis tinha algumas notícias bem perturbadoras sobre sua mãe. Eu estou preocupada.

– Não acho que minha mãe tenha feito nada de errado. – Encaro Artemis séria, mas ela franze a testa para mim. De todos os momentos para estarmos fora de sincronia, este provavelmente é o pior.

Eve assente.

– Helen fez muito pelo Conselho. Nunca me apressaria a julgá-la. Mas se é verdade que ela está trabalhando com um demônio, me preocupo que tenha trazido perigo para nós. Especialmente para você. Sabe onde está a agenda de sua mãe? Aquela com as informações sobre caçadoras e demônios. Precisamos garantir que nenhuma das outras caçadoras que ela conhece foram feridas ou mortas. E não posso fazer isso a menos que consiga encontrá-las.

– É. Deveríamos convocar uma reunião do Conselho. – Uma reunião do Conselho levaria uma eternidade. Isso me daria tempo para conversar com Artemis sozinha e voltar para Dublin. Pedirei a Artemis que leve Jade, Imogen e os pequenos para fora daqui. Rhys e Cillian terão que se esconder também, já que Leo sabe onde estão e não podemos mais confiar nele.

Torço desesperadamente para que Leo não esteja por trás dos ataques. Parte das informações confere, mas não todas. Não consigo imaginar quando ele poderia ter ido até Dublin e matado Cosmina. E ele parecia genuinamente surpreso e chateado com a morte dela. Rhys e Cillian ainda estão bem. Não faz sentido Leo atacar Cillian para começo de conversa.

Mas não tenho como ter certeza de nada, então tratarei a todos, exceto meus amigos, como ameaças potenciais.

Eve se levanta, estudando minha estante. Talvez não suspeite de Leo. Certamente não é atípico entre guardiões não fazer ideia do que seus filhos estão fazendo ou até mesmo do que eles são.

– Artemis. – Ligo o ventilador de teto deliberadamente. Levanto a cabeça para olhar para ele e então de volta para ela, torcendo para que entenda o que estou querendo dizer. Que existe uma ameaça. Que precisamos ser cuidadosas.

Ela franze a testa. Então finalmente entende. Suas feições viram irritação cansada.

– Era isso que estava fazendo no bosque então? Escondendo a agenda de endereços da mamãe?

Eu suspiro dramaticamente.

– Sim, sim. Está bem, é isso. Eu não queria entregá-la para o Conselho até saber mais, então a levei embora quando ela estava distraída. Fui confrontá-la, mas ela não estava mais lá. Acho que foi se encontrar com Doug.

Eve se endireita, virando-se. Seu batom vermelho parece uma ferida quando ela pressiona os lábios.

– Nina, querida, sei dizer quando as pessoas estão mentindo para mim. Então está mentindo sobre o que fez com a agenda ou está mentindo sobre o que sua mãe tem feito. Vamos buscar Wanda e...

– Não! – Ela também não. Sempre quis prejudicar nossa família. Talvez até estivesse trabalhando com Honora. Wanda Wyndam-Pryce no castelo, Honora do lado de fora. Preciso que elas se encontrem em vez de me encontrar. Preciso tirar meus amigos daqui. – Realmente acho que minha mãe não feriu ninguém. E, de qualquer modo, ela está procurando Doug agora, então não há pressa. Convoque uma reunião do Conselho.

– Quem é Doug? – Eve pergunta.

– Ele é o demônio. O que eu estava mantendo no galpão do Cillian, lembra? Não é tão importante assim. Explicarei para o Conselho quando estiverem todos reunidos.

– Eu acho que é bem importante – Eve diz, cruzando os braços com uma expressão séria. – Acho que é bem importante quando uma guardiã usa nossos recursos para ativamente conspirar e se associar a demônios. E não pude deixar de notar que, quando encontramos sua mãe, a caçadora que estávamos procurando já estava morta. Agora Cosmina foi morta também. Me conte onde sua mãe está para podermos confirmar que as outras caçadoras não foram feridas. Então decidiremos como lidar com as atividades extracurriculares de sua mãe.

Artemis parece dividida.

– Talvez devesse entregar isso a eles. Desse jeito podemos provar que a mamãe não está fazendo mal a ninguém.

Preciso tirar Eve daqui para poder ir embora. Talvez, se souber que não tenho como conseguir a agenda, ela desista dessa linha de raciocínio.

– Bem que eu queria fazer isso. Mas eu menti. Não estou com a agenda. Minha mãe a levou. Ela está tentando proteger Doug.

Eve suspira, esfregando a testa.

– Então ela está lá fora protegendo um demônio, o que significa

que não está aqui. E ela obviamente atingiu algum tipo de ponto de crise. Eu não ficaria surpresa se pegasse você e fugisse novamente. E não posso perdê-la. – Ela balança a cabeça. – Temo que nosso tempo esteja se esgotando.

– Como assim, nosso tempo está se esgotando?

Eve abaixa a mão, sorrindo.

– Ops, eu quis dizer que o seu tempo está se esgotando.

De repente, as luzes se apagam. Não no quarto.

Em Eve.

Todas as sombras rodopiam, reunindo-se nela. Sua silhueta fica turva, sua forma se tornando algo que parece saído de um pesadelo.

De um pesadelo em que eu já tive.

– Meu Deus – sussurro.

Eve sorri.

– É o contrário, na verdade.

Capítulo

30

Eve chuta com uma perna de sombras. Artemis cai gritando. Salto em direção a Eve, mas ela se move tão rápido quanto na minha lembrança, deslizando para fora do meu alcance antes que eu possa segurá-la.

– Preciso que ela esteja dormindo. – A voz de Eve é como uma brisa gelada na minha nuca. – Mas inconsciente funciona também.

Eu me jogo na direção de Artemis. Eve chega lá primeiro. Artemis fica inerte e silenciosa, pendendo como uma boneca de pano nas mãos de Eve. Tento chegar a ela pela lateral, mas Eve espelha meus movimentos, mantendo as costas para a parede e Artemis à sua frente.

– Tome cuidado agora. – Eve aperta e pontos de sangue irrompem na camiseta de Artemis, onde as unhas de Eve se estenderam em garras sombrias. – Só um pouco de pressão e perfuro diretamente todas aquelas coisas frágeis e preciosas que separam os vivos dos mortos. E, se demorar muito para decidir, arrancarei a força vital e quebrarei o pescoço dela também, então seus primeiros socorros serão inúteis.

Eu confiei em Eve. Achei que ela estava me ajudando. E esse tempo todo ela esteve me usando. É claro que ela disse que descobriria o que aconteceu com Bradford. Ela já sabia.

Não posso deixá-la matar Artemis. Não importa o que eu tenha que fazer.

– O que eu preciso decidir? O que você quer?

– Seu poder.

Levo um instante para entender o que ela está dizendo.

– Meu poder?

– O canal que se abriu e conectou você a uma reserva de poder que mulheres têm aproveitado por milhares de anos. Fiquei tão surpresa e deleitada por você ser uma caçadora, bem aqui na minha cara. Leo me fez prometer que não a machucaria. Mas eu provei você enquanto estava dormindo.

– O quê?

– Não notou? Eu provei vocês todos. Todo mundo se arrastando

pelo castelo, pálido, cansado e com pavio curto. Mas você! É realmente tão forte assim a ponto de nem ter notado?

Na manhã em que Bradford morreu, quando me levantei da cama, estava tonta. Fraca. Passou rápido, então ignorei o fato. Mas tinha sido Eve. Eu estremeço.

Ela sorri, duas linhas negras se partindo e revelando dentes brancos.

– Você é mais poderosa do que qualquer um de nós poderia ter imaginado. É a última, afinal. – Ela ri, um som que farfalha como folhas secas arrastadas pelo quarto, rasteja sob a cama e por trás da porta do armário e me cerca. Sei que é manhã lá fora, mas me sinto sufocada pela escuridão como se fosse meia-noite.

– Foi você que eu vi nas passagens secretas naquela noite.

– Sim. Convenientes para vagar sorratamente de quarto em quarto, me alimentando.

Eve esteve nos consumindo como aperitivos enquanto dormíamos.

– E quanto a Cosmina? – Não estou tentando ganhar tempo, acredito nela quando diz que matará Artemis. Só preciso entender.

– Eu queria tentar nela primeiro. Mas esse é o problema com caçadoras. São fortes demais. Ela lutou contra mim. Acordou no meio da refeição e a conexão se quebrou. Ela perdeu seu poder de caçadora e o choque a matou, mas não consegui absorvê-lo.

– Bradford Smythe?

– Ele realmente tinha um coração fraco. Com todos os demais no castelo, eu não fui letal. O azar dele foi não ser capaz de lidar com todo esse material aqui. – Ela remexe o quadril sugestivamente, as sombras deslocando-se de um lado para o outro e vazando dela como fumaça. – Vinte anos bem embaixo dos narizes deles e nunca notaram como eu mudei ou o que Leo era. Nem quando convidei o pai de Leo para se juntar a nós em refeições particularmente saborosas. Para um grupo de supostos guardiões, eles não guardaram nada.

– E Cillian?

– Você está me enrolando. – Ela diz isso cantarolando e suas sombras pulsam.

– Não estou enrolando! Não faz sentido! Por que tentaria matar Cillian?

– Para você entender o que está em jogo. Para compreender o que é perda.

Eu rio. Não consigo evitar. O som é vazio e escuro, assim como a alma dela.

– Você não prestou atenção em nada? Eu sempre soube o que era perda, sua imbecil.

Ela aperta Artemis. Eu levanto as mãos.

– Certo! Me desculpe. Então, se eu não deixar você me matar, vai matar Artemis.

– Não quero matar você. Sinceramente, acho que pode sobreviver. É melhor para nós duas que isso aconteça. Assim tenho tempo para extrair todo esse poder suculento sem você morrer no meio do caminho, e você tem uma chance de sobreviver ao processo de remoção. É por isso que queria que você fosse treinada. Queria pressioná-la para ficar o mais forte possível. E é por esse motivo que preciso fazer isso agora, antes que sua mãe possa voltar e escondê-la. Eu pretendia aguardar, coletar mais energia primeiro, mas o cronograma teve que ser acelerado devido à interferência excessiva de forças externas. E meu filho. – Ela suspira.

Leo. Meu guardião. A única pessoa que sempre me protegeu. Na verdade, estava só me engordando para o abate.

– Ah, querida. – A voz de Eve, que eu tinha considerado tão amável e reconfortante antes, agora é como garras arranhando um chão de pedra. – Leo não quer isso. Mas ele precisa de mim. Ele não pode sobreviver sem a energia que eu tomo. Então, de certo modo, você vai estar salvando-o também. – Ela aperta sua pegada. Artemis geme, mas não acorda. – Essa é a escolha. Me dê seu poder, inteiro e intacto, de livre e espontânea vontade. Não lute contra mim. Salve Artemis e sua mãe e seus patéticos amigos guardiões e seu amiguinho do vilarejo. Salve até Leo. Escolha desistir. Escolha deixar de ser a Escolhida.

Cerro os punhos.

– Sou forte o suficiente para matar você.

– Se mantiver seu poder, talvez consiga me matar. Mas... será que é mesmo capaz? Olhe para seu quarto. Olhe para suas estantes. Você quer consertar coisas. Quer curar, salvar. Realmente acha que pode olhar nos meus olhos humanos, os olhos da mãe que desejava ter tido, não negue, e acabar comigo? Não acho que seja capaz. E não conseguirá antes de eu apagar sua irmã. Então estaria escolhendo matá-la para me matar. – As sombras se erguem e então caem, escuridão vazando dela com mais força agora. Artemis parece pálida.

– Pare! Você já está drenando ela!

– Seu tempo se esgotou.

Sei que Eve utilizará meu poder para algo terrível. Ela já é uma assassina. E para trabalhar tão duro, por tanto tempo, ela deve ter algum objetivo maior em mente. Algo que exige mais força do que as pessoas normais são capazes de oferecer. Algo talvez tão ruim que exista uma profecia sobre todos nós. Achei que eu mesma quebraria o mundo, mas e se for meu poder a chave para tornar isso possível?

A ironia de tudo isso é tão devastadora que é quase engraçada. Estou finalmente enfrentando o teste dos guardiões. O mesmo que

Artemis encarou.

Aquele no qual ela falhou por minha causa. Sei o que os guardiões desejariam que eu escolhesse: o mundo. Deixar minha irmã morrer para impedir o plano do demônio. E sei o que Artemis gostaria que eu escolhesse: deixá-la morrer para ser forte o suficiente para me salvar.

Mas Artemis é meu mundo. Ela sempre foi. Parece que nenhuma de nós realmente estava destinada a ser uma guardiã, no fim das contas.

Entorpecida, eu assinto.

– O que preciso fazer?

– Durma. – Eve larga Artemis e bate com um livro na minha cabeça.

Capítulo

31

– Shhh – Eve murmura, acariciando meu rosto. A escuridão rodopia para fora dela e em torno dos meus olhos.

A raiva de mil corações pulsa pelas minhas veias. Abandono. Traição. Desapontamento. Confusão. Tudo canalizado em um túnel de fúria incandescente girando em torno da mulher na beirada do telhado.

Ela levou meu pai. Arruinou minha mãe. Deu as costas para gerações do meu povo que tentaram ajudá-la. Me tornou uma caçadora. Colocou um alvo em mim e em todos que eu amo.

E lá está ela.

Sozinha.

Talvez eu devesse odiá-la. Mas não consigo.

Ela enfiou uma espada no homem que amava, mandando-o para o inferno para salvar o mundo. Ela mergulhou em um portal dimensional, fechando-o – e morrendo – para que sua irmã não precisasse fazer isso. Ela destruiu a boca do inferno de Sunnydale. Ela derrotou o Primeiro Mal. Ela desistiu de ser uma deusa de verdade para poder salvar nosso mundinho triste e quebrado. Sua vida foi uma série interminável de decisões impossíveis de tomar porque, se ela não as tomasse, quem faria isso?

E ela ainda é apenas uma pessoa. Só uma jovem. Tentando fazer o melhor que pode com seu fardo incrível de poder e responsabilidade.

O entendimento me perpassa, me separando da raiva e me deixando dar um passo para fora dela. Ainda consigo senti-la. Posso me juntar novamente a ela se quiser. Mas, em vez disso, me concentro. Assumo forma, me separando do subconsciente comunitário de caçadoras. Então caminho pelo telhado e me sento do lado de Buffy.

– Ei – eu digo.

Ela se vira, surpresa.

– Ei?

– Isso é legal. – Gesticulo para o cenário dos sonhos, uma versão exagerada e mais nítida de São Francisco.

– É. Talvez. – Ela volta o olhar para a paisagem. Se pode controlar seus sonhos como eu posso, então isso é uma escolha. Toda vez que a vi, ela estava aqui. Não na rave de caçadoras. Não visitando seus próprios traumas passados. Mas esperando. Disponível. Quase como se estivesse aqui só para o caso de alguém precisar conversar.

Alguém como eu.

– Eu só queria dizer... – Eu respiro fundo. Há tantas coisas que imaginei dizer a ela ao longo dos anos. Coisas terríveis, pensadas para feri-la. Deixo todas elas para trás. – Eu só queria dizer que... eu perdoo você.

Ela franze o cenho.

– Como assim?

– Meu nome é Athena Jamison-Smythe. – Ela fica surpresa ao reconhecer meu sobrenome e lágrimas se acumulam em seus olhos verdes e sérios. Eu prossigo. – Eu perdoo você, Buffy Summers, por ser a Escolhida. E perdoo você por todas as escolhas que fez desde então.

Ela me encara por um momento e ergue os cantos da boca.

– Isso é muito estranho – ela diz, mas reclina a cabeça sobre meu ombro.

Os sonhos de outras caçadoras pulsam atrás de nós. Ela deve senti-los toda noite quando dorme. Mil garotas como nós, as únicas que entendem o que é ser uma caçadora, e ela está à parte até mesmo disso. Buffy Summers, destruidora de mundos, arruinadora de vidas e a garota mais solitária do planeta.

– Meu pai teria orgulho de você – eu disse.

– Teria mesmo?

– Não faço ideia. Não me lembro direito dele. Mas parecia uma coisa gentil a dizer.

Ela ri.

– Foi gentil. Obrigada. – Assistimos ao sol nascer sobre São Francisco. O ar reluz como água e um monstro marinho se enrosca elegantemente em torno da ponte Golden Gate. Isso me lembra de algo, mas não sei exatamente do quê.

– Posso dar um conselho? – Buffy pergunta.

– Por favor.

– Ah – ela diz, sobranceiras arqueadas em surpresa. – Uau. Eu meio que imaginava que você diria não. Todas as outras na grande bolota de fúria dos sonhos me odeiam. – Ela indica com a cabeça a energia de caçadoras atrás de nós. – Tirando a primeira caçadora. Já a conheceu?

Eu balanço a cabeça em negativa.

– Bem, já vou avisando que será julgada através de grunhidos, é muito divertido. Mas estou fugindo do assunto. – Ela se vira na minha direção. Sempre achei que parecia triste em fotografias, mas agora

vejo que é o formato dos seus olhos. Talvez seus genes soubessem o que a vida reservava para ela e prepararam seu rosto para isso. Então ela aperta aqueles olhos e toda a tristeza é substituída por uma força e determinação que instantaneamente fazem eu me sentir mais forte. Entendo por que mil caçadoras a seguiram em batalha. Entendo por que meu pai reconheceu potencial em uma adolescente loura minúscula. E, pela primeira vez, começo a entender o que eu poderia ser, talvez, um dia.

Buffy fala.

– Fomos escolhidas para algo que nós mesmas não escolheríamos. Mas você foi escolhida por ser quem é. Então não deixe que ser uma caçadora defina você. *Você* define o que é ser uma caçadora.

Eu defino o que é ser uma caçadora.

Eu defino o que é ser uma caçadora.

Estive tão consumida pelo medo de que aceitar a caçadora dentro de mim significaria o fim de quem eu era – a garota que queria tornar o mundo melhor pela cura, não pela dor.

Não tenho que escolher uma coisa ou outra. Se quiser, posso ser ambas. E talvez seja mais forte por causa disso. Todo o medo de que ser quem sou me tornaria uma caçadora ruim evapora.

Lágrimas queimam. Mas, ao contrário da ardência da raiva, essa parece purificadora. Eu assinto, muda de gratidão. Então finalmente encontro minha voz.

– Obrigada. E tenho certeza de uma coisa: meu pai ficaria feliz de saber que você ainda está viva e lutando. Eu também.

Buffy dá uma risada curta de escárnio.

– Bem, isso é bom. Também estou contente de estar viva. Passei pela experiência completa da morte. Tudo bem por um tempinho, mas já superei no longo prazo. – Então seu rosto se suaviza e, quando ela se estica para me abraçar, retribuo o abraço.

Quando nos separamos, o rosto de Buffy relaxa em um sorriso pacífico.

– Esse sonho já é bem melhor do que a maioria das minhas noites – ela diz. – Você não acreditaria na frequência com que Kennedy aparece. Sei que é mesquinho, mas ela é *tão* chata. Tem alguma outra coisa com a qual eu possa ajudar enquanto estiver aqui?

– Ah, na verdade. – Tudo volta correndo. – Tem uma criatura demoníaca? Ela é uma súcubo? E se eu estiver pensando direito, e tenho minhas dúvidas quanto a isso, porque aquela serpente marinha gigante na Golden Gate está acenando para mim, a súcubo vai tentar extrair minha essência, ou meu poder ou coisa parecida, e isso talvez me mate e certamente a deixará bem mais forte, então não sei se deveria deixar, mas, se não deixar, ela matará minha irmã, e também beije o filho dela e meio que sinto algo por ele, mas se ela é uma

súcubo e seu marido é algo meio esquisito também, então Leo definitivamente não é humano e...

– Meu Deus. Deixa eu te dar meu telefone. – Ela escreve alguma coisa na mão. Ambas apertamos os olhos para tentar ler. Os números estão todos bagunçados. É um sonho, afinal de contas. Nunca consegui ler nos sonhos. Mas no meio deles tem o símbolo de três triângulos que vi nas etiquetas de chá de Sean. – Estranho – ela diz. – O que isso significa?

– É...

Um alarme quebra o silêncio da alvorada. Buffy faz uma careta.

– É hora de acordar – ela diz. – Existe mal a ser combatido. Café a ser servido. Foi um prazer conhecê-la, Athena Jamison-Smythe. Boa sorte com a súcubo. E lembre-se: o que quer que você faça, não...

O sonho começa a se dissipar. Posso continuar dormindo. Ou posso acordar e lutar.

Eu defino o que é ser uma caçadora.

Eu escolho.

Artemis me escolheu acima de seu próprio futuro. E sei o que ela diria para eu fazer. Talvez isso seja parte da profecia. Não me importo. Eu me recuso a acreditar que preciso escolher a morte para salvar pessoas. Se posso ser uma caçadora e alguém que cura, caçadora e guardiã, isso prova que a vida não é binária. Existe sempre um outro jeito e, não importa o que aconteça, eu irei encontrá-lo. Se sou uma caçadora, minha escolha é usar tudo que tenho à disposição para proteger aqueles que amo e proteger aqueles que nunca nem conhecerei.

Com esse pensamento, eu relaxo.

Eve pode tirar o que ela quiser de mim agora. Então, com ou sem poderes, eu a farei se arrepender disso.

Sinto Eve, com as mãos no meu peito, de algum modo afundando para além de pele, ossos e músculos. Além dos órgãos, chegando em algo que nem sempre esteve lá. Sinto os contornos do poder quando ela encosta nele. É a primeira vez que realmente o compreendo, brilhante e ardente, inundando meu corpo.

Naquele momento, sei o que estou perdendo.

Puxo uma última grande porção de ar, me prendendo à sensação da vida. Sentindo a conexão com outras garotas ao redor do mundo, cada uma com sua própria vida bagunçada e seu próprio potencial imenso. Sentindo o poder – um poder tão profundo e escuro que poderia mergulhar nele e nunca encontrar seus limites.

Eve puxa, a luz lutando para ficar. Ela se curva, prendendo-se a mim, ardendo em resposta. Meus instintos de caçadora rugem,

exigindo que eu lute. Mas eu não resisto. Mantenho a imagem do rosto de Artemis na mente.

E deixo tudo partir.

– Nina! Nina, acorda! Por favor, acorda!

Tudo dói. Não quero acordar. Mas Artemis está assustada. Abro lentamente os olhos e tusso. Tusso tão forte e por tanto tempo que não consigo respirar. Quando estou prestes a desmaiar novamente, consigo parar por tempo suficiente para puxar ar.

Estou... fraca. Tão fraca! O que tinha sido meu normal antes faz um contraste tão agudo com ser uma caçadora que sinceramente não sei como conseguia me mexer. Como sobrevivi me sentindo assim por tanto tempo.

Eu arquejo, finalmente conseguindo ar suficiente para não ter luzes dançando no meu campo de visão. Artemis me ajuda a sentar. Ela está no chão ao meu lado, seu joelho em um ângulo que joelhos não deveriam ter. Minhas costas estão contra o criado-mudo.

– Onde ela está? – pergunto com a voz rouca, os olhos varrendo o quarto em pânico, procurando em cada sombra.

– Ela perguntou aonde a mamãe foi. Quer a agenda dela para poder ir atrás das outras caçadoras, caso precise de mais poder. – Artemis faz uma careta, segurando seu joelho. – Eve disse que mataria Imogen e os pequenos, então contei a ela sobre o Prazer Natural. Sinto muito.

– Funcionou? Ela pegou meu poder? – Eu sei a resposta. Sinto-a em cada centímetro do meu corpo, mas pergunto mesmo assim.

A mão de Artemis treme ao alisar meu cabelo.

– Funcionou. Ela mencionou algo sobre seu marido novamente. Ele foi preso em uma dimensão infernal quando os portais se fecharam. Nina, eu acho... Eu acho que ela vai usar seu poder para abrir uma boca do inferno.

Eu me levanto, cambaleante e tonta. Tudo parece tremido e desconectado, como se eu não tivesse me alimentado faz três dias. Luto contra a náusea e um pesar profundo, uma sensação penetrante de perda por algo que só estava começando a aceitar de verdade. Mas, caçadora ou não, as pessoas estão em perigo.

– Se ela chegar ao Prazer Natural...

– Mamãe – Artemis diz.

– E Honora – acrescento, em voz baixa. Porque, por mais que a odeie, não quero que ela morra. E realmente não quero que Artemis passe por isso. Além do mais, quando Eve conseguir o que quer, não podemos saber quem mais ela irá ferir ou matar. E com certeza não queremos uma boca do inferno sob seu controle.

– O que vamos fazer? – Artemis está pedindo minha ajuda. Minha orientação. E, pela primeira vez em anos, serei forte por ela.

Pego duas estacas e as uso para criar uma tala para seu joelho. Ela arqueja de dor, mas se levanta e é capaz de colocar um pouco de peso na perna machucada.

– Me encontre na garagem – digo. Pego um pequeno caderno da minha coleção e enfio no bolso. Em seguida, disparo para o corredor... o que faz minha cabeça girar. Me apoio contra a parede até conseguir me mexer novamente. Então ando depressa em vez de correr até a porta de Imogen.

– O que foi? – Ela ainda está de pijama, com um saco de salgadinho nas mãos e os três pequenos deitados de barriga para baixo em torno de uma televisão.

– Você confia em mim? – pergunto. Imogen assente, seus olhos apertando ao ver quão séria eu estou. – Muito bem. Eve é um demônio, ela roubou meu poder de caçadora, vai abrir uma boca do inferno se não a impedirmos e, se ela voltar aqui, ninguém estará a salvo.

Imogen pisca uma vez. Duas vezes. Então larga o salgadinho e bate palmas.

– Ei, crianças! É dia de excursão!

Os pequenos pulam, dando gritinhos de alegria.

– Vamos para a casa de Cillian – digo. – Rhys está lá. Cillian pode levar vocês todos para algum lugar seguro. Algum lugar que não conheçamos. – Caso Eve nos pegue, melhor não correr o risco de alguém acabar entregando a localização dos pequenos.

– Você sabe dirigir?

Imogen pega uma bolsa de viagem de um baú perto da porta.

– Droga, não. Alguém enfie uma estaca em mim. – Bato com a mão na testa. Nem eu nem Rhys aprendemos. Artemis sabe, mas, com o joelho machucado, não sei se conseguiria.

– Jade! – Imogen grita enquanto os pequenos correm para colocar seus calçados.

George Smythe, meu favorito com sua cabeleira caótica de cachos e olhos enormes, está vestindo botas de chuva por sobre o pijama.

Jade cambaleia para fora do quarto.

– Acabei de voltar para dormir. Gostaria de ressaltar que ninguém se deu ao trabalho de me contar que Cillian estava bem! Invadi a casa

dele pronta para uma briga, mas você e Artemis já tinham ido embora. E então Rhys me xingou por ter acordado Cillian!

– Demônios! – eu grito. – Ameaça imediata!

– Está bem então. – Jade me encara mal-humorada.

– Eu dirijo – Imogen diz. – Jade, você cuida dos pequenos. Se não estivermos de volta até o final do dia, não vamos voltar. Nina avisará Cillian por mensagem se sobrevivermos. Tem cinquenta mil dólares nesta bolsa. Se morrermos, leve-os para bem longe e vivam uma vida feliz.

Jade parece brevemente alarmada, então pega a bolsa que Imogen passa para ela.

– Certo. Está bem.

Dou um sorriso falso quando a pequena Thea Zabuto se joga contra minhas pernas.

– Jade, por favor, vá contar a Ruth e Wanda que Eve é um demônio e que vamos enfrentá-la. Eles podem fazer o que bem entenderem. Depois, nos encontre nos carros.

Dou alguns instantes para Jade processar as informações, empurro-a para o corredor e ajudo Imogen a conduzir os três pequenos até o banco de trás do Range Rover.

O último pequeno foi colocado no banco de trás quando Artemis e Jade chegam até nós.

– A velha rabugenta Zabuto disse que morreria defendendo a biblioteca. Wanda exigiu ficar com o dinheiro para poder “protegê-lo”.

– Jade sorri maliciosamente. – Em vez disso, dei um belo chute na bunda dela. E depois outro, só por via das dúvidas. Então espero que vocês percam, porque acho que não serei mais bem-vinda por aqui. – Ela sobe na parte de trás. Os pequenos rastejam sobre os assentos, animados de deixar o castelo. Sei que deveríamos ter cadeiras de segurança ou algo assim para eles, mas essa é a menor de nossas preocupações no momento.

George sorri para mim.

– Esse é o melhor dia de todos!

– Certo – eu digo. – O melhor. – E talvez também o último.

Imogen dirige o mais rápido possível sem arriscar nossa segurança. Provavelmente um pouco mais rápido do que isso. Derrapamos até pararmos na frente da casa de Cillian. Jade leva os pequenos para o carro de Cillian, explicando aos gritos para Rhys e Cillian a situação. Assisto aos dois se abraçarem com força. Rhys sussurra algo no ouvido do namorado. Então Rhys entra no nosso carro enquanto Cillian entra no dele e, após uma última troca de olhares entre nós, dirigimos em direções opostas.

Preciso me concentrar no que vamos fazer, porque mesmo a ideia de enfrentar Eve é menos horrível do que pensar no que perdi. O que

a deixei tirar de mim. Assim, faço um inventário do nosso exército.

Imogen: sem treino, praticamente uma babá.

Rhys: um aprendiz de guardião mais preparado para pesquisa do que combate.

Artemis: ferida e mal consegue andar.

E eu, que não sou uma guardiã. E agora não sou uma caçadora.

Partindo para salvar um mundo ameaçado pelo próprio poder que recebi para protegê-lo.

– Então, hã, onde está Leo? – Rhys pergunta depois de alguns minutos de silêncio tenso no carro.

– Leo é parte demônio. – Olho fixamente pela janela. Cada árvore que passa marca um instante perdido, um minuto perdido, talvez uma chance de salvar minha mãe e possivelmente o mundo... perdida.

– Eu sei. Ele me contou.

Leo disse alguma coisa sobre perguntar para Rhys, que ele explicaria. Mas não acreditei nele.

– Sêrio?

– Por isso tentamos convencer você a vir falar conosco. Precisávamos tirá-la do castelo sem a mãe do Leo saber. Se soubesse, ela teria ido atrás de você. Ele queria que você estivesse em segurança.

Eu me inclino entre os assentos de motorista e passageiro, avançando para cima de Rhys.

– Quando ele contou?

Rhys levanta as mãos.

– Ei, ei, não mate o mensageiro, que é muito prestativo e querido. Ele apareceu logo depois de você partir esta manhã. Contou que a mãe dele é uma súcubo, transformada pelo pai dele. Que é um incubo. E não estou falando da banda, que seria uma opção muito melhor a essa altura. Leo sabe que sua mãe não é tão legal, mas diz que ela sempre foi não letal até agora. E ele meio que precisa dela para sobreviver. Ela pode puxar energia de qualquer um, mas ele só consegue tirar dela. Depois que perderam acesso ao pai dele, ela enlouqueceu de vez. Ele estava tentando garantir que ela ficasse bem, mas ela estava saindo às escondidas e matando coisas. Enfim, Leo é o que se conhece como cambion. Eles têm poderes variados, dependendo da combinação, mas uma coisa é sempre igual: a gravidade reconhece que eles vieram de outro lugar e tenta puxá-los para baixo novamente. É por isso que o carro consumia tanta gasolina quando ele estava dentro.

– Por isso não consegui derrubá-lo.

– É.

– Ele mesmo te contou?

– Me trouxe uma página de um livro sobre cambions. Ele arrancou a página, o que foi difícil de perdoar. Mas ele queria ajudar você, apesar de ser parte demônio. E, falando nisso, qual é a de vocês garotas com demônios? Buffy e os vampiros com alma, você e um cambion. É uma coisa de caçadora? – Seu sorriso morre quando vê o olhar aflito no meu rosto ao lembrar que não sou mais uma caçadora. Não de verdade.

Então Leo não era nem uma coisa nem outra. Faz sentido termos sido atraídos um pelo outro. Eu não era exatamente uma guardiã, mas também não era uma civil. E, mesmo quando era caçadora, ainda existia muito de guardiã dentro de mim. Um instinto excessivo de proteger em vez de caçar. Nunca fui uma coisa inteira e, portanto, nunca pertenci a lugar nenhum.

Não me dei conta de que poderia ser as duas coisas até ser tarde demais.

– Mas enfim – Rhys continua depressa –, Leo e sua mãe voltaram para o castelo em busca de informações para tentar encontrar o pai dele. Ele achou que isso ajudaria a mãe a voltar ao normal. Mas, quando Eve descobriu que você era uma caçadora, ela decidiu ficar. Leo a fez prometer que não encostaria em você. Daí ela matou Cosmina e Leo soube que precisava ajudar você a escapar. Ele estava rastreando a mãe hoje de manhã, mas a perdeu de vista. Foi aí que ela atacou Cillian, para distrair você e mantê-la longe de Leo.

– Quer dizer que ele estava realmente tentando me proteger?

– É – diz Rhys, dando de ombros como se estivesse se desculpando. – Onde ele está?

– Eu o deixei no bosque.

Os olhos de Rhys ficam arregalados.

– Você o matou?

– Pelos deuses, não. Eu só deixei o superchapado usando a camiseta velha de Doug. – Levanto uma mão para esfregar minha testa dolorida. Meus dedos tremem. Mal consigo manter a cabeça erguida. – E aí a mãe dele me atacou. E ganhou. – Eu me viro de volta para a janela. Então Leo estava tentando me ajudar, afinal. Mas ele ainda mentiu para mim. E sempre soube o que estava acontecendo. Ele me deixou correr em círculos, suspeitando da minha própria mãe quando a dele é que era má. Meu coração dói quase tanto quanto o resto do corpo.

Artemis estica a mão entre os assentos, segura a minha e aperta. Não me arrependo de sacrificar meu poder para salvá-la, mas sinto a perda por toda parte e é difícil não afundar no banco e chorar.

– Qual é o plano agora? – Rhys pergunta.

Eu espero, mas ninguém responde. Ele está falando comigo. Artemis também está esperando meu plano. Eles finalmente confiam nos meus instintos, agora que não tenho poder para colocá-los em prática. Fantástico. Ainda assim, sou uma Jamison-Smythe. Não sou completamente indefesa. E vou lutar com todas as armas disponíveis.

– Eve é um demônio. Somos guardiões. Faremos aquilo que os guardiões sabem fazer de melhor.

– Pesquisar? – Rhys pergunta.

– Ficar de babá? – Imogen adiciona, com uma sobrancelha arqueada.

– Treinar – Artemis diz desolada, gesticulando para seu joelho.

– Não! Nós mataremos o demônio. Salvaremos o mundo. Protegeremos as caçadoras, mesmo se não souberem o que estamos fazendo. Mesmo se não se importarem. Eve não vai colocar a mão em mais nenhuma de nós. – Eu paro. – Em nenhuma delas, digo.

Fazemos o restante do percurso em silêncio.

Imogen chega ao Prazer Natural em tempo recorde. Eu torcia para chegarmos antes de Eve, mas aí vejo um Range Rover familiar estacionado do lado da moto que minha mãe deve ter usado para vir para cá.

As duas estão lá dentro.

Aceleramos pelo estacionamento, vazio tão antes da loja abrir. A porta da frente foi arrombada. Vidro brilha na luz da manhã conforme passamos cuidadosamente sobre ele. O resto da loja está intocado. Esperando.

Eu os levo pelo corredor de chás.

– Esperem – Imogen diz, estudando as etiquetas. Ela pega um punhado de “Sonhos do Ponto Fraco do meu Inimigo” e enfia no bolso, depois outro punhado de algo chamado “Dormir como a Morte”. Este ela mantém na mão.

Nós seguimos adiante. A maçaneta da porta da sala dos funcionários foi arrancada a tiros. Empurro a porta. Não há ninguém lá dentro. A porta para o andar de baixo também está aberta.

Descemos sorrateiros pela escada em espiral e alcançamos a grande sala de demônios. Eles estão agitados. Alguns estão gemendo, alguns grunhindo, outros andando de um lado para o outro nos minúsculos espaços de suas jaulas.

Ouçó uma voz, distante demais para entender as palavras. Mas perto o suficiente para reconhecer o tom.

– Eve está aqui – sussurro. – E não temos armas.

– Na verdade... – Rhys olha maravilhado pela sala. Ele gesticula para as fileiras e fileiras de jaulas. – Nós temos. Imogen, venha comigo. Vamos descobrir como abrir essas coisas.

– Todas elas? – Ela se inclina para perto da jaula mais próxima. Um demônio parecido com uma cobra desliza até as barras, esticando uma língua roxa.

Rhys a puxa para trás.

– Aquele come medula óssea. Medula óssea de crianças. Ele ficará na jaula. Mas algumas dessas raças são relativamente benignas. Suspeito que nos ajudariam em troca de sua liberdade. – Rhys sorri para mim, empurrando seus óculos para ajustá-los. – Falei que minha enciclopédia de demônios viria a calhar algum dia.

– Nunca duvidei de você.

– O que estão fazendo aqui? – pergunta Sean, aproximando-se cuidadosamente. – Vocês que causaram aquele estrago lá em cima?

Balanço a cabeça.

– Não, foi a súcubo que veio aqui acabar com o mundo. Ou talvez tenha sido minha mãe. Na verdade, não tenho certeza sobre quem arrombou as portas.

– Precisamos soltar alguns dos demônios – Rhys diz.

– Nem pensar! – Sean diz, com fúria nos olhos. – Fui generoso da última vez. Dessa vez não serei tão tolerante...

Eu dou um soco na cara dele.

– Ai – resmungo entre dentes, ciente de que precisamos manter nossas vozes baixas. – Isso machucou para valer!

– Foi pior para ele – Artemis diz, gesticulando para Sean, inconsciente no chão. Ela parece... impressionada. Tento não ficar orgulhosa demais.

Rhys estica a mão para o paletó elegante de Sean, retirando uma chave mestra.

– Bingo. Venha, Imogen. Eu explicarei de quais deles vamos precisar. – Eles correm na direção oposta das vozes. Artemis e eu caminhamos rumo a Eve.

Estamos quase no escritório de Sean quando Honora desliza para trás pelo chão, batendo com força em uma jaula e desabando no chão.

– Não! – Artemis grita, mancando até ela.

– Nina, Artemis! Corram! – Nossa mãe gesticula com sua arma na direção de onde viemos. Uma forma sombria a pega pela cintura e a arremessa contra a parede. A forma se solidifica e subitamente Eve está de pé na nossa frente.

– Será que você não entendeu como fui generosa em deixá-la viva? – ela me pergunta, incrédula. – Fiz isso por Leo. Estou tentando ser uma boa mãe, mas você está tornando minha tarefa muito difícil.

Honora pressiona algo na palma de Artemis. Artemis bota o negócio na boca e levanta, estalando o pescoço e flexionando os dedos. Ela arranca a tala, pegando uma estaca em cada mão. Então se lança em cima de Eve. Ela se torna uma enxurrada de socos e chutes.

Eve flui e se desloca como fumaça, mas Artemis é igualmente rápida. Não saber o que ela tomou me preocupa, mas neste momento precisamos de toda vantagem possível.

Corro até nossa mãe. Ela põe a agenda em minhas mãos.

– Manteremos ela ocupada. Dê o fora daqui.

Artemis voa pela sala, colidindo com Honora, que faz o melhor possível para pegá-la. Há um corte no flanco de Artemis; sua camisa já está encharcada de sangue. Vejo mais acumulando no chão.

– Artemis! – grito.

– Chega – diz Eve, sua voz distorcida. Se antes ela era sombra, agora é a noite. É sonho, pesadelo e escuridão personificados. Meu poder é como um manto em seus ombros, pulsando e fervendo.

Sem dizer mais nada, Eve rasga um buraco na realidade.

Uma de nós consertaria o mundo, e uma de nós o destruiria.

Eu me ajoelho no chão do lado da minha mãe, observando o buraco que Eve fez no mundo usando meu poder. Começa pequeno, mas o ar borra em torno dele, estalando e bruxuleando. E atrás do buraco, nada. Não, não é nada exatamente. São como as chamas roxas mágicas dos meus pesadelos, só que pior. Não consigo fixar os olhos nelas. Eles se recusam. A escuridão arde dentro do buraco. Ela está faminta.

E tem alguma coisa se mexendo lá dentro. Uma mão se estica pela abertura, segurando a de Eve. Se Eve é feita de sombras, essa mão é feita de piche. Ela não começou como demônio. O pai de Leo definitivamente sim, seja lá o que ele for.

Ela murmura em deleite.

– Só mais um pouco, meu amor.

Ela solta a mão, segura de cada lado do buraco e puxa. Ele o rasga lentamente em protesto enquanto nosso mundo resiste a abrir caminho para o inferno. Mas nosso mundo está perdendo a luta.

– Por quê? – eu pergunto.

Ela ri.

– Esse é o único jeito de entrar ou sair do mundo agora. Tudo que atravessar terá que passar por mim. Nada acontecerá a menos que eu permita. Serei a maior guardiã de todas. – Ela puxa de novo, fazendo esforço, e a boca do inferno abre um pouco mais. A escuridão à espreita se contorce, ansiosa.

Espero calor, mas um frio penetrante irradia do buraco.

– Não será uma boca do inferno grande. – Eve muda de lado, tentando conseguir mais apoio. – Nada como Sunnysdale, ou mesmo Cleveland. Mas será a nossa boca do inferno. A boca do inferno de Dublin. E cobraremos um dízimo de poder de cada demônio que atravessar. Meu filho e eu nunca mais passaremos fome.

– Para que precisa das outras caçadoras, então? – pergunto.

– Você foi minha refeição mais deliciosa. – Ela sorri, exibindo dentes brancos através das sombras em seu rosto. – Vou drenar cada

caçadora, e aí esse mundo realmente saberá o que é poder. Saberá o que é segurança e proteção. Porque eu o protegerei. – Ela empurra e o buraco se alarga. – Por um preço.

Alguém se arremessa contra Eve, derrubando-a para longe. A boca do inferno é quase grande o suficiente para uma pessoa passar. O ar em torno dela estala, quebradiço e congelante. A mão de piche se estende pela abertura, apalpando o ar, puxando as bordas. Mas não consegue rasgar e aumentar a boca do inferno. Só Eve é forte o suficiente para fazer isso.

Por minha causa.

Eve grita de fúria e frustração. Eu vejo quem a derrubou no chão, quem a está segurando.

Leo afasta as mãos com garras da mãe que arranham seu peito. Em seguida, pressiona a própria mão contra as costelas dela, apertando-a contra o chão. Ela se contorce, tentando tirá-lo de cima dela, mas sei por experiência própria que é impossível deslocar Leo. Um guincho ecoa pelo espaço. As sombras mudam, rodopiam. Leo começa a brilhar como uma lâmpada ultravioleta.

– Nina – Honora diz, em pânico. Ela está segurando a própria camisa contra o flanco de Artemis. – Ela está sangrando demais.

Corro até elas. Não tem nada que eu possa fazer aqui embaixo. O corte é profundo demais, comprido demais.

– Você consegue carregá-la?

– Acho que não. Acabaram minhas pílulas.

Lágrimas escorrem pelo rosto de Honora enquanto olha para Artemis, que está terrivelmente pálida.

– Deixa comigo. – Um par de mãos de um amarelo cor de açafrão se enfia entre nós e levanta minha irmã gentilmente. Doug a aninha em seu peito grudento. – Vamos lá, pequena caçadora. Vamos correr.

Olho para trás, para o buraco no mundo. Eu deixei isso acontecer. E serei eu a consertar.

– Tire ela daqui.

Doug hesita, então vai embora correndo. Honora, incapaz de ficar de pé, rasteja atrás deles. Minha mãe empurra o corpo para se levantar. Olha para a nova boca do inferno e algo dentro dela se rompe. Seu rosto, sempre tão forte e remoto, racha como a barreira entre nosso mundo e essa dimensão infernal.

Já vi esse terror estampado nela uma vez antes, quando teve que escolher qual filha salvar primeiro. Mas agora é pior, porque ela sabe o que eu sei: se essa boca do inferno for deixada aberta, nenhum de nós estará seguro.

– O que vamos fazer? – Ela olha para mim em busca de respostas pela primeira vez na minha vida.

Mas eu não sei.

Encaro com o olhar perdido o escritório de Sean atrás dela, tão estranhamente moderno e limpo, sem nenhuma indicação de que o inferno está literalmente do outro lado da porta. Eu queria que Buffy estivesse aqui. Queria poder conversar com ela outra vez. Queria estar de volta naquele telhado, observando a serpente marinha, batendo papo com a caçadora que mudou tudo.

Você define o que é ser uma caçadora, ela falou. Talvez eu não seja mais uma caçadora, mas ainda decido como viverei. Sendo assim, quais são minhas opções?

Ficar e definitivamente morrer.

Correr e provavelmente morrer.

Encontre a terceira opção.

Um reflexo reluzindo em uma das paredes do escritório de Sean atrai meu olhar. E assim, de repente, eu descubro. Eu sei o que fazer.

Eve grita. Giro e a vejo em cima de Leo, esmagando a cabeça dele contra o chão.

– Como ousa! Devolva!

Outro demônio dispara pelo chão e se joga contra ela. Rhys e Imogen fizeram seu trabalho. Eve rola, engalfinhando-se com ele. Corro até Leo, querendo ajudá-lo, verificar seu pulso. Em vez disso, estico a mão dentro da manga dele e puxo o bastão de metal que sei que ele guarda ali.

Volto correndo para o lado da minha mãe.

– Se esconda – sussurro. Ela olha para mim com confusão e medo.

– Confie em mim. Por favor. Vá se esconder.

E, para meu alívio e surpresa, ela confia em mim.

– Você é forte o suficiente para isso. Você sempre foi. – Ela passa por algumas jaulas e se agacha atrás de uma delas.

O demônio que atacou solta um ganido de dor e foge tão rápido quanto chegou. Eve rasteja de volta para Leo, sacudindo-o.

– Eu vou pegar tudo de volta, seu monstrinho! – A cabeça de Leo balança, nenhuma tensão em seu pescoço. Ele está inconsciente ou então...

– Está bem, mãe! – eu grito. – Queimarei a agenda aqui dentro! – Corro para o escritório de Sean e começo a vasculhar as gavetas dele como se estivesse procurando alguma coisa.

Sinto a escuridão no batente da porta antes de vê-la. Eve está lá de pé, tremendo. Parece estar enfraquecida pelo que Leo fez com ela.

– Me dê isso agora – ela ordena, rosnando.

Aperto o caderno contra o peito. Não preciso fingir que estou tremendo de medo. Não é uma mentira. Recuo contra o vidro do aquário.

– Não deixarei você ferir outra caçadora.

– Todo aquele poder em você era um desperdício – Eve diz,

cusbindo as palavras. – Ele sempre foi desperdiçado. Dado a garotinhas tolas que não sabem o que fazer. Você deveria me agradecer por tomá-lo. E deveria fazer isso rapidamente, de joelhos, enquanto me dá essa agenda, se quiser viver para ver outro dia. Você não é uma caçadora. Não é nem mesmo uma guardiã. Você não é nada. Não tem *nada* de especial. Agora me entregue a agenda.

Ela se vira na minha direção. Eu sorrio. É suficiente para fazê-la hesitar.

– Talvez eu não tenha passado nos testes dos guardiões, mas sempre fui uma guardiã. Uma guardiã observa. Uma guardiã espera. E aprendi com meu pai que um guardião faz o que for necessário para proteger a caçadora sob sua responsabilidade. Eu *sou* uma guardiã. E todas as caçadoras estão sob minha responsabilidade. – Eu penso nelas, em sua fúria, seus medos, suas alegrias. Eu penso em Cosmina. Penso em Buffy, sentada naquele telhado, a mais forte e mais solitária de todas nós. Esperando. E observando. Talvez ela tenha aprendido mais conosco do que reconhecemos. E eu aprendi com ela também. – Pode ter levado minha força, mas ainda sou uma caçadora. – Eu paro e Eve pisca, confusa. – Primeira regra do guia das caçadoras? Quando em dúvida, bata em alguma coisa.

Eu largo a agenda, então uso o bastão de metal que tirei de Leo para golpear o aquário do demônio rêmora. Eve se joga na direção do livro. Dou a volta em torno dela, mergulhando em direção à porta. O vidro do tanque trinca, rachaduras se espalhando como teias de aranha.

E estilhaça.

O demônio rêmora é derramado para fora, se contorcendo ao ter contato com o ar, finalmente livre da prisão aquática. Sem aquela pressão em torno dele, um demônio rêmora cresce para preencher qualquer espaço onde esteja.

Um escritório.

Um porão.

Ou uma minúscula boca do inferno nova.

Eve grita, presa embaixo dele. Eu ouço um ruído de esmagamento, mas antes de conseguir ver o que está acontecendo, uma pele emborrachada encosta em mim, expandindo tão rápido que me empurra porta afora. Se eu não tivesse me posicionado ali, teria sido esmagada até a morte contra a parede. Sou arremessada na sala principal, caindo de quatro. O único olho da rêmora, de uma cor castanha agradável, me observa impassível enquanto termina de preencher o escritório e começa a se esparramar pela porta. Nesse ritmo, irá preencher o porão em questão de minutos.

Tenho quase certeza de que o porão é forte o bastante para impedir que a rêmora continue crescendo no nosso mundo. Pelos

deuses, espero que seja. No outro extremo da sala, depois de Leo, há uma porta enorme de metal. Nunca estive do outro lado daquele espaço, mas tudo que posso fazer agora é torcer para que esteja bloqueado também. Senão, terei trocado uma abertura para o inferno por um demônio que eventualmente crescerá para ocupar toda a Irlanda.

– Rhys! – eu grito. – Tire todo mundo daqui! Agora!

– Pode deixar! – ele responde.

A lateral do demônio rêmora borbulha até se libertar do escritório, encostando na boca do inferno. O braço de demônio que tenta desesperadamente alcançar nosso mundo é esmagado contra a borda e violentamente cortado. Um rugido de dor e fúria ecoa e a boca do inferno é coberta, preenchida. O demônio rêmora nunca vai parar de crescer naquela direção.

Eu consegui. Eu a fechei. Nada pode sair agora. E, se eu não correr, também não vou escapar.

Vou até Leo, seguro os braços dele e o puxo. E puxo. E puxo.

Ele não se move nem um centímetro.

Eu não consegui movê-lo nem quando possuía toda a minha força de caçadora. E agora não tenho mais nada. Nem sei se eu mesma vou conseguir sair daqui. Depois de todos os anos de estudo, de tentar ser alguém que poderia salvar pessoas, ainda sou fraca demais para fazer algo de bom.

Leo mentiu para mim, guardou segredos. E também me viu como eu realmente era, depois de todos esses anos, muito antes de eu mesma conseguir. Hoje ele tomou a decisão de um guardião. Ele se sacrificou para salvar o mundo.

Desabo do lado dele, drenada. A pele gosmenta verde-musgo do demônio rêmora se aproxima lentamente de nós. Alguém pega um dos braços de Leo e puxa. Minha mãe. Com um soluço entrecortado, me levanto novamente e me junto a ela, renovando meus esforços. Mas não adianta. Não conseguimos movê-lo.

– Precisamos ir – ela diz.

– Não posso deixá-lo!

– Me desculpe. Sinto muito. Mas nunca deixarei você para trás novamente. – Minha mãe me levanta. Estou fraca demais para lutar com ela. Ela passa correndo pela borda do demônio rêmora. As paredes em torno de nós rangem com a pressão. Por cima do seu ombro, observo Leo desaparecer da minha vista, coberto pelo demônio em expansão.

Ela me carrega como uma criança e eu observo Leo.

Deixado para trás.

Eu poderia me desvencilhar dela, eu sei. Poderia rastejar de volta para Leo não ser esmagado sozinho. Mas isso não iria salvá-lo e eu iria

morrer.

Ser escolhida é fácil.

Fazer escolhas deixa você arrasada.

Minha mãe bate e tranca a porta de metal do porão, que aguenta firme. Ela cambaleia para a escada e me larga. Subo rastejando e acelero entorpecida pela sala de descanso dos funcionários, passando por fileiras de café chacoalhando com os tremores, e saio para o estacionamento. O chão ronca, mas não desaba. Rezo para minha decisão estar certa e o espaço do porão ser suficiente para conter a rêmora. Para que ela cresça só naquele espaço e então para sempre dentro da boca do inferno de Dublin, e não na própria Dublin.

O chão para de tremer. Silêncio recai sobre o estacionamento. Depois de um instante, o grupo maltrapilho de sobreviventes – inclusive eu – deixa escapar um enorme suspiro.

Eu consegui. Não deixei Artemis morrer e não deixei Eve vencer. Encontrei outro jeito, mesmo sem poderes de caçadora.

Ando trôpega até Honora. Ela está segurando Artemis, afagando gentilmente seu cabelo. O demônio sem pele tirou a pele do próprio braço como uma manga e está pressionando-a cuidadosamente no flanco de Artemis. A ferida dela já está fechando, parando o sangramento. Pego o pulso de Artemis. Sua pulsação é fraca, mas está lá. Minha mãe se agacha do lado deles, cuidando de Honora, que ignorou os próprios ferimentos.

– Obrigada – sussurro para Honora. Então me viro para o demônio sem pele. – E obrigada. – Acho que ele sorri.

Vistorio o estacionamento. Sean está trancado em seu carro, falando irritado no celular, sangue seco encrustado em torno do nariz. Ele está inspecionando o estacionamento cautelosamente, com uma arma na mão livre. Mas não parece dar indícios de que vai atacar alguém. Não é uma prioridade imediata para mim, então.

Doug está ajudando Rhys a acalmar dois demônios muito baixos e muito roxos. Eles não param de gritar, então Doug tampa a boca deles com a mão. Eles se sentam, sorrindo. Há vários outros demônios, mas alguns já estão fugindo de forma sorrateira.

Imogen está no capô do nosso carro, um olhar distante no rosto. Ela olha para mim e seus olhos se estreitam.

– Achei que você fosse morrer. – Então ela sorri. Ela parece quase insana. Provavelmente estou com a mesma cara.

O punhado de demônios que não foi embora está perambulando de um lado para o outro – libertos das jaulas, mas ainda presos em uma Terra sem lugar para eles.

– E agora? – pergunta Rhys, mais uma vez vindo a mim em busca de respostas.

Eu olho para meus companheiros guardiões. Estamos tão perdidos quanto esses demônios. Igualmente sem rumo. Eu me lembro de Cosmina. Leo. Dói tanto. Se tivéssemos oferecido um lugar a eles, se tivéssemos permitido que fossem eles mesmos sem medo, sem julgamento, talvez ambos ainda estivessem aqui conosco. Talvez Cosmina tivesse confiado em nós. Talvez Leo tivesse sido capaz de nos contar a verdade antes de ser tarde demais. Não posso realmente culpá-lo por esconder sua herança demoníaca no meio de um grupo dedicado a destruir criaturas como ele.

Mas Leo era bom. Ele tentou me ajudar. E, no fim das contas, salvou todos nós ao me dar tempo para derrotar Eve.

Olho para Doug – que só quer fazer as pessoas felizes e visitar os bastidores de um show do Coldplay. Olho para o pobre demônio sem pele. Até mesmo para Honora. Todos sem um lugar para ficar. Imogen, Rhys e Artemis. Nenhum de nós pediu para estar aqui. Nenhum de nós escolheu ser guardião. Nem minha mãe, cuja vida foi roubada a partir do momento em que nasceu. Nem Artemis, que sempre deveria ter sido mais.

E nenhuma dessas criaturas escolheu estar aqui. Não duvido que todas teriam preferido estar em outro lugar. Algum lugar seguro. Algum lugar onde não fossem diferentes, caçadas, usadas.

Então, subitamente, penso em um lugar para onde podem ir.

Tiro o caderno – o de verdade, não o falso que trouxe comigo como isca – de baixo da camisa. Ele tem uma lista cheia de outros demônios como Doug. Está repleto de nomes de caçadoras, que estão lá fora sozinhas. Alvos por causa de um poder que nunca pediram para ter. Seguro o caderno próximo do coração e lembro-me do que perdemos. Lembro da minha promessa de ser uma guardiã para todas as caçadoras.

– E agora? – indago, sorrindo para Rhys. – Agora mudaremos o que significa ser guardião. Vamos proteger os vulneráveis. Quem quer que eles sejam. – Tiro meu casaco e o coloco sobre os ombros do demônio sem pele. Ele se aconchega, e dessa vez tenho certeza de que está sorrindo.

– Não aceitarei demônios infestando meu castelo! – grita Wanda Wyndam-Pryce, esmurrando o punho na mesa. Estamos na sala do

Conselho. Eu costumava me intimidar e me impressionar. Agora tudo que vejo é uma sala vazia e inútil com uma mesa grande demais e apenas uma pessoa sentada do lado dela. Sinceramente, sinto um pouco de vergonha alheia. – Isso é um absurdo! Você irá removê-los imediatamente.

Eu sorrio.

– Desculpe. Você não tem autoridade para exigir isso.

– Estou no Conselho!

– Você foi expulsa por votação. – Rhys retira os óculos e os limpa. Wanda o encara por cima de seu longo nariz.

– Por quem?

– Pela próxima geração de guardiões. – Jade estoura seu chiclete.

Ela coloca os pés em cima da mesa, cruzando as pernas no tornozelo. – A partir de agora, somos nós que mandamos por aqui.

Ruth Zabuto, tricotando em um canto, dá uma risadinha.

– Acho que isso vai ser divertido. – Seu rosto enrugado transparece uma alegria travessa. Eu disse a ela que poderia ficar com a sua biblioteca. Ela não se importou muito com o que fizéssemos depois disso.

Escolto uma Wanda bufando e indignada até o portão. Já colocamos as coisas dela em um dos carros. Ela arranca as chaves de mim, parando apenas para encarar furiosa o demônio sem pele brincando de pega-pega com dois dos pequenos. Rhys se junta a Cillian, que está prendendo um balanço de corda na sombra profunda de um carvalho. Os demônios roxos minúsculos, cujos nomes eu não tenho a mandíbula adequada para pronunciar, criticam cada escolha que eles fazem.

– Repulsivo – Wanda diz, cuspidor. Então ela entra no carro e leva gerações e gerações de tradição dos guardiões consigo.

– Já vai tarde. – Jade sai perambulando para se juntar a Doug e montar um jogo de croqué. Ela está se dando bem com ele. Suspeito que seja porque ele é bem liberal em distribuir seus surtos de felicidade.

Na entrada do grande salão, Imogen está deitada no chão, colorindo do lado do pequeno George. Ela levanta a cabeça para mim e sorri, suas mangas puxadas, revelando rabiscos de caneta ao longo de seus antebraços. Ela foi incrível durante nossa crise. Não a negligenciaremos como o Conselho fez. Todos sabemos que nossos pais não determinam quem somos.

Eu me abaixo para bagunçar o cabelo de George, depois sigo para a ala de dormitórios. Minha mãe vai ficar de cama por mais um tempo. Eve quebrou três das costelas dela, perfurando um pulmão. E ela ainda conseguiu me levar para a um lugar seguro.

Ela tenta se sentar quando entro no quarto.

– Ei, relaxa. – Puxo uma cadeira e me sento do lado da cama dela.
– Como Wanda reagiu?
– Tão mal quanto você imagina. Ainda bem que ela não tem mais magia. Acho que estaríamos todos amaldiçoados.

Um sorriso ergue os cantos de seus lábios.

– Queria estar lá para ver isso. – Um bafo de ar sai dela, então ela fecha seus olhos. Suas pálpebras são finas, quase translúcidas. Elas a fazem parecer tão frágil. – Deveria levar Doug com você quando for entrar em contato com mais caçadoras ou demônios. Ele é um bom intermediário. Se as coisas ficarem tensas...

– Ele deixa todo mundo alegreinho. – Pego o caderno e observo as anotações. Essa noite o abrirei na seção de caçadoras. Não consigo mais alcançá-las nos meus sonhos, mas consigo encontrá-las pessoalmente. E, embora não seja mais tão forte, tenho algo a oferecer a elas. A oferecer ao mundo. O mundo que não sou mais capaz de quebrar. Então isso é um alívio, pelo menos. Estamos livres de toda a história dos guardiões, incluindo a profecia estúpida. Se eu tinha que perder meus poderes de caçadora para evitar um apocalipse, é um sacrifício aceitável. Afinal, nem precisei morrer. Foi bem mais fácil do que para Buffy.

Estranhamente, sinto sua falta. Queria ter conseguido pegar o número dela naquele sonho.

– Isso é tão maior do que eu planejava fazer – minha mãe diz. – Tem certeza de que está disposta?

– Sim, na verdade estou. É importante. É mais que importante: é a coisa certa a fazer. Vamos pegar todo mundo que precisa de um lugar para ficar, livre de medo. Caçadoras. Demônios. Aqueles que não se encaixam em outro lugar. Sem requisitos ou expectativas além de todos protegerem uns aos outros. Estamos chamando de Santuário. – Eu paro, vermelha. – O nome é pretensioso demais?

Minha mãe sorri.

– Acho que é perfeito. E sinto orgulho de você.

Algum tempo atrás, eu teria feito qualquer coisa para ouvi-la dizer isso. Porém depois de tudo por que passamos, cheguei à conclusão de que não preciso mais disso.

Mas ainda é bom.

Rhys bate na porta.

– É melhor você vir aqui – ele diz. Corro para fora, preocupada que alguma coisa tenha dado errado. Em vez disso vejo Artemis, seu flanco já sarando bem, segurando um capacete de motocicleta. Honora, mais uma vez vestida de couro cinza, está esperando na motocicleta com o motor ligado.

– Aonde vocês estão indo? – pergunto, correndo até elas. Não sou mais tão rápida. Nunca serei novamente. Eu queria não fazer essa

comparação, mas algum dia me acostumarei ao meu jeito não caçadora novamente.

Artemis abaixa o capacete e afasta o cabelo do meu rosto, então puxa um elástico do próprio punho e o amarra para trás em um rabo de cavalo.

– Pronto. – Ela dá um passo para trás para admirar seu trabalho.

– Bem melhor.

Ela não está indo só dar um passeio com Honora. O pedido salta da minha boca.

– Quero que você fique.

Artemis parece tão perdida quanto eu costumava me sentir.

– Eu queria tanto ser uma guardiã. Mas não era. E, falando sinceramente, eles também não eram guardiões. Não de verdade. Acho que nenhum de nós vinha fazendo isso havia um bom tempo. Estou cansada de observar, de guardar. De ficar esperando até o mundo estar prestes a terminar novamente e termos que descobrir como impedir. E não vou ficar aqui sentada enquanto você tenta criar algum tipo de utopia demoníaca. Sabemos o que se esconde na noite. Conhecemos a escuridão que existe lá fora. – Ela dá de ombros, fechando o zíper da jaqueta. – Vou descobrir o que podemos fazer a respeito.

– Artemis, eu entendo. Eu queria... – Sem saber mais o que dizer, jogo meus braços em volta dela. Sei que conseguiria convencê-la a ficar, se realmente quisesse. Mas, apesar de querer que ela fique, eu não preciso disso. E o que ela quer, o que ela precisa, deve ser a prioridade.

Ela me abraça também.

– Obrigada por me salvar. Mas foi a escolha errada. Você deveria ter ficado com seu poder. Você o recebeu por um motivo. – Ela ri, mas é um riso frágil e vazio. – Ainda não sabemos que motivo foi esse e nunca saberemos. Mas *eu* não o recebi por um motivo. E quero saber qual é. – Ela dá um passo para trás, se afastando. – Se cuida, Nina.

– Seria bem mais fácil com você nos ajudando. Honora também.

Artemis sorri diante da minha óbvia mentira.

– Você não precisa da minha ajuda. Não mais. Acho que nunca precisou. Eu só precisava que alguém precisasse de mim. – Ela me abraça novamente e me aperta com tanta força que não consigo respirar. Eu não quero que termine. – Eu te amo – ela sussurra.

– Lembre-se – eu sussurro de volta –, não importa aonde você vá, sempre terá um lugar para ficar aqui.

Ela me solta e sobe na motocicleta, passando os braços em torno da cintura de Honora. Honora levanta a mão como se fosse acenar, mas, assim que Artemis afunda sua cabeça em seu ombro, ela levanta o dedo do meio para mim. Então pisa no acelerador.

Eu fico na beirada do terreno, observando-as se tornarem cada vez menores. Fico lá observando muito tempo depois de desaparecerem e o crepúsculo cair. Nunca vou deixar de sentir falta de Artemis. Odeio que ela tenha escolhido Honora. Mas eu me odiaria ainda mais se fizesse ela ficar depois de ser um fardo para ela por todos esses anos. Ela precisa descobrir quem é sem ter que cuidar de mim. Sem ter que desempenhar um papel que nunca pediu. Sem ter que compensar o fato de nossa mãe a ter salvado primeiro.

Tudo bem. Vai ficar tudo bem. Eu me viro para encarar minha vida nova.

Nasci para ser uma guardiã. Fui a Escolhida para ser uma caçadora. E agora não sou nenhuma das duas coisas.

Mas isso não significa que não possa ser uma protetora.

Eu estalo minhas juntas. É hora de colocar a mão na massa.

O trabalho dela tinha quase se resolvido sozinho. Artemis e Athena tinham chegado tão perto de morrer e acabaram escapando mais uma vez.

Se queria algo bem feito, tinha que cuidar disso ela mesma.

Enfrentar a quase morte de Artemis e ver Athena perder seus poderes de caçadora, contudo, a tinha deixado com dúvidas. Tivera uma clareza ao pensar que tudo finalmente havia terminado. Achar que Athena morreria no porão e a profecia nunca poderia se realizar. Em vez de alívio, a assassina sentiu... decepção.

Depois de todos esses anos, de todo seu sacrifício, ela descobriu que não estava mais interessada em impedir que a profecia se realizasse. Essa tinha sido a missão da sua mãe, assumida por ela à força. Ela não escolhera esse caminho. Se os outros podiam se livrar do peso da tradição dos guardiões, ela podia se livrar do peso de impedir uma profecia.

O que esse mundo de merda tinha feito por ela, afinal? Todos que a encarregaram de proteger a profecia, de ir atrás das garotas, estavam mortos. Foi o que receberam em troca. Essa foi sua recompensa.

Não era mais problema dela. Mas ela não estava desistindo completamente. Ela sempre precisara de uma causa. Estava à espera de um resultado diferente agora. Eles achavam que a profecia já tinha falhado. Que era fácil assim. Uma boca do inferno rasgada e deformada não foi suficiente para atrair a atenção de Arcturius todos aqueles séculos atrás. Mesmo que tivesse sido aberta por completo, ainda não seria um evento apocalíptico. Só outra irritação demoníaca.

Não, a profecia ainda os assombrava. E ela faria tudo em seu poder para garantir que acontecesse. Se uma das gêmeas fosse quebrar o mundo, ela estaria do lado dela.

Seria ótimo se ela pudesse ter certeza de qual garota exatamente seria a responsável pelo apocalipse e qual seria a protetora. Gêmeas! Sempre tão difícil de distinguir.

De qualquer modo, isso não importava. Ela ajudaria a destruidora ou destruiria a protetora. Ambas as opções levariam ao mesmo resultado: acabar com o mundo que tinha decepcionado a todos eles tão miseravelmente. Já era hora. Arcturius tinha visto isso – foi a última de suas previsões – e quem era ela para discordar?

– Bum – ela sussurra, marcando a palavra no próprio braço.

– Imogen, eu terminei meu desenho! – disse o pequeno George.

– Ah, é maravilhoso! Muito bem. Vamos levá-lo para Nina?

George a esperou enquanto ela vestia seu cardigã e então segurou sua mão, e os dois caminharam juntos pelo corredor.

Epílogo

Não consigo me mover.

Mas não é aquela paralisia aterrorizante de *não-consigo-respirar-não-consigo-me-mover-não-consigo-gritar*. Ela é do tipo calorosa, nebulosa, em que tudo está relaxado e perfeitamente confortável. Fico suspensa no limbo entre dormir e acordar, sabendo que logo meu alarme vai tocar. Torcendo para esse tempo durar um pouco mais.

Então noto que não estou sozinha.

Leo se ajoelha para entrar no meu campo de visão. Embora o lugar esteja escuro e seus olhos mais escuros ainda, vejo-os com perfeita nitidez. Realmente parece haver um pouco de cor neles. Violeta.

Não ser capaz de me mover também significa não ser capaz de falar. Eu tento arrastar minha língua pela boca, forçar minhas cordas vocais a responder.

– Shh. Não acorde. – Ele sorri, sua expressão dolorosamente gentil. Aquelas covinhas onde depus as minhas esperanças românticas e que assombravam meus sonhos estão lá, perfeitas e vivas. – Sei que você tentou me salvar. Isso é mais do que eu merecia. E nunca poderei compensá-la, nem pedir desculpas suficientes pelo que ela fez com você. O que eu a ajudei a fazer. Algum dia, talvez, eu consiga explicar. Mas nenhuma explicação justificaria. Nada justificaria machucar você. – Então seu sorriso se alegra, com um toque de travessura. – Enquanto isso, tenho um presente. Espero que ele traga um pouco de consolo e ajude a garantir que nada volte a machucar você.

Ele se inclina para a frente, diminuindo a distância entre nós. A escuridão forma um manto, transformando-o. Mas sua escuridão é feita menos de pesadelo e mais dos segredos aveludados da noite. Uma carícia de ar frio e a picinada de calafrios. Seus lábios encostam nos meus e eu finalmente consigo me mexer. Eu pressiono os meus lábios contra os dele, me sentindo feliz e confusa.

Depois disso, tudo é iluminado por um branco fulgurante e sou inundada por uma força que é familiar e estranhamente nova ao mesmo tempo. Se a sensação enquanto deixava meu corpo se pareceu mais com um raio de sol claro, isso se parece mais... com um relâmpago. Poder e esplendor e uma impressão de destruição caótica que não estava lá antes. Mas não consigo parar, não consigo perguntar a ele o que é. Quando a luz se torna tão forte que eu sei que irei acordar, Leo acaricia minha bochecha com mais um beijo.

– Adeus, Athena Jamison-Smythe. A última caçadora.

Acordo com o sabor do Leo dos sonhos ainda nos lábios. Arfando,

estico a mão para pegar meu despertador.

Eu o esmago com a mão.

As palavras de Leo ecoam na minha mente. *A última caçadora.*

Mais uma vez.

Agradecimentos

Quando eu era adolescente, uma animadora de torcida loira me ensinou que nossas dificuldades em conhecer amigos e amores merecem tanta atenção quanto nossas batalhas com monstros. Ela mudou minha vida e me moldou como contadora de histórias. Então, para *Buffy, a Caça-Vampiros* – os criadores da série, roteiristas, atores e todos que fizeram dela aquilo que me formou como escritora – meu muito obrigada. Vocês mudaram o mundo. Bastante.

Na parte mais literária das coisas, agradecimentos especiais a Liesa Abams da Simon Pulse. Será que foi destino nos conhecermos quando estava com minha camiseta de Sunnydale High? Ou só uma boa probabilidade, porque é claro que eu estava com ela. Obrigada por me trazer esse projeto e guiar nossa garota Nina por muitas versões preliminares, transformando-a e moldando-a no que ela precisava ser. Você é minha própria guardiã. E para os meus Scoobies, Sarah McCabe e Jessica Smith – seus comentários e orientação foram imprescindíveis. Eu bem que queria incluir as reações de GIF nas margens da versão final do livro.

Para minha agente, Michelle Wolfson, obrigada por sempre lutar ao meu lado e ser nossa leitora beta. Mas, agora que você leu sem qualquer preconceito, é hora de assistir à série. Eu espero.

Minha família foi muito paciente enquanto canalizava minha angústia interna regularmente. O apoio do meu marido, as constantes verificações dos meus dois filhos mais velhos, e a pergunta sempre adorável “Você está assistindo *Buffy a Caçadora de Vampiros*?” da minha filha de quatro anos. Nada que eu fizesse teria paixão ou alegria sem eles na minha vida.

Stephanie Perkins enlouqueceu junto comigo no nível apropriado e me ajudou a meter a mão na massa esculpindo meu pequeno canto do universo *Buffy*. E nada que eu escrevesse poderia ser realizado sem o suporte de Natalie Whipple. Obrigada a ambas, sempre, por sua amizade. Eu enfrentaria qualquer apocalipse com vocês duas ao meu lado. (E vamos ser sinceras, serem minhas parceiras de crítica deve parecer meio apocalíptico boa parte do tempo.)

Para minha equipe na Simon Pulse que me ajudou em cada etapa – Stephanie Evans, guerreira do copidesque, Talex, mago da ilustração, Sarah Creech, mestre das capas, junto com Katherine Devendorf, Caitlin Sweeny, Nicole Russo, Mara Anastas e Chriscynethia Floyd – estou muito grata por lutar contra as forças da escuridão (e formação, marketing, etc.) com todos vocês.

Para todos os outros escritores que caíram duros quando descobriram que haveria uma série *spin-off* de *Buffy* e eu já tinha

conseguido o projeto: eu genuinamente sinto muito. Não estou nem sendo sarcástica. Os fãs de Buffy incluem as melhores pessoas do planeta e adoro compartilhar esse amor com todos vocês.

E, finalmente, obrigada a todos que piraram comigo *on-line* e *off-line*, que deram gritinhos comigo, que conversaram sobre episódios e *ships*, que me perturbaram pedindo detalhes que eu não tinha permissão de dar. O universo de Buffy é muito sortudo de ter vocês, e eu também.

Sua opinião é muito importante

Mande um e-mail para **opinioao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, jun. 2019

FONTE Perpetua 12,25/16pt; Castellar MT Std 22/16pt; Castellar MT Std 44/16pt

PAPEL Lux Cream 60g/m²

IMPRESSÃO Lisgráfica

LOTE L45638

Table of Contents

Créditos	
Dedicatória	
Introdução	
Capítulo 1	
Capítulo 2	
Capítulo 3	
Capítulo 4	
Capítulo 5	
Capítulo 6	
Capítulo 7	
Capítulo 8	
Capítulo 9	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Capítulo 17	
Capítulo 18	
Capítulo 19	
Capítulo 20	
Capítulo 21	
Capítulo 22	
Capítulo 23	
Capítulo 24	
Capítulo 25	
Capítulo 26	
Capítulo 27	
Capítulo 29	
Capítulo 29	
Capítulo 30	
Capítulo 31	
Capítulo 32	
Capítulo 33	
Capítulo 34	
Capítulo 35	
Epólogo	
Agradecimentos	
Colofão	

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da



Sorte

PLATA
FORMA 31

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda
9788592783839
426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

KIERSTEN WHITE

A
SOMBRIA
QUEDA
DE
ELIZABETH
FRANKENSTEIN

Um recuento do clássico de
MARY SHELLEY
em celebração aos 200 anos de
FRANKENSTEIN

PLATA
FORMA 3

A sombria queda de Elizabeth Frankenstein

White, Kiersten

9788592783853

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Elizabeth Lavenza não tem uma refeição decente há semanas. Seus braços finos estão cobertos de hematomas causados por sua guardiã. Na iminência de ser jogada nas ruas, a menina é levada para a casa de Victor Frankenstein, um garoto introspectivo e solitário que tem tudo – menos um amigo. Victor é a chance que Elizabeth tem para escapar da miséria. Então, ela faz de tudo para se tornar indispensável... e cumpre seu intento: é vendida por sua guardiã aos Frankenstein e passa a ser propriedade da família. Agora, ela pode dormir em uma cama quente, fartar-se com comidas deliciosas e usar os vestidos da mais fi na seda. Logo, Victor e ela tornam-se inseparáveis. Conforme os anos passam, porém, a sobrevivência de Elizabeth depende de sua capacidade de controlar o temperamento cada vez mais perigoso de Victor, além de ser indulgente com seus caprichos, não importa o quão moralmente questionáveis ou perversos possam ser. De sorriso meigo e mente sofisticada, Elizabeth está determinada a se manter viva custe o que custar... até mesmo quando o mundo tal qual ela conhece, progressivamente, é consumido pelas sombras. Mary Shelley revolucionou a literatura com Frankenstein: ou o Prometeu moderno, sua obra-prima. Em comemoração ao bicentenário de sua publicação, a Plataforma21 oferece a seus leitores este reconto do clássico, ricamente tecido por Kiersten White sob um ponto de vista inédito. É chegada a hora de conhecermos a voz de Elizabeth Frankenstein e deixá-la contar a própria história – e também a do monstro.

[Compre agora e leia](#)



Palavras em azul profundo

Crowley, Cath
9788592783785
304 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida é formada por palavras. Escritas, pronunciadas e até não ditas. Palavras como as que podem ser encontradas na Biblioteca de Cartas da Howling Books, o sebo da família Jones. Mais do que livros e suas histórias, aquele lugar conta sobre pessoas. E sobre Rachel Sweetie e Henry Jones. Eles costumavam ser melhores amigos, nada poderia separá-los. Até que Amy chegou e Rachel partiu com um amor não correspondido. Três anos se passaram. Rachel perdeu o irmão para a imensidão azul do mar, fazendo-a regressar para Gracetown. Lá, Henry também está à deriva. Os pais dele estão separados, Amy acabou de deixá-lo e a Howling Books está chegando ao seu ponto-final. Sentimentos profundos permearão o reencontro dos dois. E, cercados por livros e suas histórias, Rachel e Henry terão a chance de reconstruir sua amizade e de tocar as palavras que há muito foram perdidas.

[Compre agora e leia](#)

NEVERNIGHT

A SOMBRA DO CORVO
V.1 DAS CRÔNICAS DA QUASINOITE



JAY KRISTOFF

AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

PLATA
FORMA 3

Nevernight

Kristoff, Jay
9788592783259
608 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há histórias sobre Mia Corvere, nem todas verdadeiras. Alguns a chamam de Moça Branca. Ou a Faz-Rei. Ou o Corvo. A matadora de matadores. Mas, uma coisa é certa, você deveria temê-la. Quando ela era criança, Darius Corvere – seu pai – foi acusado de insurreição contra a República de Itreya. Mia estava presente quando o carrasco puxou a alavanca, viu o rosto do pai se arroxendo e seus pés dançando à procura do chão, enquanto os cidadãos de Godsgrave gritavam "traidor, traidor, traidor"... No mesmo dia, viu a mãe e o irmão caçula serem presos em nome de Aa, o Deus da Luz. E, embora os três sóis daquela terra não permitam que anoiteça por completo, uma escuridão digna de trevas tomou conta da menina. As sombras nunca mais a largaram. Mia, agora com dezesseis anos, não se esqueceu daqueles que destruíram sua família. Deseja tirar a vida de todos eles. É por isso que ela quer se tornar uma serva da Igreja Vermelha – o mais mortal rebanho de assassinos de toda a República. O treinamento será árduo. Os professores não terão misericórdia. Não há espaço para amor ou amizade. Seus colegas e as provas poderão matá-la. Mas, se sobreviver até a iniciação, se for escolhida por Nossa Senhora do Bendito Assassinato... O maior massacre do qual se terá notícia poderá acontecer. Mia vai se vingar.

[Compre agora e leia](#)

GAROTAS DE NEVE E VIDRO



MELISSA BASHARDOUST

PLATA
FORMA 3

Garotas de neve e vidro

Bashardoust, Melissa

9788592783655

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mina é filha de um mago cruel e sua mãe está morta. Aos dezesseis anos, seu coração nunca bateu apaixonado por ninguém – na verdade, ele jamais bateu de forma alguma, e Mina sempre achou esse silêncio normal. Ela nunca suspeitou que o pai arrancara seu coração e, no lugar, colocara um coração de vidro. Então, quando Mina chega ao castelo de Primavera Branca e vê o rei pela primeira vez, ela cria um plano: ganhar o coração dele, tornar-se rainha e finalmente conhecer o amor. A única desvantagem desse plano, ao que tudo indica, é que ela se tornará madrasta. Lynet tem quinze anos e é a imagem de sua falecida mãe. Um dia, ela descobre a verdadeira razão disso: a partir da neve, um mago a criou à semelhança da rainha morta. Mas, apesar de ser a projeção visual perfeita da falecida rainha, Lynet preferiria ser forte e majestosa como sua madrasta, Mina. E Lynet realiza seu desejo quando o pai a torna rainha dos territórios do sul, tomando assim o lugar de Mina. A madrasta, então, começa a olhar para a enteada com algo que se assemelha ao ódio, e Lynet precisa decidir o que fazer – e quem quer ser – para ter de volta a única mãe que de fato conheceu... ou simplesmente vencer Mina de uma vez por todas. Garotas de neve e vidro traça a relação de duas mulheres fadadas a serem rivais desde o princípio – a não ser que redescubram a si mesmas e deem novo significado à história que lhes foi imposta. Este aclamado conto feminista do clássico Branca de Neve nos leva a um mundo singelo e, ao mesmo tempo, maravilhoso – como nos contos de fadas. Uma releitura contemporânea para mantê-lo sempre atual e presente. "Esplêndido." – AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION – Starred Review "Arrebatadora adaptação feminista do clássico Branca de Neve num tratamento sombrio e fantástico." – KIRKUS – Starred Review "Reconto empoderador com protagonistas complexas. Inovador e atual – altamente recomendado." – SCHOOL LIBRARY JOURNAL – Starred Review "A autora reflete sobre instituições estabelecidas, identidades, individualidades, amor e livre arbítrio." – PUBLISHERS WEEKLY "Uma narrativa sofisticada que une magia, relações entre mãe e filha, além de mulheres gloriosamente poderosas buscando triunfo num mundo estritamente patriarcal." — TRACI CHEE, best-seller do New York

Times e autora da série Mar de Tinta e Ouro.

[Compre agora e leia](#)